

Tiago Rebelo

Encontro em Jerusalém

ROMANCE

Unidos pelo amor e separados pela guerra, um homem e uma mulher enfrentam a mais dura prova de uma paixão intensa.

Uma história surpreendente, vivida em cenários reais.



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Tiago Rebelo

Encontro em Jerusalém

ROMANCE

Unidos pelo amor e separados pela guerra, um homem e uma mulher enfrentam a mais dura prova de uma paixão intensa.

Uma história surpreendente, vivida em cenários reais.



Ficha Técnica

Título original: Encontro em Jerusalém

Autor: Tiago Rebelo

Editora: Marta Ramires

Revisão: ASA

ISBN: 9789892331126

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2005, Tiago Rebelo © desta edição:

2015, Tiago Rebelo e edições Asa II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Por vontade expressa do autor, o livro respeita a ortografia anterior ao actual acordo ortográfico.

«Não sou verdadeiramente livre se tiro a liberdade a alguém, da mesma forma que não sou livre quando me tiram a minha liberdade. O opressor e o oprimido são igualmente privados da sua humanidade.»

NELSON MANDELA

Afonso pressentiu que havia algo de errado no momento em que começou a ouvir o rumor da multidão e o uivo iminente de sirenes na noite. Olhou em redor, inquieto, e não conseguiu localizar Francisca. Os jornalistas aguardavam a chegada dos primeiros-ministros de Portugal e de Israel numa das espaçosas salas de conferências do hotel King David, em Jerusalém. Há três dias que andavam a correr atrás do chefe de governo, fazendo a cobertura de uma visita a Israel cuja agenda quase o levava a atravessar o país de uma ponta à outra. Este último dia havia sido particularmente cansativo, com um passeio a pé pela Cidade Velha e uma passagem pelo Muro das Lamentações logo pela manhã. Fora uma caminhada muito pouco descontraída, numa luta permanente com os agentes de segurança israelitas, que cercavam os dois primeiros-ministros e impediam os jornalistas de se aproximarem. Atravessaram as ruas estreitas da Cidade Velha em passo acelerado e colados à comitiva oficial. Tinham sido avisados para não se deixarem ficar para trás. Havia uma grande tensão em Jerusalém e não era o momento adequado para se porem a fazer turismo, pois não seria a primeira vez que um ocidental era apunhalado pelas costas ao aventurar-se sozinho por aquelas ruelas labirínticas.

Durante a tarde, o primeiro-ministro visitara o Knesset, o parlamento israelita, após o que os jornalistas tinham ido a correr para a sala de imprensa do hotel Sheraton, onde mergulharam na tarefa de escrever as suas notícias, num contra-relógio para conseguirem enviar o relato do dia antes dos fechos das edições.

Afonso e Francisca tinham acabado de se sentar com um prato quente na sala de jantar do hotel, quando foram informados por um dos assessores de imprensa do primeiro-ministro de que haveria uma conferência de imprensa surpresa dos dois chefes de governo dentro de uma hora. «É no King David», disse «e a carrinha sai do hotel daqui a quinze minutos.» Os jornalistas não se admiraram com o aviso em cima da hora. Era assim que funcionava a segurança israelita. Sempre que o primeiro-ministro Yitzhak Rabin ia a algum local, a informação era mantida em segredo até ao último momento. De modo que deixaram para trás os pratos intactos e dirigiram-se para a porta do hotel.

Agora, Afonso passava os olhos distraídos pelo *Jerusalem Post* quando começou a aperceber-se do burburinho lá fora, na rua King David. Levantou a cabeça instintivamente e reparou que Francisca já não estava na sala. Os outros jornalistas conversavam em voz baixa, sentados ao longo das filas de cadeiras que haviam sido alinhadas frente a uma mesa coberta com uma toalha verde, e, em cima, podiam ver-se duas garrafas de água, dois copos e um ramo de flores desenhado que atrapalhava a colocação dos microfones. Atrás da mesa, uma grande placa com o logotipo do hotel. Afonso levantou-se e foi até à janela. Afastou a cortina, espreitou lá para baixo e assustou-se com o que viu.

Saiu da sala sem dizer palavra e atravessou o corredor alcatifado, quase a

correr, até aos elevadores, mas a ansiedade crescente impediu-o de esperar que as portas se abrissem. Procurou as escadas de serviço e começou a descer, saltando os degraus dois a dois.

Atravessou a porta que dava acesso a mais um corredor alcatifado e dirigiu-se para o átrio do hotel. No caminho, cruzou-se com um assessor de imprensa do primeiro-ministro.

— Onde vais, Afonso? — perguntou o assessor. — A conferência de imprensa vai começar.

— Viste a Francisca? — interrogou-o, inquieto.

— Não. Afonso, tens de vir já ou perdes a conferência de imprensa.

— Eu vou já — respondeu, seguindo no sentido contrário.

— Despacha-te! — gritou-lhe ainda o outro. Afonso virou-se para trás e arriscou um *bluff* de improviso com o assessor.

— Ouvi dizer lá em cima — mentiu — que iam tirar o Rabin do hotel por causa da confusão lá fora. Os tipos podem invadir o hotel. Parece que isto está demasiado perigoso. O assessor voltou-se, intrigado com o facto de Afonso estar tão bem informado.

— Não — respondeu —, os assessores dele garantiram-me que não o tiram daqui enquanto a conferência de imprensa não se realizar. Mas olha que estão a ficar nervosos. Querem despachar isto rapidamente.

— *Okay* — gritou Afonso, continuando a andar às arrecuas. — Tenho só de encontrar a Francisca!

Chegado ao átrio, Afonso avançou para a porta do hotel, mas foi barrado por um homem à paisana, da segurança pessoal do primeiro-ministro, que lhe pôs uma mão no peito e fez um sinal significativo com a cabeça. *Não entra nem sai ninguém*, queria dizer.

Três dias antes, o primeiro-ministro português fora obsequiado com um almoço a bordo de um barco de recreio no mar da Galileia — na realidade, um grande lago, que se dividia entre a actividade piscatória e o turismo. Afonso e Francisca tinham ficado numa mesa com outros jornalistas e, entre eles, sentaram-se dois tipos da segurança. Eram agentes da secção de protecção dos VIP, do Shabak, o serviço de segurança interna israelita. Pareciam saídos de uma unidade de produção, um era a fotocópia do outro, jovens, altos e magros, cabelo muito curto, olhos atentos e semblante fechado, camisas brancas de manga curta por fora de calças desportivas que, indubitavelmente, escondiam a arma de serviço entalada no cinto. Na altura, os jornalistas ensaiaram uma conversa amigável com os agentes mas estes não lhes retribuíram a amabilidade, preferindo não lhes responder. Ocasionalmente, no decorrer da refeição, trocaram algumas frases curtas entre si, mas ignoraram em absoluto as outras pessoas sentadas à mesa.

A conversa prosseguiu em português e Afonso comentou que o mais provável era os agentes não estarem autorizados a falar com os estrangeiros. Mas o caso afigurou-se-lhes de tal forma bizarro que, dali a pouco, estavam todos na galhofa com aqueles tipos seráficos, pedindo-lhes que passassem o

cesto do pão ou perguntando-lhes se queriam vinho — como se eles bebessem álcool. Os agentes, obviamente habituados a estas situações, permaneceram imperturbáveis até os jornalistas se cansarem da brincadeira e retomarem a conversa normal. Durante o resto do almoço, Afonso ainda os surpreendeu uma vez a sorrirem de algo que murmuraram em hebreu.

Na altura, Afonso chegara a divertir-se com a atitude reservada dos agentes, mas agora, impedido de sair do hotel por um desses intransigentes seguranças mudos, já não achou graça nenhuma.

Um polícia fardado aproximou-se de Afonso, dirigindo-se-lhe em hebreu e ele, embora sem entender as palavras, compreendeu que o homem queria que recuasse e se afastasse da porta do hotel. Contrariado, Afonso voltou-se para a janela estreita, fronteira à porta, esperançado em localizar Francisca, lá fora.

Havia uma barreira de polícias e soldados com bastões de madeira e metralhadoras *Galil* a tiracolo, que tentava conter os manifestantes e impedi-los de invadir o hotel. Os olhos de Afonso foram atraídos pelos *flashes* dos repórteres fotográficos no exterior e, entre eles, lá estava Francisca, bem no centro do furacão, como sempre indiferente ao perigo.

Ela não se encontrava muito longe. Afonso viu-a a tirar fotografias a não mais de três metros de uma cena de pancadaria entre civis furiosos e polícias que os agarravam pelos braços e pernas, e os arrastavam pelo chão de qualquer maneira; eles a espernear, excitados, como que possuídos pelo demónio, indomáveis, selvagens; e os polícias indiferentes ao histerismo, quase delicados na sua firmeza. Eram cerca de cem manifestantes, oriundos dos colonatos judeus nos territórios árabes ocupados, homens duros, resolutos nas suas crenças religiosas levadas ao fanatismo dos actos extremos. Usavam o solidéu, que lhes cobria a parte superior da cabeça, e invocavam os textos sagrados como argumento dogmático da sua razão, dos seus direitos, por muito que isso atropelasse algum, ou todos, os direitos dos palestinianos, que aspiravam a uma vida decente. Tinham o aspecto humilde dos trabalhadores anónimos e os mais religiosos ostentavam barbas cheias e longas suíças. Também havia mulheres e crianças que, tal como os homens, desafiavam as autoridades com modos descontrolados. A multidão berrava impropérios e agitava cartazes pregados a paus com frases intolerantes contra o primeiro-ministro, algumas delas, tão excessivas que lhe desejavam a morte, como se desejava aos traidores. Na época, Yitzhak Rabin travava um combate político interno para anular a resistência dos sectores israelitas mais radicais, que se opunham à implementação de um acordo negociado em Oslo entre o governo e os palestinianos e que ficou conhecido pelo princípio da troca de terra por paz.

Dali a pouco, os paus dos cartazes dos manifestantes já serviam para atacar os polícias, que responderam a oito com bastonadas impiedosas. O barulho no exterior era ensurdecedor. Turistas incrédulos ouviam o rumor do tumulto petrificados no átrio do hotel. Espreitando pela janela, Afonso

testemunhou, angustiado, com um nó na garganta, a coragem de Francisca, que se arriscava a ser engolida pelo caos enquanto tirava fotografias, protegida apenas pela distância ilusória do visor da máquina. Em momentos como aquele, dizia Francisca, ao ver os acontecimentos através da câmara, conseguia abstrair-se do perigo e correr atrás da fotografia perfeita.

A violência raivosa dos manifestantes explodiu numa batalha campal, mas apanhou pela frente a disciplina férrea de homens feitos nos terrenos perigosos da Intifada palestina, que não se deixavam intimidar por um punhado de colonos histéricos e que não hesitaram em rachar algumas cabeças para fazer recuar a turba, numa profusão de sangue esguichado e narizes partidos. Os bastões de madeira sólida abateram-se sem remorsos e, sem olhar a quem, atingiram com a mesma determinação homens, mulheres e crianças, levando-os a fugir aos tropeções.

Uma linha de polícias formava uma barreira inflexível, assegurando a defesa do hotel, garantindo a sua inexpugnabilidade, enquanto outros agentes, em grande número, pescavam os mais exaltados, um a um, por pernas e braços e os arrastavam para os carros celulares que os levariam para a esquadra, onde os aguardava uma noite de detenção.

Chegaram ambulâncias e paramédicos para prestarem assistência aos feridos. Um homem alto e possante, de barba espessa e cabelo curto, que minutos antes, na primeira fila da manifestação, se atrevera a desafiar as polícias incitando os outros colonos a romper a barreira da autoridade, sentava-se agora no lancil do passeio, agarrado à cabeça sem conseguir estancar o sangue vivo que lhe tingia de vermelho a camisa branca e o casaco de malha azul. Um jovem casal que viera participar no protesto com o filho menor, escondia-se atrás de uma árvore, protegendo a criança aterrada com aquilo tudo. Uma rapariga com um longo cabelo ruivo, agarrada à bandeira branca e azul com a cruz de David — os dois triângulos sobrepostos entre duas faixas azuis —, tapava a boca com o símbolo da nação, deixando ver por cima do pano uns olhos castanhos assustados com a explosão de violência que tresmalhou os manifestantes num ápice. O espaço há pouco densamente povoado já só era uma imensa clareira pontuada por alguns colonos obstinados, que acabariam por ser arrastados pela polícia, e um ou outro ferido a receber cuidados médicos antes de ser levado para o hospital.

Francisca passeou por entre os despojos da batalha com a máquina aperrada e disparou algumas sucessões rápidas de *flashes* para captar o estado dos feridos, a intervenção das equipas de socorro, o choque das crianças atrás dos braços envolventes dos pais, as expressões de revolta dos jovens colonos e de indignação dos mais velhos.

Do seu posto de vigia, na janela do hotel, Afonso apercebeu-se de que a tensão se esvaziara com a intervenção policial. Francisca já não corria perigo, concluiu, aliviado, ao ver os cartazes espalhados pelo chão. Tinham sido abandonados pelos manifestantes no atropelo da retirada. A maioria dos colonos mantinha uma distância prudente da polícia e parecia demasiado

desmotivada para arriscar um segundo assalto. Afonso lembrou-se da conferência de imprensa e bufou, irritado, a pensar que iria chegar atrasado. Deixou o átrio do hotel e voltou para a sala no piso superior onde os chefes de governo já falavam aos jornalistas.

Quando entrou na sala, a palavra estava com o primeiro-ministro israelita. Afonso viu-se obrigado a baixar-se para não atrapalhar as imagens das televisões ao passar entre a primeira fila da plateia e a mesa dos governantes. Arranjou um lugar livre na segunda fiada de cadeiras. Obviamente, perdera as declarações iniciais. Na tranquilidade da sala, contrastante com o estado de emergência da rua, os dois homens respondiam agora às perguntas dos jornalistas. Afonso respirou fundo para recuperar o fôlego e concentrou-se nas palavras do chefe do governo israelita.

«A manifestação de intolerância a que assistimos esta noite», dizia Yitzhak Rabin, «é um bom exemplo das enormes dificuldades que temos de enfrentar no caminho para a paz. No entanto», prosseguiu, «o meu governo vai provar que a maioria do povo de Israel apoia o processo de paz com os palestinianos e com o mundo árabe.

«Estamos absolutamente empenhados numa política que abra portas para um futuro seguro, tanto para os judeus como para os palestinianos. Mas também temos consciência de que é um caminho minado pelas acções desestabilizadoras levadas a cabo por extremistas de ambos os lados, que desejam boicotar os esforços pacificadores dos legítimos representantes das maiorias dos dois povos.»

Rabin fez uma pausa significativa e passou os olhos pela sala.

«Entre os palestinianos», disse, «há grupos terroristas muito poderosos, como o Hamas, que têm de ser travados para salvar o processo de paz. E em Israel, uma eventual vitória nas próximas eleições do Likud, que representa a direita nacionalista, teria como resultado uma nova guerra contra os palestinianos. Por isto se vê que estamos perante uma oportunidade única e, talvez irrepetível durante os próximos anos, que não devemos perder.»

Afonso observou aquele homem de voz rouca e expressão bondosa, olhos azuis comoventes e cabelo branco, que fazia lembrar um avô preocupado com o bem-estar dos seus, e pensou como era difícil imaginar a história da sua vida, cheia de guerras e perigos, uma vida que se confundia com a própria história da nação que agora governava. Rabin estivera na primeira linha do combate pela criação de Israel, nos seus tempos de jovem oficial do Palmach — unidade de choque do Haganah, a força militar judaica que se opunha à administração britânica na Palestina —, após a Segunda Guerra Mundial e combatera os árabes, esmagando toda a resistência com um coração de pedra. O Rabin de hoje não era o Rabin de antes. Havia um tempo de pólvora e um tempo de diplomacia.

Após a conferência de imprensa, Rabin despediu-se do primeiro-ministro português e demorou-se ainda alguns minutos à conversa com os jornalistas que o acompanharam ao elevador. Solícito, não se apressou a deixar o hotel e

dispôs-se a falar informalmente com todos. Mesmo ali, no corredor do hotel, num ambiente controlado e rodeado de gente pacífica, Rabin continuava protegido por quatro guarda-costas do Shabak. O dispositivo de segurança à volta do chefe do governo era extremamente apertado. Inacreditavelmente, quatro meses mais tarde, Rabin seria assassinado com uma facilidade chocante por um fanático religioso, à saída de um comício na praça dos Reis, em Telavive.

Na noite de quatro de Novembro de 1995, no final de uma das maiores manifestações alguma vez realizadas naquela cidade, Rabin abandonou o palco onde acabara de discursar, genuinamente satisfeito, de alma cheia, aliviado, dono de uma enorme alegria. A convocação da manifestação a favor do processo de paz havia sido um risco político. Se o povo não tivesse aderido, o processo de paz teria morrido ali. Afinal, acabou mesmo por morrer, juntamente com o seu maior defensor.

Eram 21h50 em Telavive. Rabin aproximou-se da sua viatura blindada no parque de estacionamento fronteiro ao palco do comício. Depois de horas vividas sob enorme tensão, a segurança do primeiro-ministro começava finalmente a descomprimir. A presença de Rabin num evento ao ar livre, numa época de extraordinária crispação social e política, representava uma enorme dor de cabeça para os responsáveis pela sua protecção. A recente eliminação do dirigente máximo da Jihad Islâmica, ocorrida em Malta e atribuída aos serviços secretos israelitas, fazia recluir uma retaliação. Afinal, o perigo veio donde menos se esperava.

Mais tarde, o inquérito ao assassinio de Rabin revelaria uma incrível série de falhas na segurança que permitiram o dramático desfecho mortal. Igal Amir, um judeu nacionalista de vinte e cinco anos, conseguiu passar despercebido durante quarenta minutos na área reservada, armado com uma *Beretta* de nove milímetros entalada na cintura e escondida pela *T-shirt* azul que trazia por cima das calças.

Quando o primeiro-ministro chegou ao carro oficial que o esperava com a porta aberta, foi interpelado por um estudante de jornalismo. Mais atrás, o assassino percebeu que só havia dois guarda-costas junto de Rabin e aproveitou a oportunidade para avançar. Igal Amir disparou o primeiro tiro à queima-roupa. Atingido nas costas, o primeiro-ministro foi projectado para a frente, caindo no chão, junto à porta traseira do seu carro. Reagindo aos disparos, os agentes saltaram sobre Igal, mas não conseguiram evitar que ele apertasse mais duas vezes o gatilho. A segunda bala acertou novamente no alvo, a terceira atingiu a mão de um dos guarda-costas. Este, apesar de ferido, empurrou o primeiro-ministro para o banco traseiro da viatura, enquanto o motorista corria para o seu lugar ao volante, conforme estava treinado para reagir, e arrancou imediatamente. Demoraram menos de dois minutos a chegar ao hospital Ichilov, a cerca de quinhentos metros da praça dos Reis, mas foi tarde de mais para salvar Rabin, ferido de morte por duas balas de fragmentação.

Afonso e Francisca formavam um casal peculiar, fruto de um entendimento perfeito e de algumas coincidências notáveis. Tinham-se conhecido naquela mesma cidade na sala de imprensa do hotel Sheraton quatro anos antes, a dezasseis de Janeiro de 1991. A operação Tempestade no Deserto havia começado na última madrugada, envolvendo uma coligação de países com cerca de 470 mil soldados. Bagdad, tal como o resto do país, estava a ser intensamente bombardeada pela aviação americana, britânica, francesa e italiana. Saddam Hussein respondia como podia, lançando uns obsoletos mísseis *Scud* contra a Arábia Saudita. Israel ficara deliberadamente de fora da Guerra do Golfo para não molestar os países árabes que apoiavam os esforços militares contra o Iraque. Contudo, a população judaica estava assustada com a possibilidade de ser atingida por mísseis iraquianos armados com ogivas químicas. Pouco antes de expirar o ultimato das Nações Unidas ao Iraque para que se retirasse do Kuwait até quinze de Janeiro, centenas de jornalistas de todo o mundo tinham começado a chegar a Israel, enviados para cobrir o conflito. Entre eles, Afonso.

Aterrou em Telavive acompanhado por um repórter fotográfico. Mas, um dia antes do início do conflito, o companheiro de Afonso recebeu a notícia de que a sua mulher havia ficado ferida num acidente de viação e regressou a Lisboa. Assim, Afonso viajou sozinho para Jerusalém com uma sofisticada máquina fotográfica deixada pelo repórter, mas sem fazer a menor ideia de como a utilizar. Era uma solução provisória, na medida em que o jornal tencionava enviar outro repórter, mas a demora na obtenção de visto junto da embaixada de Israel em Lisboa atrasou a sua partida. Horas depois, com o início da guerra no Golfo, o espaço aéreo israelita foi encerrado, impedindo a sua entrada no país.

Nesse mesmo dia, Afonso encontrou Francisca.

Era uma sala de banquetes típica dos grandes hotéis, só que preparada para receber a imprensa e facultar condições para que dezenas de jornalistas, hospedados no Sheraton, pudessem trabalhar. Havia uma série de mesas encostadas à parede, equipadas com monitores de televisão ligados à CNN — a estação americana era a mais popular na época, pois estava a bater a concorrência na cobertura da guerra —, telefones, computadores e faxes. No centro da sala fora colocada uma plateia de cadeiras voltadas para uma tribuna, ao fundo, onde, episodicamente, aparecia algum membro do governo, que podia até ser o primeiro-ministro, para uma conferência de imprensa.

Sentado de lado para uma das compridas mesas de apoio, Afonso desligou o telefone, desmoralizado. Acabara de receber a notícia de Lisboa de que não haveria nenhum fotógrafo para fazer equipa consigo naquela que poderia vir a ser a reportagem mais importante da sua carreira. Olhou de esguelha para a máquina fotográfica em cima da mesa e suspirou.

Três cadeiras ao lado de Afonso, uma repórter fotográfica depositou duas máquinas em cima da mesa, largou um saco bege de equipamento no chão

alcatifado e deixou-se cair numa cadeira. Afonso observou-a. Achou-a interessante. Era baixa mas elegante, usava o cabelo, castanho-claro, apanhado num rabo-de-cavalo prático e vestia calças caqui com bolsos nas pernas e um colete profissional por cima de uma *T-shirt* branca. Reparou no emblema da bandeira portuguesa bordado no colete dela.

A mulher virou-se instintivamente para a direita e Afonso aproveitou o momento para a cumprimentar com um aceno de cabeça silencioso. Ela retribuiu-lhe com um sorriso, revelando uma expressão que o surpreendeu pela sua beleza. *Hum...*, pensou, *é mais bonita do que parece à primeira vista*. Afonso fez um ar desencantado, apontou para a máquina fotográfica em cima da mesa e perguntou-lhe:

— Por acaso, não sabe como é que isto funciona? Ela alegrou-se ao ouvi-lo falar em português.

— Por acaso sei — respondeu. — Até tenho aqui uma igual.

Para chegar a Jerusalém naqueles dias de pólvora nem todos os caminhos serviam. Francisca fizera um percurso que a levava do Cairo a Amã, na Jordânia, e aí pedira um visto para entrar em Israel, objectivo que conseguira concretizar através da fronteira terrestre. Esta, embora fosse vedada a judeus num sentido e a jordanos no outro, mantinha-se acessível a estrangeiros. Francisca fez a viagem de autocarro, três horas por uma estrada que percorria a paisagem árida típica da Jordânia, um país desconcertante pelo seu aspecto desértico, pontuado aqui e ali por povoações marcadas pelo estertor da pobreza levada aos limites pela indiferença do poder central.

Chegada à fronteira, Francisca descobriu finalmente que estava numa zona do mundo onde as coisas nunca se passavam como seria de esperar. Quando entre os árabes, um ocidental desprevenido poderia ficar espantado com as situações bizarras que se sucediam quotidianamente. Mas com o tempo aprendia que todas elas se resolviam com muita paciência e uma quantidade razoável de dólares. Verdade seja dita, para um ocidental recém-chegado à região, a diferença entre árabes e israelitas não era assim tão evidente que explicasse décadas de confrontação e de uma violência tão inaudita que, por diversas vezes, tendera a alastrar a outras regiões do planeta nas formas mais chocantes que se podiam conceber. O terrorismo palestiniiano na Europa e os jogos clandestinos da Mossad, os assassinatos engendrados pela imaginação diabólica dos serviços secretos israelitas, de que não havia notícia nos jornais, davam boa conta desta realidade de difícil entendimento.

Assim, Francisca viu-se sentada no exterior do posto fronteiriço — depois de ter sido surpreendida com a informação de que este se encontrava encerrado para o almoço — à conversa com dois repórteres japoneses, enquanto um deles escrevia num computador portátil e o outro se entretinha a tirar fotografias.

— Qual é o seu destino? — meteu conversa o do computador, levantando os olhos do teclado e reparando que ela o observava, curiosa.

— Jerusalém.

— É, nós também vamos para lá, mas não temos vistos, de modo que, provavelmente, teremos que voltar a Amã.

— Penso que o visto é obrigatório — disse ela.

— Acho que sim — encolheu os ombros —, mas, já que aqui estamos, vamos tentar obtê-lo aqui mesmo. Caso contrário, voltamos para trás e tentamos passar a fronteira amanhã. E você — quis saber — trabalha para quem?

— Eu sou *freelancer* — respondeu Francisca, sem conseguir deixar de pensar que, de facto, não se sentia nada segura do seu estatuto profissional.

— Ah, nós trabalhamos para um jornal em Tóquio.

O repórter japonês explicou-lhe, com uma naturalidade assombrosa, que o seu jornal tinha uma tiragem diária de três milhões de exemplares. Meio perdida naquele lugar estranho, Francisca ponderou, fascinada, no contraste improvável que havia entre aqueles dois repórteres sofisticados de um jornal de metrópole do outro lado do mundo, equipados com uma parafernália de máquinas modernas, e aquela espécie de apeadeiro poeirento que fechava à hora de almoço. Os japoneses estavam, definitivamente, fora do seu ambiente natural. Quanto a ela, era a sua primeira visita ao Médio Oriente e também não se podia dizer que se sentisse muito à vontade. A falta de condições de segurança na estrada que tinha pela frente eram por demais conhecidas e Francisca quase não dormira na noite anterior, preocupada com os perigos que a esperavam na viagem do dia seguinte. Agora, a demora provocada pelo extravagante encerramento da fronteira contribuiu para a enervar ainda mais.

Tudo aquilo não passava de uma jogada de principiante, de uma aventura arriscada, uma ousadia para desencalhar a sua carreira do atoleiro profissional em que se encontrava. Embora Francisca ganhasse bastante dinheiro a fotografar casamentos e outros eventos sociais, chegara a um ponto em que, se tivesse de fotografar mais um bolo de casamento, sentir-se-ia capaz de o atirar à cabeça dos noivos.

O seu sonho sempre fora o jornalismo, mas a vida levava-a por outros caminhos. A necessidade de pagar as contas e a falta de oportunidades na imprensa haviam sido factores preponderantes nas suas opções. Com vinte e cinco anos feitos e uma relação de três recentemente terminada em circunstâncias algo traumáticas, Francisca concluíra que não poderia esperar mais. Era o momento ideal para mudar o rumo da sua vida e as coisas não começariam a acontecer se não fizesse nada por isso.

Não tivera muito tempo para planear a viagem. Nas últimas semanas a televisão não falara de outra coisa senão do braço-de-ferro entre a comunidade internacional — com os Estados Unidos à cabeça — e Saddam Hussein. O ataque ao Iraque parecia iminente. Fechada em casa, deprimida, com o coração desfeito e a alma em estado de coma, Francisca passava horas em frente da televisão, abandonando-se no sofá da sala à procura de explicações para a surpresa desencantadora que a trespassara sem qualquer sinal de aviso. De um dia para o outro, o namorado encerrara três anos de

amor com um discurso comiserado à volta das malas que, entretanto, ia fazendo.

— Já não te amo, Francisca, e não posso fazer nada para mudar este facto — desculpou-se, com os braços abertos a sublinharem a sua impotência. A frase, tão clara quanto indecorosa, ficar-lhe-ia a ressoar na cabeça nos tempos que se seguiram, como um instrumento de tortura persistente.

Francisca procurou, em vão, dialogar com ele, quis discutir o assunto, esperançada em que aquele aparato de armários abertos e gavetas despejadas sem critério de arrumação nas malas em cima da cama, afinal, não passasse de um mal-entendido superado ao fim da noite. Mas o namorado refugiou-se no argumento definitivo de que o amor não dependia da vontade própria e foi peremptório na impossibilidade de se discutir um sentimento perdido. Francisca sentou-se na cama, de braços cruzados e com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Viu-o atrapalhado na pressa de partir, patético, a fechar as malas com mangas de camisa tristemente dependuradas da bagagem, revelando falta de coragem para a olhar nos olhos, e pensou, assustada, que aquele não era o mesmo homem que vivera com ela durante três anos.

— Paulo — intimou-o, perplexa com o seu comportamento —, diz-me a verdade. O que se passa, tens outra?

— Não, não — balbuciou —, não é nada disso. É só que... como te disse, já não gosto de ti da mesma maneira. Vê se percebes, Francisca. Vais ver que, daqui a uns dias... vais ver que ficas melhor sem mim.

Mas é claro que ele a trocara por outra e nem sequer tivera a coragem de o admitir.

Prostrada na sua apatia psicológica, meio sentada, meio deitada no sofá da sala, já depois de completar cinco dias de clausura voluntária, Francisca estava, numa dessas noites de modorra intermináveis, a fazer *zaping* com o comando da televisão quando a sua atenção se deteve numa reportagem da CNN, passada em Bagdad. O repórter relatava os esforços dos civis iraquianos para se abastecerem com mantimentos para mais de duas semanas, de modo a poderem sobreviver à primeira vaga da guerra que aí vinha sem terem de sair de casa. Na realidade, a guerra haveria de durar quarenta dias, o que obrigou a população a sair à rua nos momentos em que o dilúvio das bombas acalmava. Não fossem os famigerados *danos colaterais* e as pessoas estariam a salvo das bombas inteligentes e dos seus ataques cirúrgicos, mas, de qualquer modo, em casa ou na rua, ninguém esteve a salvo em Bagdad naqueles dias.

Francisca endireitou-se no sofá, mais interessada em ver os repórteres fotográficos que apareciam na reportagem do que propriamente no relato da CNN. *Aqueles tipos, pensou, estão a participar em acontecimentos que vão fazer a História mundial deste século. E eu aqui sentada no meu sofá, feita estúpida, a chorar por causa de um cabrão que não me merece.* Essa reportagem mudou-lhe a vida.

Excitada com o seu novo projecto, Francisca foi deitar-se com a cabeça

em ebulição, dormiu a pensar no assunto e de manhã, quando acordou, já sabia exactamente o que teria de fazer para o concretizar. Saiu de casa muito cedo e chegou à embaixada iraquiana ainda antes da abertura ao público. Evidentemente, não lhe deram o visto pretendido. Se nem os jornalistas encartados o conseguiam, não seria uma qualquer fotografia de casamentos que levaria o carimbo de acesso a Bagdad. Aqueles dias de incerteza traziam os diplomatas iraquianos num estado de nervos permanente e, no cúmulo da sua insegurança, nem sequer abriam a porta da embaixada a ninguém. Limitavam-se a gritar aos jornalistas, do lado de dentro, que voltassem no dia seguinte. E no dia seguinte recomendavam o mesmo.

Mas Francisca não ia deixar que os seus desígnios dependessem dos humores de dois ou três diplomatas assustados. No regresso da embaixada iraquiana, ouviu no rádio do carro a notícia de que Bagdad se preparava para expulsar os jornalistas estrangeiros, permitindo apenas a permanência de alguns, escolhidos a dedo, que ficariam sob a vigilância apertada do ministério da Informação iraquiano. No final, só a CNN é que conseguiria contar a abertura pirotécnica da guerra a partir de Bagdad, no momento exacto — 2h32 — em que as bombas e os mísseis *Tomahawk* de um lado, e as antiaéreas do outro, iluminaram o céu da capital iraquiana num espalhafato de fogo.

Ciente de que a imprensa internacional se concentraria nos países vizinhos do Iraque à espera de uma oportunidade para entrar, Francisca decidiu fazer o mesmo. Primeiro, foi bater à porta da embaixada da Arábia Saudita, ali perto, no Restelo, o mesmo bairro onde ficava a representação iraquiana. Mas mais uma vez foi-lhe negado o ambicionado visto. Depois, mudou de estratégia, dirigiu-se a uma agência de viagens, comprou um bilhete de avião para o Cairo e, em seguida, pediu um visto de turista à embaixada egípcia, que lhe foi naturalmente concedido.

Esteve cinco dias no Cairo, tempo suficiente para tratar do visto na embaixada da Jordânia e arranjar lugar num voo para Amã, antes de o país encerrar o seu espaço aéreo devido ao início da guerra. Inicialmente, a ideia de Francisca era estabelecer-se na capital jordana e esperar que os ventos de guerra trouxessem a acção até àquelas bandas. Alugou um táxi por um dia e rumou ao fim da Jordânia, ansiosa por fotografar o verde da tropa em algum lugar do país, mas não encontrou muito mais do que uma ou duas barreiras de estrada guardadas por soldados ociosos, que lhe pediram os documentos e a deixaram passar depois de Francisca desembolsar alguns dólares na portagem improvisada.

Junto à fronteira, visitou um acampamento do Crescente Vermelho, montado na perspectiva de uma eventual afluência de refugiados em fuga da guerra iminente. Havia centenas de tendas militares alinhadas numa imensa planície árida, açoitadas pelo vento e pela poeira que se infiltrava por todos os buracos. Mas afinal os refugiados não tinham vindo em massa e, com a excepção de duas ou três famílias iraquianas recentemente chegadas, o

acampamento encontrava-se tão vazio como o deserto onde o haviam montado. E assim permaneceria durante toda a guerra.

Ali, naquela região remota, só habituada a assistir à monótona passagem dos camiões cisterna que nos tempos de paz traziam o petróleo iraquiano, pululavam agora jornalistas atentos a todos os movimentos para lá da terra de ninguém.

Tal como os outros, Francisca acabou o dia a contemplar o posto fronteiriço de Ruwayshid, a duzentos metros de distância, à porta de um café triste, tomando um chá no deserto, bebido em pequenos sorvos nostálgicos de fim de tarde. O Iraque estava ali tão perto, mas inacessível.

Regressada a Amã, Francisca meteu conversa com um jornalista inglês no bar do hotel Marriott, um tipo de cabelo branco e pele rosada, bem avançado nos cinquenta, um veterano da BBC que já andava há muitas guerras a arrastar a barriga pelos bares dos hotéis do Médio Oriente.

— Aqui, não vai acontecer nada — sentenciou o inglês. — Vamos passar a guerra no hotel, sem nada para fazer.

— Como é que pode ter a certeza disso?

— Bem vê — disse —, a Jordânia é um país pequeno, com um exército insignificante e que depende economicamente do Iraque. É de lá que vem o petróleo, sabe? Embora não sendo agressivo com os Estados Unidos, o rei não está na disposição de afrontar o gigante vizinho. É que os americanos vêm e vão, e os Iraquianos ficam. É preciso viver com eles, está a ver?

— Hum-hum... — Francisca abanou a cabeça, pensativa. — Então, o que me aconselha a fazer?

— Se eu fosse a si, ia para Israel. Assim que começar a guerra, Saddam vai atirar-lhes com uns *Scud* para ver se os acorda.

— Mas ele não tem já inimigos suficientes?

Um leve sorriso desencantado desenhou-se no rosto benévolo do velho jornalista. *Não percebes mesmo nada disto, minha menina*, pensou, intrigado com a ingenuidade dela. O que teria levado aquela jovem desprevenida a procurar o centro do vulcão? *Desgosto de amor, talvez, ambição ou simplesmente o gosto pela aventura?* Interrogou-se, mas não fez perguntas, supondo que tivesse sido um bocadinho de cada. Era suficientemente batido para analisar um desconhecido através de uma simples conversa e tirar algumas conclusões certas. Mas, em geral, não ia além disso. Achava que estava velho e já não tinha paciência para ouvir os problemas dos outros. Deu um trago no seu *scotch* e acendeu um cigarro.

— Inimigos já eles são — explicou, soltando uma nuvem de fumo com os olhos cerrados — mas, se Saddam conseguir que os israelitas entrem na guerra, a coligação vai desmoronar-se como um castelo de cartas. Não está a ver os sauditas e os sírios a alinharem contra outro país árabe ao lado de Israel, ou está?

— Não — concordou Francisca. — Tem razão.

O autocarro atravessou o território árabe ocupado da Cisjordânia. Percorreu uma estrada sofrível, sem incidentes, passou a cidade de Jericó e chegou a Jerusalém Oriental ao fim da tarde. Apesar de ser uma distância curta, na medida em que a fronteira não distava mais de trinta quilómetros, a natureza humana colocava tantos obstáculos pelo caminho, que uma simples viagem se transformava numa epopeia.

Francisca saiu da protecção ilusória do autocarro e, mal colocou os pés em terra firme, pressentiu a falta de segurança. Ao percorrer as ruas em busca da direcção de um hotel que alguém lhe indicara por caridade, apercebeu-se do ambiente pesado que se abatia sobre elas como um manto de chumbo, inóspito e ameaçador. Não que houvesse violência à solta na rua, ou que corresse o risco de sofrer uma emboscada de cada vez que virasse uma esquina; mas porque olhou em redor e não viu ninguém. A rua estava deserta, silenciosa e serena como as águas calmas do mar antes da tempestade.

O Sol punha-se atrás do casario de pedra branca, dos minaretes das mesquitas e dos campanários das igrejas. Era uma terra de contrastes, uma cidade sagrada, onde conviviam várias religiões. Muçulmanos, judeus e cristãos pregavam os valores do amor ao próximo num campo de batalha onde reinava o egoísmo, o ódio e a intolerância. A Cidade Velha, a Via Dolorosa, caminho percorrido por Cristo desde o tribunal de Pilatos até a um local chamado Calvário, onde foi crucificado, e a igreja do Santo Sepulcro; a Esplanada das Mesquitas, a Al Aqsa e a Domo da Rocha, com a sua cúpula de alumínio revestido de ouro e ornamentada com versos do Corão, e o Muro das Lamentações; o Monte das Oliveiras, a igreja de Ghetsemaní e a de Maria Madalena, encimada por cúpulas douradas de estilo bizantino; era tudo ali, naquela cidade museu que representava a cultura árabe havia cinco mil anos.

Mas a noite estava a descer e a ausência de pessoas nas ruas dizia muito do que se poderia esperar naquelas paragens depois que a escuridão cobrisse a parte árabe de Jerusalém.

Por fim, já escurecera quando Francisca deu com o hotel e se refugiou no átrio, na realidade apenas um corredor estreito entre a recepção e a escada que conduzia aos quartos dos três andares superiores. Atrás do balcão, num espaço apertado e lúgubre, um velho inofensivo sorriu-lhe. Francisca falou-lhe em inglês.

— Boa noite, queria um quarto para esta noite.

O velho disse qualquer coisa em árabe e ficou à espera com as suas mãos enrugadas delicadamente pousadas em cima do balcão.

— *A room for tonight, please* — insistiu.

— Dólar — respondeu ele.

De modo que se entenderam por gestos. Francisca pagou-lhe. O recepcionista abriu uma gaveta debaixo do balcão e guardou o dinheiro dentro de uma caixa metálica. Voltou a fechar a gaveta, virou-se para trás, escolheu uma chave ao acaso e entregou-lha. A avaliar pelo número de chaves

disponíveis no chaveiro, um armário de madeira escura com pequenas divisórias em forma de quadrados, o hotel estaria praticamente vazio. Francisca calculou que o turismo não fosse uma actividade muito florescente naquele lado da cidade. Encolheu os ombros para si própria. Por ela, até podia ser a única hóspede do hotel, não se importava, sentia-se cansada e só queria um quarto onde pudesse dormir em segurança. Agarrou no saco das máquinas fotográficas e na mala — teve a sensação de que andara a arrastar aquela mala durante quilómetros — e subiu as escadas até ao primeiro andar.

Não viu ninguém, não ouviu um único som. O corredor, comprido, coberto por uma alcatifa castanha bastante gasta, tinha um aspecto sinistro devido à iluminação de presença, marcada pelos candeeiros de parede, alguns deles com as lâmpadas fundidas. Francisca encontrou o seu quarto, entrou rapidamente, fechou a porta e trancou-a. Passou a corrente de segurança e acendeu a luz do tecto. A mesma iluminação débil, a mesma alcatifa castanha, uma cama castanha com um cobertor castanho, um armário castanho e uma mesinha-de-cabeceira castanha. Só as paredes destoavam, com um papel florido que já perdera a cor há muito e que, aqui e ali, começava a descolar-se.

Francisca aproximou-se da janela e espreitou para a rua através das frinchas entre as ripas da portada. Lá fora não havia vitalma. Suspirou, *onde é que eu vim meter-me?*, pensou, e deixou-se cair de costas em cima da cama.

O dia amanheceu mais desanuviado e a pressão nocturna como que se dissipou no movimento matinal. Francisca acordou cedo, tomou um duche rápido, pediu um táxi e partiu em direcção ao lado ocidental de Jerusalém sem perder mais tempo. Pela janela do automóvel reparou que, ao contrário da noite anterior, havia pessoas nas ruas, embora — e isso ela não sabia, pois era a sua primeira visita à cidade — não tantas como num dia normal. Pelo caminho ficou a saber que a guerra tinha começado durante a madrugada.

— Os americanos estão a bombardear Bagdad — informou-a o taxista num inglês arrevesado, quando ela pediu que lhe traduzisse as palavras hebraicas de um jornalista que ele ouvia no rádio do carro.

Francisca nem queria acreditar que passara as primeiras horas da guerra a dormir, sem fazer ideia de que já estava tudo a acontecer. *Que grande jornalista que eu sou*, pensou, desanimada com o que considerou ser o fracasso da sua primeira madrugada numa zona quente. *Tenho muito que aprender...*

De facto, os desafios que Francisca tinha pela frente eram imensos e dois deles — certamente os mais complicados — consistiam em encontrar acontecimentos relevantes para fotografar e, depois, descobrir a quem vender as fotografias. Mas, no momento imediato o problema mais premente resumia-se a uma questão de logística. Francisca precisava de arranjar um hotel.

— Onde é que estão os jornalistas estrangeiros? — perguntou ao taxista.

— Em vários hotéis — respondeu o homem — mas eu aconselho o Sheraton.

— Então — decidiu Francisca — é para lá que vamos.

Passar do lado oriental para o lado ocidental de Jerusalém era como entrar noutra cidade. Mais moderna, mais desenvolvida e mais liberal, a parte judaica conciliava a tradição milenar com o cosmopolitismo importado do Ocidente. Ali havia lojas de marca, restaurantes que serviam comida internacional, bares e discotecas abertos pela noite fora e unidades hoteleiras pertencentes às maiores cadeias internacionais. Um estrangeiro que atravessava pela primeira vez a fronteira invisível que separava as duas culturas dominantes, ficava imediatamente esclarecido sobre a monumental desigualdade entre árabes e israelitas. Estes eram incomensuravelmente mais ricos. Viviam noutro mundo. Se não bastasse o conflito inconciliável sobre qual dos dois lados tinha, historicamente, mais direitos de soberania sobre Jerusalém, a gritante diferença da qualidade de vida entre israelitas e palestinos representaria sempre um motivo adicional de ressentimento para os árabes.

Francisca ainda vinha abismada com a singular experiência de conhecer de uma assentada os dois lados da moeda, quando saiu do táxi e o esplendor do hotel Sheraton se ergueu à frente dela, com um número incontável de andares bem acima da sua cabeça. Desta vez não precisou de arrastar a mala até à recepção. As injustiças para uns eram quase sempre vantagens para outros, e, ao ver o pacote transportar a sua bagagem num carrinho dourado, Francisca pensou que teria de ter sempre presente a sua neutralidade de jornalista, para se preservar de qualquer sentimento de culpa por gozar do máximo conforto enquanto estivesse a arriscar a vida voluntariamente. Era uma guerra para a qual não fora convidada, mas que lhe serviria de estágio para aquela profissão que ela desejava mais a cada hora que passava.

Um novo imprevisto saiu-lhe logo ao caminho assim que se anunciou no balcão no átrio, frente a um rececionista inflexível na sua farda imaculada e nos seus modos à prova de qualquer reparo.

Para além do bom-senso óbvio que deveria caracterizar qualquer repórter enviado para uma zona de guerra, a cobertura de acontecimentos perigosos exigia deste uma previdência que só se apurava com a tarimba dos anos. Caso contrário, o jornalista atirado aos leões — como se dizia dos inexperientes temerários que se ofereciam à primeira chamada — iria passar por muitas provações evitáveis, algumas delas que lhe colocariam a vida em risco, outras nem tanto, mas que não deixariam de lhe complicar a missão.

Francisca deduzira apressadamente que, naqueles dias perigosos, todas as portas hoteleiras do Médio Oriente estariam escancaradas para qualquer forasteiro que demandasse um quarto de abrigo. Ela própria viajara do Cairo para Amã a bordo de um avião às moscas que, por certo, só cumprira a viagem por teimosia dos responsáveis da companhia, determinados em garantir a normalidade institucional. Perante o panorama desolador do aparelho, Francisca calculou que o dos hotéis locais não seria muito diferente. Afinal de contas, que turista no seu juízo perfeito escolheria um potencial

teatro de guerra para gozar férias? Puro engano. De facto, não havia turistas, mas a guerra atraía centenas de pessoas de uma classe profissional muito especial, que invadiam as cidades e tomavam conta dos hotéis.

Já em Amã, Francisca descobriu que os melhores hotéis da cidade haviam sido assaltados por legiões de jornalistas estrangeiros, capazes de tudo para ganhar um quarto à concorrência. E em Jerusalém aconteceu a mesma coisa.

Na realidade, a guerra podia ser uma catástrofe de vidas humanas e provocar o colapso de muitas actividades económicas, mas representava um grande negócio para os melhores hotéis, pelo menos enquanto durasse e conquanto estes estivessem localizados na retaguarda, ao abrigo dos efeitos arrasadores dos bombardeamentos. Estações de televisão como a CNN, a Sky News e a BBC, ou agências de imagem como a Visnews e a APTN, requisitavam andares inteiros aonde acomodavam repórteres, produtores e técnicos, e traziam equipamento suficiente para transformar quartos de hotel em salas de montagem de vídeo ou em estúdios de televisão. Os profissionais da informação consumiam quantidades inconcebíveis de papel, gastavam fortunas em telecomunicações, ocupavam todos os quartos, invadiam os salões transformados em salas de imprensa, os restaurantes e, nessas épocas de emoções à flor da pele, nem os bares mais prevenidos estavam a salvo de esgotar o *stock* de bebidas. Os correspondentes de guerra voltavam da sua missão de retratar o horror no campo de batalha e, ao final do dia, só lhes sobrava o ânimo para abancar nos sofás confortáveis do bar do hotel, com uma garrafa à frente, e continuarem a falar até à exaustão do mesmo assunto de sempre que os levava ali: a guerra.

Enquanto a Tempestade no Deserto durasse e Francisca estivesse em Jerusalém, queria ficar no centro dos acontecimentos. O hotel Sheraton era, sem dúvida, o centro dos acontecimentos. Era ali que se baseava a maioria dos jornalistas, dos órgãos de informação mais influentes do mundo, e era ali que afluía mais depressa a informação decisiva sobre a crise que se vivia no Médio Oriente. Contudo, Francisca tinha à sua frente, do outro lado do balcão, um recepcionista incontornável que não se deixou impressionar a sua premência e declarou num inglês perfeito que o hotel estava cheio e ponto final.

— Mas — insistiu Francisca — não consegue arranjar-me um quarto qualquer? Não preciso de nada muito grande.

— *Sorry* — abanou a cabeça, pesaroso. — Estamos cheios.

Francisca ficou encostada ao balcão, desanimada, a resmungar entredentes, amaldiçoando a sua falta de sorte, quando esta lhe bateu à porta.

— És portuguesa, não? — perguntou uma voz masculina, em espanhol.

— Sou — respondeu, virando-se para ver quem falava consigo.

Um tipo alto, magro, bem vestido e bem-parecido, com o cabelo molhado de quem acabara de tomar banho, sorriu-lhe.

— Olha — disse o homem —, eu sou do *El País*. Estou de partida para a Arábia Saudita, mas tenho um quarto reservado até ao fim do mês. Ia agora

desistir dele. Se quiseses aproveitar...

Mais tarde Francisca aprendeu que os repórteres de guerra tinham tendência a juntar-se — e ajudar-se — conforme as idiossincrasias nacionais. Os portugueses alinhavam com os espanhóis e com os latino-americanos, os franceses davam-se com os italianos, os americanos não se davam com ninguém, e por aí fora.

Entre os mais batidos até havia uma certa cumplicidade, na medida em que já se conheciam de outras guerras. É que os verdadeiros repórteres de guerra não eram assim tantos como isso, e não falhavam uma. A diferença é que uns percebiam que a sorte não poderia durar sempre e desistiam a tempo; e outros continuavam até serem apanhados por uma bala imprevista e acabarem estendidos no meio de uma rua qualquer, entre os destroços de um tiroteio sem importância. Era inglório, porque a sua morte faria as primeiras páginas do dia, pejudas de choque e indignação, mas logo seria esquecida, ultrapassada pela urgência voraz da actualidade. Não compensava arriscar a vida por uma notícia, mas a guerra podia viciar.

De modo que Francisca ganhou um quarto no hotel mais cobiçado de Jerusalém, sendo certo que não estava segura de poder pagar a estada até ao fim do mês, caso não arranjasse maneira de ganhar dinheiro para sustentar a ousadia. O Sheraton não era barato e a aventura no Médio Oriente começava a revelar-se uma exorbitância. Contudo, Francisca não se sentia na disposição de se deixar abater por problemas que ainda não o eram. Pelo contrário, tirando o percalço de ter começado a guerra a dormir, achava que as coisas até lhe tinham corrido bastante bem, até agora. Sentia-se optimista, um pouco perdida, mas optimista.

Subiu ao quarto, onde descobriu maravilhada que a bagagem se lhe antecipara e depois sentou-se na cama para dar um minuto à alma, enlevada com a diferença reconfortante em relação ao cubículo sinistro onde passara a última noite. Pelo menos ali tinha uma televisão, poderia ver a CNN a qualquer momento e não voltaria a ser apanhada desprevenida por uma notícia com barbas. Ergueu os punhos com força e deixou extravasar o seu entusiasmo com um «yes!» murmurado mas vigoroso. *Tu vais conseguir, miúda*, acrescentou, a falar consigo própria.

Preparou o saco com o material fotográfico, passou o rosto por água no lavatório da casa de banho, prendeu o cabelo num rabo-de-cavalo prático e vestiu o seu colete de fotógrafa. Desceu para tomar um pequeno-almoço atrasado na sala grande que havia no andar térreo, onde se podia encomendar uma refeição simples a qualquer hora do dia. Escolheu uma mesa entre as muitas livres, pediu uma *club sandwich* e um copo de leite e distraiu-se a observar o ambiente enquanto esperava. Sentia-se a ferver de excitação. Era comer depressa, sacar um mapa na recepção e partir à descoberta da cidade!

1 O problema da soberania sobre Jerusalém persiste ainda hoje e tem constituído sempre o maior obstáculo nas diversas negociações de paz entre israelitas e palestinianos. (NA)

A viatura de aluguer foi coberta por todos os lados com a palavra *press*, escrita com o recurso a fita-cola branca, colada nas portas. Afonso gastou quase uma hora com a tarefa, e só se deu por satisfeito depois de ter a certeza de que, se alguém escolhesse aquele carro como alvo para atirar uma pedra ou disparar um tiro, não teria a desculpa de não saber que estaria a atacar um jornalista. Em seguida pôs-se a caminho da Faixa de Gaza. Tratava-se de uma região palestiniana com menos de cinquenta quilómetros de comprimento e cerca de cinco quilómetros de largura na sua maior parte. Ali viviam um milhão e duzentas mil pessoas em condições económicas e de segurança extremamente precárias. Para entrar ou sair da maior prisão do mundo, como era considerado este território, os palestinianos precisavam da autorização expressa das autoridades israelitas e, mesmo com os documentos em ordem, a passagem pelos postos de controlo do exército estava sujeita aos humores dos ocupantes.

O território conhecia uma revolta popular — Intifada, em árabe — desde 1987. As imagens de crianças palestinianas a apedrejar soldados, jipes e tanques israelitas, numa demonstração que tinha tanto de coragem como de desespero, haviam-se tornado rotineiras nos noticiários das televisões de todo o mundo. Não obstante, os governos ocidentais continuavam indiferentes à situação. As constantes violações dos direitos humanos por parte do exército, as execuções sumárias de civis, incluindo muitas crianças, o bombardeamento deliberado e a demolição de casas e de infra-estruturas como escolas, hospitais e culturas, não impediam o governo norte-americano de fechar os olhos à tragédia e de continuar a apoiar, política e militarmente, Israel. Um apoio que granjeava aos Estados Unidos um ódio crescente do mundo árabe.

A Faixa de Gaza, tal como a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, havia sido ocupada durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Desde então, nunca mais conhecera a paz. Sendo uma zona de conflito, os jornalistas podiam ser autorizados a entrar, mas sabiam que, para o exército, não eram bem-vindos. De modo que, enquanto por lá andassem, corriam perigo de vida.

De momento, as operações militares no Médio Oriente restringiam-se ao território iraquiano, sem qualquer envolvimento dos israelitas. Contudo, a população judaica sentia-se aterrorizada com a possibilidade de sofrer um ataque com armas químicas, e o governo estava preparado para ordenar uma retaliação esmagadora contra Bagdad, no caso de isso acontecer. A tensão subira a níveis explosivos e a guerra poderia generalizar-se por todo o Médio Oriente a qualquer momento. A cumplicidade palestiniana com o regime de Saddam Hussein era assumida abertamente nas ruas de Gaza, o que contribuía ainda mais para agravar o ambiente.

À falta de acção no território israelita, Afonso decidiu tentar a sua sorte em Gaza. As estradas eram boas e a distância relativamente curta. Ainda assim, levou duas horas e meia para chegar, porque se perdeu pelo caminho e não encontrou ninguém que lhe indicasse a direcção correcta. Viajar por Israel

podia ser uma jornada muito solitária, especialmente numa época de incerteza.

Encontrou o posto de controlo militar de Nahal Oz por volta do meio-dia. Soldados israelitas, armados com espingardas automáticas *Galil* a tiracolo, montavam guarda ao local, assegurando que ninguém passasse. O seu país estava à beira do abismo e o governo queria os territórios palestinianos sob vigilância absoluta.

Afonso parou o carro e mostrou aos soldados as suas credenciais de jornalista.

— Não pode entrar — foi a resposta seca do soldado que viu os papéis. — Faça o favor de dar meia-volta e seguir.

— Mas eu estou autorizado pelo vosso governo a fazer reportagem em Gaza — tentou argumentar.

— Hoje não está — declarou o soldado. — Por favor, dê a volta e vá-se embora.

Em Jerusalém, Francisca gastou várias horas a calcorrear as ruas da cidade. Queria familiarizar-se com os lugares mais conhecidos. Arriscou-se pelas ruelas estreitas da Cidade Velha. Entrou pela Porta de Damasco, visitou o Quarteirão Cristão e a igreja do Santo Sepulcro, o Quarteirão Muçulmano e a Esplanada das Mesquitas. Depois foi descobrir as zonas mais concorridas da Jerusalém moderna, no coração da cidade, vagueando pela rua King George, a rua Ben Yehuda e a Jaffa Road, onde havia lojas, restaurantes e esplanadas.

A tarde ia avançada. Francisca decidiu regressar ao hotel. Já se ausentara há muitas horas e começava a sentir-se inquieta com a falta de notícias frescas. O hotel era o melhor lugar para acompanhar a evolução dos acontecimentos. Ali tinha acesso aos telexes das agências noticiosas, aos canais de televisão locais e internacionais, às rádios e, não menos importante, podia falar com outros jornalistas e obter informações sobre o desenrolar da crise em Israel. Sempre a pé, foi pela Jaffa Road e virou à esquerda, na King George, onde ficava o Sheraton.

Afonso estacionou junto ao hotel, ansioso por telefonar para Lisboa. Queria saber do repórter fotográfico que era suposto vir a caminho. O dia não se havia revelado muito produtivo. O fiasco da viagem à Faixa de Gaza não fora nada animador. Contudo, tencionava escrever algumas linhas sobre as impressões recolhidas ao longo da jornada. Poderia descrever o ambiente geral do país através do testemunho que lhe ficara na memória das últimas horas de estrada e do comportamento nervoso dos militares em Gaza. Diria que Israel se mantinha suspenso numa calma tensa, à espera do rastilho que fizesse rebentar o resto do Médio Oriente que ainda não se envolvera na guerra. Os territórios árabes achavam-se sob vigilância severa e o governo emitia avisos preocupantes, através dos funcionários designados para controlar a imprensa estrangeira, fazendo saber que as Forças Armadas não ficariam paradas caso acontecesse o pior. Havia um clima de ameaça clara dirigida tanto aos iraquianos como aos palestinianos.

Foi até à sala de imprensa e procurou um telefone. Dali a pouco conseguiu

a chamada para Lisboa e ficou a saber que o repórter fotográfico não chegara a partir, por impossibilidade de chegar. Era tarde de mais para colocar um homem na região.

Francisca ponderou a possibilidade de subir ao quarto para se desembaraçar das máquinas fotográficas e do saco do equipamento. Poderia aproveitar para se refrescar e descer em seguida para ver o ambiente na sala de imprensa. Mas pensou *não, ainda não consegui nada de jeito, vou mas é já à sala de imprensa*. Passara a tarde a dar ao gatilho, uma foto disto outra daquilo, motivos não faltavam, mas nada de original que pudesse vender às agências. Sentia um nervoso miudinho latente, à medida que as horas corriam e nada acontecia. A pressão de ter de ganhar dinheiro e, sobretudo, de não querer falhar, começava a apoderar-se dela, apesar de continuar a dizer de si para si que deveria manter-se calma e não entrar em parafuso porque *estas coisas são mesmo assim*. Na verdade, não fazia ideia de como aquelas coisas eram, visto ser a primeira vez que se metia numa aventura tão complicada, mas nunca tivera ilusões de que seria difícil, perigoso e, porventura, um passo demasiado grande para as suas pernas. Mas agora encontrava-se em Jerusalém e tencionava aproveitar ao máximo a estada.

Entrou na sala de imprensa e reparou que não havia muitos jornalistas. Quinze, no máximo. Dirigiu-se para as mesas encostadas à parede, no lado direito da sala. Apesar de ter calçado ténis, os pés doíam-lhe devido às horas que passara a caminhar pela cidade. Depositou as máquinas em cima de uma mesa, entre dois computadores, largou o saco do equipamento no chão alcatifado e deixou-se cair numa cadeira.

Virou a cabeça instintivamente para a direita e um jornalista que estava sentado três cadeiras ao lado brindou-a com um aceno de cabeça silencioso. Retribuiu-lhe com um sorriso, a matutar *de onde é que este virá?*

— Por acaso, não sabe como é que isto funciona? — perguntou ele, apontando para uma máquina fotográfica à sua frente, com uma expressão de desânimo.

O rosto dela iluminou-se, encantada por ouvi-lo falar em português.

— Por acaso sei — respondeu. — Até tenho aqui uma igual.

— Ah, sim? Talvez possa dar-me umas lições, que eu não percebo nada disto.

Francisca riu-se, divertida.

— E eu a pensar que era a única fotógrafa às aranhas aqui. Afonso abanou a cabeça, com um sorriso desolado.

— Eu não sou fotógrafo — disse.

— Não?

— Não, sou jornalista, só escrevo notícias. Então e você, qual é a sua desculpa?

— Ah, eu sei fotografar, mas não sou repórter. — Afonso adorou a expressão cómica, de culpada, que ela fez ao dizer aquilo.

— Então, o que é que a traz aqui?

— Estou a trabalhar como *freelancer* — explicou Francisca. — O problema é que não está a acontecer nada.

— Calma — disse Afonso, levantando os braços —, a guerra ainda agora começou.

Francisca encostou-se confortavelmente na cadeira, de modo a ficar mais virada para ele. Cruzou as pernas, tirou um maço de cigarros de um dos muitos bolsos do colete — não sem antes apalpar vários à procura — e o isqueiro *bic* do bolso das calças.

— Estes coletes dão imenso jeito para trabalhar mas... — fez uma pausa para acender o cigarro — têm tantos bolsos que nunca sabemos onde estão as coisas. Quer um? — estendeu-lhe o maço de tabaco.

— Não, obrigado. Acabei de fumar.

— Então, você acha que a guerra vai chegar cá?

— Pode ter a certeza — afirmou, fazendo um trejeito sério com a boca, que lhe concedeu uma convicção inabalável.

Francisca levou a mão ao peito e simulou um suspiro, enquanto deitava fora um sopro de fumo.

— Já estou mais descansada.

— Não acredita? — perguntou Afonso, por causa da ironia dela.

— Acredito.

— Quer apostar?

— Não, eu acredito, a sério — disse, mudando para um tom mais sincero.

— Como é que você se chama?

— Francisca, e você?

— Afonso Henriques, e — apontou para ela com um dedo brincalhão — nada de gozar com o meu nome.

Francisca abanou a cabeça com um riso contido e passou pelos lábios, comprimidos numa linha, o indicador e o polegar, como se corresse um fecho.

Muitos anos depois continuariam a recordar aquele encontro como fruto de um acaso providencial. Ali estavam Afonso e Francisca, um a precisar de um repórter fotográfico, a outra às apalpadelas numa guerra que a preocupava não só pelos combates, mas por tudo o mais que nunca aprendera e que a mantinha às escuras, num cenário onde a ignorância podia matar.

— O que é que aconteceu ao dono da máquina fotográfica? — perguntou Francisca. Estavam sentados no mesmo restaurante térreo do hotel, onde ela tomara o pequeno-almoço. Na sala de imprensa, Afonso sugerira que, já que estavam ambos sozinhos, poderiam jantar mais tarde, «mas antes preciso de escrever um artigo e enviá-lo para Lisboa».

A proposta surgiu a Francisca como uma tábua de salvação. Como uma menina pequena perdida no meio dos adultos, sentiu um alívio súbito que a fez realizar quão assustada estava desde a hora em que atravessara a fronteira com Israel e descobrira que, a partir dali, haveria soldados a sério, armas a sério, violência a sério e, *Francisca, estão-se todos nas tintas para que não sejas uma jornalista a sério. Se quiserem matar-te, apertam o gatilho e mandam-te desta para melhor sem pensar duas vezes.* Uma coisa Francisca não precisava que lhe ensinassem, é que num teatro de guerra não havia leis que protegessem as pessoas e era como se abrisse a época da caça e todos pudessem disparar contra todos sem o receio de sofrer consequências. Já lera algures que este tipo de situação provocava frequentemente um estado psicológico de euforia nos soldados, afectados pelo *stress* e pelo medo, ao ponto de os levar a cometer atrocidades que, no seu juízo normal, não lhes passaria pela cabeça. E ela pensava nestas coisas e preocupava-se com a possibilidade de dar de caras com uns tipos irresponsáveis com uma arma nas mãos e não saber como lidar com eles. E preocupava-se com o dia em que as bombas comesçassem a cair sobre a sua cabeça e talvez não tivesse hipótese de se proteger. Francisca bem tentava afastar os maus pensamentos, mas o facto de se encontrar sozinha deixava-lhe muito tempo livre para cismar com as coisas terríveis que lhe poderiam acontecer.

Agora, pelo menos, havia uma possibilidade de não continuar sozinha. Afonso era português, jornalista e tinha experiência, já para não falar na feliz coincidência de precisar de um repórter fotográfico. Quando ele sugeriu o jantar, Francisca aceitou com naturalidade, mas sem mostrar um grande entusiasmo, sim, claro, pode ser, a que horas?, supondo que uma patética demonstração de alívio não a favoreceria muito aos olhos dele. E depois, enquanto ele escrevia o seu artigo e ela se deliciava com um banho quente de imersão, pesou bem a sua sorte e decidiu não lhe propor nada. Ele que lhe fizesse uma proposta de trabalho, se quisesse. Para Francisca, se Afonso a deixasse acompanhá-lo quando saísse em reportagem, já seria muito bom. De modo que, decidiu, *vou ser simpática, agradável e, sobretudo, vou ser moderada, para que ele não comece a achar que me estou a tornar um fardo e não me enxote com um piparote.*

Emergiu das águas tépidas da banheira como nova, de corpo e alma. Envolheu o cabelo molhado com uma toalha e cobriu o corpo a pingar com um roupão turco macio, branco, que exibia o emblema do hotel no peito. Deu um nó no cinto e perdeu imenso tempo a secar o cabelo e a pentear-se. Não se maquilhou. Acabou de se vestir, o telefone tocou, «sou eu, já enviei o artigo para Lisboa e vim ao quarto trocar de camisa e lavar a cara. Está pronta, podemos descer?», podiam. Deu uma última piscadela de olho ao espelho, avançou para a porta e estacou, a pensar *que estúpida que eu sou!* Voltou atrás, conferiu a sua imagem no espelho e abanou a cabeça, *estúpida...* Estava linda, numa saia preta com meias escuras que lhe torneavam as pernas e uma blusa de algodão branca. Demasiado bonita. Abriu o roupeiro, trocou a saia por uns *jeans* práticos, mas que lhe assentavam bem, e deixou ficar a blusa. Viu-se ao espelho, *muito melhor*, pensou. Se quisesse que Afonso a levasse a sério profissionalmente, seria bom não lhe aparecer muito *sexy*, ou o *homem põe-se a imaginar coisas e lá se vai a minha credibilidade*.

Enquanto descia no elevador, Francisca decidiu que seria um jantar simpático mas sem muitas intimidades. Afonso parecera-lhe um tipo correcto, mas ela não o conhecia e achava que precisava demasiado dele para estragar tudo por causa de qualquer mal-entendido.

Afonso acendeu um cigarro para passar o tempo enquanto esperava Francisca, sentado num sofá no átrio, perto dos elevadores. Tinha ficado a pensar em Francisca. Era bonita, parecera-lhe simpática e ele precisava de um repórter fotográfico. Uma combinação de factores agradável, sem dúvida, mas Afonso ainda hesitava. Dissera para o jornal em Lisboa que talvez conseguisse chegar a acordo com uma *freelancer* e perguntara se havia verba para isso. Tinham-lhe respondido que se ele achava que era uma boa oportunidade, que a agarrasse. *O problema*, reflectiu Afonso, *é que isto não se vai resolver num dia ou dois e, se ela não servir para o trabalho, ou se for uma chata do pior, vou ter de levar com ela sei lá quanto tempo. Por outro lado, posso sempre despedi-la.*

Havia uma parede entre a zona dos elevadores e o átrio. No sofá, de costas para essa parede, Afonso viu Francisca surgir à sua direita e teve um momento para a observar, quando ela parou ali, tentando localizá-lo. Agora, com o cabelo solto e bem penteado e com uns *jeans* e uma blusa mais cingidos ao corpo, Francisca pareceu-lhe ainda mais bonita do que no primeiro encontro. E, quanto às dúvidas que o assaltavam há um segundo atrás, Afonso soltou um suspiro sonoro, enquanto se levantava a pensar que *um homem não é de ferro*, e chamou-a.

— O dono da máquina fotográfica? — repetiu a pergunta dela. — Teve um problema pessoal, a mulher teve um acidente e ele voltou para Lisboa.

— Hum... e você ficou agarrado.

— Exactamente.

A empregada interrompeu-lhes a conversa. Encomendaram os dois o mesmo, uma receita local à base de frango, recomendada pela empregada.

Para beber, decidiram-se por duas cervejas *macabi*. Pediram um cinzeiro e acenderam um cigarro antes de retomar a conversa.

— Então e você, há quanto tempo é que trabalha como *freelancer*?

— É a primeira vez.

— É? Caramba, logo uma guerra!

Francisca contou-lhe o que a motivara. Disse-lhe que estava farta de fotografar casamentos, falou-lhe das notícias na televisão, da vontade de ser repórter fotográfica e da sua decisão ponderada de tentar a sorte antes que fosse tarde de mais.

— Era agora ou nunca — disse, deixando de fora a história da desilusão amorosa. Como que adivinhando, Afonso perguntou-lhe:

— Não é casada?

— Não, vivi com uma pessoa durante algum tempo, mas já acabou. E você?

— Eu ando sempre de um lado para o outro, em reportagem, e não há mulher nenhuma que esteja para isso. Também vivi com uma pessoa durante uns tempos, mas ela fartou-se e foi-se embora. — Francisca abanou a cabeça, compreensiva, enquanto ele falava. — Ela disse-me que não fazia muita diferença. De qualquer forma, eu nunca estava em casa.

— Já estive em muitas guerras?

— Israel, El Salvador, Nicarágua, Angola... — enumerou algumas — bastantes.

Passaram o jantar a conhecer-se e, sobretudo, a estudar-se. Francisca observou-o discretamente enquanto ele falava. Talvez fosse por se sentir um pouco perdida no meio daquilo tudo, mas a companhia de Afonso transmitiu-lhe uma segurança muito reconfortante. Era um homem surpreendentemente cativante. Manteve-a deslumbrada com as suas histórias de tantas reportagens acumuladas em sete anos de trabalho, quase todos em campo e quase nunca na redação.

— Tenho vinte e sete anos — disse — e vivi *in loco* quase todos os acontecimentos mundiais decisivos dos últimos seis, pelo menos.

— Começou cedo — reparou ela.

— Aos vinte. Não — corrigiu — aos dezasseis, se contarmos os meus tempos de ardina, quando ia para a rua aos sábados vender jornais com os amigos do liceu, para juntarmos dinheiro para as férias.

Francisca adorou o seu humor. Afonso tinha quase sempre uma expressão séria que, por vezes, não condizia com as tiradas divertidas que a faziam rir, enquanto ele se punha com aquele ar desconcertante que, desde logo, se tornou uma das razões para se sentir definitivamente atraída por ele. Apreciou-lhe a sinceridade e gostou das linhas bem definidas do seu rosto bem barbeado — quando ele se debruçava sobre a mesa e se aproximava dela, sentia-lhe o cheiro de uma loção muito máscula, a remeter para aqueles anúncios de televisão com homens que personificavam o sucesso frente ao espelho logo pela manhã. Ao café, Francisca acendeu um cigarro e deu

consigo com um sorriso colado aos lábios, de cotovelo na mesa e rosto apoiado na mão, sonhadora, pendente das palavras dele.

Em contrapartida, Afonso tinha planeado fazê-la falar o mais possível, para descobrir se seria boa ideia contratá-la, e só no fim reparou que tinha acabado por acontecer tudo ao contrário. Deixou-se fascinar pelos olhos de Francisca, castanhos, límpidos, que por vezes brilhavam de emoção pura ao falar de alguma coisa que lhe tocava mais fundo. De modo que decidiu que ela merecia uma oportunidade, não tanto por lhe conhecer o jeito para a fotografia, mas porque acabou por lhe reconhecer duas qualidades suficientemente cativantes: a coragem e a simpatia.

— Francisca — anunciou-lhe —, tenho uma proposta para lhe fazer.

As sirenes começaram a soar por toda a cidade. O toque de alarme para avisar do perigo iminente lançou o pânico entre a população e continuou durante alguns minutos até ao silêncio fatal, cortado algures no país pelas explosões catastróficas que se seguiram à queda aleatória dos mísseis sobre a cabeça de alguns pobres azarados, que estavam no lugar errado na hora errada.

A dezanove de Janeiro de 1991, três dias depois do início da operação Tempestade no Deserto, o exército de Saddam Hussein lançou os três primeiros mísseis *Scud* sobre Israel. Os *Scud* não eram mais do que uns grandes foguetes com ogiva explosiva, atestados com combustível suficiente para atingirem o território judeu. Eram cegos, pois careciam de tecnologia capaz de escolher um alvo certo. Em contrapartida, tinham a virtude militar de deixar o inimigo com os nervos em franja, na medida em que, quando se lhes acabava o combustível, caíam a pique num sítio qualquer, que tanto podia ser um quartel apinhado de tropas como a casa de uma família à hora do jantar. Esta roleta russa com os mísseis criou um ambiente de terror na população israelita, tanto mais que havia o medo de, num desses dias, serem lançados com uma ogiva química e, nesse caso, multiplicarem espectacularmente o número de vítimas.

Preso ao compromisso solene de não responder às provocações de Saddam Hussein e às suas perversas tentativas de arrastar Israel para o campo de batalha, o governo limitou-se a distribuir milhares de máscaras de gás e *kits* de medicamentos especiais à população, a emitir instruções sobre os procedimentos correctos em caso de ataque e a pressionar os Estados Unidos para que impedissem os bombardeamentos. A gota de água teria sido a utilização das armas químicas mas, no final, Saddam não se atreveu a tanto, receoso do dilúvio de fogo que se abateria sobre Bagdad como retaliação e que, em última instância, poderia ter sido uma bomba nuclear devastadora.

Os mísseis *Scud* tornavam-se difíceis de eliminar por serem montados em plataformas de lançamento móveis e, portanto, capazes de se evadir e de fingir os satélites americanos. Os estrategos iraquianos faziam-nos deslocar-se permanentemente e recorriam a vários esquemas dilatórios para enganar o inimigo. Usavam técnicas de camuflagem e outras, de ilusão, colocando réplicas dos mísseis em cima de camiões sem importância que a aviação aliada destruíra com espalhafato, enquanto os verdadeiros *Scud* eram disparados doutro local, contra Israel e a Arábia Saudita.

A noite caíra sobre a cidade assustada, com as ruas praticamente desertas, quando as sirenes sacudiram Jerusalém, alertando-a para o perigo que vinha do céu. No seu quarto, Afonso entretinha-se a vadiar pelos canais da televisão, meio deitado, meio sentado, confortavelmente encostado a duas grandes almofadas, com o comando na mão. Ao ouvir o alarme, saltou da cama e foi dar uma espreitadela à janela. Mas a vista privilegiada do sétimo andar não lhe revelou nada de anormal, para além de dois ou três carros isolados que

umentavam de velocidade para fugir do desconforto do campo aberto. Afonso voltou para dentro e correu para o telefone.

Francisca acabara de tomar um banho quente e preparava-se para se vestir para o jantar. Sentou-se na borda da cama, com a toalha enrolada, observando-se no espelho por cima da cómoda, com o olhar fixo e o pensamento ausente. Piscou os olhos para voltar à vida e respirou fundo. Depois de um dia a correr de um lado para o outro, só lhe apetecia uma refeição quente e cama. De súbito, as sirenes lá fora começaram a tocar e Francisca despertou da letargia com uma descarga de adrenalina que lhe apurou os sentidos e a catapultou da cama para a janela num abrir e fechar de olhos. Atrás dela, na mesinha-de-cabeceira, o telefone começou a tocar.

— Estás pronta? — Ouviu a voz de Afonso no outro lado da linha. Reparou que ele a tratou por *tu*. Era a primeira vez que o fazia, mas não se sentiu incomodada com a informalidade do tratamento.

— Estou — respondeu sem hesitar, *estou pronta para quê?*, interrogou-se.

— Encontramo-nos lá em baixo, na sala de imprensa, dentro de cinco minutos.

— Está bem — assentiu, ao mesmo tempo que lançava um olhar de emergência em redor, procurando a roupa à vista em cima da cama e no armário aberto, a pensar no que haveria de vestir.

Desligou o telefone, deixou cair a toalha no chão e ficou ali nua por um instante a ponderar a questão da roupa. Encolheu os ombros e optou pelos mesmos *jeans* do dia inteiro. No último momento, abriu a gaveta da cómoda e tirou uma *T-shirt* lavada. Enfiou o colete por cima, agarrou nas máquinas fotográficas e no saco do material. Saiu do quarto e deparou-se com uma confusão de hóspedes assustados no corredor, que se dirigiam para as escadas e desciam à procura do abrigo do hotel, na cave. Entre isso e o elevador, Francisca optou pelo segundo, por ser mais rápido.

Apressou o passo em direcção à sala de imprensa, mas encontrou Afonso a meio caminho. Ele já vinha de lá.

— Foi em Telavive — disse-lhe. — Vamos embora. Afonso informara-se sobre os pontos de impacto dos *Scud*.

— Um deles atingiu um prédio de habitação — disse, já no carro. — Vamos até lá ver os estragos.

— Bem podia ter caído mais perto — comentou Francisca. — Quando lá chegarmos já perdemos a acção toda.

— Os iraquianos não apontam os mísseis para estes lados.

— Não?...

— Não, os *Scud* poderiam cair em cima das zonas palestinianas. E, como os palestinianos apoiam o Iraque, eles não querem atingi-los.

A estrada para Telavive era boa e sem trânsito. Afonso conduziu tão depressa quanto possível, dentro dos limites de segurança, pensando que seria inglório serem vítimas de um acidente de viação num país com perigos muito maiores para os jornalistas.

— Tens aí um mapa no porta-luvas — informou. — Tira-o, porque acho que vamos precisar dele. Francisca tirou o mapa e abriu-o no colo.

— É aí — disse Afonso e, ao inclinar-se para apontar a posição de Telavive no mapa, sentiu o cheiro agradável a sabonete na pele de Francisca.

— Sim, já vi... — confirmou ela, concentrada, a estudar o caminho. — Não tem nada que enganar, é sempre por esta estrada.

Afonso desviou os olhos da estrada por um instante, para a observar. *Ainda bem que te encontrei*, reflectiu, animado com a presença dela.

Para todos os efeitos, Francisca estava à experiência. «Trabalhamos uns dias juntos, você vai tirando umas fotos e depois logo se vê», propusera-lhe. Francisca aceitara, mas com a advertência solene de que, se não recebesse algum dinheiro em breve, não teria que chegasse nem para pagar o quarto. Nesse momento, Afonso olhou para Francisca incrédulo e a sua expressão reveladora transmitiu exactamente o que lhe veio à cabeça: *esta mulher é maluca! Vem para um dos lugares mais perigosos do mundo sem dinheiro. É uma amadora, inconsciente e não está preparada para isto. Só me vai dar problemas*. Francisca viu a hesitação na cara de Afonso e, percebendo que se arriscava a perder a oportunidade antes de conseguir provar que estava à altura do trabalho, interrompeu-lhe os pensamentos.

— Eu sei que devia ter-me preparado melhor — reconheceu — mas, como lhe contei, não tive tempo nem capacidade para mais. Tive de tomar uma decisão rápida, caso contrário perdia o *timing*. Ouça, Afonso, eu não sou doida, ponderei os riscos e sei que tenho qualidade profissional e estrutura psicológica para aguentar a pressão e fazer o que for preciso.

— Tem? — duvidou. — Tem a certeza de que sabe no que se está a meter? — confrontou-a, enfático, colocando um grande ponto de interrogação na pergunta.

— Não tenha medo — sossegou-o — que eu não vou ficar histérica com a primeira bomba, nem entrar em pânico. — E acrescentou com muita determinação: — Eu vou onde você for.

De modo que, no final da conversa, ele aceitou pagar-lhe a estada, a alimentação e as fotografias enquanto trabalhassem juntos. Embora tivesse recebido autorização de Lisboa para estabelecer um acordo permanente com Francisca, Afonso queria ver como as coisas corriam entre eles, antes de se sentir seguro para lhe oferecer algo mais do que um acordo pontual.

Apesar de ainda não terem estado sob pressão, e portanto Afonso não saber como é que Francisca reagiria perante uma situação de perigo, haviam passado muitas horas seguidas juntos. E foi uma oportunidade para se conhecerem melhor e avaliarem até que ponto apreciavam a companhia um do outro. Afonso reparou que Francisca dava uma atenção inesperada aos pormenores mundanos que a ele lhe escapavam por entre a normalidade de uma rua qualquer, mas que a ela lhe surgiam como pequenas pérolas do quotidiano, dignas de registar com uma das suas máquinas sempre prontas a disparar. Tudo despertava o interesse do olho clínico de Francisca que, com

uma rajada de cliques precisos, extraía significativos instantes à paisagem popular de Jerusalém: Um velho comerciante árabe, com o *kaffyeh* quadriculado na cabeça, sentado num banquinho a fumar um cigarro enrolado, à entrada do seu estabelecimento, cujos artigos típicos — panos, cestos, sacos e mochilas — surgiam desde o interior, pendurados em redor da porta, encimada com a tabuleta onde se lia o nome *Orient Bazaar*; dois miúdos palestinos a jogar à bola debaixo de um arco numa rua estreita e carregada de história, entre o casario milenar; soldados israelitas em patrulha; judeus envergando fatos de um negro carregado, com longas suíças a soçobragem debaixo de um chapéu preto, a rezarem frente ao Muro das Lamentações.

Enquanto esperavam que a guerra alastrasse a Israel, voltaram à Cidade Velha e às zonas palestinas e voltaram a ser impedidos de entrar nos territórios mais quentes. Tomaram um chá na Jaffa Road, para retemperar as forças, num café, sentados, ao lado de três jovens raparigas fardadas de verde-azeitona, que tagarelavam à volta de uma mesa, com as suas armas *Galil* à mão.

E nesse tempo todo, lado a lado, no carro ou a pé, Francisca revelou-se uma alma prestimosa, encantadora e aberta às orientações que ele lhe ia dando, conforme os momentos mais ou menos delicados que se lhes deparavam. Afonso percebeu que Francisca aceitava naturalmente a sua posição de repórter novata e não se melindrava por ele assumir o papel de mentor, apesar da sua larga experiência de fotógrafa. Pelo contrário, Francisca escutava todas as dicas e assimilava-as com interesse, certa de que lhe poderiam ser decisivas para se safar de apuros um dia mais tarde. Ela era inteligente e aprendia depressa. Afonso viu-a a lidar com as pessoas anónimas que fotografava, dirigindo-lhes um sorriso simpático, como que a pedir autorização para lhes roubar um pouco da intimidade antes de lhes apontar a câmara. Francisca parecia ter um jeito natural para se misturar com a paisagem e extrair dela todas as imagens que quisesse sem dar nas vistas ou criar atritos. Ao longo da jornada, ele começou a acreditar que encontrara uma repórter nata, capaz de agir depressa, testemunhar os momentos e capturá-los sem perturbar o ambiente. Era silenciosa e movia-se com uma discrição admirável.

Em contrapartida, quando descontraída numa esplanada, Francisca falava abertamente de todos os assuntos que iam surgindo ao sabor da conversa, dos cigarros acesos e dos *baldes* de café fraco — o *american coffee* — servido em chávenas grandes e que parecia uma água suja e sem grande sabor. Falaram da vida em Lisboa, das suas experiências profissionais — ele das reportagens que fizera; ela das festas e casamentos que já deitava pelos olhos —, das aspirações futuras, trocaram opiniões políticas, analisaram exaustivamente a situação no Médio Oriente e nunca lhes faltou assunto de manhã à noite.

Ao fim da tarde regressaram ao hotel. Francisca subiu directamente para o seu quarto, enquanto Afonso se dirigiu para a sala de imprensa e se sentou a escrever uma peça para a edição do dia seguinte. No quarto, Francisca foi

buscar o candeeiro da mesinha-de-cabeceira, levou-o para a casa de banho, fechou a porta, ligou-o à tomada do secador e desligou o resto das luzes. Cobriu a lâmpada com papel de celofane vermelho e assim criou a sua própria câmara escura. Depois dedicou-se a revelar as fotografias tiradas ao longo do dia. Não tinha a intenção de impressionar Afonso, mas queria muito mostrar-lhe que era uma fotógrafa competente. E, por sorte, ele também não entendeu que ela se estivesse a pôr em bicos dos pés, antes pelo contrário, ficou encantado com os retratos e, assim que pôde, enviou alguns para Lisboa. Mais tarde, após regressar a Portugal, Francisca descobriu que o seu velhinho, sentado à porta da loja *Orient Bazaar*, fora a sua primeira fotografia publicada num jornal.

O terceiro dia foi muito igual ao segundo, e o quarto tê-lo-ia sido também se Israel não tivesse sofrido o ataque, resolvendo-se assim de uma vez por todas o suspense de um povo inteiro, sufocado na dúvida da ameaça por concretizar.

Chegaram ao local do impacto com relativa facilidade, bastando-lhes perseguir o incêndio ao longe, até darem com um prédio de habitação em escombros nos arredores de Telavive. Estacionaram o carro o mais próximo que lhes foi permitido e foram a pé até ao cenário da tragédia. Um *Scud* solitário caíra do céu, irrompera a direito pelo telhado do edifício e só parara no rés-do-chão, demolindo-o com uma explosão arrasadora. Os *Scud* tinham feito as suas primeiras vítimas em Israel.

O aparato policial era impressionante. Afonso deixou de ver Francisca assim que se embrenharam no caos das forças de segurança e dos meios de socorro. Perdeu-a de vista entre os carros de bombeiros e as ambulâncias. Havia gente a correr de um lado para o outro, gritos de urgência, mangueiras de água estendidas no chão e destroços espalhados em redor. Respirava-se mal na atmosfera de fumo e pó de cimento que se colava à roupa, à pele, ao cabelo e à memória de todos os que por ali andavam, tentando orientar-se na confusão daquela noite sangrenta. As luzes de emergência dos carros de socorro e da polícia iluminavam a cena com uma tonalidade de azul intermitente. Civis desesperados, vizinhos, familiares e amigos expressavam a sua impotência com um histerismo descontrolado, criando um ambiente de tumulto, e eram acudidos pelos paramédicos, que transportavam muitos deles para o hospital.

Nessa noite Francisca entregou-se a fundo, na ânsia de captar todos os aspectos da notícia. Foi em frente, indiferente aos agentes que lhe gritaram para se afastar, que a empurraram e que chegaram a pôr a mão em frente da câmara. Esquivou-se de todos e chegou tão perto dos escombros que correu o risco de ser atingida por alguma derrocada súbita. Fotografou os bombeiros atarefados nos trabalhos de rescaldo e, quando se deu por satisfeita, foi à procura de Afonso.

Ele estava sentado na beira do passeio, afastado de tudo, a fumar um cigarro e a ordenar as ideias para a notícia que iria escrever dali a poucas

horas. Viu Francisca surgir por entre uma derradeira coluna de fumo e essa foi uma imagem que nunca mais lhe sairia da cabeça. Ela parou um instante para acender um cigarro. Aspirou o fumo e expulsou-o para o ar carregado. Os olhos deles encontraram-se ao longe. Parecia satisfeita com o trabalho. Afonso viu-a sorrir para ele, uma fracção de segundo antes de uma enorme parede do edifício se abater atrás de Francisca e de ela ser engolida por uma gigantesca nuvem de pó e detritos. Em pânico, Afonso pôs-se de pé num pulo e correu para o lugar onde acabara de ver Francisca desaparecer debaixo da avalanche de pedras. Correu como nunca tinha corrido, sem tempo para medir a dimensão do desastre, mas temendo o pior. Correu dominado por uma aflição que nunca havia sentido. Reagiu automaticamente, sem pensar em tomar precauções quando mergulhou na nuvem de pó mortífera, gritando o nome dela.

Entre Agosto de 1990 — quando Saddam Hussein ordenou a invasão do Kuwait — e Janeiro de 1991 — o início da libertação daquele país — o presidente iraquiano esteve sujeito a uma terrível pressão diplomática internacional. Durante esse período, Saddam viu-se praticamente isolado do resto do mundo, já que, daquela vez, até os líderes árabes lhe voltaram as costas. Estados como os Emiratos Árabes Unidos, receosos de que os seus poços de petróleo fossem os próximos na agenda pessoal de Saddam, pediram a protecção dos Estados Unidos. Um caso particularmente sensível foi o da Arábia Saudita. Pouco depois da invasão, um avião do governo norte-americano aterrou em Jeddah com uma equipa de altos responsáveis do executivo, chefiada pelo então Secretário da Defesa, Dick Cheney. A sua missão era convencer o rei saudita a permitir a entrada das tropas americanas no reino. A reunião com o rei e os príncipes decorreu nessa mesma noite num espaçoso salão de audiências, numa mesa em forma de U, presidida pelo soberano. A pretensão americana estava longe de ter o acolhimento unânime do lado saudita. Muitos dos príncipes recebiam que, uma vez instalados no reino, os militares americanos nunca mais saíssem. A reunião no palácio do rei decorreu num clima de discussão acalorada. Enquanto Cheney, o seu subsecretário de Defesa, Paul Wolfowitz, o general Norman Schwarzkopf e os restantes membros da equipa permaneciam em silêncio, o outro lado da mesa explodiu num arrazoado bastante intenso.

Por sorte, enquanto a reunião decorria, o rei recebeu a notícia de uma escaramuça fronteiriça entre as suas tropas e a Guarda Republicana do Iraque. E este relatório acabou por ser decisivo para a palavra final do rei, que deu o seu consentimento ao envio urgente de tropas americanas.

Entre os sauditas descontentes com esta deliberação do soberano, estava o responsável por uma força guerrilheira de voluntários, *mujahidin*, que havia sido constituída para combater os russos no Afeganistão: Osama Bin Laden. Este último considerou a presença de tropas ocidentais na Arábia Saudita uma violação dos princípios do Corão. Bin Laden, que já disponibilizara a sua tropa de choque para proteger os poços de petróleo, sentiu-se traído pelo rei.

Por motivos bem menos devotos, um outro guerrilheiro histórico, Yasser Arafat, tomou a dramática decisão de visitar Saddam Hussein em plena crise diplomática, após a invasão do Kuwait, concedendo-lhe um simbólico abraço fraternal que escandalizou o mundo através da televisão. Caiu mal nas chancelarias ocidentais e nos governos árabes que desconfiavam das ambições iraquianas. Depois de pesar os prós e os contras, o líder da Organização de Libertação da Palestina foi contra os prudentes avisos dos seus conselheiros com um único argumento clarividente: «Ou perco os líderes que me apoiam, ou desiludo o homem da rua. E, de que me serve o amparo dos grandes, se não tiver o suporte do meu povo?»

A longo prazo, aquele abraço demasiado efusivo no palácio do *ladrão* de Bagdad haveria de custar muito caro a Yasser Arafat. Mas o velho terrorista

era um corredor de fundo e um sobrevivente, que haveria de morrer na cama e ser enterrado com a aura de homem santo, um dia mais tarde, num final de manhã em Ramallah. O seu caixão desceria dos céus, trazido de helicóptero, e atravessaria a muito custo um mar revolto de cabeças e braços aos milhares. Nesse dia, durante as exéquias, os palestinianos em peso, inconformados e profundamente abalados, juntaram-se no pátio da Muqata, o quartel-general onde Arafat vivera os derradeiros anos de vida, cercado pelos tanques israelitas. Numa inconcebível demonstração de carinho pelo líder morto, as pessoas atropelaram-se umas às outras, tomadas pelo desespero sôfrego de tocar no caixão, antes de este ser coberto com a terra sagrada de Jerusalém, trazida à última da hora para tornar a proibição israelita de se fazer o enterro de Arafat na cidade santa.

Mas isto foi em Novembro de 2004, depois da segunda Guerra do Golfo, da captura de Saddam pelos soldados americanos e durante o lodaçal em que se tornou a ocupação do Iraque. Quase uma década e meia antes, no decorrer da crise do Kuwait, Arafat compreendeu que a maioria da população palestiniana nos territórios árabes ocupados via Saddam com olhos de esperança. Afinal, Saddam era o único líder árabe que se punha em bicos dos pés e se atrevia a uma arrogância insensata contra o aliado incondicional do opressor israelita. Por isso, enquanto lá longe no seu exílio Arafat se preparava para uma longa travessia do deserto, na Faixa de Gaza e na Cisjordânia a população árabe saiu à rua, numa festa improvisada, logo a seguir à queda dos primeiros *Scud* em cima das cabeças dos israelitas.

Como reacção aos ataques com os *Scud*, as forças da coligação intensificaram os esforços para controlar o território iraquiano e empurrar o inimigo para longe da sua fronteira ocidental. O objectivo era criar uma zona segura, suficientemente vasta para retirar os mísseis do alcance de Israel. Para tanto, os americanos empenharam um quarto da sua força aérea nas missões de busca e destruição.

Uma inovação oferecida pela indústria militar *made in USA* e levada para Israel pelo exército americano, foram os mísseis antimísseis *Patriot*. Mas apesar da sua boa *performance*, os *Patriot* nem sempre conseguiam abater os *Scud* ainda em voo. E, nos casos em que estes se dirigiam por engano para os territórios ocupados, a falibilidade dos antimísseis *tendia* a aumentar. Os palestinianos teriam de sofrer pelo seu apoio a Saddam.

Afonso desistiu de escrever a notícia do ataque por não conseguir concentrar-se nos factos que se propunha passar para o computador. De qualquer forma, a tarefa deixara de ser urgente, por causa da hora. A edição do dia seguinte já havia sido fechada há muito, de modo que poderia perfeitamente escrever a peça de manhã, após uma noite de sono. Isto era, se conseguisse dormir. Francisca não lhe saía da cabeça. Estava há cerca de vinte minutos às voltas com o primeiro parágrafo. Já o escrevera de todas as formas e feitios e, de cada vez, carregara na tecla de apagar e deixara correr o cursor enquanto as linhas desapareciam no ecrã branco à sua frente. Depois voltava a escrevê-lo, mas era em Francisca e no medo de a perder que ele continuava a pensar.

Na aflição da derrocada, Afonso tinha corrido em auxílio dela e viu-se obrigado a procurá-la às cegas dentro do súbito nevoeiro poeirento que se instalara no local onde a parede se abatera com um rumor de vulcão. Foi descobri-la prostrada no solo, coberta da cabeça aos pés com o pó cinzento dos destroços do prédio.

— Francisca! — gritou. — Estás bem? Não te magoaste?

Ela não lhe respondeu. Tinha os olhos abertos e uma expressão vazia, de choque, e não foi capaz de falar. Afonso passou a mão por detrás da cabeça dela e puxou-a para si. Sentou-se no chão, colocou a sua própria perna por baixo dela e apoiou-lhe a cabeça no braço direito.

— Não me morras aqui, miúda, não me morras aqui... — repetiu, enquanto lhe limpava o pó que lhe cobria o rosto com a mão livre. Francisca começou a tossir e não conseguiu parar durante um longo minuto, como se tivesse engolido todo o maldito pó libertado pela derrocada. Quando sossegou a irritação na garganta e a angústia dos pulmões, deixou-se ficar inerte nos braços de Afonso. Ele puxou-a mais para si, abraçando-a com uma ternura inédita entre eles.

— Ajuda-me a levantar — pediu-lhe Francisca com uma voz sumida, antes de ser assaltada por novo ataque de tosse.

— Calma, calma... — recomendou-lhe Afonso, sem saber mais o que fazer para a apaziguar. — Isso já passa.

— Ajuda-me a levantar — insistiu Francisca, ainda aflita da garganta. Afonso ergueu-a sem grande esforço. Ajudou-a a sacudir o pó da roupa, tanto quanto possível.

— Pareces um fantasma — disse-lhe, com um sorriso para a animar, mas que na realidade foi mais uma manifestação de alívio por descobrir que Francisca ainda estava viva.

— Obrigadinha — refilou entredentes, descontente com a imagem do espectro usada para a descrever. — Onde está o meu saco? Merda, olha para o estado em que ficaram as máquinas.

— As máquinas que se lixem — replicou Afonso. — O importante é que tu estejas bem. Não partiste nada, pois não?

— Acho que não — respondeu Francisca. Olhou em redor, avaliando a armadilha que quase a matara, e voltou a preocupar-se com as máquinas. Limpou-as com o avesso da *T-shirt* e assoprou o pó que não conseguiu eliminar à primeira. Afonso, mais nervoso do que ela, continuou a passar-lhe a mão pelo cabelo, como se quisesse vê-la inteira e limpa como no início da noite. Francisca impediu-o de continuar.

— Não é preciso! — repeliu-o, com uma irritação súbita. — Não é preciso — repetiu, num tom mais sereno, arrependida por ter gritado com ele.

Regressaram a Jerusalém em silêncio. Afonso guiou concentrado na estrada e nos seus pensamentos. De vez em quando virava a cara para a direita e observava-a, algo inquieto com os seus próprios sentimentos. Francisca acabara por adormecer enquanto se afastavam dos arredores de Telavive e tomavam a estrada para Jerusalém. Agora, a sua expressão era pacífica. Tinha o rosto sujo e uma ferida superficial debaixo do olho direito, mas parecia-lhe bem. Afonso carregou no botão do isqueiro do *tablier* e tirou o maço de tabaco do bolso da camisa. Acendeu um cigarro e abriu um pouco o vidro para deixar circular o ar. Com os olhos postos na estrada, perguntou a si mesmo se teria sido boa ideia arrastar Francisca para aquela trapalhada. Mas depois reconsiderou. Ela é que assumira o risco de ir para o Médio Oriente sozinha e sem experiência. Contudo, o que o incomodava mais era saber que nunca, em tantos anos de reportagens perigosas, lhe acontecera nada de semelhante. No passado, os seus companheiros fotojornalistas haviam regressado todos a casa sem um único arranhão. E, para cúmulo, Afonso começava a admitir que nunca gostara tanto da companhia de alguém como da de Francisca. A vida de repórter de guerra seria venturosa e excitante, mas também podia ser demasiado solitária. No capítulo afectivo, estava longe de oferecer bases para uma relação estável e feliz. Quem vivia assim não criava raízes.

Afonso sabia por experiência que numa sociedade desagregada, com as condições de sustento reduzidas a níveis básicos de sobrevivência e sob permanente ameaça, viviam-se as emoções à flor de pele. Os homens partiam para a guerra e as mulheres soçobravam num quotidiano de angústia e insegurança. Restava-lhes a luta diária para manter a dignidade e o enorme sentido de solidariedade que as unia na adversidade. No caso de uma mulher jovem e desesperada por um bocadinho de afecto, a companhia de um jornalista estrangeiro, endinheirado e atencioso, podia criar uma agradável ilusão de normalidade no meio do caos. E uma mulher nestas condições agarrar-se-ia com unhas e dentes à última réstia de esperança que lhe fosse oferecida. Afonso sabia como era fácil um homem enredar-se numa relação intensa e deixar-se afundar no turbilhão das emoções urgentes que surgiam nos lugares inóspitos, onde as carências afectivas fragilizavam as pessoas ao ponto de se entregarem de alma e coração a um romance tão inesperado quanto ilusório. Já vira jornalistas em comissões de serviço nas zonas de guerra aproveitarem para viver romances tórridos e fugazes, enquanto as suas

próprias mulheres os esperavam em casa com o coração apertado. Embora não fosse o seu caso, pois não tinha nenhuma mulher à espera, Afonso nunca o fizera, porque no último momento sentia sempre um incontornável ataque de escrúpulos que o paralisava. Era simplesmente incapaz de criar falsas expectativas numa mulher que o encarasse com uns olhos brilhantes de esperança, vendo-o como o seu salvador providencial.

Afonso recostou-se na cadeira, pensativo, com os olhos postos no ecrã do computador em branco, hipnotizado. Acendeu mais um cigarro sem se dar conta e piscou os olhos para quebrar o encantamento. Reparou no telefone em cima da mesa e agarrou no auscultador lentamente, enquanto ponderava se devia ligar para o quarto de Francisca. Um reflexo instintivo levou-o a olhar em redor, como se estivesse a planear algo de condenável. A sala de imprensa estava vazia. Consultou o relógio. Faltava um quarto para a uma. Perguntou-se se Francisca já estaria a dormir. Por um lado, não a queria incomodar, por outro, inquietava-se com a possibilidade de ela precisar de companhia mas não se sentir à-vontade para lhe pedir que fosse ao seu quarto confortá-la.

No regresso de Telavive, Afonso separara-se dela no átrio do hotel.

— Queres que eu suba contigo? — indagou, preocupado com ela.

— Não — respondeu Francisca. — Tu tens de escrever a notícia.

— Isso pode esperar. Se precisas de mim, eu acompanho-te.

— Não, a sério, não te preocupes. Eu vou tomar um duche e meter-me na cama.

— De certeza?

— De certeza.

— Está bem — concedeu. — Mas se precisares de alguma coisa liga-me logo.

— Eu ligo, obrigada.

— Eu vou estar na sala de imprensa ou no meu quarto.

— Eu sei, mas não vai ser necessário, obrigada.

— Sabes os números? — perguntou-lhe ainda, pouco convencido.

— Sei — respondeu Francisca, num tom arrastado e meigo, apreciando a sua preocupação. — Não te preocupes, que eu sei tomar conta de mim. Vai lá despachar o artigo. Eu fico bem.

Mas Afonso não ficou descansado e não conseguiu escrever. Meia hora mais tarde, ainda estava a pensar nela, hesitante, sem se decidir a telefonar-lhe. Pousou o auscultador no telefone, levou o cigarro à boca, aspirou o fumo, inclinou a cabeça e soltou-o para o ar. *Que se lixe*, pensou. Esmagou o cigarro quase intacto no cinzeiro, levantou-se e saiu da sala de imprensa decidido.

Francisca tomou um duche demorado. O contacto da água quente com as feridas provocou-lhe uma sensação desagradável de ardor. Quando saiu da banheira observou-se ao espelho grande por cima do lavatório. Tinha várias nódoas negras e diversos arranhões, o mais sério dos quais no joelho direito. Cobriu-se com uma toalha e enxugou-se com cuidado. Sentia-se dorida, fruto talvez de ter retesado os músculos com uma força invulgar no momento do

perigo. Mas, pior do que as mazelas físicas, era a dor psicológica. Finalmente, na solidão do seu quarto, deu-se conta de que podia ter morrido naquela noite, e o choque da realidade a cair sobre ela sobrepôs-se à atitude prática que tomara conta de si após o incidente, quando se preocupou só com *a merda das máquinas cheias de pó, que porra, espero que não se tenham estragado*, ou com o aspecto da coisa, *estou feita estúpida aqui no chão, deixa-me levantar para o Afonso não começar a pensar que tem de tomar conta de mim*. E, ao chegarem ao hotel, a mesma ideia, *não lhe vou pedir para subir comigo para não achar que tem de andar comigo ao colo*.

Agora, porém, ao sentir o corpo todo dorido e ao ver a ferida no joelho e a outra a inchar debaixo do olho, sobressaltou-se com o pensamento alarmante de que *podias ter morrido, Francisca, foi por pouco, foi por pouco...* E a realidade atingiu-a como um murro no estômago e deixou-a profundamente abalada. Descobriu-se no meio do quarto, a tremer dos pés à cabeça, assustada, a cismar com uma data de *ses*. *Se um Scud atingir o hotel ou se os sacanas dos iraquianos usarem armas químicas e eu nem sequer tenho um fato protector como os outros jornalistas... Ainda morro aqui, neste país de merda, e não tenho ninguém para me ajudar*. Levou uma mão à testa a pensar que não queria ficar sozinha e *onde é que anda o Afonso? Aquele parvo não percebe que eu preciso dele, que quase morri e preciso de companhia, que merda, o homem só vem ao meu quarto com um convite formal, não toma a iniciativa?!* Nesse momento bateram à porta.

Juntaram-se de manhã ao pequeno-almoço. Afonso já lá estava, sentado à mesa com um prato à frente, ovos mexidos, salsichas, pão, manteiga e sumo de laranja. Recebeu-a com uma saudação jovial, para lhe medir a disposição.

— Bom dia, como está a menina hoje?

— A menina já teve melhores dias — respondeu Francisca, forçando um sorriso muito pouco entusiasmado. Tinha o olho direito quase fechado devido ao inchaço e o seu aspecto, de facto, não era dos melhores.

— Hum... — Afonso fez uma careta. — Dói muito? — apontou para a ferida no rosto.

— Um bocadinho — disse — nada de especial. Dói mais o orgulho ferido.

— Essa agora, porquê?! É a tua primeira ferida de guerra. A maioria dos jornalistas não se pode gabar de tanto. Não tens nada que te recriminar.

Francisca sorriu, satisfeita.

— Está bem, pronto. De qualquer modo, prometo que não volto a repetir a graça.

— Espero bem que não. Senta-te — indicou-lhe a cadeira do outro lado da mesa.

— Vou só ali, buscar qualquer coisa para comer — apontou para a mesa do *buffet* ao fundo da sala.

— Experimenta os ovos — sugeriu-lhe —, estão óptimos.

Afonso ficou a vê-la afastar-se e a recordar-se de todos os momentos no quarto dela, na noite anterior. «Huuuum...», emitiu um suspiro abafado, e depois abanou a cabeça, como que a repelir a recordação, censurando-se. *Estou a ficar parvo.*

Francisca sentiu-se agradecida por Afonso a ter recebido com tão boa disposição e nem sequer ter tocado no assunto da noite anterior. Mas, *infelizmente*, pensou, enquanto deitava uma colher de ovos mexidos no prato, *não me vale de nada. Tenho de lhe dizer qualquer coisa.*

O assunto da noite passada era algo que nenhum deles iria esquecer. E, pelo menos ela, não sabia se queria esquecer. Espreitou pelo canto do olho e observou Afonso, na mesa. Quando é que teria ficado tão *agarrada* a ele? Logo na primeira vez que o vira, supunha.

Dormira mal, incomodada com as dores musculares e com a nefasta ideia de que havia estragado uma relação que até aí não pudera ser melhor. *Merda, estava desorientada, ele tem de perceber isso. Apanhou-me desprevenida.*

Não era essa a intenção de Afonso quando lhe fora bater à porta. Francisca perguntou quem era e abriu-a sem pensar. Ele pediu desculpa ao ver que não estava vestida, coberta só com a toalha.

— Desculpa — disse. — Não te queria incomodar, mas — fez uma careta — não ia dormir descansado se não viesse saber se estavas bem.

— Não faz mal — precipitou-se Francisca, escancarando-lhe a porta, com medo que ele desse meia-volta e se fosse embora. — Entra. Eu já me visto.

Ele entrou e seguiu-a, mas ela não se foi vestir. Sentou-se aos pés da

cama, de braços cruzados e um olhar fixo e assustado. Tremia como se tivesse febre.

— O que é que tens, Francisca? — preocupou-se.

Ela encolheu os ombros.

— Não sei — disse, com uma voz sumida, quase a chorar. — Comecei a pensar no que aconteceu e... — e não conseguiu dizer mais nada.

Afonso sentou-se ao seu lado, passou o braço direito por cima dos ombros dela e envolveu-a pela frente com o esquerdo. Francisca escondeu a cara no peito dele e chorou.

Apertou-a com força, sentindo-a vulnerável, a soluçar. Sussurrou-lhe palavras consoladoras e acariciou-lhe o cabelo molhado e sedoso. Notou-lhe o cheiro inebriante do champô e do amaciador. Ficaram assim durante muito tempo, até ela se recompor e levantar a cabeça.

— Estás melhor?

— Estou — respondeu-lhe, com um sorriso envergonhado. — Desculpa.

Afonso segurou-lhe o rosto carinhosamente, com as duas mãos.

— Não tens de me pedir desculpa — disse.

— Não sei o que me deu. — Francisca fez uma expressão de fatalidade.

— Está tudo bem. — sorriu-lhe. Puxou-a para si e beijou-a na testa. Em seguida os olhos deles encontraram-se e Francisca não recuou quando os seus lábios procuraram os dela.

A língua dele na boca dela, sentiu-a quente e molhada. E então caíram num abismo de emoções. Francisca a pensar *não devo fazer isto, vou estragar tudo*, mas, ao mesmo tempo tão excitada, e Afonso que não parava. As mãos dele percorreram-lhe o corpo, depois de a empurrar gentilmente para trás e a amparar, deitando-a de costas na cama e, no instante seguinte, abriu-lhe a toalha que a cobria e ela percebeu que já lhe revelara todos os seus segredos. Francisca gemeu que não, não faças isso, é melhor não, mas a mão dele, quente e firme, envolveu-lhe os seios nus, primeiro um, depois o outro, e desceu por ali abaixo, imparável, até se afundar entre as suas coxas húmidas, e ela não foi capaz de sobreviver ao prazer que tomou conta de si. Afonso percorreu-lhe os seios com os lábios e a língua, provando a sua pele macia, ainda molhada com as gotinhas de água que a toalha não absorvera. Francisca enterrou as mãos no seu cabelo, ele levantou a cabeça e voltaram a beijar-se com uma paixão urgente.

Depois ele desembaraçou-se da roupa como pôde e Francisca admitiu para si própria que não lhe conseguiria resistir, que lhe queria sentir as mãos no corpo, a sua boca na dela, o seu rosto duro com a barba por fazer arranhando-lhe a pele suave. Ele, já sem roupa, em cima dela, envolveu-a num abraço forte, olhos nos olhos, bocas unidas, *é agora*, pensou Francisca, *és minha*, pensou Afonso, e penetrou-a numa invasão lenta, a deslizar para o mais profundo do seu íntimo, enquanto ela soltava um gemido feliz e lhe rodeava o corpo com as pernas e os braços, e o apertava para o sentir todo dentro de si mais o seu peso e a sua força a investir contra ela, provocando-lhe sucessivos

arrebatamentos de prazer numa vertigem sem travões, até não poderem sustentar mais a explosão de fluidos que lhes envolveu a alma num limbo de felicidade.

Ficaram abraçados durante muito tempo sem dizer uma palavra, enredados nos seus pensamentos, até Francisca encher o silêncio com uma sentença inesperada.

— Não adormeças aqui — pediu-lhe. — É melhor voltares para o teu quarto.

— É isso que tu queres? — perguntou Afonso, espantado.

Francisca acariciou-lhe o cabelo e falou-lhe com voz meiga para que ele não interpretasse as suas palavras como uma rejeição.

— É — disse. — É melhor assim. Amanhã falamos.

De volta à mesa, Francisca colocou o prato e um copo de leite no seu lugar, sentou-se em frente a Afonso e encarou-o com uns olhos penetrantes, que queriam dizer que lhe queria dizer algo importante mas não sabia por onde começar.

— Diz lá o que estás a pensar — começou Afonso, para a ajudar.

Ela deitou fora o ar todo do peito e os seus ombros abateram-se como se ele lhe tivesse tirado um peso de cima.

— Afonso... — hesitou, os olhos concentraram-se na mão direita a mexer no guardanapo. Depois encarou-o novamente e despejou o que tinha pensado dizer-lhe. — Ontem à noite eu estava fragilizada e...

Afonso interrompeu-a imediatamente com uma expressão de desagrado. Rolou os olhos nas órbitas, como quem diz, *não me vais dizer que eu me aproveitei de ti e te levei a fazer uma coisa que não querias fazer.*

— Espera — disse Francisca. — Não te estou a acusar de nada, nem sequer estou a dizer que não gostei ou que estou arrependida. Só que... eu acho que não devíamos tê-lo feito nesta altura.

— Por que não? Se ambos queríamos fazê-lo, qual é o problema?

— O problema é que nós estamos a trabalhar juntos e ainda vamos ficar aqui muito tempo e este não é o ambiente ideal para descobrirmos o que sentimos um pelo o outro. E, também... sabes como é, nós aqui vivemos tudo com muita intensidade e, se calhar, fazemos as coisas de uma maneira diferente do que faríamos se estivéssemos na nossa vidinha normal em Lisboa.

— Não estou preocupado com isso — declarou Afonso, com um encolher de ombros e uma expressão pouco impressionada com o problema que ela levantava.

— Não és tu — explicou Francisca —, sou eu. Eu tive uma desilusão há muito pouco tempo e não quero que isso me aconteça outra vez só porque não fiz as coisas como devia ter feito, compreendes?

Ele fez que sim com a cabeça, embora, na realidade, não pensasse que as palavras dela, ou mesmo as intenções, por muito sinceras que fossem, tivessem o poder de os impedir de fazer fosse o que fosse se, mais tarde, quisessem estar outra vez um com o outro. *As coisas são como são*, pensou, e

tu gostas de mim tanto como eu gosto de ti. De modo que não fez nada para a contrariar, seguro de que ela não se iria levantar daquela cadeira e fugir da sua vida para sempre.

— Eu acho — continuou Francisca — que não devíamos envolver-nos desta maneira enquanto estivermos em Israel. Afonso fechou os olhos, apaziguador, e voltou a abanar a cabeça em concordância.

— Tudo bem — concordou. — Não te preocupes mais com isso. Eu não vou forçar nada. Vamos só pensar no trabalho. Não te quero com a cabeça nas nuvens, preocupada com outras coisas. Caso contrário, não tiras uma única fotografia de jeito.

Francisca riu-se, compreendendo que ele estava a brincar, a aligeirar a conversa, para a sossegar. Embora, verdade fosse dita, tivesse preferido ouvir um protesto mais entusiasmado, uma declaração de amor, talvez, uma vontade assumida de não querer desistir dela por nada. Mas, claro, não comentou essa pequena desilusão.

— Isso é, se eu conseguir tirar alguma fotografia, com o olho neste estado — disse. — Ah, e outra coisa, a minha máquina pifou. Vais ter de me emprestar a tua.

— É mais fraquinha do que a dona — comentou Afonso, com algum orgulho na voz.

— É, parece que sim. — Francisca comeu uma garfada de ovos.

— Hum, estão bons.

— Agora — disse ele, mudando de assunto —, temos outro problema para resolver. Francisca levantou a cabeça.

— Temos?

— Temos.

— Qual é?

— Estás a ver aquela mesa ali ao fundo? — apontou para um grupo de cinco pessoas, que olhavam para eles e lhes acenaram em jeito de cumprimento.

— São jornalistas portugueses.

— São?

— Hum-hum, e já sabem todos do teu percalço de ontem à noite.

— E?...

— E querem entrevistar-te.

— O quê?! — espantou-se. — Nem pensar!

— És a primeira jornalista portuguesa ferida em combate, o que é que se há-de fazer? — comentou, resignado.

— Afonso, eu não fui ferida, tenho só uns arranhões.

— Pois, está bem, mas eles estão sem notícias e tu és uma história tão boa como outra qualquer.

— Esquece, não vou dar entrevista nenhuma. Se a minha família soubesse que eu me tinha magoado, ficava em pânico. Afonso fez cara de caso.

— O que foi agora? — perguntou ela, desconfiada.

— Adivinha qual foi a notícia de abertura das rádios esta manhã em Lisboa.

Francisca tapou com a mão a boca aberta num espanto genuíno. Afligiu-se com a aflição da família e assustou-se com a proporção que a notícia tomara enquanto ela dormia. Ainda pior, porque nem sequer era para ser notícia. Depois ocorreu-lhe que não havia maneira de eles terem sabido.

— Como é que eles souberam?

— Eh, não olhes para mim assim! — Ergueu as mãos em sinal de inocência. — Não fui eu que lhes disse.

— Sim, não estou a dizer que foste tu, mas como é que eles souberam?

— Não sei, mas num hotel com tantos jornalistas, não há nada que não se saiba. E, além disso, ontem à noite houve muitas testemunhas que te viram caída no chão.

— Afonso — disse, num tom alarmado —, a minha família deve estar assustadíssima!

— Mais uma razão para dares a entrevista. Assim, eles vêem-te e ficam a saber que estás bem.

— Eu vou mas é telefonar para Lisboa — decidiu Francisca. Atirou o guardanapo para a mesa, levantou-se e saiu da sala.

Mais tarde, Francisca acabou por concordar em dar uma entrevista rápida a todos ao mesmo tempo, mais com o objectivo de que a deixassem em paz, do que para sossegar a família, pois já fizera telefonemas suficientes para convencer pais e irmãos de que era a sua voz que ouviam e de que estava viva e tão bem-disposta que não podia ter sido gravemente ferida. Televisão, rádios, jornais e revistas quiseram escutar, registar e contar todos os pormenores da sua aventura. E, sem que Francisca se apercebesse do verdadeiro impacto da notícia, fizeram dela a heroína do momento. De tal modo que, ao fim do dia, quando voltaram ao hotel, Francisca tinha na recepção um recado para responder a um telefonema de Lisboa e, quando o fez, descobriu que era o gabinete do primeiro-ministro a perguntar se precisava do apoio do Estado. Atónita, ainda lhe faltava a surpresa de receber a visita do embaixador português em Telavive, que foi a Jerusalém de propósito, com a directiva do ministério dos Negócios Estrangeiros para se inteirar do estado de saúde dela.

— Porra, que é de mais — desabafou ao jantar, à frente de um Afonso perdido de riso. — E tu, ris-te.

— Não querias ser jornalista?

— Queria ser jornalista, não queria ser notícia.

— Às vezes, confundimo-nos.

— E eu ainda nem sequer sou jornalista. Pelo menos, não tenho carteira profissional.

— Mas já fazes parte da equipa.

Antes do jantar, Afonso obrigara-a a acompanhá-lo à sala de imprensa para escreverem a história toda — o incidente e as reacções — a quatro mãos. Francisca ensaiou um protesto, mas ele cortou a direito.

— Estás doida?! — exclamou. — Imagina o que diriam de nós, se ignorássemos a notícia de que toda a gente fala, ainda por cima tratando-se de uma jornalista da casa. O jornal ficava malvisto e nós éramos despedidos na hora.

O coração dela parou.

— Da casa? — repetiu, com os olhos a brilharem de excitação. — Tu disseste *uma jornalista da casa*?! Então, já não sou só uma *freelancer* contratada à tarefa?

Ele riu-se, vendo que ela engolira o anzol.

— Hum... não sei.

— Afonso! — gritou um protesto alegre. — Sacana, diz-me o que é que se passa. Eles querem contratar-me?

— Escreves a notícia comigo?

— Escrevo...

— Muito bem, então, a partir de agora, fazes parte dos quadros do jornal e és, oficialmente, a *nossa* enviada especial a Israel. Se quiseses, claro.

— O que é que achas?

— E, enquanto cá estivermos, eu sou o teu chefe.

— Sim, chefe.

— E vamos escrever a notícia.

— Sim, chefe.

Afonso escreveu furiosamente no computador durante uma hora, interrompendo aqui e ali para confirmar um ou outro pormenor com Francisca, ou para lhe pedir que descrevesse na primeira pessoa o incidente e os seus sentimentos sobre o sucedido. E só se deu por satisfeito quando achou a sua notícia bastante mais completa do que qualquer outra da concorrência.

— Não nos vão comer — murmurou entredentes, cheio de espírito combativo. E depois, para ela, sem tirar os olhos do computador: — Francisca, crava aí um fotógrafo para te tirar meia dúzia de fotografias, para enviarmos para Lisboa.

— Afonso...

— Anda lá, se for eu, vou ter o dobro do trabalho.

Ele tinha razão, Francisca demorou um minuto a localizar um fotógrafo espanhol no outro lado da sala de imprensa. Dali a pouco estava de volta e entregou o rolo a Afonso.

— Vês? — disse ele a brincar. — Não doeu nada.

Depois do jantar, ele convidou Francisca para o seu quarto, mas ela disse que não, «Afonso, o que é que combinámos esta manhã?» Ele sorriu-lhe, carregou no botão do elevador, as portas fecharam-se, encostou-a à parede e beijou-a. Francisca protestou entre beijos, um protesto frágil de quem não quer mas quer; a língua dele na boca dela, a mão dele entre as pernas dela, e outra vez aquela urgência de prazer, aquela fraqueza que lhe paralisava a vontade de lhe resistir, o diabo do homem que a punha naquele estado, pensou, resignada com a necessidade de o amar... não, de o querer, porque amar era outra coisa que logo se veria; e de ele a querer e por nenhum dos dois ser suficientemente forte ou racional para fazer tudo como deveria ser feito, o que quer que isso fosse, pois o que lhe parecia tão certo e claro de manhã dissolvía-se-lhe no espírito, cada vez menos racional e objectivo quanto mais a noite avançava cheia de tensão amorosa.

Saíram do elevador no andar dela, ainda a beijar-se, agarrados um ao outro e esquecidos de qualquer coisa que tivessem combinado e que os impedisse de serem felizes ali, agora, condicionados pela inevitabilidade das emoções inflamadas.

Fecharam a porta do quarto e não perderam tempo a acender as luzes ou a fazer algo mais do que entregar-se a uma luta alegre com as próprias roupas, ajudando-se a despirem-se atabalhoadamente, até caírem um em cima do outro, em cima da cama, presos na armadilha das camisas e das calças que lhes impediam os movimentos e mortos de riso com o ridículo da situação.

Amaram-se sem constrangimentos, Francisca a pensar que *não vale a pena estar com coisas, agora que o trouxe para a minha cama e que só o quero ter dentro de mim;* Afonso a pensar, *ainda bem que ela se deixou de*

coisas, agora já não volta atrás. Finalmente livres das roupas que os atrapalhavam, ficaram nus e prontos um para o outro. Afonso beijou-a como se a quisesse comer, Francisca agarrou-se a ele como se o quisesse prender; ele explorando-lhe o corpo com os lábios, a língua e as mãos, ela abandonando-se na deliciosa angústia de sentir o prazer em crescendo. E, quando não puderam mais e se tiveram, quando a satisfação os deixou descansar e Afonso deslizou para o lado e ficou deitado de costas, como ela, de mãos dadas e olhos abertos, a contemplarem a escuridão do quarto, foram surpreendidos pelo uivo repentino das sirenes lá fora, na rua.

— Um ataque! — disse Francisca, erguendo-se num sobressalto e ficando sentada na cama, a tremer do susto.

— Que merda — rosnou Afonso, mais calmo do que ela. — Vamos embora. Veste-te.

Com o perigo iraquiano num crescendo, a par da inquietação dos israelitas, o governo dos Estados Unidos sacou da cartola uma ajuda militar de última hora ao seu aliado judeu. Foi uma jogada estratégica da maior importância, na medida em que, o envio para Israel dos mísseis antimísseis *Patriot*, na época um dos últimos gritos da indústria militar norte-americana, teve a virtude de aplacar o nervosismo geral. De uma só cajadada, Washington ofereceu maior eficácia à defesa do território, conseguiu tranquilizar a população e serenou os ânimos do governo israelita.

Os *Patriot* foram *plantados* num vasto campo aberto nos arredores de Telavive. A sua localização era secreta e o acesso ao local altamente restrito. Os jornalistas, especialmente os repórteres fotográficos, não estavam de modo algum autorizados a chegar perto desta área reservada.

A relação do governo hebreu com a imprensa sempre fora muito *sui generis*. No caso da imprensa local, havia um acordo tácito em que as notícias sensíveis ficavam na gaveta sempre que o governo as considerava prejudiciais à segurança de Israel. Em contrapartida, o próprio governo liberava toda a informação quando entendia que a notícia deixava de ser um embaraço para as suas políticas. Mas naquele momento o país estava invadido por centenas de jornalistas internacionais, sequiosos de sangue e pouco dispostos a entrar em acordos viciosos com as autoridades. Enviados pelos principais órgãos de informação do planeta, armados com a melhor tecnologia de comunicação, experientes e empenhados numa guerra de concorrência mais fratricida do que a guerra propriamente dita, estes repórteres defendiam até ao limite do razoável o seu direito a exercer a liberdade de imprensa. E, como se borrifavam para a censura israelita — disfarçada de *preocupação com a segurança* —, o governo não teve o menor pejo em a oficializar, ao abrigo do estado de excepção que vigorava.

Um exército de funcionários públicos muito prestáveis e engalanados com um sorriso à prova de bala, foi nomeado para *acompanhar* a imprensa estrangeira. Embora não se tivesse chegado ao ponto de impor aos repórteres a companhia permanente dos funcionários, estes desdobravam-se em visitas de cortesia e em ofertas para facilitar o trabalho dos jornalistas. Quanto ao controlo das reportagens, fazia-se na fase final destas, pelo visionamento da matéria televisiva antes de ser enviada através da estação local, ou com o recurso a ameaças de expulsão do país, caso a informação publicada num jornal ou numa rádio não fosse do agrado oficial.

Como não havia notícia mais apetitosa do que a proibida, a *plantação* de *Patriot* suscitou imediatamente à imprensa estrangeira uma atracção generalizada. A sua localização, embora secreta, era tão flagrante que não foi possível escondê-la. As baterias de mísseis ocupavam um terreno razoavelmente grande e, quando disparados, os *Patriot* deixavam um rasto de fogo que se podia apreciar a milhas de distância.

Tal como muitos outros repórteres, Afonso e Francisca encheram o peito

de orgulho e partiram na pegada dos *Patriot*.

— Sempre quero ver quem é que nos impede de fotografar os mísseis — rosnou Afonso, indignado com as restrições impostas aos jornalistas.

Além do espectáculo do seu lançamento, os *Patriot* eram notícia por outros factores nada negligenciáveis. O mundo inteiro mantinha-se na expectativa de saber se os americanos continuariam a conseguir segurar a besta de guerra israelita, perante as provocações balísticas de Saddam; e os Estados Unidos, que mal tinham estreado este último recurso tecnológico da sua indústria de matar, viram-se obrigados a oferecê-lo de mão beijada a Israel. Por estes motivos, a *história* dos mísseis era um assunto noticiável com toda a actualidade.

Depois de descobrirem o campo de *Patriot*, Afonso e Francisca encheram-se de paciência e fizeram uma vigília de algumas horas, que se prolongou por dias, à espera que fossem disparados. Nas primeiras duas visitas não aconteceu nada, mas à terceira tiveram sorte. Houve um ataque com mísseis *Scud* e os *Patriot* foram lançados no seu encalço. Francisca estava a postos e fotografou o momento glorioso em que os foguetes iluminaram a noite, em lançamentos sucessivos, e desapareceram na escuridão impenetrável, como cães de fila, a acostrar os mísseis inimigos.

Francisca estava eufórica com o resultado obtido.

— As fotografias ficaram espectaculares — exultou —, tenho a certeza.

— Agora — comentou Afonso, enquanto guiava de regresso a Jerusalém — só temos de fingir os cabrões do ministério da Informação para as enviarmos para Lisboa.

A oportunidade acabou por surgir-lhes dois dias mais tarde, quando aproveitaram a partida de um jornalista português e lhe pediram que levasse o rolo de fotografias para Lisboa.

O instantâneo eleito entre as fotos enviadas fez uma primeira página gloriosa, e Afonso e Francisca receberam telefonemas eufóricos das chefias do jornal. O seu trabalho estava a ser muito apreciado em Lisboa. O problema foram as ondas de choque em Jerusalém.

No mesmo dia em que a fotografia foi publicada, Afonso e Francisca foram convocados de urgência pelo ministério da Informação israelita. Um funcionário do governo convidou-os a entrar num gabinete de trabalho e colocou um exemplar do jornal em cima da mesa.

— Fantástico — comentou Francisca, em português, esforçando-se por manter um tom neutro. Pegou no jornal, toda orgulhosa do seu trabalho, e teve de se dominar para não perguntar ao tipo carrancudo que o atirara para cima da mesa se podiam ficar com ele. Era a primeira vez que o viam. — Fantástico — repetiu, quase a levitar de alegria.

— Pois — concordou Afonso —, mas este senhor não deve estar muito satisfeito. A partir daí a conversa continuou em inglês.

— Esta fotografia — disse o funcionário — não podia ter sido publicada.

— Não? — reagiu Afonso, fazendo a expressão mais cândida do mundo.

— Não — confirmou o funcionário. — Como vocês sabem, o governo está a lidar com uma situação muito difícil. Está em curso uma agressão estrangeira que não foi provocada por Israel, mas à qual não podemos responder pelos motivos que são conhecidos. Ora, vocês foram informados de que, enquanto esta ameaça existir, a imprensa internacional deve respeitar as nossas regras. E uma das regras é que não podem publicar notícias que coloquem em causa a segurança do país.

— Sim — interrompeu Afonso —, e como é que esta fotografia põe em causa a segurança de Israel?

— Não lhe vou responder a essa pergunta — replicou o funcionário. — A questão é que as autoridades militares consideram os *Patriot* matéria *Top Secret*. Vocês sabiam isso e, mesmo assim, publicaram a fotografia.

— A questão — insistiu Afonso — é que a fotografia não revela nada que qualquer espião árabe de meia-tijela não pudesse descobrir e passar ao governo iraquiano.

O funcionário ergueu a mão num gesto de rejeição, que queria dizer que não estava interessado em debater argumentos com Afonso.

— Não, não, não... — repetiu, num tom que parecia mais de desilusão do que de desagrado. — Vocês não respeitaram as regras e traíram a nossa confiança.

— Eh! — saltou Francisca, endireitando-se na cadeira. — A vossa confiança?!

— Sim, a nossa confiança em que vocês não prejudicariam o nosso país com as vossas reportagens.

— A vossa confiança?! — continuou ela, indignada. — Mas quem é que vocês se julgam?! Nós somos jornalistas e não precisamos da vossa *orientação* para fazermos o *nosso* trabalho. — Sublinhou a palavra *orientação*, desenhando umas aspas com os dedos no ar. — Aliás, até dispensamos que nos digam o que devemos ou não dizer e fotografar. Isso é censura, muito pouco própria de um estado democrático. Israel é uma democracia, não é?

— É uma democracia que está a ser atacada — fez notar o funcionário. — Qualquer estado democrático impõe regras especiais em circunstâncias especiais.

— Muito bem — interrompeu Afonso, procurando amenizar a conversa —, nesse caso, até aonde vai a nossa liberdade de informar na actual conjuntura especial?

— A vossa liberdade *seria* total, dentro das regras que estão definidas e que vocês não cumpriram. E, como não cumpriram, o meu governo decidiu retirar-vos o visto de permanência em Israel.

— O quê?! — Afonso pôs-se de pé e começou a gritar com o homem. — Vocês não têm o direito de nos expulsar! Nós somos jornalistas, não podem tratar-nos como se fôssemos o inimigo!

— Têm vinte e quatro horas para saírem do país — acrescentou o

funcionário, imperturbável. — É uma ordem do governo e não tenho autoridade para fazer mais do que transmiti-la.

— Então, chame aqui alguém com mais autoridade — exigiu Afonso, inutilmente. A partir de agora, eram considerados *persona non grata* pelas autoridades israelitas e não havia nada a fazer.

Parece mentira que já tenham passado quatro anos, pensou Afonso, assombrado com a rapidez da vida. Estavam sentados na mesma mesa, do mesmo restaurante, do mesmo hotel de Jerusalém onde tinham jantado, só os dois, pela primeira vez.

— Lembras-te — perguntou Francisca, a pensar o mesmo que ele — do nosso primeiro jantar?

Afonso sorriu.

— Estava a pensar nisso — disse. — Foi há quatro anos.

— Pois foi. Não imaginas como eu estava nervosa.

— Ah, sim?

— Hum-hum...

Nunca mais tinham voltado a Jerusalém. Afonso lembrou-se da enorme ovação espontânea com que haviam sido contemplados no dia em entraram pela redacção do jornal, com o ar acabado de refugiados de guerra. O prazo de vinte e quatro horas para abandonarem Israel, imposto pelo governo, não lhes permitira fazer mais nenhuma reportagem, de modo que a célebre fotografia do míssil *Patriot* a catapultar-se na escuridão imprevisível daquela noite de fogo ficaria, para sempre, gravada na memória de todos os que trabalhavam no jornal como a derradeira grande cacha dessa guerra de fim de século.

— Hoje, arriscaste-te de mais — constatou Afonso. — A manifestação podia ter dado para o torto.

Francisca reconheceu-lhe aquele timbre de voz grave que, quando soava assim, era prenúncio de tempestade. Afonso estava aborrecido com ela.

— Não — procurou desvalorizar o assunto —, eu percebi que a polícia podia controlar a situação facilmente.

— Percebeste, percebeste...

— A sério — insistiu Francisca. — Foi mais barulho do que outra coisa. Afonso chegou-se para a frente na cadeira e debruçou-se sobre a mesa para sublinhar a gravidade do que lhe ia na alma.

— Francisca, aquilo *não* foi mais barulho do que outra coisa — apontou com a mão para trás, referindo-se à angústia de há duas horas — e tu tens de ter consciência de que agora não podes correr riscos desnecessários.

Ela percebeu perfeitamente ao que ele se referia.

— Tens razão, Afonso. Não te zangues. Eu prometo que não me vou arriscar mais. A partir de agora, só faço fotografias oficiais.

Ele não resistiu à forma engraçada como ela disse aquilo e deixou-se trair por um sorriso. Francisca aproveitou e, vendo que a nuvem negra do descontentamento já passara por cima dele, continuou em tom de brincadeira.

— Só fotos de família — disse, trocista. — Nada de cacetadas, nem de cabeças partidas, nem criancinhas a chorar ao colo de paizinhos a pingar sangue do nariz.

— Francisca... — protestou Afonso, perdido de riso. — Eu estou a falar a sério.

O que preocupava Afonso, como Francisca bem sabia, era que estavam prestes a chegar ao fim de uma luta de anos e ele não queria que deitassem tudo a perder por causa de uma boa fotografia.

Depois do regresso a Lisboa, na ressaca da guerra deixada a meio, eles tinham engrenado no quotidiano tranquilo da cidade, mais preocupados com o seu futuro do que com o epílogo da Tempestade no Deserto. Francisca descobriu de repente que tinha de resolver uma vida inteira, que deixara em suspenso antes de partir para o Médio Oriente, e preparar-se para a vida nova que trouxera de lá.

Ao saírem do aeroporto, Afonso teve uma atitude estranha, que chamou a atenção de Francisca e a sobressaltou com a impressão inesperada de que não conhecia aquele homem. Afonso atravessou as portas de vidro automáticas, deixou cair as malas no passeio, no fim da fila para os táxis, inspirou a plenos pulmões o ar limpo da manhã fria de Inverno e perguntou, sem a olhar de frente, para onde tencionava ir.

— Para casa, claro — respondeu Francisca, a pensar *que raio de pergunta é essa?* — Para onde é que haveria de ir?

— Hum? Não sei... — disse, titubeando qualquer coisa vaga, que ela não conseguiu entender.

— E tu, para onde vais? — acabou por lhe perguntar, para o disparate ser completo.

— Vou para o jornal.

— Para o jornal, directo?

— Sim, quero passar por lá.

— Para quê?

— Para falar com o director e ver se é preciso alguma coisa.

Alguma coisa?! Espantou-se. Mas que coisa é que poderia ser precisa de um repórter acabado de chegar de semanas seguidas de trabalho? Continuaram a avançar, devagarinho, empurrando as malas com as pernas à medida que se aproximavam dos táxis, e Francisca sempre a cismar naquilo. Mas este homem nunca descansa?

Entraram no táxi e o motorista virou-se para Afonso e perguntou para onde era.

— É para... — olhou para Francisca. — Onde é que tu moras?

— É para o jornal — decidiu-se ela. — Eu também vou ao jornal.

— Vens?

— Vou. Se tu vais, eu também vou.

— Francisca, não é preciso. Ninguém vai pensar nada de mal, se fores para casa.

— Sim, eu sei, mas também vou. Estou ansiosa por conhecer a redacção.

— Foi a justificação que lhe ocorreu. Mas, na realidade, ela estava era intrigada com a decisão dele, e preocupada por Afonso ainda não ter puxado o assunto que a deixara em suspenso durante a viagem inteira: iam ou não iam continuar juntos depois de chegarem a Lisboa?

Se Francisca pensou que iria ser uma visita rápida, enganou-se redondamente. Foi apresentada, uma por uma, a todas as pessoas da redacção, antes de seguirem para o gabinete do director. Era um tipo de boas maneiras e sorriso fácil. Nos seus cinquenta e tais, em mangas de camisa mas com gravata de seda, o cabelo a rarear e óculos leves, na ponta do nariz, que lhe davam o aspecto de avozinho benigno. Francisca gostou dele imediatamente. Falaram do trabalho em Israel, das trocas de mensagens com a embaixada em Lisboa, das pressões e de todo o processo que conduziu à expulsão deles e, quando deram por isso, era hora de almoço e Francisca viu-se sentada num restaurante a morrer de sono em cima do prato da sopa, enquanto Afonso e o director continuavam a conversar, como se fosse um dia qualquer.

Regressaram ao jornal e Afonso seguiu imparável pela tarde fora, distraído com as conversas cruzadas, aceitando o desafio do editor do Internacional para que escrevesse uma crónica sobre a guerra para a edição do dia seguinte, embrenhando-se no trabalho, já esquecido de que acabara de chegar de uma aventura terrivelmente cansativa.

Ao fim da tarde, encontraram-se a sós num canto da redacção, frente a frente, meio deitados nas cadeiras, ao lado da secretária onde Afonso estivera a escrever a sua crónica. Francisca contemplou-o com ternura e perguntou-lhe com uma voz rouca e meiga:

— Tu nunca te cansas?

Afonso encolheu os ombros e sorriu com uma expressão engraçada.

— Estás cansada?

Francisca suspirou.

— Estou estourada.

— Vamos embora?

— Vamos. Onde é que tu moras?

— Em lado nenhum.

— Ah, pois, diz lá...

— A sério, não tenho casa. Quando estou em Lisboa, fico num hotel.

— Estás a brincar! — disse, incrédula.

Ele abanou a cabeça.

— Não estou, não.

— Não tens um apartamento?

— *Nope...*

— Nem um quartinho, pequenininho, alugado?

— Nem um quartinho.

— Estás louco?! Como é que podes não ter uma casa?

— É uma questão de hábito — disse. — Quando deixei a minha ex-mulher... companheira, namorada, o que lhe quiseses chamar, fui para um hotel, provisoriamente. Mas depois, como estava sempre a viajar, fui adiando a compra de casa.

— Tudo bem, e os teus pais?

— Os meus pais vivem em Braga.

— Hum... e como não tens irmãos...

— Pois...

— E amigos, tens?

— Francisca... — disse, como que a pedir-lhe uma trégua. — É claro que tenho amigos, mas não vou instalar-me em casa dos meus amigos, só porque não me dei ao trabalho de procurar uma casa, não achas?

— Acho — concordou, a pensar *então foi por isso que ele quis vir para o jornal, porque não tinha para onde ir.*

Na realidade, Afonso estava desejoso que Francisca o convidasse para casa dela, mas não lhe queria impor a sua presença. Uma coisa era dormirem juntos em Israel, outra muito diferente era viverem juntos em Lisboa. Se ela o convidasse para sua casa, isso, inevitavelmente, teria um significado permanente para as suas vidas. Mas se assumissem que se amavam e que queriam manter uma relação estável, caberia a Francisca a iniciativa de propor que fossem viver juntos. Pelo menos, era assim que Afonso via as coisas, pois não acreditava que ela tivesse coragem de o convidar para sua casa num dia e pedir-lhe para sair no dia seguinte. E Afonso não queria que ela se sentisse obrigada a aceitar um facto consumado. Preferia que as coisas acontecessem naturalmente, de mútuo acordo, sem forçar situações indesejadas.

Em contrapartida, Francisca não se decidia por não saber se lhe devia sugerir que dessem esse passo. Quer dizer, por alguma razão Afonso evitara o assunto *viverem juntos*, e nem sequer a colocara a par mais cedo daquele *pequeno* detalhe da vida dele que era não ter uma casa! Francisca sentia-se muito cansada e baralhada, e talvez não fosse a melhor altura para tomar uma decisão tão importante. Ela não percebia — porque Afonso não a esclarecera — que ele achava que a iniciativa para desatar o imbróglio estava nas suas mãos. O seu silêncio confundiu-a. Até ao momento, ele não se revelara propriamente uma pessoa tímida, portanto, pensou, *se ele evita o assunto é porque não quer comprometer-se*. O facto de Afonso viver num hotel, tanto podia indicar que apreciava a liberdade total e não gostava de se prender a nenhum lugar, como podia ser o reflexo de uma alma desenraizada e um pouco perdida.

O que a confundia mais era que, durante todo o tempo em que estiveram em Israel, Afonso tomara sempre as rédeas dos acontecimentos e decidira o que faziam e o que não faziam sem se preocupar em pedir-lhe a opinião. Francisca aceitara remeter-se a esse papel subalterno por considerá-lo natural, tendo em conta a experiência dele e o desconhecimento dela. Francisca não sabia, mas esse era o *habitat* natural de Afonso, onde ele se sentia à vontade. Era por isso que partia sempre que podia. Em Lisboa, Afonso costumava viver enfiado na redacção, pelo simples motivo de que não sabia o que fazer com o seu tempo livre. E ele não fora exactamente verdadeiro quando lhe dissera que tinha amigos. Não os tinha. Exceptuando os colegas de trabalho, Afonso não se dava com mais ninguém, não tinha vida social.

No final, o impasse acabou por se resolver por força do cansaço de

Francisca, que não foi capaz de continuar ali sentada a gerir silêncios e a interpretar meias palavras.

— Olha — sugeriu, com uma simplicidade desconcertante —, por que é que não vens dormir a minha casa esta noite e amanhã, depois de descansarmos, decidimos com calma o resto das nossas vidas?

Quatro anos mais tarde, Afonso e Francisca estavam de regresso ao ponto de partida, Jerusalém, e ele considerava que, durante esse tempo não teria sido possível ser mais feliz do que fora, e era.

A única mancha que lhes entristecia as tardes de domingo, demasiado compridas, continuava a ser a ausência de crianças em casa. O apartamento já não era aquele onde Afonso fora dormir uma noite e acabara por ficar um ano. Tinham-no vendido com a ideia romântica de o trocarem por uma casa maior e com jardim, onde os futuros filhos pudessem crescer ao ar livre. E agora viviam numa casa grande de mais só para os dois.

No seu íntimo, Afonso acreditava que devia a Francisca o milagre de ter feito dele um animal sociável, coisa que nunca fora antes de a conhecer. Afonso chegara muito novo de Braga e atirara-se com tantas ganas aos estudos e ao trabalho que, quando dera por si, tinha passado anos em Lisboa e nunca descobrira o segredo de fazer novos amigos e cultivar amizades.

Francisca era o oposto. Alfacinha de origem, para ela a capital não tinha mistérios. Francisca nascera numa família enorme, tradicional, da alta burguesia. Em breve, Afonso descobriu que ela era amiga ou conhecia todas as pessoas que valia a pena conhecer na alta sociedade lisboeta. E percebeu, com algum embaraço, que Francisca se movia nos meios mais sofisticados e exigentes do país com a mesma naturalidade com que se adaptava a qualquer ambiente onde, em princípio, uma educação exemplar era olhada de lado, incompreendida, ou mesmo motivo de chacota. Ao contrário de muita gente do seu meio, Francisca não era sobranceira e não via o resto do mundo do alto da sua educação elitista; limitava-se a conviver com todos sem renegar as origens, mas sem sentir necessidade de se valorizar pessoalmente através delas.

Profissionalmente, Francisca também, não se inibia com preconceitos sociais. Enquanto fotógrafa de eventos, ela conseguira dúzias de trabalhos devido às suas boas relações. Aproveitara-as todas. Agora, como repórter fotográfica, continuava a usar os seus contactos para penetrar nos salões do poder a que outros não tinham acesso.

Apesar das suas origens mais modestas, Afonso não se sentiu melindrado com a elevada posição social de Francisca. Depressa compreendeu as vantagens de estar perto das elites. Com o tempo, venceu a timidez e o desconforto que lhe provocavam alguns eventos sociais para onde ela o arrastava e, em muitas ocasiões, começou a aderir de boa vontade aos convites que lhes chegavam por causa dela.

Afonso e Francisca completavam-se de um modo admirável. Foram, desde o início, um casal perfeito, feliz, levando um quotidiano sem atritos. Quer na intimidade da vida privada, quer na parceria profissional que nunca abandonaram, as peças encaixavam-se todas na perfeição, e funcionavam com uma sintonia tão fina que lhes bastava um gesto ou uma palavra para se entenderem.

Às vezes, morriam a rir um com o outro a trocarem piropos amorosos e insuportavelmente pirosos, percorrendo em considerandos divertidos sobre a sorte de se terem encontrado, duas almas gêmeas, duas caras metades, entre milhões de hipóteses. Diziam que eram duas agulhas num palheiro. Francisca não tinha a menor dúvida de que descobrira o homem com quem desejava passar o resto da vida. E, tal como ele, começou a pensar em filhos muito pouco tempo depois de terem ido viver juntos.

Sem que ela suspeitasse, Afonso sonhava acordado com a alegria de conceber um rancho de crianças desde o dia do seu sexto aniversário. Lembrava-se, como se fosse hoje, de ter acordado muito cedo com a excitação de fazer anos e por ser um dia especial em que iria ter uma festa, receber presentes e ser o centro das atenções. Saltara da cama e correria para o quarto dos pais, decidido a reclamar o presente que esperava ansiosamente há mais de uma semana. Nunca mais se esquecera da mágoa que lhe causara descobrir a mãe sozinha, desfeita num pranto inconsolável, porque o pai não dormira em casa e não voltaria a dormir. A mãe continuara a chorar pelo dia fora e a festa acabou por ser adiada porque, na confusão da separação dos pais, ninguém se lembrou mais de que ele fazia anos. Nesse dia, Afonso sentira-se assaltado por uma solidão terrível que, em boa verdade, nunca mais o abandonou completamente até conhecer Francisca.

Apesar desse dia triste, Afonso tivera uma infância protegida e perfeitamente normal. Nunca lhe faltara a atenção dos pais, nem mesmo a seguir à separação. Contudo, o facto de ser filho único acentuara a sua alma solitária e, talvez por isso, costumava refugiar-se no seu cantinho e chegara a adulto sem ter um único amigo de quem pudesse dizer *é meu amigo desde sempre*.

Mas Afonso nunca se conformara com a fatalidade da solidão que arrastava desde a infância, e não havia um dia em que não promettesse a si próprio que teria uma família inconcebivelmente grande. Era um sonho a que se agarrava, apesar da contradição de continuar a fazer escolhas que o levavam no sentido contrário. Até Francisca entrar na vida dele e o orientar no caminho certo para as suas aspirações de sempre.

Para o resto da sua família, Francisca mantinha um certo estatuto de *enfant terrible*, que nunca chegara ao ponto de ruptura porque ela tinha a virtude de torner as intolerâncias de pais e irmãos com uma graciosidade e uma diplomacia desarmantes. Embora bastante independente e com tendência para escolher ocupações profissionais pouco compatíveis com as aspirações paternas, Francisca não deixava muito espaço para críticas porque normalmente, executava com brilhantismo e competência tudo aquilo em que se metia. Saía de casa dos pais com o propósito firme de governar a sua vida e nunca voltara às origens com uma mão à frente e outra atrás, não dando azo a comentários cáusticos que comesçassem por um humilhante *eu bem te avisei*.

O que mais incomodava a família era a sua quase indiferença pelas tradições mais enraizadas, bem como algumas violações de etiqueta que

raíavam o inconcebível. Era o caso do seu primeiro casamento, que não chegara a sê-lo, na medida em que Francisca se limitara a ir viver com *uma pessoa*, como dizia a mãe. Pessoa essa que, ainda por cima, não era da sua condição social. Agora, com Afonso, a história repetia-se. Mas desta vez havia algumas diferenças.

Ao contrário daquela primeira *uma pessoa*, que a família nunca engolira de bom grado — concedendo-lhe um tratamento frio, embora elegante e compatível com as regras da boa educação e civismo —, Afonso fora surpreendentemente bem recebido por todos. Claro está que Afonso era uma personalidade excepcionalmente reconhecida pelo seu trabalho de alto nível num dos principais jornais do país. E, sendo ele uma *pessoa conhecida*, ganhara o direito natural de ser bem recebido pela família dela. O sucesso era uma virtude premiada pelos pais de Francisca. Mesmo assim, diziam, seria mais adequado que se casassem na igreja, em vez de se limitarem a *juntar os trapinhos*.

Por uma vez, Francisca estava de acordo com os pais. A decisão de viverem sob o mesmo tecto devera-se, no início, a uma circunstância de urgência. Contudo, à medida que iam avançando na relação, Francisca ia aprofundando a ideia romântica de oficializarem o seu amor com um casamento a preceito, na igreja, coroado com uma festa memorável. Embora não fosse católico praticante, nem sequer se interessasse pelos assuntos religiosos, Afonso aceitou o desejo dela sem objecções. Só que a vida deles foi-se atropelando em reportagens sucessivas e, como passavam a maior parte do tempo em viagens, foram adiando o casamento indefinidamente.

A vontade desesperada de terem filhos acentuou-se durante uma reportagem traumatizante que fizeram no ano seguinte na Bósnia-Herzegovina. Afonso e Francisca sentiam-se frustrados com as tentativas falhadas para que ela engravidasse. Os meses passavam e Francisca afundava-se na angústia do receio não comprovado de que não podia ter filhos. Chegou a marcar uma consulta, a que não compareceu porque a data se encavalitou, inadvertidamente, no dia da partida para a Bósnia.

Afonso não costumava fazer muitos comentários sobre o assunto, inibido pela superstição tola de que, se o fizesse, poderia comprometer definitivamente os esforços deles para conceberem uma criança. Preferia acreditar que não se tratava de um problema físico irresolúvel, mas de um impedimento temporário, de ordem psicológica, provocado pela vida agitada que levavam, cheia de *stress* e sem hábitos rotineiros.

Tolhido pelo pavor de que Francisca lhe falhasse pela primeira vez, e logo como mulher, Afonso distraiu-se com o trabalho, preferindo passar olímpicamente por cima da perspectiva do drama que seria não chegar a ter filhos. Numa daquelas incapacidades masculinas para aceitar situações que pusessem em causa a sua virilidade dogmática, Afonso recusou-se, pura e simplesmente, a considerar que o problema pudesse estar nele e não em Francisca. *Era só o que faltava!*, foi o único e derradeiro pensamento que se

permitiu, quando, num fim de tarde triste na redacção, levantou subitamente a cabeça do teclado do computador, assaltado pela dúvida. Nunca pensara nessa possibilidade e nunca mais quis pensar. *Que disparate!* Encolheu os ombros, baixou a cabeça e continuou a escrever.

Afonso amava Francisca, tinha-lhe um carinho e nutria uma adoração por ela como nunca imaginara possível. Durante anos, saltitara entre relações inconsequentes e, só num único caso, se deixara encantar por uma mulher e fora viver com ela. Mas não se empenhara o suficiente para que a relação sobrevivesse às suas ausências crónicas no estrangeiro.

Por Francisca, Afonso até estaria disposto a aceitar menos trabalhos fora, não se desse a feliz coincidência de ela o acompanhar em todas as reportagens. Até nisso, Francisca era perfeita. Por todo o amor que lhe tinha, e por temer o efeito de uma desilusão, ainda que involuntária, Afonso não queria, de modo algum, ponderar a hipótese de que ela pudesse ser estéril. Não sabia como reagiria se um dia Francisca lhe colocasse à frente uma sentença irrevogável, escrita em papel timbrado com letra de médico. Receava qualquer coisa que pusesse em causa o seu amor por ela e, no fundo, tinha consciência de que não haveria nada tão destrutivo, capaz de o atirar para o abismo do ressentimento irreprimível e de minar aquela relação feliz, como a conclusão definitiva de que nunca poderiam ter filhos.

Numa das suas conversas curtas sobre o problema, Francisca aflorou a possibilidade de pensarem em adoptar uma criança. Foi a primeira e única vez que Afonso se zangou com ela e lhe levantou a voz.

— Nunca mais me fales numa coisa dessas! — disparou, furioso.

— Porquê, Afonso? É uma alternativa que devíamos considerar.

— Não, não e não! — gritou. — Nós vamos ter os *nossos* filhos e não vale a pena estar a perder tempo com disparates. Eu não vou aceitar uma derrota nunca, percebes? Nunca!

E saiu da sala, alterado pela fúria desabrida, deixando-a à beira das lágrimas e chocada com as suas palavras. O que queria ele dizer com *não aceitar nunca uma derrota*? Francisca encolheu-se no sofá e cruzou os braços, toda a tremer. Afonso seria capaz de a deixar se ela não conseguisse dar-lhe um filho?

Ele próprio não saberia adivinhar então o que faria num futuro incerto, se a sua maior ambição se esfumasse num desfecho infeliz. Nem sequer tivera a intenção de dizer que desertaria da vida dela, caso Francisca não concretizasse o milagre da procriação. O único motivo que o levava a dizer aquilo fora o medo de que ela estivesse a render-se à fatalidade que ele não queria aceitar.

Naquele ano de 1992 a Bósnia-Herzegovina tinha mergulhado numa espiral de violência que ultrapassava os limites da compreensão humana e consumia-se numa impressionante autofagia suicida. Na sequência da queda do muro de Berlim e do efeito dominó que este acontecimento teve nos regimes comunistas do Leste da Europa, a federação Jugoslávia tinha entrado em colapso e desagregava-se num processo tão irreversível quanto mortífero.

Depois da Eslovénia e da Croácia autoproclamarem a independência, a guerra instalou-se na Bósnia. O conflito entre as três comunidades da república — muçulmana, sérvia e croata — vinha-se agudizando ao longo dos últimos meses. A par de negociações impossíveis, o clima de atemorização e os incidentes generalizavam-se por todo o território, perspectivando a guerra civil. Por imposição da Comunidade Europeia, um referendo foi marcado para finais de Fevereiro. A Bósnia-Herzegovina era um caldeirão a ferver em lume brando e Bruxelas parecia não entender as consequências explosivas desta medida, porque fez depender o reconhecimento da independência do seu resultado. Os sérvios bósnios, sabendo-se em minoria, ignoraram o referendo. Não estavam na disposição de aceitar um veredicto previamente conhecido — por força do desequilíbrio populacional — nem tão pouco de se submeter a uma presidência muçulmana.

Na capital, Sarajevo, a tensão extravasou num primeiro banho de sangue durante uma festa de casamento, no próprio dia do referendo. Tinha sido uma jornada de nervos e já se respirava algum alívio quando a noite caiu sem que tivesse havido notícia de incidentes. Mas o clima de confronto pairava no ar pesado, só à espera de um rastilho para fazer rebentar a bomba da intolerância.

A velha igreja ortodoxa de Sarajevo ficava na Bascarsija, a parte antiga da cidade, vizinha da mesquita centenária e da catedral católica. Era uma zona de ruas estreitas, do pequeno comércio, do artesanato e dos cafés típicos. Ali perto, a histórica biblioteca erguia-se orgulhosamente frente ao rio Miljacka. O símbolo muçulmano mais precioso da capital haveria de ser pasto das chamas em breve, vítima da fúria destruidora sérvia.

Na igreja sérvia, o casamento acabara de ser consumado e os convidados saíram para a rua. Reunidos no exterior, alguns deles decidiram começar ali mesmo a festa, agitando a sua alegria com a exuberância despropositada de uma bandeira ortodoxa. Nesta zona da cidade de maioria muçulmana, a provocação foi levada a mal por alguns transeuntes que pararam incrédulos e reagiram à ofensa com insultos. O caso teria ficado por ali se, pouco depois, três assassinos armados não tivessem irrompido da multidão e, num instante de assombro, fuzilado a tiros de pistola a festa de casamento com um ódio de fogo que deixou o pai da noiva estendido no passeio, exangue, no estertor da morte. Foi quanto bastou para o tiroteio alastrar pela cidade, levantarem-se barricadas às portas dos bairros que a dividiam por etnias e o sangue correr noite dentro.

Os dias seguintes foram um crescendo de escaramuças étnicas por todo o território, enquanto os três partidos planeavam a guerra à margem das negociações de paz que decorriam sob mediação europeia. Em Sarajevo, algumas manifestações a favor da convivência interétnica acabaram por ser o último fôlego contra uma escalada de intimidações, ameaças e incidentes violentos pontuais, levada longe de mais.

A vontade da Alemanha e dos Estados Unidos, imposta nos corredores tortuosos da diplomacia internacional, acabou por prevalecer e a Comunidade Europeia reconheceu a independência da Bósnia-Herzegovina, assinando deste modo a sangue um papel que, na realidade, decretou a guerra civil.

Em finais de Abril, Sarajevo estava entregue nas mãos de grupos armados, milícias constituídas por criminosos de delito comum, que se aproveitavam do caos sob a capa de defensores da população muçulmana. A cidade estava a saque. Os últimos soldados regulares e disciplinados, do Exército Popular Jugoslavo, prepararam-se para deixar a capital. A retirada sérvia seguia-se a intensas negociações. Nos dias anteriores os quartéis, cercados pelos muçulmanos, tinham sido alvo de vários ataques de franco-atiradores, ao que aqueles responderam lançando granadas de obus para a cidade. E o ambiente ficou ainda mais pesado quando o presidente muçulmano, Alija Izetbegovic, capturado pelos militares sérvios ao regressar das últimas negociações em Lisboa, ficou detido num quartel em Sarajevo como moeda de troca.

Finalmente, chegou-se a um acordo. Os sérvios entregavam o presidente cativo e retiravam da cidade; em contrapartida, os muçulmanos garantiam um corredor de segurança para a coluna militar. Correu tudo como previsto e a coluna pôs-se em movimento a partir do quartel de Lukavica mas, quando se dirigia para fora da capital, caiu numa emboscada dos muçulmanos. Morreram dezenas de soldados. Na Bósnia ninguém honrava a palavra nem cumpria acordos.

A guerra generalizou-se.

Afonso e Francisca chegaram a Sarajevo, juntamente com outros jornalistas estrangeiros, a bordo de um avião *C-130* da Forpronu, a missão dos capacetes azuis das Nações Unidas para a Bósnia-Herzegovina. O aparelho efectuou uma descida estonteante em espiral sobre o aeroporto, endireitou-se como que por milagre a poucas centenas de metros do chão e bateu pesadamente com as rodas na pista. Era uma aproximação ao solo habitual, que se fazia com o intuito de iludir o inimigo, evitando sobrevoar território hostil a baixa altitude. Para os jornalistas, sentados em desconfortáveis bancos laterais de lona, encostados à fuselagem e atordoados com o trovão dos quatro motores ensurdecedores que ecoavam no interior do aparelho sem isolamento sonoro, a travessia do mar Adriático desde a base de Ancona, em Itália, havia sido bastante desconfortável. Mas nada fazia prever que a viagem teria um fim ainda pior, com esta assustadora manobra de feira popular. Brancos como a cal, ainda atordoados com a provação acrobática, receberam o aviso solene para que comesçassem a correr, mal saíssem do avião, e só parassem dentro do

edifício do aeroporto.

— Lá fora, há *snipers* em actividade — disse-lhes um militar bem-disposto, antes de abrir a porta — e os sacanas não se importam nada de matar jornalistas.

Assim fizeram. Correram como puderam, atrapalhados com as mochilas às costas, deixando para trás o *C-130* com os motores a funcionar, com a grande porta hidráulica traseira já aberta e os pesados contentores de carga metálicos a deslizarem para fora do aparelho, em cima de calhas, com uma rapidez incrível.

Afonso disse a Francisca que seguisse à frente, interpondo-se entre ela e o descampado perigoso que havia nas suas costas, para lá da pista de aterragem. Se viesse de lá uma bala, apanhá-lo-ia em primeiro lugar. Felizmente, usavam coletes anti-bala e capacetes, conforme o regulamento da ONU, mas isso não era garantia de nada.

Tiveram a grata surpresa de serem recebidos por dois polícias portugueses, ao serviço das Nações Unidas, que supervisionavam as chegadas e tinham a coincidência feliz de partilharem o mesmo nome: António.

— Como está o ambiente por aqui? — perguntou Afonso, ansioso por recolher as primeiras informações úteis, que os ajudassem a sobreviver naquela terra sem lei.

— Perigoso — respondeu um dos Antónios. Estava ali há tempo suficiente para ter visto coisas inimagináveis.

— É difícil chegar à cidade?

— Têm de atravessar a linha da frente, mas podem pedir boleia a um dos APC franceses. O difícil é manterem-se vivos *na* cidade — comentou o circunspecto polícia. — Tem havido jornalistas que chegam aqui a gabar-se que são muito batidos na guerra e, menos de uma hora depois, já estão de volta, evacuados com uma bala no lombo.

O bairro de Dobrinja ficava junto ao aeroporto. Visto através das janelinhas estreitas do veículo blindado, o cenário do casario destruído pelos bombardeamentos e das amálgamas de carros retorcidos e calcinados no meio da via tinha um aspecto surrealista e inquietante até para o mais experimentado dos jornalistas. Aqui e ali viam-se alguns focos de incêndios e ouviam-se tiros esporádicos. Era um bairro onde se combatia casa a casa. Não se vislumbrava uma pessoa, embora as houvesse, escondidas entre os escombros do que em tempos havia sido uma área residencial pacífica e agradável.

Ultrapassada sem problemas a zona fantasma, foram deixados pelos franceses mais à frente, junto ao portão do PTT. O antigo posto de correios de Sarajevo era agora a base dos capacetes azuis na capital. Afonso e Francisca apressaram-se a procurar a protecção dos sacos de areia que cobriam a casa da guarda e o portão. Pediram para entrar, mas o sentinela de plantão, inflexível, surpreendeu-os com a ordem seca para que aguardassem no exterior, vulneráveis à mira de qualquer *sniper*. E de nada valeu os protestos de ambos

de que estava a expô-los desnecessariamente a um perigo de morte.

Tiveram de esperar ali os quinze minutos mais longos das suas vidas. Não demorariam muito a perceber que os capacetes azuis da Forpronu não só não se interessavam pela segurança dos jornalistas, como lhes fechavam as portas nas piores alturas. Aparentemente, as ordens que recebiam era para não os *apaparicar*. Ou seja, uma vez que os jornalistas não pertenciam à Forpronu, estavam no teatro de guerra por sua conta e risco. E ponto final.

Felizmente, havia alguns civis bósnios a trabalhar nos escritórios da base. Depois de autorizados a entrar, foram recebidos por uma mulher de modos despachados, sentada a uma secretária, que não demorou muito tempo a estabelecer um contacto telefónico com Sarajevo e, deste modo, a conseguir-lhes um guia com carro, disposto a conduzi-los com a segurança possível até ao hotel.

O problema era que havia um posto de controlo muçulmano a cerca de duzentos metros de distância do PTT e o carro que os vinha buscar não passava dali.

— Vão, que ele espera-vos lá — disse-lhes a mulher despachada, à laia de instrução final.

— Temos de ir a pé até lá? — perguntou Afonso, preocupado com a perspectiva de atravessar um imenso descampado, sob a mira dos *snipers*. — Não é perigoso?

— *Nema problema* — resmungou ela em servo-croata, enxotando-os com um gesto de mão, já concentrada nos seus papéis. — Vai correr tudo bem.

Chegados à porta de armas, passaram pelo túnel de sacos de areia que protegia o posto e sentiram de novo o desconforto de estar em campo aberto.

Afonso olhou para Francisca e encolheu os ombros.

— Se ela diz que vai correr tudo bem...

— Ela lá sabe.

— *Nema problema* — imitou-a.

— *Nema problema* — repetiu Francisca, fazendo uma careta resignada.

Sarajevo ficava num vale, entre duas encostas. Para mal dos seus pecados, a população muçulmana vivia maioritariamente no centro, enquanto os sérvios se concentravam nos bairros periféricos. Contudo, em alguns casos esses bairros estendiam-se até ao vale — como era o caso de Grbavica, junto ao rio Miljacka — e a linha da frente também. Ali onde se encontravam, era uma zona relativamente afastada do alcance das espingardas de precisão sérvias. Mas nunca se sabia. E a angústia de estarem conscientes de que algures, num lado qualquer, podia haver um *sniper* a seguir os seus passos através de uma mira telescópica, não os deixou nada descansados.

Saíram do PTT, viraram à direita e continuaram em frente por uma estrada deserta, em direcção ao posto de controlo muçulmano. À sua esquerda havia todo o resto do vale e algumas habitações rurais, no início das colinas nevadas que rodeavam Sarajevo. Afonso e Francisca podiam ouvir o som das solas das suas próprias botas a baterem no asfalto a cada passo. À distância, a

crepitação regular do fogo automático, no alto das colinas, desmentia a imagem de sossego que a paisagem transmitia.

O mais inquietante era a insegurança que se sentia por não haver ninguém à vista num raio de quilómetros, tirando os soldados da Armija no posto de controlo e o carro que os aguardava. Ao vê-los no fundo da rua, Afonso não pôde deixar de pensar que, se eles não passavam daquele ponto, era porque não se sentiam à vontade para irem mais longe. Francisca pensou o mesmo.

— Afonso...

— Sim?

— Se aqueles tipos não vão mais longe — disse, sem se aperceber que sussurrava — é porque não deve ser muito seguro andar por aqui.

— Não — desdramatizou ele. — É só porque têm ali o posto de controlo. Provavelmente, a Forpronu estabeleceu um perímetro, a partir do qual não podem passar.

Francisca aceitou a versão de Afonso, enquanto ele rezava para que tivesse razão. Lá ao fundo, o condutor fez-lhes sinal para que se apressassem.

Estavam já muito perto do posto de controlo, quando o estoiro súbito de uma granada de obus levantou uma chuva de terra do solo, apenas a vinte metros dos soldados. Afonso e Francisca atiraram-se para o chão. Logo depois ergueram a cabeça e viram que os soldados debandavam à procura de abrigo. O guia não fugiu, *graças a Deus*, pensou Afonso. Abaixado ao lado do carro com a porta aberta, gritava-lhes frenético para que corressem. Um segundo obus caiu a cerca de quinze metros. Francisca, em estado de choque, distraiu-se com um bando de pássaros espantado que lhes saiu ao caminho, cruzando a estrada, a ganhar altitude e virando para ocidente numa manobra conjunta sincronizada. Em seguida sentiu que se erguia do chão, agarrada por um braço pela mão-de-ferro de Afonso e, quando deu por si, corria como louca, arrastada por ele em direcção ao posto de controlo.

— Rápido! Rápido! — gritou-lhes o guia, já sentado ao volante com o motor a trabalhar.

Afonso atirou Francisca para o banco traseiro e sentou-se ao lado do condutor. Os pneus rodaram em seco, provocando uma nuvem de fumo de borracha queimada. O *Lada* velhinho fez marcha atrás a toda a velocidade e ficou virado ao contrário numa derrapagem acrobática.

— *Dobro jutro*, bom dia, sou o Ahmed — disse o guia, com uma calma espantosa, enquanto provocava a guinada com um violento golpe de volante, fazendo o carro derrapar para trás e para o lado, num movimento único.

Uma terceira granada explodiu exactamente no local onde se encontrava o *Lada* há uns segundos atrás. O carro abanou com a onda de choque, mas já se impulsionava para a frente na máxima velocidade.

— *Nema problema*, uma porra! — reclamou Afonso, virando-se para o banco de trás. — Estás bem?

— Estou ótima — replicou Francisca, num tom ríspido, sentindo-se uma pilha de nervos, a lutar com o capacete, largo de mais, que lhe atrapalhava a

visão.

— Foi por pouco, *my friends*, hã?! — gritou Ahmed, sorridente.

— Foi por pouco! — *Este cabrão faz isto todos os dias!*, pensou Afonso, sentindo-se eufórico por não ter morrido.

Passaram em frente ao prédio da televisão de Sarajevo e continuaram, pedal a fundo, pela Avenida Marechal Tito, que seguia ao longo do rio Miljacka e que, naqueles dias, mudara de nome para Sniper Road, devendo-se a insólita designação ao trágico número de civis abatidos pelos franco-atiradores desde o início do conflito. Ao longo do trajecto, dezenas de carcaças de autocarros, de eléctricos e de outras viaturas abandonadas de qualquer maneira à beira da estrada, prestavam uma homenagem dramática à guerra.

Uns quilómetros à frente, erguia-se o Holiday Inn, um moderno edifício amarelo berrante que albergava a imprensa internacional, e logo num dos locais mais perigosos de Sarajevo. O bairro sérvio de Grbavica, ou o que restava dele, ficava do outro lado do rio, a escassos metros de distância, e os *snipers* tinham o hábito mortífero de fazer tiro ao alvo contra o hotel e contra tudo o que se mexesse nas imediações. Os *snipers* muçulmanos respondiam na mesma moeda. Ao lado de Grbavica, estava o prédio do parlamento, bombardeado, destruído e abandonado, e, atravessando a Sniper Road, duas torres envidraçadas de escritórios com uns quarenta andares, que não chegariam ao fim da guerra com uma única janela intacta.

— Abaixem-se! — ordenou Ahmed. O *Lada* passou em frente ao Holiday Inn com uma velocidade estonteante e, no último momento, Ahmed pisou o pedal do travão e puxou a alavanca do travão de mão, levando o automóvel a girar sobre si próprio numa derrapagem impossível. Sentiram o crepitar das balas contra a chapa do *Lada*. Ahmed acelerou a fundo, fez uma curva apertada e apontou o carro para a rampa da garagem do hotel.

— Isto começa bem — comentou Francisca, atirando-se exausta para um dos sofás da recepção do Holiday Inn. Ali à volta só havia repórteres. O hotel havia sido tomado por eles, pois não havia mais nenhum a funcionar na cidade e a alternativa era alugar quartos em casas de particulares.

— Não admira que morram tantos jornalistas por estas bandas — desabafou Afonso.

Ahmed sentou-se num banco baixo estofado, com as pernas afastadas, os cotovelos em cima dos joelhos e os dedos entrelaçados. Sorriu-lhes, descontraído, como se não tivesse acontecido nada de especial no último quarto de hora. Afonso e Francisca olharam para ele espantados, e só então se deram conta de que ainda nem sequer se tinham apresentado e ele já lhes havia salvo a vida duas vezes.

Afonso estendeu-lhe a mão.

— Chamo-me Afonso — disse-lhe em inglês. Francisca fez o mesmo.

Ahmed não teria mais de vinte e três anos. Falava um inglês rudimentar, mas já mostrara que sabia desenrascar-se. Era um sobrevivente nato, perito em expedientes de urgência. Usava o cabelo curto e vestia roupa simples, umas calças de fazenda de má qualidade e um blusão quente de poliéster por cima de uma camisa branca de fibra.

— Vamos fazer deste tipo rico — disse Afonso em português.

— Ele bem merece — acrescentou Francisca.

A moeda forte da época na Bósnia era o *deutsch mark*, o que, por si só, dizia muito do poder que o gigante alemão tinha para influenciar os acontecimentos por aquelas bandas. Afonso prontificou-se a pagar a Ahmed o valor que ele lhe pediu, sem regatear, e ainda inventou a desculpa da gasolina para lhe reforçar a verba com mais alguns marcos. Os olhos do jovem brilharam. Nas semanas seguintes, não puseram um pé fora do hotel sem a companhia dele.

— Se o nosso Ahmed sobreviveu aos bombardeamentos e aos *snipers* até agora, é porque sabe por onde *não* se deve andar — comentou Afonso, satisfeito por já ter resolvido o problema do guia e do transporte.

O tiroteio amainou à hora de jantar. Afonso e Francisca decidiram que já lhes bastara as emoções da chegada e foram para o restaurante do hotel com a consciência tranquila de que haviam gasto duas das suas sete vidas no primeiro dia. Era disso que se tratava, em Sarajevo, onde se jogava ao gato e ao rato pelas ruas da cidade. Só que aqui era ao contrário e os jornalistas faziam de gatos, acoissados pelos franco-atiradores, sempre escondidos como ratos, algures nos escombros das casas de família de outrora.

Depois do jantar voltaram aos sofás da recepção, onde conheceram dois jornalistas portugueses que lhes deram uma ideia geral de como se deveriam movimentar em Sarajevo. Miguel pertencia a um jornal de Lisboa. O outro, que se apresentou pelo nome de guerra Quim Flash, fotojornalista *freelancer*, careca e muito alto, era um tipo simpático que chegara no início da guerra e já conhecia todos os segredos da cidade. Flash contou que costumava fazer parceria com um repórter espanhol, mas o amigo fora morto por uma bala silenciosa de um franco-atirador, quando acendia o seu derradeiro cigarro, parado numa distração fatal entre dois edifícios virados para o monte Igman. Anos mais tarde, haveria de acontecer o mesmo a estes dois repórteres de guerra, atacados e mortos sem piedade durante uma incursão de jipe pelas

matas incertas de Timor-Leste.

Só conseguiram alojamento na ala que dava para a Sniper Road. Os outros quartos, mais seguros, estavam todos ocupados. A janela encontrava-se entaipada, mas os buracos de bala na madeira frágil avisavam que não seria saudável passearem-se à vontade pelo quarto.

— Não acendam as luzes — avisou-os o empregado, triste, parecendo-lhes envergonhado por a guerra não lhe permitir oferecer-lhes um serviço adequado.

Deitaram-se abraçados numa cama estreita, que colocaram no canto mais resguardado do quarto. O colchão da segunda cama, puseram-no de pé, encostado à janela como reforço de segurança contra algum bombardeamento nocturno.

A sensação de que só se tinham um ao outro naquele inferno esquecido da terra assaltou-lhes o espírito e levou-os a fazer amor, talvez por que isso lhes transmitisse o reconfortante sentimento de continuarem vivos, sabendo que, enquanto permanecessem em Sarajevo, andariam sempre na corda bamba, entre a vida e a morte. Mas também porque aquele primeiro mergulho de cabeça para dentro do vulcão da guerra os deixara num tal estado de excitação que não conseguiram dormir logo, apesar do cansaço.

Procuraram-se às apalpadelas na escuridão total e beijaram-se sem conseguirem ver os olhos um do outro. Afonso rodou na cama, para cima de Francisca. Ela ergueu as pernas e cruzou-as nas costas dele, abraçando-o ao mesmo tempo, com força, ansiosa por sentir o calor do seu corpo. Tiveram-se devagar, saboreando cada momento, debaixo de uma camada dupla de cobertores, felizes por estarem juntos e gratos pelo calor que ofereciam um ao outro. Lá fora, as temperaturas tinham descido vários graus abaixo de zero e a janela mal vedada deixava passar um frio cortante que tornava o ambiente no quarto muito pouco aprazível.

Adormeceram por volta da meia-noite, embalados pelo som monótono das metralhadoras pesadas.

O dia amanheceu cinzento. Um denso nevoeiro desceu misericordiosamente sobre o vale e envolveu a cidade, oferecendo uma protecção natural contra os atiradores furtivos. Afonso e Francisca encontraram-se com Miguel e Quim Flash no restaurante às oito e meia. Ahmed esperou-os na recepção. Na noite anterior, tinham combinado sair os quatro. Afonso queria aproveitar a experiência de campo dos jornalistas portugueses e sugeriu-lhes que passassem o dia juntos, oferecendo-lhes em troca a possibilidade de se deslocarem no seu automóvel. «O nosso último carro era tão velho que parou de repente e tivemos de o abandonar», explicou Miguel. «Aqui não há peças de substituição e, mesmo que houvesse, duvido que aquela merda voltasse a funcionar sem um novo motor.»

Tomaram o pequeno-almoço a correr, pressionados por Flash.

— Vamos embora — insistiu — antes que o nevoeiro levante. Colocaram os capacetes e vestiram os coletes antibala. A saída do hotel foi bastante mais pacífica do que a entrada do dia anterior, até porque Ahmed não se aventurou pela *Sniper Road* e meteu pelas ruas secundárias da Nova Sarajevo.

A cidade estava despedaçada. Os estragos dos bombardeamentos intensivos e sistemáticos tinham provocado danos incalculáveis. Meses antes, no início do cerco, o exército rodeou a cidade com duzentos e sessenta tanques, cento e vinte morteiros e canhões. Não havia, praticamente, um único edifício que não tivesse sido atingido. Nos prédios altos, os últimos andares, mais expostos, tinham sido demolidos a tiro de canhão. Mas não só, pois havia edifícios inteiros com as varandas desfeitas, e as marcas negras do impacto dos projecteis cobriam-nos de alto a abaixo. Muitas famílias tinham perdido os seus lares, destruídos ou incendiados pelo fogo inimigo. A artilharia sérvia contemplava Sarajevo com indiscriminadas salvas de canhão, disparadas do cimo das colinas. Prédios de habitação, igrejas, hospitais, o palácio do governo, os correios e todas as infra-estruturas económicas da cidade haviam sido parcial ou totalmente riscadas do mapa. O agressor não distinguia os objectivos civis dos militares, nem tão pouco os combatentes dos inocentes.

Nessa época, a propaganda sérvia fazia os possíveis para assustar a opinião pública ocidental com o fantasma de um estado muçulmano às portas da Europa cristã. Contudo, Afonso e Francisca surpreenderam-se com o aspecto ocidentalizado e cosmopolita destes muçulmanos. Passear por Sarajevo era como percorrer uma qualquer cidade do resto da Europa. A arquitectura, o vestuário, a maneira de ser das pessoas, a cultura em geral, nada lembrava o *papão* do Oriente que os sérvios pretendiam impingir. Mas também era verdade que o governo de Sarajevo pedira ajuda à Arábia Saudita, que, por sua vez, havia recorrido aos guerrilheiros voluntários de Osama Bin Laden para lutarem em unidades estrangeiras ao lado da Armija muçulmana. E os agentes dos serviços secretos iranianos pululavam pelos gabinetes do ministério do Interior em Sarajevo.

A cidade fazia filas para tudo. O abastecimento de víveres dependia em grande medida da ajuda internacional. O ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, estabelecera uma ponte aérea para garantir a entrega de produtos de assistência humanitária, mas uma parte dos bens ficava a apodrecer no aeroporto, porque os sérvios não permitiam que fosse distribuída, enquanto outra parte ia direitinha para o mercado negro. Os verdadeiros necessitados ficavam com os restos, se tivessem sorte, e viam-se obrigados a ser criativos para conseguirem multiplicar cada ração de combate oferecida pelo ACNUR pelo maior número de refeições possível.

As pessoas deitavam-se cedo, porque não havia luz e o recolher obrigatório começava às vinte e duas horas. Mas qualquer hora do dia ou da noite era boa para aproveitar um abastecimento inesperado. Se vinha a água e a electricidade, iniciava-se uma corrida contra o tempo em todas as casas. Armazenava-se, cozinhava-se, lavava-se o chão, tomava-se banho... nem que fossem cinco da manhã! A água, o gás e a electricidade falhavam constantemente. A única coisa que não falhava eram as bombas que caíam todos os dias.

Por volta do meio-dia, o nevoeiro dissipava-se, o Sol brilhava num céu azul de uma visibilidade infinita e reflectia-se nas colinas brancas à volta de Sarajevo. A paisagem não podia ser mais bonita, custava a crer que houvesse uma guerra. Na cidade, a neve acumulada durante a noite derretia e ensopava os passeios. Muita dessa neve já tinha sido recolhida como reserva de água. Agora, a população aventurava-se pelas ruas, fazendo as suas voltas de sobrevivência. A fila para o pão, a fila para o leite, a fila para a água, a fila para qualquer coisa. Com muita paciência, as mulheres caminhavam com um filho pequeno pela mão e um saco de compras vazio na outra. Ao chegarem aos cruzamentos, davam uma corrida de medo, para não facilitar a vida aos *snipers*, retomando em seguida o passo normal.

Era um quotidiano terrível. As pessoas sentiam-se psicologicamente arrasadas. Viver em Sarajevo tornara-se uma prova de resistência para além do imaginável. As mulheres viam os seus maridos partirem para a linha da frente e ficavam sozinhas com os filhos numa cidade onde era mais fácil morrer de um tiro do que encontrar um quilo de batatas. Viviam em prédios picados pelos estilhaços, sem tinta e com os tijolos à vista. Tinham de suportar a eterna escuridão das janelas — desintegradas pelas detonações — tapadas com bocados de cartão das caixas da ajuda humanitária, ou com placas de madeira arrancadas aos sótãos ou, em último recurso, com pedaços de carpete fixadas com pregos. Plástico e cola passaram a ser produtos de luxo, só disponíveis no mercado negro, mas a preços inoportáveis.

Além de escuros, no Inverno, os apartamentos eram gelados. Não havia combustível, de modo que os aquecimentos não funcionavam. Em breve, as árvores começaram a desaparecer. E depois das árvores, a população começou a procurar lenha nos restos das habitações arruinadas pelas bombas, a arrancar as placas dos cemitérios e até a dismantelar portas e armários das suas

próprias casas. Tudo o que ardesse, servia.

Sempre preparadas para fugir a qualquer momento, as pessoas mantinham um saco ao pé da porta da rua com documentos, fotografias, dinheiro, jóias, passaportes, bolachas, alguns enlatados e um cobertor.

Os quatro jornalistas sentaram-se na esplanada de uma rua estreita na Bascarsija, a zona antiga da cidade e a mais típica, com as suas casas baixas de madeira escura, as lojas e as oficinas artesanais que davam a impressão de serem as mesmas há séculos. Tomaram um chá e comeram piza. Por sorte, a família de Ahmed era dona de uma pizaria e, como em todas as guerras, desde que houvesse dinheiro, não faltava o essencial.

— Este Ahmed, não pára de nos surpreender — estava Afonso a dizer, quando a primeira granada de obus caiu na rua de cima, com um estrondo que fez parar o coração a todos.

Ahmed foi o primeiro a saltar da cadeira.

— Vamos embora! — gritou, começando a correr rua acima. Os outros seguiram-no.

O carro estava no topo da rua, pois era uma via só para peões. Ahmed saltou para o volante e pôs o motor a funcionar enquanto os jornalistas entravam. Agora, as granadas caíam com intensidade, como se chovesse fogo. O barulho era aterrador. Cada granada que embatia nos prédios arrancava-lhes um bocado. Rolos de fumo negro saíam pelas janelas dos apartamentos em chamas.

O *Lada* entrou na rua de cima em marcha atrás e, por pouco, não chocou contra outro carro que lhe passou uma tangente, numa fuga desorientada em alta velocidade. Ahmed deu uma guinada no volante, engrenou a primeira e acelerou através de uma nuvem de poeira e estilhaços de pedra da fachada de um prédio, atingida por uma granada caída do céu. No lugar do pendura, Afonso viu as pessoas correrem em pânico, à procura de abrigo no interior dos prédios. Ahmed evitou no último momento uma mulher que se lhe atravessou à frente com o filho nos braços. Toque de travão, finta para a esquerda, segunda e prego a fundo. Francisca e Flash tiravam fotografias como podiam, debruçados nas janelas e disparando as máquinas, apesar dos ziguezagues violentos que Ahmed obrigava o *Lada* a fazer, levando-o aos limites, escorregando no piso molhado, à beira do descontrolo.

— Vamos para o hospital! — gritou Miguel, entalado entre os fotógrafos, no banco de trás.

Ahmed continuou a acelerar, ansioso por escapar daquela rua mortal, onde as granadas explodiam à sorte. Engrenou a terceira e o motor uivou com o esforço. A curva estava ali à frente. Reduziu para segunda, bloqueou as rodas com uma pisadela forte no travão, girou o volante para a direita e o *Lada* virou a esquina a derrapar. Ahmed voltou as rodas ao contrário para o equilibrar, mas ele não obedeceu. Durante um momento de silêncio expectante, suspenderam a respiração, enquanto o *Lada* escorregou de lado sem controlo, até bater com estrondo contra um carro estacionado na parte de fora da curva. Pendurada na janela, Francisca meteu-se para dentro um segundo antes de ficar esmagada entre os dois carros. Imperturbável, Ahmed meteu a primeira e puxou pelo motor. Os pneus patinaram em falso até se agarrarem ao asfalto e voltarem a ganhar aderência. O *Lada* saltou em frente, raspando a tinta no carro estacionado, chapa com chapa, e começou a subir a rua.

Dirigiram-se para a parte alta da cidade e cruzaram-se com as ambulâncias que vinham a descer com as sereias estridentes, à procura de vítimas. Uma vez no hospital, Ahmed foi directo para a porta das urgências e travou a fundo no pátio fronteiro. Saíram a correr. Ahmed viu-se obrigado a dar um encontrão de ombro na porta amolgada para conseguir abri-la. Francisca nem tentou e saiu pelo lado contrário.

Dali a pouco, começaram a chegar os feridos, trazidos de qualquer forma em carros civis, porque as ambulâncias não chegavam para tantos. De um momento para o outro, as urgências transformaram-se num cenário de terror, com gente estropiada espalhada pelos corredores, o sangue a correr livremente pelo chão, os feridos a gritarem de dor, os médicos a gritarem ordens, os enfermeiros a acudir aos casos piores em primeiro lugar, e os familiares em pânico a pedirem ajuda para os seus. O caos, o pânico e a desorientação eram tais que, por uma vez, Afonso e Miguel esqueceram a sua condição de jornalistas e seguiram o exemplo de Ahmed, que já mergulhara na confusão sangrenta para socorrer como pudesse aquela gente desamparada. Francisca e Flash, pelo contrário, fizeram o que lhes pareceu mais útil — e distanciaram-se da comoção através do visor das máquinas fotográficas e dedicaram-se a registar aquela carnificina absurda.

Havia gente com braços e pernas decepados, corpos esventrados, rostos espantados com o mal que lhes haviam feito; velhos, mulheres e crianças assustados, feridos injustamente. Podia ler-se nos seus semblantes chocados que pensavam ter chegado a sua hora...

Francisca aproximou-se de uma mulher que embalava uma criança ferida enquanto lhe murmurava com ternura uma cantilena infantil. Era uma menina. Não podia ter mais de sete, oito anos. Tinha olhos azuis, abertos e fixos, e o rosto, pálido, sem pinta de sangue. Francisca ergueu a máquina para lhe tirar uma fotografia, mas apercebeu-se de que havia algo de errado e voltou a baixá-la. Estendeu a mão, para tocar no rosto da menina, mas a mãe impediu-a, puxando a menina mais para si, num gesto defensivo. Então, o braço pequeno da miúda escorregou do colo da mãe, inerte, e Francisca compreendeu que a criança já não respirava. Aparentemente, a mulher, em estado de choque, não se apercebera — ou recusava-se a aceitar — que a filha estava morta.

À medida que o bombardeamento prosseguia, foram chegando mais feridos. Mas não tantos como no princípio, felizmente, porque entretanto, os que conseguiram escapar à surpresa inicial esconderam-se nas caves dos prédios e noutros abrigos de recurso, à espera que o dilúvio de bombas terminasse. Os médicos, incansáveis e controlados, continuaram a trabalhar com eficiência enquanto houve vítimas sem assistência, acudindo a todos com um profissionalismo desapaixonado notável. Fizeram milagres cirúrgicos de improviso, realizando operações impossíveis aos pacientes inanimados em cima das macas; retiraram estilhaços de corpos maltratados, coseram feridas horríveis, engessaram membros partidos e chegaram ao cúmulo de ressuscitar mortos que tinham ficado esquecidos no meio do caos.

Ao final da tarde, Francisca foi sentar-se a fumar nos degraus de uma porta secundária do edifício do hospital. Afonso juntou-se a ela. O ataque cessara. Ao longe, já só se ouviam as explosões esporádicas e as rajadas das armas automáticas da guerra que continuava, normalmente, algures nas trincheiras por detrás das colinas. A cidade dilacerada recuperara a calma que

lhe era devida e preparava-se para uma noite sofrida.

— Como estás? — perguntou Afonso.

Sem se voltar para ele, Francisca fixou os olhos marejados no horizonte, abanou a cabeça e ergueu a mão com o cigarro, num gesto de incredulidade.

— É incrível... — suspirou. Ia acrescentar qualquer coisa, mas a voz, emocionada, faltou-lhe.

— Eu sei — disse Afonso, passando um braço por cima dos ombros dela.

— Eu sei...

Só agora, horas depois, ao sentir a ressaca da adrenalina dissipada, é que Francisca começava a interiorizar a dimensão da tragédia que testemunhara e da qual, só por sorte, não fora igualmente vítima.

— Como é que eles conseguem? — questionou-se em voz alta, a recordar a menina morta nos braços da mãe que a embalava. — Como é que eles conseguem matar crianças?

Afonso levou o cigarro à boca e deixou o fumo invadir-lhe os pulmões, antes de o expulsar para a noite fria que caíra sobre Sarajevo.

— Não sei — respondeu, por fim. — Não consigo compreender.

Nenhum deles comentou o assunto mas, nesse momento, ambos pensaram no filho que tanto desejavam e que ainda não tinham conseguido ter.

Francisca acabara por tirar uma fotografia à menina dos olhos azuis espantados com a morte. O jornal publicou-a na primeira página com um título sem atenuantes: «Crime de guerra.»

Ela sabia que, por mais tempo que vivesse, nunca esqueceria essa imagem e, de facto, a sua memória fotográfica continuaria a invocá-la a despropósito em pesadelos aflitivos, muitos anos depois. Seria o sonho recorrente e ocasional de um anjinho pálido e ferido, com a cara da menina dos olhos azuis espantados com a morte, pedindo-lhe ajuda, sem que Francisca pudesse fazer nada por ela.

Mas Francisca levaria de Sarajevo mais uma recordação, mais um pesadelo, tão trágico quanto este, por causa de outra criança, um rapazinho pequeno, que a deixaria psicologicamente devastada, depois de quase morrer por ele.

Durante o cerco a Sarajevo, que se prolongou por três anos e meio insuportavelmente intermináveis, morreram quase duas mil crianças. Cada cruzamento era uma armadilha mortal para as pessoas anónimas, que corriam em campo aberto sob a mira dos atiradores furtivos. Para dificultar a vida aos assassinos sem alma, alguns cruzamentos foram cortados por barreiras que tapavam a visibilidade aos *snipers*. Contentores de carga marítima surgiram como por magia nas ruas daquela cidade entre as montanhas. Noutros locais, empilharam-se carcaças de carros para proteger os transeuntes assustados.

Mas estas barreiras providenciais não evitaram a morte de dez mil inocentes, trespassados pelas balas traiçoeiras e pelos bombardeamentos selvagens. Após alguns meses, esgotou-se o espaço nos cemitérios e os mortos tiveram de ser enterrados onde calhou. Foi assim que o campo de futebol de Kosevo foi transformado em cemitério e chegou ao fim da guerra repleto de milhares de campas. Antes disso, concluiu-se que os cemitérios podiam ser demasiado perigosos para os vivos, pois deu-se o caso de famílias inteiras serem abatidas pelos atiradores furtivos quando enterravam os seus mortos. Para se evitar mais massacres, os funerais passaram a realizar-se à noite.

Algumas zonas da capital, mais propícias ao tiro ao alvo sem regras, tornaram-se armadilhas certeiras para os velhos e as crianças, sem agilidade suficiente para correrem depressa à frente das balas; e para todos os outros que tinham a infelicidade de não conseguir iludir o olho clínico dos atiradores embrutecidos, que competiam entre si pelo maior número possível de mortos e chegavam ao ponto de apostar a dinheiro a vida dos civis.

Era uma ampla avenida nos subúrbios de Sarajevo. Cautelosa, Francisca encostou-se à parede de um prédio de esquina, chegou-se ao canto, deu uma espreitadela para a avenida e descobriu o cenário de uma cidade fantasma. Passeio largo, estrada com dois sentidos, outro passeio largo. Deste lado, o prédio com as montras partidas e vidros espalhados pelo chão. Até à beira do passeio, um conjunto de sólidos vasos de cimento com terra, de onde despontavam ervas daninhas. Do outro lado da rua, um edifício de três andares com um grande alpendre de madeira, encimado por uma placa com um nome comercial, aparentava ser uma empresa encerrada pela guerra. Ao fundo da avenida, dois blocos de prédios muito altos entre um conjunto de apartamentos mais baixo, muito ao género da velha arquitectura sem rosto da época da Guerra Fria.

Era uma paisagem sem vida, que dava arrepios. Algures, numa daquelas janelas, havia um *sniper* emboscado no seu ninho, a varrer a zona com uma mira telescópica, concentrado, procurando detectar o mais leve movimento na rua, à espera da sua presa.

Tinham ido àquele sítio específico por saberem que era uma área onde havia *snipers* activos. Ahmed ficara no carro, à distância de um quarteirão, preparado para uma fuga de emergência.

Francisca tirou duas fotos rápidas e recuou, para ceder o lugar a Flash. Afonso e Miguel aguardavam um pouco atrás, com as mãos nos bolsos e a bater os pés no passeio gelado. Fazia um frio terrível. Parecia que deitavam fumo da boca quando falavam, tão baixa que estava a temperatura do ar. Não se via viva alma e não se escutava um som humano.

Flash levantou a máquina fotográfica e observou a área através do visor. Ao longe, descobriu um homem a espreitar atrás de uma velha casa devoluta de dois andares, com o telhado arruinado. Fez o foco ao homem. Rodou a câmara para a esquerda, *percorrendo* o caminho que o tipo parecia tentado a fazer. «É uma longa travessia, meu amigo...» murmurou, como se o desconhecido o pudesse ouvir. De facto, o homem estava uns bons trezentos metros mais à frente, do mesmo lado do passeio, mas, enquadrado na teleobjectiva, parecia estar muito perto. Pousou o indicador levemente em cima do botão de disparo e aguardou, expectante, sem reparar que tinha suspenso a respiração, esquecido do frio e com uma gota de suor a descer-lhe pela testa. Viu o homem encostar-se à parede da casa, fazendo um compasso de espera — para ganhar coragem, talvez. «Não faça isso», ouviu-se dizer Flash. Falou em voz baixa, por instinto, como se pudesse denunciar a presença do homem. Respirou fundo e fechou os olhos durante um segundo, para dominar os nervos. Afastou a máquina da cara, limpou o suor da testa e do olho direito com a manga e voltou a colocar-se em posição. Ao fundo, o homem afastou-se da parede, esperou uns segundos até se decidir e depois começou a correr, atravessando a avenida o mais depressa que podia. Flash engoliu em seco. *O tipo é doido!*, pensou, a disparar a máquina em rajada, seguindo-lhe os passos, sempre à espera de ouvir um tiro que o deitasse abaixo. Mas o homem chegou ao outro lado da avenida sem incidentes, abrandou o passo quando se sentiu novamente escudado por um edifício e prosseguiu o seu caminho, até desaparecer do ângulo de visão da teleobjectiva. *Claro, tu atravessas esta avenida todos os dias, já lhe conheces as manhas*, pensou Flash, com um sorriso irónico nos lábios, aliviado com o desenlace da aventura. Rodou de costas contra a parede, colocando-se a salvo dos *snipers*, e suspirou.

— Que merda de vida esta — desabafou para os outros.

— O que foi? — perguntou Miguel.

— Um tipo — informou — a atravessar ali à frente. Estava a ver que era abatido.

— *Ganda* maluco — brincou Afonso.

— Deixa-me ver — pediu Francisca, e foi espreitar à esquina do prédio.

— Tem cuidado — avisou-a Flash.

— Vou só espreitar.

Uma mulher aproximou-se, cabisbaixa, com um filho pela mão. Vinha tão silenciosa, que só deram por ela quando chegou ao pé deles. Não teria mais de trinta anos. Vestia calças, um casaco comprido preto, um cachecol de riscas coloridas enrolado ao pescoço e sapatos de ténis. O menino, dos seus sete

anos, também vinha agasalhado com um casaco de Inverno, luvas e gorro.

— Onde é que esta vai? — estranhou Afonso, ao vê-la preparada para atravessar a avenida.

— Parece que vai atravessar — conjecturou Miguel. A mulher abeirou-se da esquina, impediu o filho de avançar mais, e espreitou a avenida por cima do ombro de Francisca.

Sentindo-a atrás, Francisca virou a cabeça e viu-a de relance, voltando-se novamente para a frente. Mas no segundo seguinte apercebeu-se do que ia acontecer e recuou alarmada.

— Ah, não! — disse, em português, ao ver a mãe e o filho a prepararem-se para uma corrida contra a morte. — Você não vai atravessar aqui, pois não? — perguntou-lhe em inglês. A mulher encolheu os ombros, resignada.

— Tem de ser — respondeu. — Tenho de ir para casa, daquele lado. — apontou.

— E não há outro caminho?

— Menos perigoso do que este? Não.

— Mas que merda! — disse Francisca, exasperada, regressando ao português. — O que vamos fazer? — perguntou, voltando-se para os companheiros.

— E o que podemos fazer? — objectou Afonso, num tom de fatalidade sem remédio.

— O que podemos fazer? — Francisca repetiu as palavras dele, no tom dele, indignada. — E isso é resposta?

— Francisca, ouve, a mulher acabou de dizer que não há outro caminho e que tem de voltar para casa.

— E se ela e o filho morrerem ali no meio? — apontou para o meio da avenida.

— Eles atravessam esta avenida todos os dias — intrometeu-se Flash.

— É verdade — concordou Miguel. — Mesmo que os ajudássemos hoje, amanhã eles voltariam a atravessar a avenida. E depois de amanhã, e depois, e depois...

— Mas isto é tão perigoso — lamuriou-se Francisca.

— Pois é — concordou Afonso —, mas nós não podemos fazer nada.

Enquanto os jornalistas discutiam o problema dela, a mulher murmurava algumas palavras de encorajamento ao filho, indiferente àquela conversa numa língua que não percebia. Reparando nisso, eles voltaram a sua atenção para ela e ficaram ali a observá-la a falar com o filho, impotentes e angustiados. Flash, que era o mais experiente de todos, agarrou na máquina e começou a tirar-lhes fotografias, voltando ao trabalho para não se torturar com a ânsia de querer controlar situações incontrolláveis. Flash já cobrira muitos conflitos e sabia bem os motivos que justificavam o princípio do não envolvimento dos jornalistas. Também sabia que, por vezes, era impossível a um jornalista passar ao lado do sofrimento humano como se não estivesse lá. Havia situações que, pela sua natureza brutal, levavam o jornalista a intervir,

dentro das suas possibilidades, mas não era o caso, pois não estava nas mãos dele assegurar que aquela mãe e aquele filho não acabassem mortos num cruzamento qualquer.

De modo que Flash não quis pensar mais no assunto e, tal como fizera há momentos com o homem que se aventurara na avenida, levantou a máquina e preparou-se para fotografar aquele momento dramático. Depois, passou-se tudo com uma rapidez alucinante.

A mulher agarrou o filho com a mão esquerda, de modo a dar-lhe cobertura com o seu próprio corpo e levou-o para campo aberto em passo de corrida.

Não chegaram ao meio da avenida. Mal puseram os pés fora do passeio, ouviu-se um tiro ao longe e ela caiu para a frente, estatelando-se no asfalto como se tivesse tropeçado em algum obstáculo. E arrastou o filho na queda, porque, apesar de ferida, não lhe largou a mão.

Francisca soltou um grito de espanto e levou as mãos à cabeça, aterrorizada. Os jornalistas, desesperados com o que viam, entraram em pânico, aos berros atrás da parede, ao virar da esquina, chamando pela criança, de joelhos ao lado da mãe, prostrada, dizendo-lhe para que corresse de volta.

O miúdo, em estado de choque, virou a cabeça na direcção dos gritos, mas não se mexeu, nem largou a mão da mãe. Eles gritavam-lhe em inglês e faziam-lhe sinais com a mão para o convencer a sair dali. Mas a criança parecia não entender o que queriam dizer as palavras e os gestos. Começou a chorar e a abanar a mãe, inerte.

No meio da confusão, Flash recuperou o sangue frio e recomeçou a fotografar, registando o milagre que aconteceu a seguir.

A mulher, que todos tinham dado como morta, ganhou uma vida súbita e, embora com esforço, conseguiu erguer-se do chão e ficar sentada. Com uma calma notável, abraçou o filho, segredou-lhe algumas palavras para o tranquilizar e ainda lhe restou um bocadinho de coragem para sorrir à criança, enquanto lhe ordenava que fosse para junto dos jornalistas. Obediente, o menino levantou-se e começou a andar para o passeio. Francisca agitou-se frenética, a abanar as mãos para o incentivar. Flash tirou mais algumas fotografias. Afonso parou de respirar. Miguel rezou para não ouvir nenhum disparo. Foi como se o mundo tivesse parado de rodar para se concentrar unicamente no movimento daquela criança.

— Vamos miúdo — incentivou Miguel —, despacha-te...

— Corre! — implorou Francisca.

— Anda, depressa! — impacientou-se Afonso, sentindo-se à beira de um ataque de coração.

Nesse momento, o segundo tiro ressoou no espaço...

A bala atravessou a cabeça da mulher de um lado ao outro. Entrou por trás e saiu pelo o olho direito, num alarde de horror insuportável. Ouviu-se o barulho seco do crânio a estoirar e em seguida a cabeça dela caiu para a frente

com o queixo apoiado no peito. Ficou assim, sentada, e até parecia que estava só a dormir. Para eles, foi como se tivesse morrido pela segunda vez. Flash baixou a máquina, sem reacção, e teve este pensamento estranho: *ainda agora estava aqui a falar connosco e já está ali morta.*

Em contrapartida, Francisca não desistiu de salvar o menino e continuou a gritar-lhe e a fazer-lhe gestos para o trazer de volta à segurança. Mas o miúdo ouviu o tiro, assustou-se ao ver a mãe inanimada e regressou para junto dela. Quando lhe tocou, a mulher resvalou para o lado sem vontade própria. Em pânico, o menino puxou-a por um braço, pretendendo arrastá-la para o passeio.

Francisca não aguentou mais.

— Eu vou lá buscá-lo — decidiu-se.

— Ai, isso é que não vais! — ordenou Afonso.

— Ai, isso é que vou — respondeu ela, com o olhar fixo no menino. E antes que alguém a impedisse, tirou a máquina que trazia pendurada ao pescoço por uma correia, largou-a no chão e começou a correr.

— Francisca, não! — gritou Afonso, tarde de mais. Ouviu-se um terceiro tiro.

A situação dos correspondentes de guerra na Bósnia-Herzegovina era extremamente delicada. Se normalmente os jornalistas já corriam perigo de vida enquanto cobriam os conflitos armados, no caso da Bósnia a situação complicava-se por serem alvos deliberados dos franco-atiradores, que faziam do terror uma arma como outra qualquer. A imprensa internacional estava baseada em Sarajevo, em grande parte por causa das dificuldades mortais que se levantavam aos poucos jornalistas que se aventuravam pelo resto do território. Por isso, a maioria das notícias falavam do genocídio leviano dos sítiantes sobre os sitiados da capital. Os sérvios bósnios, cujas populações sofriam massacres semelhantes perpetrados por muçulmanos e croatas e não os viam relatados pela imprensa, não gostavam particularmente de jornalistas, nem respeitavam o seu estatuto imparcial.

Até ao final dos combates, em 1995, os sérvios bósnios seriam sempre considerados os maus da fita, devido às limpezas étnicas praticadas em maior escala pelas suas forças; mas também porque os Estados Unidos, a Europa Ocidental e os países árabes queriam, por uma razão ou por outra, travar a todo o custo o expansionismo da grande Sérvia.

Por outro lado, o governo bósnio não hesitava em disparar sobre a sua própria população, provocando algumas carnificinas chocantes — posteriormente atribuídas aos sérvios — que o ajudavam a dramatizar os apelos à protecção internacional. E a morte de jornalistas estrangeiros também servia esta estratégia diabólica para manipular a evolução da guerra a seu favor.

De modo que, na Bósnia, os repórteres eram carne para canhão de todas as partes envolvidas. Não se podia confiar em ninguém, nenhum dos lados os poupava.

— Vamos embora — pediu Francisca. — Mas, vamos embora hoje! — Estavam sentados nos sofás da recepção do hotel Holiday Inn, os dois, sozinhos. Miguel e Flash tinham voltado para a rua, em busca de novas histórias. «Antes trabalhar, do que ficar a pensar nestas coisas», dissera Flash, com o seu sorriso jovial.

— Calma, Francisca, não podemos partir assim, sem mais nem menos.

— Porque não? Quantas vezes é que escapámos à morte por um triz, desde que chegámos?

— Já lhes perdi a conta — reconheceu Afonso, desanimado.

— Então? Vamos embora, Afonso. Estou com a Bósnia por aqui — traçou com a mão uma linha imaginária na testa. — Andamos enfiados na merda há um mês. Já chega!

— *Okay* — cedeu —, vamos embora. Mas amanhã, hoje já não conseguimos sair.

Francisca deixou-se cair para trás, ficando quase deitada no sofá. Afonso observou-a, sem se decidir se havia de a admirar pela coragem que havia demonstrado nessa manhã, ou de temer que o seu génio impulsivo ainda

acabasse por a matar. As duas hipóteses eram válidas, supunha. Fez uma expressão resignada, que Francisca interpretou como uma rendição às suas preces, mas que na realidade tinha a ver com o que ele estava a pensar.

Sentado ali, à frente de Francisca, na relativa segurança do hotel, ainda lhe custava a crer no que ela fizera para salvar o miúdo, há menos de uma hora. E pensou que Francisca o assustava, que tinha uma força de vontade maior do que o mundo e não recuava nem a tiro de bala. Foi como se não a conhecesse, como se não a conhecesse tão bem como julgava, pelo menos. Estavam juntos há meses e ela ainda o surpreendia. Nunca tinha visto nada assim. Só a evocação da memória ainda fresca da tragédia dessa manhã, foi suficiente para lhe provocar um arrepio de suores frios.

— No que é que estás a pensar? — perguntou Francisca.

— Estou a pensar como tu és corajosa.

Francisca encolheu os ombros.

— Só me apetece chorar — disse.

— Fizeste o que pudeste.

— Eu sei, mas... — encolheu os ombros outra vez. Tinha lágrimas nos olhos.

Afonso chegou-se a ela e passou o braço esquerdo por cima dos seus ombros, apertando-a com força, para a confortar.

Francisca fechou os olhos. Só queria descansar, mas, tal como Afonso, continuava a reviver aquele momento terrível uma e outra vez, incapaz de o expulsar da cabeça.

— Vou para o quarto — anunciou — tentar dormir um bocado.

— Não vás — pediu Afonso. — Deita-te aqui, que eu fico ao pé de ti. O quarto não é seguro.

Francisca concordou em silêncio e deitou a cabeça no colo dele. Afonso contemplou-a. Parecia vulnerável. Acariciou-lhe o cabelo fino, a pensar que quase a tinha perdido e que não saberia o que seria a sua vida se ela morresse.

Partiram no dia seguinte. Despediram-se de Miguel e Flash, de manhã, na recepção, antes de deixarem o Holiday Inn. Foi a última vez que os viram. Anos mais tarde, seriam surpreendidos em Lisboa pela notícia da morte deles, no território inóspito de Timor-Leste, numa época em que, novamente, os jornalistas foram vítimas da intolerância e da frustração dos beligerantes, neste caso da guerrilha pró-indonésia.

Ahmed deixou-os no posto de controlo ao fundo da *Sniper Road*. Regressaram à base dos capacetes azuis, no PTT, onde já não se incomodaram muito por terem de aguardar no exterior pela autorização para entrarem. Conheciam melhor o terreno e tinham passado por tantos perigos que não se deixaram perturbar com mais um percalço. Tinham visto o mesmo comportamento entre a população de Sarajevo. Parecia que as pessoas se habituavam ao perigo e, a partir de certa altura, ficavam quase indiferentes. Numa ocasião, repararam num homem que atravessava a passo um cruzamento onde todos corriam, de mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo e

cachimbo apagado no canto da boca. Perguntaram-lhe porque não corria, se não receava ser morto por um *sniper*. O homem matutou na pergunta, tirou o cachimbo da boca e disse: «Sabe, estou-me nas tintas. A minha mulher foi morta assim, os meus filhos partiram há muito para o estrangeiro. Roubaram-me tudo, mas não me vão roubar a minha dignidade. Não vou pôr-me a correr à frente desses cobardes.»

Fizeram a curta viagem para o aeroporto à boleia na caixa aberta de um camião da ONU. Para cá num blindado, para lá *protegidos* por uma lona, repararam, resignados com a sua sorte, embora não fosse nada agradável atravessar a paisagem devastada do bairro de Dobrynja sem a segurança reconfortante do *APC*.

Apanharam um avião *C-130* britânico. Às quatro da tarde sobrevoaram o Adriático, a caminho de Itália. Pela primeira vez em quatro semanas, puderam baixar as defesas e descontraír, sem receio de serem mortos por uma bala traiçoeira.

O voo de regresso foi tão desconfortável como fora a viagem para Sarajevo, com a vantagem de se sentirem melhor a cada minuto que se afastavam da Bósnia-Herzegovina. Usavam tampões nos ouvidos, devido ao barulho infernal dos motores a vibrar no interior do avião, e não lhes era possível conversar. À última hora, tinha sido levado para bordo um jornalista canadiano, deitado numa maca, acompanhado por um colega que segurava um saco de soro enquanto subiam a rampa traseira do *C-130*. Os maqueiros, dos capacetes azuis, acomodaram-no ao lado de um dos bancos de lona junto à fuselagem, e penduraram o saco do soro, de onde saía um tubo ligado ao braço do ferido. Francisca foi perguntar se precisavam de ajuda.

— Está tudo controlado, obrigado — respondeu o colega do ferido.

— O que é que aconteceu?

— Foi um *sniper* — explicou. — Mas, ainda assim, teve sorte. Foi só no braço. A outra bala acertou-lhe no estômago. Se não fosse o colete antibala, não estava agora aqui.

Francisca olhou para o ferido. Estava pálido, mas era bonito e mantinha o sentido de humor, pois sorriu-lhe e piscou o olho, atrevido. Ela correspondeu-lhe com outro sorriso, porque achou que o merecia.

Voltou para o seu lugar ao lado de Afonso. Ele ajudou-a a colocar o cinto de segurança e deu-lhe uma palmadinha amistosa na perna. Quando o avião se fez à pista, enquanto corria para ganhar altitude, deram as mãos, apertadas com força, suadas de medo, rezando para que o aparelho não fosse alvejado. Já no ar, o *C-130* desenhou uma curva suave, estabilizou e seguiu viagem sem incidentes. Respiraram de alívio e trocaram um sorriso. Tinham escapado ilesos e estavam de regresso a casa.

Mergulharam numa apatia contemplativa, embalados pela monotonia do barulho circular dos motores. Afonso observou os canadianos, de mão dada, expressando uma solidariedade fraternal. Também eles deviam estar a dar graças a Deus por não terem morrido em Sarajevo, apesar de tudo.

Apertou instintivamente a mão de Francisca. Ela olhou para ele com ternura. «A-mo-te», disse Afonso, uma frase sem som, por causa do trovão dos motores, que ela entendeu pela mímica dos lábios. «Eu-tam-bém», respondeu-lhe da mesma forma.

Depois remeteram-se aos seus próprios pensamentos. Sem querer, Afonso regressou à avenida fantasma de Sarajevo. Até agora, ainda não conseguira transmitir a Francisca o quão impressionado ficara com a coragem dela. Já o dissera, mas as palavras não tinham nada a ver, nem de perto nem de longe, com o que sentia. É que ele também estava lá, a assistir a tudo, na avenida, e não fora capaz de se mexer, simplesmente, não fora capaz de se mexer! Tinha as pernas paralisadas, os músculos de borracha, os pulmões sem ar e o coração era a única coisa dentro dele que ainda trabalhava, em batidas loucas de pânico. O cérebro a registar a cena toda como se fosse no cinema, os olhos muito abertos num espanto incrível, vendo Francisca precipitando-se para a

frente, o tiro, a bala a trespassar o peito do menino, ele a desabar no asfalto, como se se tivesse desligado, como um boneco desarticulado, Francisca a mergulhar no passeio atrás dos vasos brancos, tudo quase ao mesmo tempo. E então o silêncio... aquele silêncio estranho, do choque. Ninguém disse nada. Houve um impasse de incredulidade, pois não era possível acreditar, o cérebro demorou a interiorizar tamanha monstruosidade, embora estivesse ali à vista de todos e os olhos não enganassem. O menino morto, de lado, numa poça de sangue. Afonso deitou as mãos à cabeça. Não se lembrava do que os outros dois tinham feito, não os viu, não reparou em mais nada senão em Francisca, deitada junto aos vasos, a não mais de dois metros da criança. Ela cerrou os punhos contra o passeio e o seu rosto, lívido de espanto, passou a vermelho de fúria e transfigurou-se. Sentiu uma raiva tão grande que perdeu a cabeça, deixou de ver, perdeu o medo e a noção do perigo. «Filho da puta!» gritou, desvairada. «Filho de uma grande puta!», a sua voz ecoou na avenida deserta. Levantou-se, sem mais nem menos, e continuou a gritar todos os nomes e todos os insultos do mundo, em português, em inglês, voltada para o fundo da avenida, donde tinham vindo os tiros, de braço direito erguido e punho fechado, oferecendo um murro ao atirador invisível que a via pela mira telescópica e acariciava o gatilho da arma devagarinho a pensar *disparo, não disparo?* E disparou mesmo. Ouviu-se um tiro e a bala acertou em cheio no vaso que dava pelo meio das pernas de Francisca, desintegrando o rebordo de cimento. Ela deu um salto instintivo para o lado, emudeceu de susto, e só então tomou consciência da loucura que fazia e voltou a ter medo, um medo que a salvou da segunda bala, que já não a encontrou, pois reagiu com uma velocidade instantânea e percorreu os quatro ou cinco metros até junto dos outros jornalistas sem dar uma nova oportunidade ao *sniper*.

Caiu nos braços de Afonso e deslizou até ao chão, sentando-se no passeio, sem força nas pernas, amparada por ele e por Miguel e Flash, os quatro abraçados, Francisca em estado de choque, a chorar e a dizer frases incoerentes, durante muito tempo até sossegar... Quis olhar para trás, para sofrer com o menino e a mãe mortos, sozinhos no asfalto, mas Afonso não a deixou. Ajudou-a a erguer-se e levou-a dali, prometendo-lhe que iriam alertar os capacetes azuis para que viessem buscar os corpos.

Agora, a bordo do *C-130*, Afonso mal conseguia imaginar o sofrimento do pai daquela criança e marido daquela mulher, se era que ainda estava vivo, o desgraçado. *Cabrão do assassino de merda*, pensou, como sempre pensava de cada vez que se recordava da mãe e do filho mortos na avenida. Sentia uma indignação silenciosa, pois não era de natureza muito expansiva. Costumava engolir tudo, esconder as emoções mais fortes, mas ficava a remoer na coisa durante muito tempo. Neste caso, torturava-se com uma frustração e uma impotência indiscreíveis.

Quase podia ver a cara do tipo, com um sorriso torto, um olho fechado e o outro a espreitar pela mira telescópica, a divertir-se com o histerismo de Francisca, o dedo no gatilho, *tac*, um tiro no vaso para a assustar, só para

brincar com ela, *sacana da jornalista, a próxima bala é para te fazer um buraco de um lado ao outro, tac, foi por pouco, puta estrangeira*. Era óbvio que o *sniper* não matara Francisca à primeira porque não quisera. Afonso tinha a certeza absoluta de que o atirador pretendia gozar com ela e alardear o seu poder, mostrar que ali vigorava a lei do mais forte e que o mais forte ali era ele, o dono da espingarda.

Ficaram três dias a descansar em Ancona, a cidade portuária, no centro de Itália, de onde partiam e chegavam os aviões da Forpronu que faziam a ponte aérea com a Bósnia-Herzegovina, do outro lado do mar Adriático. Hospedaram-se no Grand Hotel Palace, um simpático hotel, clássico, de um luxo moderado, ali à frente do porto, ideal para quem já não dormia descansado há muito. Durante a tarde, passeavam ao longo da marginal, iam até à ponta do cais e embrenhavam-se na cidade. Elegeram uma agradável esplanada de um pequeno restaurante na Piazza delle Erbe para jantarem todos os dias, ao cair da noite, apreciando o silêncio e a paz daquele espaço antigo. Experimentavam as receitas do chefe e bebiam vinho tinto. Deixavam-se estar à conversa, despreocupados, até tarde. Voltaram a rir-se, agora que se sentiam noutro mundo, apesar de a Itália ficar tão perto da Bósnia-Herzegovina. Nesses dias, quase não falaram de Sarajevo. Era passado, disse Afonso, um trabalho de reportagem como outro qualquer, e não se deviam atormentar com as tragédias que lá tinham visto. Afinal de contas, já haviam feito o que estava ao seu alcance para ajudar aquela gente. Que mais podia fazer um jornalista, para além de denunciar as situações e mostrar à opinião pública a guerra e o sofrimento de um povo? Francisca concordou. Estavam de férias e não iam estragá-las a escarafunchar os pesadelos do último mês.

Claro está que ambos sabiam que não seria possível deitarem Sarajevo para trás das costas. O raio da cidade ficara-lhes colada à alma como uma tatuagem na pele. Uma pessoa não sobrevivia a morteiradas e a tiros de espingarda, nem via crianças morrerem à frente dos olhos e depois regressava à sua vidinha do costume como se nada se tivesse passado. Aqueles acontecimentos não seriam esquecidos, assim como não seria fácil recordá-los. O tempo ajudaria a suavizar a dor, mas, por agora, mantinha-se tudo em carne viva. Francisca sentia uma tristeza imensa e, apesar de não falar disso, continuava a *ver* os rostos das crianças mortas e a pensar que também ela, só não estava morta porque não calhara. Olhava para Afonso e ocorria-lhe o mesmo sobre ele. Não havia ninguém em Sarajevo que chegasse vivo ao fim do dia sem ser por sorte. Prometeu a si mesma que tentaria contactar Ahmed no fim da guerra para ter a certeza de que sobrevivera. Mas acabaria por não cumprir a promessa. A guerra prolongar-se-ia até 1995 e três anos era demasiado tempo para promessas. Os sentimentos esmoreciam, a vida seguia o seu rumo, outros lugares, outras gentes, outras guerras... De qualquer modo, seria improvável que encontrasse um número de telefone para onde ligar. No momento de se despedirem, despejaram as mochilas, deixando-lhe todos os medicamentos que haviam trazido e, mais importante, Francisca entregou-lhe

os marcos que tinha no bolso, até à derradeira nota, depois de Afonso lhe ter pago generosamente o inestimável trabalho de os ter mantido com vida do primeiro ao último dia.

Tal como ela, Afonso sentia-se derrotado por causa das crianças que vira morrer e não pudera salvar. Se dependesse dele, enchia o *C-130* com crianças e fazia tantas viagens quantas fossem necessárias para resgatar todas as que ainda restavam em Sarajevo. Ficava perturbado só de pensar que a principal maternidade de Sarajevo encerrara porque os recém-nascidos eram bombardeados assim que chegavam ao mundo. A tragédia desses bebés malfadados, que nasciam no local errado, na época errada, dava-lhe a volta ao estômago.

Foram apanhar o avião para Lisboa no aeroporto de Fiumicino, em Roma. Já instalados a bordo, ofereceram-lhes os jornais do dia.

— Olha para isto — disse Afonso.

— O que é? — perguntou Francisca, ainda às voltas com o cinto de segurança.

Afonso mostrou-lhe os jornais. O *Corriere della Sera* e o *La Stampa* faziam ambos primeira página com as fotografias de Flash. O *Corriere* trazia mesmo uma sequência de fotos. Estava ali a cena toda, a mulher sentada no asfalto, morta, de queixo apoiado no peito, o menino a correr para ela e a tentar arrastá-la, puxando-a pelo braço, Francisca a atirar-se para o chão e o miúdo a cair, trespassado pela bala assassina. Mais tarde souberam que Flash vendera as fotografias à Reuters e a agência de notícias encarregara-se de as distribuir pelo mundo inteiro. Vendo-as agora, Afonso sentiu regressar toda a revolta que vinha tentando aplacar há três dias. Olhou de relance para Francisca. Ela segurava o jornal com as duas mãos, a tremer, transtornada, tinha lágrimas nos olhos. Uma hospedeira solícita, vendo-a chorar em silêncio, pensou que era medo de voar e perguntou se precisava de alguma coisa. Afonso respondeu por Francisca, agradeceu-lhe a preocupação e disse que estava tudo bem.

Os jornais contavam a história toda e citavam declarações do porta-voz da Casa Branca e dos governos da Alemanha, França e Inglaterra. A notícia do drama fotografado por Flash tinha suscitado alguns comentários cáusticos de condenação aos sérvios da Bósnia, acusações duras, ameaças de intervenção militar e exigências urgentes para que se pusesse fim ao conflito. Mas o certo é que o caso morreu por ali e a guerra seguiu no terreno, multiplicando-se em atrocidades extremas durante mais alguns anos.

Quando foram chamados ao gabinete do director para este lhes comunicar que contava com os dois para fazerem a cobertura da viagem do primeiro-ministro a Israel, Afonso disse logo que não, nem pensar. Mas o director insistiu que sim, que fossem, pois, afinal de contas, era um trabalho simples e sem riscos.

Francisca engravidara finalmente, após uma luta de meses, de muitas consultas, de tratamentos exigentes, de sexo com datas marcadas, entre outros sacrifícios desgastantes para ambos. Mas valera a pena, porque era um sonho que se ia realizar e só eles sabiam o quanto desejavam aquela criança.

A experiência amarga de Sarajevo já não era tanto uma recordação sinistra à flor da pele, mas algo que guardavam como mais um precioso ensinamento de vida. Afonso e Francisca tinham acabado por fazer uma espécie de terapia a dois, expurgando os fantasmas da guerra naturalmente com conversas libertadoras. Falaram muitas vezes desses dias, do que tinham passado e do que tinham visto, sobretudo da tragédia das crianças massacradas numa guerra que não compreendiam. Para eles, que ambicionavam tanto encher a casa com filhos, a reportagem na Bósnia acabara por ser um estímulo ainda maior para que não desistissem. Sentiam-se animados por uma vontade de ferro, como se, inconscientemente, quisessem compensar as crianças maltratadas da Bósnia com a oferta de um amor incondicional aos seus próprios filhos. Um, pelo menos, tinham a certeza, acabaria por nascer. E essa determinação acabou por ser compensada.

Para Afonso, só o nascimento do seu filho poderia rivalizar com a felicidade absoluta que sentiu no dia em que recebeu o telefonema de Francisca com a boa notícia de que estava grávida. Tinha sido uma coincidência premonitória, porque o telefonema o apanhou no jornal, mergulhado no monitor do computador, a escrever uma crónica furiosa sobre a diplomacia criminosa que arrastava as negociações de paz para a Bósnia, quando se sabia que a esperada intervenção da NATO poderia acabar com a guerra num abrir e fechar de olhos. O telefone tocou na secretária, mas Afonso não o atendeu para não interromper o trabalho. A telefonista transferiu a chamada para a secretária do lado. «É para ti», disse o colega. Afonso entalou o auscultador entre o ombro e o queixo e continuou a matraquear o teclado enquanto ouvia Francisca, distraído. «Olá, querida...» *a situação na Bósnia exige uma intervenção internac...* «sim...» *internacional. Uma operação da NATO neste momen...* «estou sentado, estou, diz lá», *momento, seria a única forma de...* Os dedos pararam de bater nas teclas. «O quê?! Tens a certeza?!»

Vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Emocionado, Afonso desligou o telefone, levantou-se da cadeira e fez uma coisa muito pouco habitual para o seu carácter reservado. «Atenção a todos! Parem as máquinas, tenho uma notícia de última hora.» A redacção parou por um instante, suspensa do anúncio dele. «A Francisca está grávida!», gritou para toda a gente. «Vou ter

um filho!» A redacção explodiu numa salva de palmas. É claro que os colegas sabiam do problema deles, estavam a par dos esforços de Francisca para engravidar e das tentativas falhadas, de modo que se organizou logo ali uma festa de improviso, brindada com copos de plástico e um cheirinho de uísque de uma garrafa clandestina, resgatada do fundo de uma gaveta sem dono.

Por tudo isto, porque não queria correr o menor risco, Afonso recusou a viagem a Israel e manteve-se irredutível nas suas razões, até Francisca intervir com uma piscadela de olho ao director e este, entendendo o sinal, dizer que não era preciso decidirem imediatamente. Ficaram de pensar no assunto e de lhe dar uma resposta definitiva até ao fim da semana.

Com o seu espírito irrequieto, Francisca encontrou logo vários motivos para fazerem a reportagem.

— Vai ser o regresso ao local do crime — disse, numa alusão quase irresistível ao facto de se terem conhecido em Jerusalém. — Vai ser como uma lua-de-mel.

— Francisca, tu estás grávida. Achas que vale a pena correr riscos, depois de tudo o que passámos?

— Não, claro que não. Mas, não gostavas de voltar a Israel? Aqueles filhos da mãe expulsaram-nos. Se formos na comitiva do primeiro-ministro, vão ter de engolir um sapo e aceitar a nossa presença.

— Eu gostava de voltar lá, mas acho preferível não correremos riscos — insistiu.

— Tudo bem, então eu falo primeiro com o médico e pergunto-lhe se há algum problema em fazer a viagem. Que dizes?

O que é que ele havia de dizer, se até o médico disse que sim, que não via nenhum inconveniente, desde que não exagerasse. Francisca mal passara o terceiro mês e a gravidez nem se notava. Provavelmente nem chegaria a notar-se muito, magra como era, de constituição fina, pouco dada a engordar.

E ali estavam eles, na terra que os unira. Fizeram a reportagem da visita do primeiro-ministro mas não regressaram a Lisboa com a comitiva oficial. Já que tinham ido, por que não darem um pulo a Gaza, sugeriu Francisca, «lembras-te de que não nos deixaram lá entrar, da última vez?» E ele a pensar *esta mulher é imparável*. «Usamos o nosso contacto da OLP?» disse, no entanto, a sorrir, incapaz de resistir a uma boa aventura.

Alugaram um automóvel, um *Fiat Uno* branco. Como habitualmente, nas zonas de conflito, escreveram a palavra *press* em letras garrafais, com pedaços de fita-cola, nos dois lados do carro. Não era garantia de coisa nenhuma, mas sempre lhes dava alguma tranquilidade, tendo em conta que o carro tinha matrícula israelita e iam para território palestiniano. Pelo menos, quando voltassem ao carro, depois de concluída a reportagem, não iriam encontrar apenas uma carcaça calcinada. Os palestinianos respeitavam os jornalistas, pois sabiam que deviam a popularidade da sua causa ao trabalho dos repórteres que, nos últimos anos, tinham feito uma cobertura incansável da Intifada.

Chegaram à Faixa de Gaza por uma estrada principal, que conduzia ao posto de controlo de Erez. Passaram a barreira militar sem dificuldade. Estacionaram junto a uma estação de serviço e aguardaram dentro do carro pela chegada do seu contacto. Afonso olhou para o relógio.

— Faltam dez minutos — avisou.

— Espero que o tipo não nos falhe — comentou Francisca, impaciente.

— Não falha.

Francisca acendeu um cigarro para acalmar os nervos. A zona não parecia particularmente hostil. Era, basicamente, um descampado de terra, pobre e empoeirado. Ainda assim, Francisca sentir-se-ia melhor quando estivessem acompanhados pelo guia local, o homem cedido pela OLP, que pudesse controlar qualquer situação desagradável.

— Tens de estar sempre a fumar? — interpelou-a, sem deixar de olhar em frente. Desde que Francisca engravidara, Afonso preocupava-se muito com ela. Chamava-a a atenção por causa dos cigarros, ou se bebia álcool ou comia alimentos não recomendados. Era mais forte do que ele. Francisca não lhe respondeu. *O raio do homem, está um controleiro...* Deu uma passa, soltou o fumo com um sopro suspirado e esmagou o cigarro no cinzeiro do *tablier*.

O contacto da OLP chegou à hora marcada.

— Cá está o nosso homem — anunciou Afonso.

Vinha num velho *Peugeot* que já conhecera melhores dias, cheio de mossas, branco, mas tão sujo que dir-se-ia castanho claro. Os autocolantes coloridos que cobriam o vidro traseiro davam-lhe um toque folclórico. O tipo da OLP fazia-se acompanhar de outro homem, o condutor, que estacionou ao lado do carro deles, mas no sentido contrário. Abriu a porta e contornou o automóvel para ir ao encontro de Afonso. Era alto e magro. Francisca também saiu. *Que exagero!* pensou ela, ao vê-lo, impressionada. Teria, seguramente uns dois metros de altura. Vestia uma camisa púrpura de indiscutível mau gosto, estampada com um brasão de fantasia no peito, quadrados, bolas e harpas! Trazia calças de fazenda castanhas e sandálias. Afonso foi incapaz de lhe atribuir uma idade precisa. Tanto poderia ter trinta como quarenta anos. Usava o cabelo escuro curto e um grande bigode de homem duro.

— Chamo-me Nasser — apresentou-se, em inglês, todo sorridente. — Podem deixar o carro aqui. Vêm connosco.

O condutor, um tipo roliço e lento, abriu a porta com vagar, saiu, voltou a fechá-la, puxou as calças para cima e encostou-se ao carro, de braços cruzados.

— É o meu primo. — Nasser apontou para ele, sem mencionar o seu nome, e o primo lá estendeu uma mão pachorrenta e cumprimentou os dois jornalistas.

— Não há problema com o carro? — perguntou Afonso, preocupado com a ideia de o deixar naquele descampado durante três dias.

— *No problem* — afiançou Nasser, com uma expressão absolutamente segura.

— *Nema problema* — ironizou Francisca, lembrando-se do que lhes dissera a mulher da ONU, à chegada a Sarajevo, pouco antes de quase morrerem com a morteirada de boas-vindas.

— Exacto — riu-se Afonso, percebendo o que ela queria dizer. — Nunca há problema. É uma maravilha.

Pegaram nas suas mochilas, trancaram o carro e entraram no dos palestinianos. Tudo isto a menos de cem metros do posto de controlo. *No problem*, o IDF não os incomodou. O exército israelita não perseguia permanentemente os jornalistas, embora por vezes baleasse um ou outro, se se pusessem a jeito no decorrer de alguma escaramuça com os palestinianos. Era um tipo de intimidação mais perversa — como Afonso e Francisca haveriam de sentir no decorrer dos dias seguintes —, podiam andar por ali, mas também podiam levar um tiro a qualquer momento.

Gaza, a maior cidade do território, ficava mesmo à frente, na continuação da estrada que atravessava o posto de controlo. O carro podre do primo de Nasser arrastou-se, como o dono, pelos subúrbios poeirentos. Passaram por alguns edifícios de dimensões razoáveis, cinzentões, que lhes pareceram ser unidades industriais de tecelagem. Era uma zona árida e pouco convidativa, uma paisagem semiurbana, degradada e feia. A noite começava a descer sobre a Faixa de Gaza. No crepúsculo do fim da tarde, viam-se algumas pessoas que caminhavam na berma da estrada, pouco movimentada.

Chegaram a uma zona residencial, que não era mais do que um bairro de lata, soturno e pouco convidativo. O primo deixou-os à beira de uma viela, por onde seguiram a pé, os três, depois de ele partir.

— Venham, venham — disse Nasser, em inglês, fazendo-lhes sinal para que o seguissem.

Caminharam por uma ruela estreita e escura, um caminho de areia entalado entre muros arruinados e algumas casas com chapas metálicas a fazer de paredes. Viraram à esquerda, à direita, novamente à esquerda, pelo labirinto de areia, desorientados, seguindo Nasser até desembocarem num descampado do tamanho de meio campo de futebol. Percorreram mais uma viela sombria e sinistra e chegaram a outra rua asfaltada. Tinham atravessado um quarteirão, levados pelo guia por um corta-mato, até ao outro lado do bairro. Estavam agora numa zona mais próspera, com uma frente de casas de um só andar, viradas para a estrada.

Nasser abriu um pequeno portão gradeado, que dava acesso a um jardimzinho, rodeado de muros baixos, de uma moradia sólida, com uma varanda aberta para uma escadaria larga.

— Bem-vindos a minha casa — anunciou Nasser. Levantou um braço orgulhoso, convidando-os a entrar.

Subiram os quatro degraus. Nasser abriu-lhes uma porta de grade e entraram para a divisão central da casa, coberta de tapetes orientais, tendo apenas um armário de madeira envidraçado como mobília e as paredes cruas, de cimento, sem pintura, talvez à espera do dinheiro para a tinta. O anfitrião

deixou as sandálias ao lado da porta de entrada e eles, percebendo que deviam seguir-lhe o exemplo, descalçaram-se também.

Foram apresentados à família de Nasser, a mulher, envergando uma *djelaba* de algodão de fantasia, que a cobria até aos pés, e a filha, que não teria mais de seis anos, cabelo preto revoltado e olhos grandes e vivos num rosto bonito e simpático. Largaram as mochilas e os casacos a um canto e, dali a pouco, a mulher trouxe uma mesa de madeira muito baixa que instalou no centro da sala, onde foi servido o jantar. Sentados no chão em redor da mesa, comeram uma refeição frugal, servindo-se com as mãos das bandejas e taças. Havia tomate, queijo, pão árabe, tâmaras, azeitonas e chá quente, bebido em pequenos copos de vidro.

Mais tarde foram conduzidos a um quarto, igualmente despojado de mobília, que lhes foi destinado para passarem a noite. Dormiram juntos, com a roupa que tinham no corpo, em cima de um colchão de espuma, protegidos do frio por dois cobertores que Nasser lhes deu.

— O que é que vamos fazer amanhã? — perguntou Francisca, falando no escuro, antes de adormecerem.

— O mesmo de sempre — respondeu Afonso. — Vamos procurar uma história para contar.

— É, aqui não devem faltar histórias.

Não faltavam, mas, para um jornalista, o problema que se punha na Faixa de Gaza era como descobrir uma história nova, sem se limitar a fotografar e a escrever mais do mesmo. Embora fosse obviamente importante continuar a denunciar as sistemáticas violações de direitos humanos a que a população estava sujeita, a verdade é que a Intifada não era uma revolta recente, de modo que as imagens e as histórias dos civis a lutarem nas ruas contra um exército bem armado tinham tendência a banalizar-se. E notícias velhas não eram notícia.

Afonso ambicionava cobrir um ângulo do conflito que chamasse a atenção da opinião pública pela sua invulgaridade. Mal sabia que, em breve, iria encontrar a sua história.

Acordaram cedo. Tomaram um pequeno-almoço rápido — leite, pão árabe com manteiga e doce de figo — e saíram logo a seguir. Apesar de degradado, atravessar o bairro à luz da manhã não teve o mesmo peso funesto da caminhada sombria da noite anterior. Pelo contrário. Cruzaram-se com várias crianças, meninos andrajosos, mas felizes com a liberdade de correrem descalços à solta pelo bairro. Ao vê-los, os miúdos cercavam-nos, sorridentes e ruidosos. Francisca pegou na máquina para os fotografar e, então, compreendeu que não eram crianças vulgares, como as de qualquer outra parte do mundo. Estas mantinham o sorriso inocente da infância, mas reagiam à máquina fotográfica como adultos que entendessem a importância política das imagens, pois erguiam logo os braços pequenos e faziam o V da vitória com os dedinhos apontados para a câmara, bem acima da cabeça. Um velho passou ao largo, a pé, lado a lado com um burro sem pressa, que puxava uma carroça de três rodas, fazendo o seu percurso de todos os dias. Mais à frente, passaram por duas estudantes muito jovens. Vestiam batas aos quadradinhos azuis e brancos por cima de calças de ganga, calçavam ténis e carregavam ao ombro os sacos com os cadernos. Ao contrário das outras crianças, estas eram asseadas, traziam roupa engomada e o cabelo lavado, com tranças feitas pelas mães antes de saírem de casa. Mas quando chegassem à escola, teriam de cobrir a cabeça com um lenço branco. Francisca também as fotografou, mas elas seguiram o seu caminho sem lhe prestar atenção.

O primo de Nasser esperava-os à beira da estrada, no mesmo lugar onde os havia deixado na noite anterior, encostado ao seu *Peugeot* a cair aos pedaços, de braços cruzados e com a expressão enfiada de homem tímido.

O dia não lhes trouxe nada de novo, para além da via sacra dos dramas habituais. Qual guia turístico da desgraça, Nasser levou-os por um percurso que contemplava tudo o que havia de mau em Gaza. Viram o que restava de algumas casas de suicidas, demolidas a golpes de *caterpillar* — o exército tinha o mau hábito de arrasar as habitações dos fanáticos que se faziam explodir nas ruas das cidades israelitas, independentemente de lá viverem dezenas de familiares inocentes, que ficavam no meio da rua, sem abrigo, depois de a casa ir abaixo. Visitaram a mulher e os filhos de um militante da Fatah preso, e nessa casa foi-lhes mostrada a entrada do quarto de dormir do casal, emparedada pelo IDF como represália pelas suas actividades anti-sionistas. Estiveram com um homem paralisado por uma bala certa que lhe atingira a coluna. O tipo vivia acamado numa garagem, ao lado de um *BMW* a brilhar como se estivesse exposto num *stand* de vendas. E, finalmente, ao cair da noite, conheceram um dirigente político menor, que lhes repetiu a lengalenga dos oprimidos.

— Uma perda de tempo — suspirou Afonso, desiludido, no final da jornada.

— Não aguento nem mais um café turco — Francisca fez uma careta de nojo. — Acho que vou vomitar.

O café turco era muito amargo e sorvia-se com cuidado, para evitar a camada de borra que o cobria. Os palestinianos tinham o hábito incontornável de oferecer aos convidados café turco, Coca-Cola e tâmaras. O anfitrião trazia tudo numa bandeja, servia as bebidas, colocava a taça das tâmaras em frente deles e aguardava em silêncio que as consumissem. Era uma misturada simplesmente explosiva para os seus pobres estômagos mal habituados. Mas tinham de beber e comer, porque, desse lá por onde desse, a conversa só se iniciava depois de cumprido o ritual. Ora, Afonso e Francisca passaram o dia a visitar pessoas, uma por hora, sempre bem recebidos com a bandeja da ordem, cientes de que seria uma desfeita recusar o café turco, a Coca-Cola e as tâmaras.

Ao terceiro dia encontraram a cidade deserta. O centro de Gaza, que no dia anterior fervilhava de animação, estava às moscas. Não passavam carros e não se viam pessoas. O comércio fechara. As portas metálicas de cores desmaiadas, corridas até abaixo e trancadas a cadeado, tornavam as fachadas dos prédios pobres. Respirava-se um ar pesado, uma atmosfera de estado de sítio. O primo de Nasser conduziu o *Peugeot* por várias ruas fantasmas.

Afonso debruçou-se entre os dois bancos da frente.

— O que é que se passa? — inquiriu.

Nasser virou-se para trás e explicou a situação com uma palavra que dizia tudo.

— Greve.

— Ah, estão em greve. Que raio de azar.

— Hoje, ainda acontecem menos coisas do que ontem — resmungou Francisca. Torceu o nariz e deu à manivela para abrir o vidro. — A porcaria do carro cheira mesmo mal — constatou, em português.

— *Okay* — decidiu Nasser. — Vamos a um lugar onde vai haver confrontos com o IDF.

A Faixa de Gaza parecia uma zona de guerra. Na cidade, várias ruas terminavam num beco sem saída, cortadas por paredes de barris metálicos, erguidas para dificultar os movimentos aos palestinianos. Nas imediações de qualquer quartel do exército, havia blocos de cimento semeados no meio da rua que lhe dava acesso, onde os civis não podiam circular.

Entraram numa estrada principal, fora da cidade, e dirigiram-se para Sul. À frente deles, seguia um jipe do IDF. Tinha o pára-brisas, a grelha e os faróis gradeados, para resistirem às pedras que os palestinianos lhe arremessavam frequentemente. O jipe em patrulha rolava a não mais de cinquenta à hora e, mesmo em deslocação, as portas da frente iam meio abertas, de modo a permitir uma saída rápida, no caso de os soldados serem atacados. Ao longo da estrada eram visíveis ninhos de metralhadora e torres de vigia.

O *Peugeot* seguiu o seu caminho e encontrava-se agora a menos de três quilómetros de Khan Younis, junto à fronteira com o Egipto. Vindo de trás, um jipe do exército surgido do nada, ultrapassou-os a alta velocidade deu uma guinada súbita e atravessou-se à frente, barrando-lhes o caminho de surpresa e

obrigando-os a parar. O primo de Nasser travou a fundo para não embater no jipe, de onde saltaram quatro homens armados. Os soldados cercaram o carro, dando ordens em hebreu, e apontaram-lhe as suas espingardas automáticas *Galil*.

— Temos de sair — explicou Nasser.

Afonso e Francisca abriram as portas traseiras e saíram com as mãos levantadas, sob a ameaça das armas.

— Documentos — exigiu um dos soldados. Outro aproximou-se de Francisca e ordenou que lhe desse as duas máquinas fotográficas que trazia penduradas ao pescoço. Ela ensaiou um protesto, mas o soldado, nervoso, apontou-lhe o cano da *Galil* à cara.

— Pronto, pronto, meu cabrãozinho — disse ela em português, com a mira debaixo do nariz, e entregou-lhe as máquinas.

Enquanto os camaradas inspecionavam os documentos, o soldado abriu as máquinas, retirou-lhes os rolos e deitou-os fora. Depois devolveu-as. Dali a pouco, recuperaram os documentos.

Os soldados baixaram as armas e eles baixaram os braços. Em seguida viraram-lhes as costas e voltaram para o jipe. E foi quando o incidente parecia sanado que as coisas se complicaram.

No campo de refugiados de Khan Younis, paredes meias com o colonato judeu de Gush Katif, no interior da Faixa de Gaza, o dia começara mal. Guerrilheiros palestinos tinham alvejado o colonato na madrugada anterior. Usaram foguetes de fabricação caseira Al Qassam, que possuíam um alcance de oito quilómetros. Durante a manhã, os tanques israelitas avançaram em força e mataram onze palestinianos. Havia helicópteros no ar e um grande movimento de tropas. Em geral, nestas situações, as represálias por ataques dirigidos a judeus eram rápidas e mortais. Os israelitas sentiam-se em território inimigo e agiam em conformidade. Os soldados, muito jovens, apesar de disciplinados, ficavam enervados quando se viam perante hordas de civis a avançar para eles com pedras nas mãos. O exército usava balas de borracha — pelo menos oficialmente —, mas mesmo essas podiam matar, e, nas situações de tumulto, os soldados tinham tendência para o gatilho fácil.

Quando chegaram a Khan Younis, Afonso e Francisca viram-se num autêntico campo de batalha. Palestinos e israelitas defrontavam-se numa luta desigual. Pedras de um lado, balas do outro. Os soldados protegiam-se atrás dos jipes. Os palestinianos desafiavam-nos em grupos, atirando pedras e fugindo desordenadamente ao som dos tiros. Ambulâncias das Nações Unidas e do Crescente Vermelho retiraram e transportaram dezenas de feridos de manhã e durante o resto do dia. Os tanques atravessavam casas, rasgando-as ao meio, como se fossem de papel. Ao princípio da tarde, já tinham destruído dois quarteirões inteiros. Não ficara pedra sobre pedra. Viam-se rolos de fumo negro a sair dos destroços. Revoltados, os palestinianos jogavam às escondidas com os tanques no meio das ruínas. Entre os civis enraivecidos, havia muitas crianças.

— Que merda — irritou-se Afonso, ao ver que já lá estavam vários jornalistas a cobrir os acontecimentos. — Somos os últimos a chegar.

— Podíamos ter chegado mais cedo — lamentou-se Francisca —, se não fossem aqueles filhos da mãe. — Referia-se aos soldados que os tinham imobilizado na estrada.

Na altura, o mesmo soldado que lhe confiscara os rolos fotográficos, reagiu mal a um comentário inconveniente de Nasser. O palestiano disse algo que o irritou e ele não engoliu a ofensa e voltou atrás, de arma em punho, encostou a ponta do cano da *Galil* ao peito de Nasser e começou a gritar com ele, ao mesmo tempo que o empurrava com a espingarda, obrigando-o a deitar-se de costas em cima do *capot* do carro. Seguiu-se um momento de grande tensão. O soldado perdeu a cabeça e cuspiu ameaças, desvairado, enquanto Nasser pedia calma e ele lhe espetava o cano na barriga, uma vez e outra, com tanta força que o deixou aflito, sem conseguir respirar durante meio minuto ou mais. Os outros três não intervieram, mas também não arredaram pé, ali, ao lado do jipe, à espera, vendo em que é que paravam as modas. «O tipo vai matá-lo», disse Afonso, estupefacto com a brutalidade. O primo de Nasser de mãos entrelaçadas, a meio caminho entre o padre pregador e o vendedor árabe, massacrava o soldado com um peditório clemente, alegando perdão em defesa do primo. Francisca apressou-se a recarregar a máquina fotográfica, sua única arma, com a destreza de repórter batida, tão rápida como um soldado a mudar o carregador da espingarda debaixo de fogo. Encaixar o rolo, puxar a fita, fechar a tampa, duas fotos em seco e ficou preparada para registar o crime, se chegassem a tanto. «No photos — nada de fotografias!» gritaram os soldados que assistiam ao abuso, pouco interessados nos direitos do palestiano, que era inimigo e, como tal, não tinha direitos. Mas ela, impávida no seu *bluff*, ignorou-os e continuou a apontar a máquina à espingarda que ameaçava Nasser. O soldado enervado voltou a cabeça e ameaçou-a a ela, sem desviar a espingarda do peito de Nasser. Os outros três avançaram para Francisca. O primo gordo meteu-se entre eles, sem abrandar a algaraviada árabe, mas foi empurrado para o lado como se não existisse. Francisca, apesar de ter as armas apontadas à cabeça, não se intimidou e não baixou a máquina. «No photos», repetiram eles, arranhando um inglês sem graça, perigosos, com o dedo no gatilho.

Então, foi a vez de Afonso perder a paciência com aquilo tudo e intervir com uma clarividência e uma rapidez que apanhou todos de surpresa e desarmou-os apenas com uma dose certa de bom senso, suficiente para esvaziar os ânimos que já tinham ido longe de mais. Primeiro obrigou Francisca a baixar a máquina fotográfica, «no photos», disse, contemporizador com os soldados; depois dirigiu-se ao outro tipo e, com um gesto pacífico, afastou-lhe a *Galil* do peito de Nasser, a dizer «calma, calma, vai para o carro Nasser», e o mesmo para o primo pedinchão, «está calado e mete-te no carro», e depois de novo para o israelita, «eu tomo conta deles», como se fosse patrão dos palestinos, o que pareceu acalmar os soldados.

— Francisca — ordenou —, entra para o carro.

Afonso fez uma expressão paternalista, como quem diz *é preciso pôr estes palestinianos na ordem*, os soldados riram-se, trocaram umas piadas entre eles, riram-se mais e foram-se embora. Mas, num arrepio de última hora, o soldado mais agastado voltou atrás e, sem mais nem menos, desferiu um tiro no pneu direito da frente do *Peugeot*. E só então, com a consciência apaziguada da desforra cumprida, é que se foi embora de vez, satisfeito por ter sido mau.

De modo que perderam um tempo precioso a trocar o pneu e chegaram a Khan Younis já a batalha ia a meio. *Nada a fazer*, pensou Afonso. Os repórteres internacionais que por lá andavam, batidos nos confrontos de todos os dias, tinham tirado as melhores fotografias.

Afonso e Francisca mantiveram uma distância de segurança dos tanques.

— Tem cuidado — avisou ele — que os cabrões são capazes de nos esborrachar com as lagartas e estão-se nas tintas.

— Está bem — respondeu Francisca, a perscrutar o ambiente hostil pelo visor da máquina e a pensar que não saía dali sem uma boa foto, ainda irritada com o susto na estrada e o pneu furado a tiro. *Eles que se lixem, que eu não saio daqui sem uma boa fotografia para os entalar a todos*.

Francisca foi andando até reparar num pequeno grupo de palestinianos, quatro miúdos, não tinham mais de quinze, dezasseis anos, que desafiavam um tanque. Concentrou-se neles. Aproximou-se tanto quanto possível, mas não demasiado, de modo a manter-se a salvo de alguma manobra súbita do blindado. Os miúdos encontravam-se em campo aberto, a cerca de quinze metros do tanque imobilizado. Atiravam-lhe pedras, uns à mão, outros com físgas ou com fundas. Gritavam como loucos, enfurecidos, e davam saltos, agitados, como se cumprissem um ritual de desafio guerreiro, aparentemente, inconscientes do perigo, talvez por acreditarem que o tanque não abriria fogo, nem tão pouco investiria sobre eles. A cena passava-se à margem do confronto principal, que tinha lugar numa rua afastada, onde a maioria dos palestinianos enfrentava o grosso do exército. Francisca olhou em redor e concluiu que ninguém prestava atenção ao pequeno duelo entre os quatro rapazes e o tanque. Tirou algumas fotografias de rajada e ficou à espera, observando, sem perder de vista o grupo, atenta às reacções do tanque.

Pouco depois, a máquina de guerra estremeceu com um solavanco e começou a movimentar-se. Aproximou-se cerca de cinco metros e parou. Os rapazes abrandaram a agitação, expectantes, mas resistiram à tentação de fugir. Como o tanque não se mexesse mais, foram ganhando coragem e não faltou muito para recomçarem a arremessar-lhe pedras. O tanque respondeu investindo sobre eles e, desta vez, os rapazes puseram-se em fuga, correndo para escapar à perseguição do blindado que avançou devagar, mas determinado. Na precipitação da corrida intempestiva pelo terreno irregular e cheio de pedregulhos, o mais novo dos rapazes estatelou-se no chão ao tropeçar num monte de terra. E, quando se levantou, o tanque alcançou-o,

imobilizando-se apenas a três metros dele. Francisca continuou a fotografar. O miúdo, lívido, paralisado de medo, pequeno e vulnerável defronte do blindado, gigantesco e desumanizado, uma besta de aço face a face com uma amostra de gente. Francisca sentiu terror pelo rapaz e dominou mal a vontade de desatar a correr para ir salvá-lo.

— Sacanas! — exclamou, zangada. — É só uma criança.

Não falou para ninguém em especial, foi mais um desabafo, pois nem reparou que Afonso se havia aproximado dela.

— Calma — aconselhou ele, receando alguma reacção imponderada. — Estás aqui para tirar fotografias.

— Mas é uma criança! — protestou Francisca.

— Eles não lhe fazem mal.

— Achas que não?

— Acho — confirmou, sem deixar transparecer qualquer dúvida na voz, apenas para a segurar, lembrando-se do que a vira fazer em Sarajevo para tentar salvar outra criança, e lembrando-se que Francisca estava grávida mas continuava tão imprevisível como sempre. Afinal de contas, ainda há coisa de uma hora, ela provocara quatro soldados armados, que lhe apontavam as espingardas à cabeça para a impedir de tirar fotografias. — Acho — repetiu.

— Eles só querem assustar o miúdo. — *Espero bem não me enganar*, pensou, e engoliu em seco, angustiado, com a sensação injusta de que acabara de assumir uma responsabilidade que não era sua.

Quando a noite se pôs sobre a Faixa de Gaza, uma nova tragédia palestina estava consumada. Onze mortos e dezenas de feridos, vários deles crianças, fechavam a sinistra contabilidade de mais um dia de ferro. Entre os soldados, também havia alguns feridos ligeiros. Khan Younis tinha sido totalmente ocupado pelo exército. A população escondeu-se em casa ao abrigo do recolher obrigatório. Potentes holofotes iluminavam a área onde haviam decorrido os confrontos, transformando a noite em dia, os soldados israelitas tomaram posições, os tanques vigiavam as ruas e os helicópteros zumbiam no ar, rondando incessantemente por cima do casario, como se fosse uma zona de guerra.

Os palestinianos de Khan Younis e os colonos judeus de Gush Katif eram vizinhos à força e devotavam-se um mútuo ódio mortal, suspenso da ponta das armas. Eram como dois cães raivosos separados por uma rede. Mas a autoridade que lhes mediava os conflitos pendentes não era imparcial, na medida em que a justiça acabava por ser sempre imposta pelo exército israelita. Por vezes, o próprio exército, em vez de manter a paz, inflamava os ânimos com abusos gratuitos. Era o caso desta revolta.

Começara tudo uma semana antes, com o assassinato chocante de uma criança palestina. A menina, de dez anos, ia a caminho da escola de raparigas, acompanhada por uma colega da mesma idade, quando uma bala israelita a atingiu na cabeça. A bala foi disparada de uma posição do exército no interior de Gush Katif. Aparentemente, tratou-se de um tiro ao acaso, que acertou na criança como podia ter acertado noutro alvo qualquer. A menina morreu sete dias mais tarde, sem chegar a recuperar a consciência. Nessa mesma madrugada, guerrilheiros palestinianos do Hamas vingaram o crime com uma salva de foguetes de raiva contra o colonato judeu. Apontaram ao casario, com a intenção perversa de atingir civis, e não as instalações militares do IDF. Um dos foguetes furou o telhado de uma casa e caiu inteiro no quarto de duas crianças. Só não as matou porque se deu o feliz acaso de terem dormido fora nessa noite. Mas, se o primeiro ataque se ficara pelas meias tintas de uma investigação que não daria em nada, o segundo atraiu as tropas como moscas na sopa. Ao amanhecer caíram em cima de Khan Younis com tudo o que tinham.

Mas, para Francisca e Afonso o momento mais marcante da jornada acabara por ser a situação dramática do jovem palestiniano, paralisado de medo frente ao tanque. Quase tão aflito como o miúdo, Francisca foi-se aproximando, de máquina fotográfica levantada junto ao rosto, observando tudo pelo visor. No interior do blindado, o condutor acelerou em seco. Ouviu-se o rugido do motor e um fumo cinzento soltou-se do blindado furioso. Ela tirou mais fotografias. Avançou alguns metros, para conseguir uma posição melhor, focou a expressão espantada do miúdo, carregou no botão de disparo, contou cinco fotos, levantou o dedo. O blindado deu um salto em frente, um solavanco pesado, afundou-se ligeiramente na direcção do rapaz ao travar a

um metro dele e voltou a erguer-se, imponente. O jovem não se mexeu, aterrorizado. Ficaram assim, num impasse de medo, segundos eternos, frente a frente, miúdo com máquina, qualquer deles sem parecer saber o que deveria fazer, até que, num rebate de humanidade, a cabeça de um soldado emergiu de dentro do blindado. O homem deu uma ordem ao jovem, fazendo um gesto enérgico com o braço, para que se afastasse. Mas nem mesmo assim ele se moveu da frente do tanque. Então, o soldado recolheu-se para o interior e, acto contínuo, o blindado virou sobre si mesmo, para a direita, impulsionado pela força da lagarta esquerda, e foi-se embora, procurar um confronto mais digno do seu poder. O miúdo sentou-se no chão e levou as mãos à cara.

Francisca e Afonso foram até junto dele e descobriram-no num pranto. De cócoras a seu lado, tentaram consolá-lo, mas foram interrompidos por um dos três rapazes mais velhos, que voltou mal o tanque se afastou, agarrou-o por um braço, levantou-o com rudeza e levou-o dali no meio de um chorrilho de palavras em árabe zangado.

Afonso fez uma careta comiserada.

— Deve ser o irmão — concluiu.

De modo que chegaram ao fim do dia com a sua história exclusiva. A fotografia do miúdo transfigurado pelo pavor, ensombrado pelo tanque, com o cano do canhão por cima da sua pequena cabeça, encheu a primeira página do jornal. Sobre os confrontos no campo de refugiados de Khan Younis, os jornalistas internacionais fizeram um relato pormenorizado dos incidentes, assim como a contabilidade dos mortos e feridos, mas nenhum conseguiu *agarrar* um momento tão significativo do que ali aconteceu como Francisca com o retrato simbólico da criança indefesa ameaçada pelo tanque.

Deixaram Gaza no dia seguinte, logo de manhã. Afonso quisera partir na noite anterior, mas o território ficava isolado pelo exército até ao nascer do dia. Durante a madrugada, não saía nem entrava ninguém. Afonso ainda tentou argumentar com Nasser que precisava de chegar a Jerusalém a tempo de enviar um despacho para o jornal, mas o palestiniiano cortou a discussão com uma observação pesarosa:

— Há recolher obrigatório. É muito perigoso para nós — disse, referindo-se a si próprio e ao primo.

Nasser sabia do que falava quando disse que o carro deles ficava em segurança na estação de serviço junto ao posto de controlo militar de Erez. De facto, o automóvel continuava no mesmo lugar, intacto, sem um único arranhão, apesar da matrícula de Jerusalém. Não pertencesse ele a jornalistas e talvez só restassem as rodas.

Despediram-se de Nasser e do primo, pagaram-lhes a quantia previamente acordada pelos seus serviços e partiram por volta das dez horas.

Afonso conduziu. Seguiram para norte, sem pressa, ao longo de uma estrada paralela ao mar. Francisca abriu a sua janela, para deixar entrar algum ar no ambiente abafado do carro, e sentiu-se reconfortada pela maresia que lhes chegava do Mediterrâneo. Andaram cerca de dez quilómetros, passaram o

desvio para a cidade costeira de Ashqelon e inflectiram para nordeste, rumo a Jerusalém. Estava um dia belíssimo, céu azul límpido e uma temperatura agradável. Afonso descontraíu-se ao volante e continuou a guiar, sem pisar muito no acelerador, em velocidade de passeio.

— Mais um dia — comentou Francisca, como que adivinhando o pensamento dele — e aqui vamos nós para Lisboa.

— Vou chegar ao hotel, enviar a reportagem e não quero ouvir falar mais de trabalho — disse Afonso, satisfeito com a perspectiva de ter pela frente um dia inteiro de descanso.

— Até que foi uma reportagem relativamente calma — acrescentou ela, meio a brincar.

— Pois foi — rabujou ele —, se não contarmos com as armas apontadas à cabeça, o tiro no pneu, a confusão em Khan Younis, enfim, o ideal para uma grávida. Francisca pousou-lhe uma mão conciliadora em cima do ombro.

— Vá, lá — disse —, não sejas assim. Já passou tudo. Agora, até ao bebé nascer, prometo que não me meto em mais nenhuma confusão.

Mas enganava-se, e muito, porque, ao contrário do que ela pensava, não tinha passado tudo. Na realidade, o pior ainda estava para vir.

A máquina de filmar foi desligada e a jovem palestina, sentada num banco alto à frente do tripé, fechou os olhos por um instante, como se quisesse evadir-se mentalmente daquela cave sinistra, onde ela acabara após cinco semanas a sofrer pressões psicológicas brutais, a que não soube, ou não conseguiu resistir. Tinha os nervos esfrangalhados, sentia as mãos a tremer e a parte de cima do vestido colada ao corpo, empapada em suor. Voltou a abrir os olhos, soltou um longo suspiro e pensou: *Em breve estará tudo acabado.*

O homem que a estivera a filmar, um tipo duro, operacional da Tanzim, com olhos negros, bigode farto e uma cicatriz de guerra que lhe rasgava o lado direito da face, segurou a mão dela entre as suas e murmurou-lhe umas palavras patrióticas num tom benévolo, misturadas com o que lhe soou a uma data de tangas religiosas, *hipócrita, filho da puta, pensas que me enganas...* Contudo, se assim pensou, a jovem palestina teve o bom senso de não abrir a boca, pois, mais do que tudo, morria de medo do homem. Sabia-o capaz de a torturar e de a fazer sofrer coisas inimagináveis só pelo simples prazer de infligir dor. Já ouvira muitas histórias sobre ele e não duvidava nem por um instante que fossem todas verdadeiras.

A jovem mulher chamava-se Mona Idris, tinha vinte e sete anos e vivia desde sempre em Ramallah, na Cisjordânia, a mesma cidade onde estava baseado o quartel-general da Tanzim — «organização», em árabe. Recentemente formada pela mão do próprio Yasser Arafat, a Tanzim era agora o braço armado da Fatah, por sua vez, a maior facção da Organização de Libertação da Palestina, embora, oficialmente, Arafat lavasse as mãos dos banhos de sangue organizados e executados pelos seus operacionais.

Os homens da Tanzim, na sua maioria oriundos das universidades, consideravam-se os «puros», aqueles que nunca tinham abandonado a Palestina. Em contrapartida, desconfiavam dos regressados do exílio, a quem apontavam o dedo e acusavam de serem uns tipos corruptos, mais interessados em enriquecer à custa do povo do que em ajudar a causa palestina. Arafat, ele próprio um exilado recém-retornado, mas também um mestre do enredo, podia assim jurar a pés juntos que eles — os seus guerreiros secretos — não passavam de um punhado de radicais indisciplinados que lhe escapavam ao controlo. Desta forma, Arafat continuava a mostrar-se disponível para levar as coisas a bem com os israelitas, ao mesmo tempo que os atacava a tiro nas ruas.

Bem vistos pelo homem da rua palestino, os militantes da Tanzim não tinham dificuldades em recrutar hordas de miúdos destemidos, que serviam de carne para canhão contra o exército israelita. Com os mais novos na primeira linha dos confrontos, avançando de pedras na mão e peito aberto, os operacionais tomavam posições na retaguarda, bem escondidos e bem armados, e disparavam sobre os soldados. O objectivo era obrigá-los a retaliar. Fogo com fogo se pagava. No meio do tiroteio, os miúdos, ingénuos e voluntariosos, sentiam as balas zumbirem-lhes aos ouvidos e começavam a

fugir, sendo muitos deles atingidos nas costas, abatidos pelo IDF. Os dirigentes da Fatah achavam que a morte das suas crianças nas martirizadas e poeirentas ruas palestianas ajudava a sensibilizar a opinião pública internacional e a mobilizá-la a favor da causa.

A Tanzim, herdeira da Intifada — quase todos os seus operacionais tinham passado a juventude a apedrejar israelitas —, ora se envolvia nestes confrontos manipulados, nos territórios ocupados, ora metralhava os carros de famílias judias inteiras, emboscadas à traição num cruzamento deserto de uma estrada qualquer, ou organizava atentados suicidas nas ruas de Israel, tão espalhafatosos quanto trágicos; sendo certo que, onde metia a mão corria o sangue.

Mona Idris embarcou no lugar do morto de uma caixa aberta, entre o condutor e um desgraçado de aspecto macilento, de pele amarelada e olhos fixos, com uma expressão para lá de Bagdad, do tipo alucinado, fanático, todo suado, em transe, em período de mentalização para a missão suicida que se propunha cumprir. Eram dois cordeiros a caminho do sacrifício. Mona desconhecia por completo a história do jovem esquelético e assustado que ia sentado ao seu lado, mas a sua sabia-a bem e, se lhe tivessem perguntado há meia dúzia de meses onde estaria agora, não lhe passaria pela cabeça responder que estaria sentada numa carrinha, a caminho de Jerusalém, com uma mochila armadilhada com cinco quilos de explosivos aos seus pés.

A história de Mona Idris começava numa família com pergaminhos no poder local de Ramallah. O avô de Mona havia sido um destacado dirigente político, um líder carismático que se aproximara de Arafat e mexera os cordelinhos da Organização de Libertação da Palestina na Cisjordânia, na clandestinidade, desde a sua fundação, em 1964, quando a resistência árabe iniciou a luta armada a partir da Jordânia. Sendo um poderoso membro da oligarquia local, o avô de Mona tinha feito fortuna e criado as raízes de uma dinastia familiar na política palestina. Porém, como tudo na história da Palestina, os equilíbrios de poder na região eram frágeis e mudavam facilmente com os ventos cruéis das tempestades armadas. E em 1967 o avô perdera a vida durante a Guerra dos Seis Dias, esmagado pelas lagartas dos tanques israelitas que ocuparam a Cisjordânia. Tinha sido o início do declínio familiar. O pai de Mona prosseguira a luta do avô, esforçando-se por manter vivo o prestígio do seu apelido, embora sem o talento, o carisma e o espírito combativo e impiedoso do progenitor. Ultrapassado pelos seus pares e vendo a fortuna a escapar-se-lhe por entre os dedos, tinha optado por abandonar a política para se dedicar às terras herdadas do pai. Durante os anos seguintes, casou, procriou cinco filhos, um dos quais morto à nascença, delapidou o património até às últimas migalhas e acabou tão pobre como a maioria dos seus patrícios. Das três irmãs e um irmão, Mona Idris era a segunda, logo a seguir ao rapaz, e os quatro tinham crescido apoiados na mãe e sobrevivido sem a ajuda do pai, que desperdiçou o resto da vida a deambular pelas ruas de Ramallah, fazendo discursos sem nexos, enlouquecido pelos fracassos, sempre

a fumar, invocando sem brilho a glória do nome do seu pai, até a doença o levar em paz — *Ma'a salaama*.

Embalada pelo ritmo lento da caixa aberta, com os olhos fixos na paisagem amarela e fustigada por um sol inclemente, Mona mergulhou nos seus pensamentos insanos, que era como se sentia agora, confusa, cheia de dúvidas, perguntando-se por que haveria de se matar por uma causa, ou por um punhado de egoístas sem escrúpulos que estavam a usá-la para proveito próprio, quando ela tinha dois filhos pequenos em casa. Quem trataria das crianças depois de ela desaparecer? O pai prometera que o faria. Mas o pai era o mesmo homem que lhe suplicara que se matasse para resgatar a honra da família, o marido querido, extremoso, que caíra em desgraça no seio da Fatah desde o momento em que foi apontado a dedo pelos seus inimigos, que o acusaram de colaborar com Israel, para o afastar do caminho, e, desde então, deixara de ser o marido querido e extremoso para se tornar um cobarde irreconhecível. E nesse momento, começara o calvário de queixas, choros, pressões, como se fosse ela quem usava calças lá em casa e lhe coubesse a si limpar o nome da família. Mas como é que o seu próprio marido tivera a coragem de lhe pedir, em nome de Alá, para se fazer explodir numa rua de Jerusalém para o ajudar? Para o ajudar?! Filho da puta, eram todos uns filhos da puta, o marido, o irmão dela, tão preocupado em manter o seu importante lugar de operacional da Fatah, pelos vistos mais importante do que a vida da irmã; era um filho da puta o cabrão que lhe segurou a mão entre as dele, «irmã, és uma mártir e o teu povo nunca te esquecerá», agora vai, Mona, vai-te explodir no meio dos israelitas que o sacana sinistro da cicatriz medonha fica em Ramallah a fumar o seu cigarrinho, à espera que lhe cheguem os ecos da bomba. Não bastava o que ela já sofrera? Não bastava a sua dedicação à causa, o seu trabalho de enfermeira nas ambulâncias do Crescente Vermelho? Não bastava as vidas que se tinham esvaído nos seus braços, os rapazes ensanguentados que se apagavam a caminho do hospital sem que ela, desesperada, pudesse fazer nada para os salvar? Não bastavam as balas de borracha que a haviam atingido em duas ocasiões, enquanto ela tentava estabilizar jovens feridos, deitados por terra, durante os confrontos com o exército?

Mona Idris, farta da vida, farta de tudo, caíra em depressão, angustiada, assustada ao ver os filhos maltratados pelos colegas da escola, os filhos do colaboracionista, do traidor, o marido que não saía de casa nem sequer tinha coragem para ir à escola falar com os professores, olhá-los de frente e defender os filhos. As pessoas conhecidas começaram a desviar a cabeça ao cruzar-se com ela na rua e Mona Idris sentia medo de ser linchada ao virar de uma esquina e tremia quando ia comprar pão e leite para a família. Receava tudo e todos, não podia contar com ninguém, sentia-se sozinha e abandonada, e chegou ao ponto de ingerir um frasco inteiro de comprimidos e de só ter escapado à morte por um acaso de última hora, ajudada por uma vizinha piedosa que a encontrou prostrada no chão da entrada de casa, à beira da

inconsciência. Mas as coisas não melhoraram. O marido, egoísta, continuou a despejar os seus dramas pessoais em cima de Mona, os filhos tiveram de ser acolhidos por uma irmã para não morrerem à fome e ao abandono, e ela, cada vez mais tresloucada, revoltada com a vida, dizendo em voz alta que só queria morrer para que a deixassem em paz. Depois o marido saiu-se com aquela: «Se queres morrer, ao menos morre pela causa e prova às pessoas que não somos uma família de traidores. Se queres morrer, morre pelos teus filhos, torna-te uma mártir e serás venerada pelo povo.» Mona Idris não queria acreditar no que escutava da boca do marido, ele, que a devia apoiar, era o primeiro a explorar a sua fragilidade. De modo que se ouviu dizer, não, que se ouviu gritar para que toda a gente ouvisse que, se era isso que queriam, seria isso que iria acontecer. Dessem-lhe uma mochila cheia de explosivos e ela fá-la-ia rebentar na cara dos judeus.

Afonso e Francisca decidiram almoçar no American Colony. O hotel ficava em Jerusalém Oriental, a escassos dez minutos a pé da Cidade Velha. O antigo palácio turco, mandado construir em 1860 por um árabe rico que ali se instalara com as suas três mulheres, passara trinta e seis anos depois para as mãos de um casal americano muito religioso e este, juntamente com um grupo de seguidores, fundou uma comunidade que veio a ser conhecida pela American Colony. Mais tarde, no início do século xx, o barão Ustinov, avô do famoso actor inglês Peter Ustinov, transformou o palácio num hotel de charme, luxuoso, cujos quartos, salas e jardins respiravam a história do Médio Oriente. O hotel, onde Lawrence da Arábia, Graham Greene, Jimmy Carter, Mikhail Gorbachov, entre outros, tinham em tempos estado hospedados, era hoje em dia um dos preferidos da imprensa internacional.

Almoçaram no jardim, junto à pequena fonte turca. Pediram *falafel* — os típicos bolinhos de grão-de-bico —, uma cerveja *Macabi* para ele, água mineral para ela. Finalmente, desde os últimos dias, Afonso conseguia descontraír e gozar o ambiente luxuoso daquele oásis pacífico, no lado árabe de Jerusalém. Enviara para Lisboa a reportagem sobre a Faixa de Gaza e agora só tinha de esperar sossegado pela hora de apanhar o avião em Telavive, no dia seguinte. Ao deixarem o Sheraton para irem almoçar, Afonso ainda censurara levemente Francisca por trazer consigo as máquinas fotográficas, mas ela encolhera os ombros e calara-o com uma verdade que não admitia discussão:

— Sabes muito bem que eu não vou a lado nenhum sem as minhas máquinas.

Acabaram por partilhar a mesa com dois jornalistas americanos recém-chegados a Jerusalém, que se impingiram sem cerimónias. Eram jovens, destemidos, vinham da Carolina do Sul e explicaram-lhes logo, sem complexos, que estavam fartos das historietas lá da terrinha e andavam à procura da reportagem das suas vidas, esperançados em conseguir dar um novo impulso às suas carreiras.

— Afinal de contas — inquiriu um deles —, quem é que tem razão? Os judeus ou os árabes?

Afonso teve uma troca de olhares rápida com Francisca e ela, perdida de riso com a ingenuidade dos americanos, baixou a cabeça por um momento, fingindo-se interessada no seu prato de *falafel*, engoliu o riso, e só depois respondeu.

— Nem uns, nem outros — proferiu. — Ou, se preferir, ambos.

— Ah! — exclamou o repórter. — Então, é mais complicado do que eu julgava.

— Nem imagina quanto — disse Afonso. — Eu já sigo a situação no Médio Oriente há vários anos e ainda tenho dificuldade em entender esta gente.

— É incrível — comentou o outro americano. — Esta gente anda a matar-

se há meio século por causa de um bocado de deserto deste tamanho — exemplificou a medida do deserto, colocando o polegar e o indicador ligeiramente afastados um do outro, à frente da cara.

— É um bocado de deserto *cheio* de história — fez notar Francisca, que começava a sentir-se agastada com a conversa.

— Sim, é verdade — condescendeu o jornalista —, mas, mesmo assim, caramba, os tipos não vêem que nenhum dos lados vai ganhar a guerra? Não conseguem perceber que, mais tarde ou mais cedo, vão ter de aceitar a realidade?

— E qual é a realidade? — incentivou-o Francisca, recostando-se na confortável cadeira de vime à espera de mais uma resposta simplista.

— A realidade é que vão ter de se entender, vão ter de aprender a viver juntos, dê lá por onde der.

— Hum-hum — murmurou ela.

— Disse alguma asneira? — abespinhou-se o jovem.

— Não, não — interveio Afonso, conciliador. — Mas é que... repare, a questão palestiniana há muito tempo que deixou de depender só dos dois beligerantes. Os países árabes, os Estados Unidos, a Europa, a Rússia, estão todos enterrados nisto até ao pescoço. Uns vendem armas, outros dão apoio político, outros ainda vendem armas e dão apoio político. É uma guerra de interesses entre dois mundos e não apenas entre dois povos. E tudo isto complica muitíssimo a situação.

— Muito bem — disse o outro jornalista, virando-se para Afonso. — É óbvio que nós não pescamos nada do que se passa nesta terra. Portanto, diga-me lá, por favor, o que precisamos de saber?

Então, Afonso ficou nas suas sete quintas e passou o resto do almoço a dar uma aula sobre a região e as suas peculiaridades político-religiosas. Francisca pediu outro café, acendeu um cigarro, remeteu-se ao silêncio e esperou, aborrecida, que ele terminasse.

Moshe Levi contemplou orgulhoso o seu filho de nove anos. Chamava-se Aaron e era indiscutivelmente um miúdo bonito. Tinha pele branca, cabelo louro muito curto e uns radiosos olhos azuis. Moshe levou-o pela mão e foram caminhando desde a praça Zion, subindo a rua Ben Yehuda. Estava um fim de tarde quente e Moshe acedeu em comprar um gelado a Aaron. O filho insistira muito para que dessem um passeio antes do jantar. Moshe, que acabara de cumprir um turno de quase catorze horas, não se sentia nada virado para passeios. Saía do trabalho e passara em casa da vizinha, onde Aaron costumava esperar por ele, ou pela mãe, depois da escola. A ideia era irem directamente para casa, contudo, a insistência do filho fizera-o reconsiderar. Afinal, pensou, o que o miúdo desejava era a atenção a que tinha direito.

Moshe era um agente veterano do Shaback, o serviço de segurança interna israelita, colocado em Jerusalém, sua cidade natal, há coisa de onze anos, e podia dizer-se que vestia a camisola do departamento, pois, além de adorar a profissão que escolhera, casara com uma funcionária administrativa do serviço e a maioria dos seus amigos eram agentes como ele.

A Ben Yehuda era uma das ruas mais movimentadas de Jerusalém e fazia um triângulo com a Jaffa Road e a King George, onde tudo se passava. Era uma zona livre de carros, só para peões, a mais animada da cidade, com as suas esplanadas, os restaurantes, as lojas e a vida nocturna.

Foram sentar-se num banco de pedra. Enquanto Aaron comia o seu gelado, Moshe acendeu um cigarro, a pensar no que haveria de fazer para o jantar. A mulher ficaria a trabalhar até tarde, de modo que hoje cabia-lhe a ele a responsabilidade de cozinhar, o que, para dizer a verdade, não era uma das suas tarefas favoritas. Mas, enfim, já que ali estava, talvez comprasse uma piza para se descartar da cozinha. *Ele até me agradece*, pensou, a olhar para o filho, que não morria de amores pelos jantares sensaborões e, muitas vezes, queimados do pai.

Moshe sorriu ao filho e este fez o mesmo. Tinha um enorme círculo branco à volta dos lábios e o gelado começava a derreter-se por cima dos dedos.

— Despacha-te a comer isso — aconselhou — ou ainda te cai o gelado ao chão.

Aaron inclinou a cabeça e começou a lamber o cone de lado, lutando com os fios brancos que escorriam da bola de gelado. Moshe riu-se, enternecido com a atrapalhação do filho. Nesse momento, sentiu o seu *pager* a vibrar no bolso das calças e deixou de se interessar pelo problema de Aaron. Leu a mensagem. Era um número de código que, por essa altura, já estaria a ser enviado a todos os agentes em Jerusalém e que, na prática, significava um grito de alerta. Trocada por miúdos, a mensagem queria dizer apenas *telefona, urgente*, mas, quando um agente recebia um pedido destes, já sabia que as coisas iriam aquecer muito em breve. Moshe ergueu os olhos à procura de um lugar onde pudesse fazer o telefonema.

— Esta terra é um nunca acabar de emoções — declarou Francisca, endireitando-se no banco do carro e começando logo a tirar fotografias. Afonso reduziu a velocidade e encostou o *Uno* à berma, na expectativa.

Tinham acabado de sair do American Colony e ainda se encontravam na zona oriental da cidade quando viraram uma esquina e deram com uma furgoneta azul a arder no meio da rua. Francisca saiu do carro e começou a andar para o local antes de Afonso ter oportunidade de a impedir.

— Francisca — gritou de dentro do carro —, tem cuidado!

Ela aproximou-se da furgoneta a passo acelerado, enquanto Afonso trancava o carro para a seguir. Um grupo de jovens palestinianos exultantes saltava em redor da furgoneta a arder, de braços no ar e soltando gritos de desafio. Francisca fotografou a cena e os rapazes, excitados, rodearam-na, de mãos erguidas, fazendo o V da vitória e empurrando-se uns aos outros, numa luta feliz para se porem no enquadramento da câmara. Ela olhou para trás, instintivamente, à procura de Afonso. Ele já lá vinha. Foi então que o depósito de gasolina explodiu de surpresa, com um estrondo abafado, as chamas envolveram o que restava da furgoneta e os jovens recuaram alegres e ainda mais inflamados com o espectáculo do fogo.

Dois jipes do exército surgiram no início da rua e o que vinha atrás atravessou-se logo ali, fechando-a. O primeiro jipe seguiu em frente, a grande velocidade, passou por Afonso e travou só no último momento, ao lado da furgoneta, já com as portas abertas e os soldados a saltarem de armas aperradas, dando caça aos palestinianos que começaram a correr no sentido contrário, mas viram a sua fuga cortada por um terceiro jipe que bloqueou a outra extremidade da rua. Mais quatro soldados saltaram ao caminho dos palestinianos, fechando o cerco. No meio da confusão das espingardas automáticas e dos berros de lá para cá e de cá para lá, sentindo-se em perigo, Francisca largou a máquina fotográfica, presa ao pescoço pela correia, e levantou as mãos. «*Press! Press!*», gritou, não fossem os soldados terem alguma ideia esquisita e incluí-la no grupo dos amotinados, com direito ao mesmo tratamento e tudo. Um pouco atrás, ao pressentir o ecoar poderoso das botas da tropa contra o asfalto, em passo de corrida, Afonso encostou-se à parede para dar passagem aos quatro homens do jipe que parara no princípio da rua. Francisca obedeceu à ordem dos militares para se afastar, mas dali a pouco já estava de volta, com a máquina em punho, fotografando tudo sem se fazer notada. Afonso alcançou-a. Ao longe, começou a ouvir-se as sirenes de um carro de bombeiros. Os soldados, organizados e agressivos, dominaram os palestinianos num abrir e fechar de olhos, com a ponta das armas, a ponta das botas e ameaças sérias na ponta da língua. Puseram-nos na ordem, de pé, virados para a parede, de cabeça baixa e em silêncio, numa posição humilhante, como se fossem crianças mal-comportadas, colocadas de castigo.

Os bombeiros chegaram e apagaram o fogo em poucos minutos. Entretanto, os soldados já tratavam de identificar os detidos. Com a adrenalina

esvaziada, Afonso abanou a cabeça, *tanto barulho por nada*, pensou, chateado por se terem envolvido num incidente insignificante, mas que podia ter sido perigoso para eles.

— Foi só um incidente de merda — constatou. — Uma porcaria de um incidente de merda. Uma furgoneta israelita que ardeu. Isto nem para uma nota de rodapé nos serve. Vamos embora daqui.

Foram acabar o dia na zona da Ben Yehuda. A noite começava a cair sobre Jerusalém. Um manto negro descia sobre o céu cor de laranja do final da tarde. As ruas do centro da cidade enchiam-se de gente, na sua maioria jovem, à procura de uma esplanada ou de um restaurante onde jantar.

Francisca sentou-se numa dessas esplanadas, a bebericar um daqueles baldes de água suja a que os israelitas chamavam *american coffe*.

— Eu já volto — anunciou Afonso. — Vou comprar cigarros.

Ela viu-o desaparecer por entre a multidão que se deslocava, rua acima, rua abaixo, numa massa humana colorida. O ambiente era descontraído, alegre, e a temperatura amena e as montras iluminadas prometiam uma noite cheia de animação. Francisca colocou a *Canon EOS* em cima da mesa e entreteve-se a trocar-lhe o rolo. Não contava tirar muitas mais fotografias em Israel, mas, como nunca se sabia, preferia ter a máquina pronta a disparar. Reparou num homem de cabelo curto e camisa branca por fora das calças, beges, que passou por ela e entrou no café acompanhado de um miúdo louro com um gelado na mão. Observou-os enquanto se dirigiam ao balcão. Em seguida espreitou por entre a multidão, para o lado onde Afonso desaparecera, a ver se o via. Mas não o viu. Ele tinha subido a rua, à procura de uma tabacaria.

E entretanto, no lado oposto, na Jaffa Road, perto da praça Zion, uma carrinha vermelha de caixa aberta parou na berma para deixar sair uma mulher e arrancou imediatamente.

Um atentado demorava semanas, ou meses, a ser preparado e, no último momento, podia falhar por causa de um imprevisto qualquer. Um tipo, vários tipos, algumas mentes perversas e metódicas, matavam a cabeça a planear a coisa ao milímetro e no fim, em vez de Bum!, ouvia-se Puff... Bem, não era possível planear atentados infalíveis, quanto mais não fosse, porque havia a outra parte, e a outra parte eram as autoridades israelitas, uma legião de polícias, bombeiros, a própria população, os voluntários, o Shaback, a Mossad, o exército, a inteligência militar e mais não sei quantos serviços, agências e departamentos, secretos ou não, todos de antenas no ar, todos habituados ao cheiro da pólvora, que tratavam o terrorismo por *tu* e eram capazes de topar um bombista a milhas de distância.

Por isso se tomavam precauções, se usavam técnicas de dissimulação, para enganar os mestres da vigilância e passar por entre as malhas de uma rede tão apertada que podia apanhar até o peixe mais miúdo. E, uma vez no interior da rede, era só carregar no botão e o peixe miúdo mandava-se a ele e a mais uma série de tubarões pelos ares. Era como pescar com barras de dinamite. O homem da cicatriz medonha, o tipo sinistro da Tanzim que enviava as bombas humanas, gostava muito desta imagem e repetia-a sempre quando treinava novos recrutas.

Naquele dia, Mona Idris parecia tudo menos uma palestiniana típica. Apesar da pele morena, dos olhos e do cabelo castanho, Mona conseguia realçar a sua beleza natural e podia perfeitamente passar por israelita, ou até ser mais uma estrangeira entre tantos turistas que deambulavam pela Ben Yehuda. Vestia calças de ganga apertadas e uma *T-shirt* justa. Como lhe dissera o filho da puta da cicatriz medonha, com uma expressão aprovadora, «pareces uma puta israelita, boa como tudo, cu duro, mamas grandes, boazona. Tira o sutiã e mostra a barriga. Quero ver os bicos das mamas e o umbigo.» E ela obedeceu, claro. «Assim está melhor, és mesmo boa, caraças, vais enganar toda a gente», o cabrão quase se babou em cima dela. Tivesse ele tempo e ainda lhe saltava em cima. Disso não duvidava Mona. Pintara os olhos e arranjava as sobrancelhas, tudo como as israelitas, tudo ao contrário do género conservador das mulheres árabes. De modo que ia a subir a Ben Yehuda com a mochila às costas e os únicos homens que olhavam para ela não a consideravam perigosa. Bem pelo contrário. Pelo menos por agora, enquanto os nervos não tomassem conta de si.

Um dos imponderáveis mais difíceis de contornar era o comportamento dos suicidas voluntários que, até ao derradeiro segundo, podiam perder a coragem e simplesmente desistir da ideia louca de se fazerem explodir no meio de uma rua cheia de gente. A pressão a que uma pessoa nessas condições estava sujeita era esmagadora. O suicida podia muito bem não ter ânimo para carregar no botão que accionava a bomba, voltar as costas e afastar-se. Já acontecera antes e voltaria a acontecer mais vezes. Mona Idris caminhava rua acima como se fosse cumprir a missão, mas se lhe

perguntassem se tinha a certeza, não tinha. Com a mochila às costas, as mãos enfiadas nas alças que lhe passavam por cima dos ombros, sentindo o peso da bomba, os seus cinco quilos insustentáveis, assustadores, Mona limitava-se a pôr um pé à frente do outro, forçando-se a andar, e nem sequer conseguia pensar direito, sentia-se incapaz de tomar uma decisão coerente, autónoma, só da sua cabeça. Era como se fosse uma máquina programada, um autómato sem vontade própria. *O que é que me fizeram? Por que é que estou aqui? Eu não quero fazer isto, não quero matar ninguém...* Mas algo a levava a seguir em frente, pela rua acima, em direcção ao ponto de encontro, exactamente como planeado, talvez porque Mona não estava a pensar correctamente e não sabia o que fazer e, no fundo, ir em frente ou voltar atrás ia dar ao mesmo, ou não? *Se rebento a bomba, morro, se volto inteira a Ramallah, aquele cabrão mata-me. Viola-me primeiro e mata-me depois.* Morrer por morrer...

O operacional da Tanzim que os transportara a Jerusalém na caixa aberta largara primeiro o companheiro alucinado de Mona, no cruzamento da Ben Yehuda com a King George, com uma pequena *Uzi* automática debaixo da camisa, entalada nas calças, pronta a disparar. A ideia era simples, o doido descia a rua, despejava o carregador da *Uzi*, lançava o pânico e o grosso dos sobreviventes corria rua abaixo em direcção a Mona. O sacana da Tanzim deixara-a lá em baixo, o cagarolas quase se borrava todo quando, a meio da viagem, Mona puxou de um cigarro para acalmar os nervos e o acendeu. «Estás doida?!» gritou ele, preocupado com a mochila carregadinha de explosivos. «Queres matar-nos a todos?!» *Ah!, queres matar-nos a todos,* Mona riu-se na cara do tipo e continuou a fumar o seu cigarro.

Se ela soubesse, se ela tivesse visto a irmã a chegar com os seus dois filhos, um em cada mão, no exacto momento em que a caixa aberta partia de Ramallah, talvez tivesse desistido logo ali. Talvez, não, de certeza. Teria saltado da carrinha, nem que fosse em andamento, e mandado os terroristas todos para a puta que os pariu. Mas não viu. Foi-se embora sem se despedir dos filhos, um rapazinho de quatro anos e uma menina de cinco.

A irmã, contudo, viu-a, de relance, os olhos pintados, o cabelo apanhado, a expressão vazia, na companhia de dois estranhos de má cara, a caminho de qualquer sítio numa carrinha que ela não conhecia. A irmã não precisou de dar muitas voltas à imaginação para compreender o que Mona ia fazer. Trouxera as crianças para verem a mãe e agora descobria que ela se ia matar, pela segunda vez. Assustada, correu para casa de Mona, telefonou primeiro ao cobarde do seu marido e depois ao irmão delas, o operacional conhecido da Fatah. Demorou três quartos de hora a localizar os dois e perdeu imenso tempo a implorar-lhes que fizessem alguma coisa para impedirem aquela loucura. Mas em troca ouviu apenas a mesma resposta duas vezes: «Não te metas, não é nada contigo.» *Ai, não me meto?*, pensou, revoltada. *A minha irmã vai-se matar e eu aqui, com os filhos dela, e não me meto?* Foi quanto bastou para fazer um terceiro telefonema, mas agora para Jerusalém.

Afonso teve alguma dificuldade em encontrar um sítio onde comprar tabaco, mas finalmente lá descobriu um bar onde se vendia *Marlboro*. Saiu para a rua, parou um instante a tirar o plástico que envolvia o maço e a prata que cobria os cigarros, acendeu um, procurou um caixote de lixo, e começou a descer a rua, lentamente, distraído com a fauna humana e com as montras.

Sem que Afonso tivesse notado, um homem muito magro e com aspecto de enfermo, drogado, talvez, ultrapassou-o, descendo em direcção à praça Zion.

Na esplanada, Francisca colocou o rolo na máquina fotográfica e pôs-se a perscrutar a rua, por curiosidade, através do visor, em busca de pontos de interesse, fazendo enquadramentos, varrendo a paisagem urbana de cima a baixo, até se fixar numa mulher que vinha a subir a rua, de mochila às costas. Acompanhou-a com a teleobjectiva, intrigada com a sua expressão, sem saber exactamente o que havia nela que lhe chamava a atenção, mas, tal como lhe acontecia frequentemente, fotografou-a apenas porque sim, por instinto. Depois continuou à procura de outros rostos, a esquadrihar a área, à caça de imagens curiosas.

A mulher que Francisca fotografou era Mona Idris e não admirava que uma repórter profissional e habituada a separar o trigo do joio se tivesse interessado por ela, pois Mona vinha aterrada e confusa, o pânico em pessoa, muito mal controlado, e, claro, seria facilmente topada por qualquer agente que andasse à procura de sinais de alarme entre a multidão. No caso de Francisca, tratou-se de um reflexo, do sexto sentido, de qualquer coisa que lhe mexeu com o subconsciente, se bem que não se deteve nela mais do que o tempo de uma fotografia, porque não estava a trabalhar, porque se sentia cansada e com o espírito um pouco apagado e, de modo algum, suficientemente aguçado para empreender no que quer que fosse.

— Preciso de um telefone — disse Moshe Levi ao empregado do café.

— Ah, não, nós não estamos autorizados a... — a voz do empregado extinguiu-se a meio da frase, à vista do cartão de identificação do Shaback que Moshe lhe exibiu, discretamente. — Com certeza — aquiesceu de imediato, colocando o telefone em cima do balcão.

Moshe ligou um número que sabia de cor, identificou-se, aguardou dez segundos que a chamada fosse passada, ouviu a mensagem e desligou. Em seguida olhou em redor, estudando cuidadosamente as pessoas que se encontravam no interior do café, com todos os sentidos em alerta, ao mesmo tempo que ponderava as suas opções. A sala tinha uns trinta metros quadrados e estava cheia de mesas e cadeiras; chão de mármore, paredes com azulejos e prateleiras de metal, ao comprido e à altura do peito, para quem quisesse comer de pé, um espelho por cima. O balcão era de vidro, com montra para exhibir os produtos. Uma explosão naquele espaço apertado seria catastrófica. Moshe reparou na janela aberta para a cozinha atrás do balcão; e, claro, na cozinha havia o fogão a gás e as canalizações que percorriam o prédio inteiro.

Uma bomba, mesmo de fraca potência, serviria de ignição, faria explodir o gás e criaria uma combustão em cadeia através das canalizações, espalhando-se pelo prédio.

Os olhos de Moshe, metódicos, examinaram cada rosto, cada gesto, a postura de cada cliente, um a um, numa sucessão rápida, automática, profissional, à procura de um indício de perigo, de alguém que correspondesse às características típicas de um suicida. A pessoa que ele procurava estaria sozinha, nervosa e assustada; teria consigo uma pasta ou uma mochila onde transportasse a bomba, teria, enfim, a palavra *suicida* estampada na testa. Era só uma questão de a localizar a tempo de evitar a tragédia.

Moshe não encontrou ali ninguém que correspondesse a essas características. A sua cabeça trabalhava agora à velocidade da luz, estabelecendo prioridades, dividida entre o instinto de sobrevivência e o sentido do dever. Não era a sua integridade física que o preocupava. Olhou para baixo. Aaron continuava entretido com o gelado, absorto, totalmente a leste da aflição do pai. *Tenho de o tirar daqui*, pensou Moshe. A opção era agarrar no filho, dar uma corrida até ao fim da rua e afastarem-se dali tão depressa quanto as suas pernas o permitissem. Não, ponderou, essa não era a opção correcta. Moshe não tinha a certeza de que o ataque fosse acontecer na Ben Yehuda, as únicas certezas que tinha eram que se encontrava numa zona da cidade há muito eleita pelos radicais palestinianos como alvo preferencial e que, naquele momento, a rua já estaria invadida por polícias fardados e agentes à paisana. As informações que possuíam davam conta de dois ou três suspeitos vindos de Ramallah. A caça ao homem estava em marcha e pôr-se a correr por ali abaixo não seria, definitivamente, a melhor atitude a tomar, pois tinha a certeza de que não chegaria ao fim da rua sem que lhe caísse em cima um bando de polícias nervosos. Iria provocar um alvoroço dos diabos, ficaria retido até conseguir identificar-se e arriscava-se a precipitar o atentado.

Finalmente, tomou uma decisão. Abaixou-se, colocando-se ao nível dos olhos do filho, de cócoras, e deu-lhe instruções precisas.

— Aaron, escuta — disse. — O pai precisa de sair um bocadinho para fazer uma coisa muito importante. Tu ficas aqui à minha espera, a comer o gelado, e daqui a bocadinho eu venho buscar-te.

O miúdo fez uma cara de espanto.

— Onde é que vais, pai?

— Vou fazer uma coisa importante, mas não demoro. Eu volto já.

— Mas — protestou Aaron — eu quero ir contigo...

— Mas não podes, Aaron — disse. E depois, virando-se para o empregado atrás do balcão, fez-lhe menção de que lhe queria dizer um segredo.

— Sim?...

— Ouça, eu tenho uma emergência. Vou ter de sair por um bocado e preciso que você tome conta do meu filho.

O homem ficou de boca aberta.

— Como?!

— É como eu lhe estou a dizer.

— Ouça, eu tenho clientes para atender. O senhor não pode chegar aqui e deixar uma criança, como se isto fosse uma creche.

— Ouça você — murmurou —, se eu não sair agora, é provável que, daqui a pouco, o senhor deixe de ter um café, quanto mais clientes para entender.

O homem empalideceu.

— Está a perceber o que lhe estou a dizer?

O homem fez que sim com a cabeça, certo de que, se tentasse falar, não conseguiria articular uma única palavra.

— Ótimo — continuou Moshe, apontando para o filho. — Ele chama-se Aaron.

Pouco depois, Moshe saiu do café e foi colocar-se do outro lado da rua, vigilante. A mão direita deslizou para debaixo da camisa, agarrou no punho da sua *Beretta* entalada na cintura e destravou a pistola.

O homem magro e nervoso que passou por Afonso estava agora cerca de quinze metros à frente dele, parado. As pessoas iam e vinham nas duas direcções sem lhe prestar atenção. Mas, se o fizessem, talvez reparassem na sua expressão apreensiva, nas gotas de suor que lhe escorriam abundantemente pela cara, encharcado até aos cabelos, como se ardesse em febre; e reparariam com toda a certeza no tique nervoso que o apoquentava, levando-o a piscar os olhos constantemente, e no seu ar de miúdo assustado. O homem sentia um terrível desamparo, ali sozinho, sem ninguém para o ajudar, sabendo que teria de escolher o lugar e o momento para fazer o que tinha a fazer e, ao mesmo tempo, ciente de que chegara ao local certo, na hora exacta, de que não havia nenhum obstáculo, nada que pudesse impedi-lo de incendiar o cenário de uma noite pacífica e de semear a morte com o seu instrumento dos infernos, mas ainda assim hesitando, receoso, inventando desculpas para si próprio, debatendo-se mentalmente com os seus medos, resistindo ao gesto contranatura de se deixar matar, pois tinha poucas esperanças de escapar dali com vida. Mal abrisse fogo, era certo e sabido que haveria muita gente a ripostar, não tinha muitas ilusões sobre isso. Queria convencer-se de que a morte lhe traria um lugar no paraíso e um lugar de honra no quadro dos mártires da nação árabe, que seria considerado um herói, só que um herói morto, ainda que a sua família fosse receber o dinheiro justo pelo seu sacrifício; queria consolar-se com a ideia de que o seu nome iria directo para as páginas da história e de que seria eternamente recordado por todos os palestinianos, agradecidos pelo seu altruísmo, pela dádiva do maior bem que um patriota poderia doar: a vida. Tinha a mão debaixo da camisa, suada, fechada à volta do punho da *Uzi*, o dedo trémulo no gatilho, mas havia algo nele, uma resistência, uma força incrível, que lhe paralisava o braço, a mão e o dedo, impedindo-o de levantar a arma e disparar. Era o puro terror, uma falta de coragem avassaladora, o instinto de sobrevivência, com os quais ele não contara quando se decidira a levar para diante a vingança pela morte

do seu querido irmão, abatido cobardemente pelo míssil de um helicóptero israelita. O seu irmão, guarda-costas de um eminente dirigente da Fatah, assassinado, o seu irmão, o seu ídolo, o exemplo de toda a vida, o modelo de determinação e coragem, *não o posso desiludir*, pensou, angustiado com a tortura que seria viver com a memória do fracasso, *não o posso desiludir, não agora, que cheguei tão perto da glória*.

Uma carrinha monovolume da polícia descia a rua muito lentamente, com o motor em ponto morto, a deslizar, como se fosse uma patrulha de rotina, sem sirenes ligadas nem alardes de emergência, mas com as luzes azuis giratórias acesas no tejadilho, mostrando-se bem, numa manobra dissuasora, cujo objectivo era fazer pensar duas vezes quem quer que fosse que pretendesse concretizar um atentado. Dentro da carrinha iam seis agentes de rosto crispado, com as pistolas e as *shotguns* deitadas no colo, prontas a disparar, e eles prontos a saltar para a rua, com os olhos postos na multidão, atentos ao mínimo movimento suspeito.

O palestiniano nervoso pressentiu a presença da polícia antes mesmo de olhar para trás e ver a carrinha a descer a rua na sua direcção. Reparou no reflexo das luzes azuis a baterem nas superfícies lisas dos edifícios, nos vidros das montras e numa ou outra parede de mármore. Voltou a cabeça e lá a viu, a escassos metros de distância, a poucos segundos de se abrirem as portas de rompante e de os polícias saírem, armados, e o abaterem ali mesmo, como um cão raivoso, sem apelo nem agravo. E esta visão, este medo, o medo de ser morto sem matar, o medo de falhar, de desiludir, o medo de não chegar ao paraíso por ter tido medo, por ter hesitado enquanto podia, enquanto a situação estava a seu favor. Todos estes pensamentos, temperados pelo pânico e incendiados pelo turbilhão confuso das ideias, pela ausência de sangue-frio, desencadearam a explosão. Como que impulsionado numa fuga para a frente, com o sangue a ferver-lhe nas veias e a cabeça a latejar, o homem viu-se de arma erguida, a *Uzi* a disparar balas sem freio, a atingir pessoas à discrição, num espectáculo grotesco de corpos esventrados em pequenas explosões vermelhas, pernas partidas, cabeças estoiradas, gritos, pânico, todos a fugir à sua frente, à frente da arma, enquanto ele bradava aos céus *Alá akbar! Alá akbar* — Deus é grande! Deus é grande!

Francisca foi atraída pela agitação, uns bons sessenta metros a norte da esplanada onde se encontrava, sentada à frente da chávena de café esquecida em cima da mesa, ainda com a máquina fotográfica na mão. Girou na cadeira e espreitou pelo visor, com os cotovelos apoiados na mesa, estável. O que viu foi uma enorme mole de gente, avançando na sua direcção numa fuga precipitada. As pessoas da frente eram empurradas e caíam no chão, enquanto as de trás tropeçavam e rolavam por cima delas, caindo por sua vez, dando a impressão de uma onda humana. Mesmo sem perceber exactamente o que se passava, Francisca começou logo a tirar fotografias.

Segundos antes, apercebera-se de outra situação bizarra. O homem que vira entrar no café com uma criança voltou a sair, mas desta vez sozinho, e o

mais estranho é que se foi posicionar do outro lado da rua, de costas para a parede, como se estivesse a vigiar a porta do café.

Tal como Francisca, Moshe não demorou muito a reparar na mulher de mochila às costas, que entretanto se sentara num banco de pedra a fumar. Moshe notou o ar assustado de Mona Idris, os dedos trémulos que seguravam o cigarro, os seus modos ansiosos, a forma sôfrega como o levava à boca e aspirava o fumo para os pulmões, puxando-o com força, longa e repetidamente. Se tivesse de preencher um questionário sobre a mulher que tinha debaixo de olho, se tivesse de colocar cruzeiros nos quadradinhos correspondentes a cada característica que coincidissem com o aspecto de um terrorista-tipo, diria que aquela teria direito a todas as cruzeiros. Nervosa, assustada, solitária, com uma mochila, usando roupa ocidental, os olhos pintados, enfim, todos os sinais...

Moshe escolhera aquela posição para ter uma boa perspectiva da rua e assim poder vigiar a entrada do café e, simultaneamente, procurar a sua presa. Acontecesse o que acontecesse, ele não tencionava deixar aquele posto nem permitir que nenhuma pessoa suspeita entrasse no café. *Aquela ali, se se aproximar do café, leva um tiro*, decidiu. Era a vida do seu filho que estava em jogo.

No outro lado da rua, Francisca seguiu os olhos do homem e descobriu que ele se intrigava com a mesma mulher que lhe prendera a atenção. *Estranho*, pensou, *será polícia?* Claro que era polícia, concluiu, tinha todo o aspecto disso. Alguma coisa se passava. *Estarei no meio de uma cena de espionagem?* Perguntou-se. E ficou à espera de ver o que eles iam fazer a seguir. Mas nenhum se mexeu.

Mona Idris não se mexeu porque se encontrava onde era suposto, no seu lugar, aguardando que o maluco da *Uzi* tomasse a iniciativa e que as pessoas viessem por aí abaixo a correr.

Moshe não se moveu porque sabia que a mulher tinha cúmplices e ele não queria perder a sua posição de vantagem. Não podia dar-se ao luxo de se concentrar só na mulher e descuidar-se com a vigilância ao café. De certeza que iria acontecer alguma coisa a qualquer instante, de certeza que a mulher esperava por isso, por uma manobra de diversão, uma falsa partida, para então entrar em campo. Ora, Moshe preferiu esperar para se assegurar de que não haveria surpresas. Quando algo acontecesse e ele tivesse a certeza de que não envolvia o café, trataria dela. Até lá, *a mulher fica sentada, eu espero, a mulher levanta-se, leva um tiro*. Tão simples quanto isso. Foi então que algo aconteceu.

A *Uzi* varreu a rua de um lado ao outro. As balas voaram a uma velocidade incrível, de encontro às suas vítimas, atingiram as pessoas ao acaso, derrubando uns, fazendo correr outros, acertando-lhes nas costas, abatendo-os com picadas mortais.

Muito perto dele, mas felizmente atrás, Afonso assistia ao tiroteio, incrédulo. Foi tudo muito rápido e, ao mesmo tempo, pareceu-lhe que nunca

mais acabava. Ouviu o *brrrrrrrrrrrrr* da metralhadora, chocado com as suas consequências brutais, reparou que a *Uzi* não fazia muito barulho enquanto cuspiam balas a uma cadência extraordinariamente veloz, viu a quantidade enorme de cápsulas que saltavam da arma e caíam no passeio, em redor do assassino, ouviu perfeitamente o som metálico que faziam ao baterem no pavimento; viu como o tipo varria a rua com o braço esticado, para a direita e para a esquerda, e notou o histerismo dele, gritando como um louco algo que não compreendeu. Pensou em tudo e não pensou em nada, pensou que se o homem se voltava, matava-o também, mas não fugiu, ficou ali parado, fascinado, e não achou nada de útil que pudesse fazer para o impedir de continuar a disparar. Ainda pensou que poderia correr e agarrar o homem pelas costas, mas enquanto ponderava as suas hipóteses foi ultrapassado por um polícia, um dos primeiros a sair da carrinha, que se chegou ao pé do assassino, por detrás, e, com os pés bem assentes no passeio e a *shotgun* segura com as duas mãos, carregou no gatilho e abateu-o com um único tiro. Estoirou com ele, desfez-lhe as costas numa papa de sangue. O assassino foi atirado para a frente devido ao impacto do chumbo. Quando chegou ao chão já estava morto.

E acabou tudo.

Moshe apercebeu-se do pânico. *É a falsa partida*, pensou, e, vendo as pessoas a correr na sua direcção, avançou no sentido da porta do café para evitar que, segundos depois, a multidão assustada o impedisse de atravessar a rua.

Francisca sentiu um movimento à sua esquerda, espreitou pelo canto do olho e foi surpreendida pela presença do homem ao seu lado, com uma pistola na mão e virado para o lado contrário da confusão. Ainda sentada na mesa do café — era a única que permanecia sentada na esplanada —, Francisca voltou-se para ver o que o homem via e lá estava a mulher no banco de pedra, pálida e atormentada. A mulher levantou-se, soltou uma das alças da mochila, libertando o braço direito e agarrando-a depois junto ao peito, abraçada a ela. Foi nessa altura que o homem lhe apontou a pistola e começou a gritar-lhe em hebreu.

Mona Idris soube que o seu companheiro soltara todos os demónios na noite sionista quando viu os primeiros sinais de pânico. Era o sinal de partida, o momento da verdade, o instante decisivo em que ela própria iria descobrir até aonde a levaria a insanidade que a trouxera tão longe. Nos próximos segundos teria de tomar a divina decisão, se deixava a multidão passar por si em segurança, ou se carregava no botão dentro da mochila e mandava tudo e todos para o inferno, ela incluía.

Na realidade, Mona já sabia o que ia fazer, no seu subconsciente já tinha decidido, só que ainda não o havia assumido claramente para si própria, ainda não o dissera a si própria, como agora, ao pensar, *Mona, não vais detonar a bomba, não vais matar aquela mãe que vai ali a fugir com os seus dois filhos pequenos, nem aquele grupo de jovens ensanguentados e desorientados, não,*

não vais espalhar a morte e o sofrimento entre gente inocente.

De modo que o que aconteceu a seguir foi um equívoco provocado pela precipitação de Moshe, que avaliou mal as intenções dela.

O corpo do palestiniano foi prontamente rodeado pelos polícias da carrinha. Numa questão de segundos, a rua Ben Yehuda foi invadida por polícias fardados, agentes à paisana, ambulâncias, médicos e enfermeiros, todos mobilizados meia hora antes. Enquanto uns participavam na caça ao homem, outros aguardavam nas ruas secundárias, em estado de prontidão, para o caso de ocorrer alguma tragédia que justificasse a sua intervenção imediata. Por fim, acabou por acontecer. Os serviços de segurança israelitas eram extremamente organizados e, neste caso, a ajuda chegou praticamente em cima do acontecimento. Dali a pouco, já havia equipas de socorro a estabilizar os feridos e a transportá-los para o hospital que, por sua vez, tinha médicos de prevenção no serviço de urgência para os receber.

Havia muitas pessoas espalhadas pelo chão, algumas inanimadas, outras contorcendo-se de dor, a gemer, a gritar, em choque. Tão ocupados com os feridos, os médicos nem se preocuparam com a possibilidade de novo atentado. Os agentes da polícia e do Shabak, porém, não descansaram, pois sabiam que havia mais terroristas na rua. Por isso, apressaram-se a criar um perímetro de segurança, a isolar a zona, dizendo às pessoas para saírem dali o mais depressa possível, enquanto continuavam a procurar mais suspeitos.

Mona Idris deixara passar o momento crucial, aquele em que o grosso das pessoas correu na sua direcção, em pânico, criando a oportunidade ideal para explodir a bomba e fazer o máximo de vítimas possível. No fundo, ela nunca tencionara realmente levar aquela loucura até ao fim. Fora mais um desvario da mente do que um objectivo ponderado e amadurecido com base em princípios ideológicos, militantes, nacionalistas ou o que quer que levava os radicais palestinianos a suicidar-se para matar israelitas. Nem sequer havia nela uma sede de vingança tão grande que justificasse um banho de sangue de proporções catastróficas.

A mão a tremer, quase incontrolável, levou o cigarro aos lábios e ela puxou o fumo, sem dar conta de que já estava a fumar o filtro. *Não vou fazer isto*, pensou. Depois atirou fora a beata e levantou-se, pronta para se ir embora. Soltou a alça da mochila e segurou-a junto ao peito, olhou em redor, com os nervos em franja, ansiosa por abandonar aquele local, mas sem saber o que fazer à mochila. Não podia deixá-la em cima do banco porque, se alguém reparasse, daria o alarme ou persegui-la-ia, mas também não queria continuar a carregá-la, certa de que constituía um perigo e, se fosse apanhada pela polícia, uma prova irrefutável contra ela, que a atiraria para uma cadeia israelita, onde ficaria a apodrecer até ao fim dos seus dias. Aflita, sem conseguir raciocinar direito, pouco objectiva, encontrou-se ali naquele impasse, hesitante, quando um grito de alarme a fez levantar os olhos e Mona Idris viu, aterrada, um homem que lhe apontava uma pistola.

Após o tiroteio, depois de descer novamente à terra e de espantar os

fantasmas que o assombraram naqueles instantes hipnóticos, Afonso recuperou o sangue-frio e retomou o fio ao pensamento. Lembrou-se de Francisca e decidiu ir ter com ela. Depois poderiam voltar os dois juntos ao local do atentado, mas, primeiro, ele quis assegurar-se de que ela estava bem.

Desceu a rua em passo acelerado, na direcção da esplanada onde deixara Francisca, tentando localizá-la ao longe.

Criou-se uma grande clareira em redor de Mona Idris. *Fui apanhada!*, pensou ela, alarmada. O seu cérebro deixou de captar os movimentos e os ruídos à sua volta. Os olhos espantados concentravam-se no homem que lhe apontava a pistola e não conseguiam ver mais nada. Criou-se como que uma espécie de túnel entre ela e o agente, que se encontrava a uns bons vinte metros de distância e não lhe permitia que desviasse a atenção para mais nada, pois gritava-lhe, gritava tanto, ameaçava-a sempre que Mona se sentia tentada a olhar para o lado, para estudar o cenário, procurar uma via de fuga, como se houvesse alguma, agora que aquele homem determinado a tinha debaixo de mira.

Sem pensar bem no que fazia, Mona ergueu a mochila, como que querendo entregá-la ao agente, deu um passo em frente, derrotada, quase que agradecida por poder acabar com aquilo, pensando que só queria voltar para casa e abraçar os seus dois filhos, tão imersa nessa perspectiva reconfortante que não prestou atenção aos gritos de aviso do agente. *Quero os meus filhos*, foi o seu último pensamento, antes de o mundo explodir num relâmpago e a vida se extinguir instantaneamente.

Sem avaliar bem o perigo, ansiosa por registar o momento, Francisca levantou-se da cadeira com a máquina fotográfica em frente ao rosto, a lente a focar a cena, o agente de arma apontada, a mulher com a mochila levantada, avançando para eles... Posicionou-se atrás do agente, dois ou três metros, não mais, a fotografar, sem pensar em mais nada do que no enquadramento correcto, concentrada, uma série de fotos, dois passos ao lado, outra perspectiva, mais uma série de fotos, um som de botas a bater no solo, atrás de si, alguém a correr, a chegar, espreitou pelo canto do olho, mais dois polícias, mais duas armas, a voz do agente a ecoar no silêncio opressivo que preenchia a rua...

Moshe agiu com frieza. Aguentou até não poder mais, até se convencer de que a mulher não ia largar a mochila e render-se. *Merda*, pensou, *estúpida de merda. Vai matar-nos a todos*. As duas mãos seguraram a *Beretta* com precisão. Quando um agente do Shabak disparava sobre alguém não havia contemplações, o alvo tinha de ir abaixo imediatamente. Era atirar a matar, vários disparos seguidos, com balas de ponta achatada que explodiam ao penetrar no corpo, espalhando estilhaços que dilaceravam os órgãos internos, provocando danos irreparáveis. Ele apontou ao estômago, por baixo da mochila, e carregou no gatilho duas vezes. Os outros polícias reagiram ao som dos disparos, automaticamente, e abriram fogo, fogo à vontade! Moshe mergulhou para trás de um dos bancos de pedra que havia ao longo da rua,

quadrados, com uma árvore no meio. Atirou-se sem hesitar. Francisca, a fotografar em campo aberto, exposta, vulnerável, sem os mesmos reflexos do agente treinado, não teve tempo para abarcar tudo o que acontecia, o dedo indicador crispado no botão de disparo da máquina registou o que o seu cérebro não chegou a processar: os tiros e a explosão. Nem conseguiu ouvir o berro dilacerante de Afonso, que vinha a correr lá de cima e gritou «Francisca não!!!!», um instante antes de ver a mulher da mochila desintegrar-se e Francisca e os polícias serem atirados para trás.

Francisca sentiu o sopro quente atingir-lhe a face, uma força enorme que lhe levantou os pés do chão e a atirou desamparada, num voo de vários metros, e fê-la aterrar de costas no solo e bater violentamente com a cabeça na pedra. Foi um instante, um *flash*. E depois apagou-se, não sentiu mais nada.

Os polícias, imprudentes, tinham acabado por atingir a mochila e provocar a explosão. A montra do café desintegrou-se numa chuva de estilhaços de vidro que crivou os clientes, provocando ferimentos graves em muitos deles. Aaron escapou sem um arranhão, porque se encontrava a salvo num gabinete interior, ao lado das casas de banho. Moshe também saiu ileso, protegido pelo banco de pedra. Os dois polícias que abriram fogo ficaram muito maltratados e um deles viria a morrer uma semana mais tarde, no hospital. Dois dias depois, chegou às redacções das televisões internacionais um vídeo onde se via uma mulher árabe, Mona Idris, sentada num banco alto, nervosa, a explicar que se sacrificava pela causa palestina, dava a sua vida para castigar o inimigo sionista, em retaliação pelo sofrimento infligido ao povo árabe.

Foi um ano difícil, doloroso. Afonso sentia-se afundar numa apatia profunda, desinteressado da vida, de tudo, sem gosto pelo trabalho, acumulando sacrifícios. Tudo lhe custava, levantar-se da cama de manhã, as horas passadas no jornal, ou até a perspectiva de regressar a casa ao fim do dia. Não se sentia bem em lado nenhum, não tinha motivação para continuar. Por vezes, a depressão dava lugar a uma revolta insuportável e Afonso ficava intratável, capaz de bater em alguém, amaldiçoar o mundo, a vida, a eito, sem poupar nada nem ninguém.

Depois de Israel, Afonso não voltou ao estrangeiro. Não aceitou nenhuma das muitas propostas do director para que saísse de Lisboa e partisse em reportagem, para que mudasse de ares e se pusesse na pista de novas histórias, como ele tanto gostava de fazer. Finalmente, esgotado de corpo e alma, desiludido com a profissão que antes lhe estava entranhada até ao mais fundo do seu ser, a profissão que, para o bem ou para o mal, fizera dele o homem que era, Afonso não encontrou mais nenhuma forma de contornar o marasmo senão demitindo-se.

Deixou o jornal e cortou com tudo o que se relacionava com o passado recente, incluindo os amigos que tinha na redacção, de quem se afastou sem uma palavra mais depois da despedida. Nessa época, o governo mudou e Afonso foi contactado para ingressar nas fileiras de jornalistas convidados para as assessorias de imprensa do novo gabinete. A mudança fez-lhe bem, trouxe-lhe outras perspectivas de vida, um recomeço sem fantasmas. Distanciado dos ambientes de outrora, que não o deixavam esquecer e ultrapassar o drama de Israel, Afonso começou a respirar mais livremente e, lentamente, foi curando as mágoas e ganhando outro ânimo.

Foi colocado no ministério dos Negócios Estrangeiros, onde permaneceu os quatro anos da legislatura. Depois o governo perdeu terreno, vacilou, tropeçou nas eleições seguintes, passou da cadeira do poder para a bancada da oposição e Afonso foi destacado para chefiar o gabinete de imprensa do partido na Assembleia da República.

Não voltou ao jornalismo nem voltou a casar. Como era do seu feitio, mergulhou de cabeça no trabalho e começou a respirar política de manhã à noite, sem dar espaço para mais nada na sua vida. Conquanto não tivesse ambições partidárias e não se interessasse em fazer uma carreira de deputado, Afonso ganhou terreno no seu campo de actuação e, lentamente, foi-se tornando uma peça importante, consistente, na estratégia do presidente do partido, que o chamou para junto de si, na sede. Afonso revelou-se um estratega brilhante e, em breve, tornou-se um dos principais conselheiros do presidente e o cérebro do *marketing* político do partido.

A sua vida dera uma volta inesperada. Começara a mudar no momento daquela explosão em Israel. Afonso nunca mais foi o mesmo. Como poderia ser? O incidente arrancou-lhe de uma só vez a esperança e a alegria de viver, atingiu-lhe o coração e sugou-lhe a alma. Hoje em dia aplicava todas as

energias no trabalho, passava todo o seu tempo no gabinete ou em viagens pelo país com o presidente do partido. Tinha fama de ser viciado no trabalho, era apreciado por uns pela sua dedicação e temido por outros porque não admitia falhas nem desleixos. Era considerado um tipo frio e calculista, tão perigoso para os seus inimigos quanto devotado àqueles que lhe eram próximos. Os seus colaboradores receavam-lhe o feitio irascível e viam-se obrigados a chegar cedo e sair tarde para não ficarem para trás, para lhe acompanharem o ritmo. Afonso planeava as deslocações do líder, aconselhava-o em todos os aspectos estratégicos, entrara no círculo restrito dos que tinham acesso ao presidente e não havia nada que se fizesse no partido que não passasse pelo seu crivo, incluindo os discursos e as conferências de imprensa. Era ele quem organizava todos os eventos de destaque, desde as reuniões partidárias aos congressos.

De certa forma, Afonso alcançou uma paz de espírito, conseguida à custa de uma carapaça emocional que não deixava espaço para grandes amizades nem tão pouco para relações amorosas prolongadas. Voltara ao velho hábito de viver como se estivesse de passagem pelos lugares que frequentava, sem se deter nos espaços ou nas pessoas que o rodeavam. Como antigamente, vivia num hotel e não tinha bens terrenos. Nem casa, nem carro, nem nada. Deslocava-se nos automóveis do partido, não sabia o que era o descanso de fim-de-semana nem fazia férias.

Claro está que não era feliz. Evidentemente, aquilo não era a vida que sonhara para si, mas como andava a uma velocidade supersónica, não tinha tempo para se lamentar. As mulheres que se aproximavam de Afonso acabavam por desistir dele ao fim de poucas semanas, frustradas com o distanciamento deliberado a que as votava, incapazes de penetrarem no seu mundo insondável. Afonso só tivera uma mulher na sua vida e essa, ainda que nunca esquecida, já não era mais do que uma memória que lhe queimava a alma sempre que a evocava, nalgum momento de fraqueza, sempre cheia de vida, de modos despachados, simpática e competente sem arrogâncias, baixa, elegante, os olhos castanhos bonitos e o cabelo fino apanhado num perpétuo rabo-de-cavalo prático, que só tirava para os grandes momentos, as ocasiões especiais em que revelava toda a sua classe de mulher sofisticada.

Recordar o tempo que vivera com Francisca, as aventuras, os projectos em conjunto e a esperança de concretizarem o maior sonho deles, o sonho de terem um filho, era algo que Afonso não se permitia com muita frequência. Francisca era como uma droga para Afonso, um vício sempre presente, um combate perpétuo para a afastar da cabeça. Demorara anos a atingir um equilíbrio emocional, a arrumar a questão na gaveta das coisas resolvidas, mas sabia que não estava livre de uma recaída. De modo que tinha o hábito de ocupar a cabeça com doses maciças de trabalho, trabalho e mais trabalho.

Mas um dia, quando menos esperava, Afonso foi apanhado desprevenido numa daquelas emboscadas da vida e, então, tudo mudou.

Afinal de contas, com que direito é que Afonso censurava Francisca? Porque ela deitou tudo a perder? Porque ela se arriscou demasiado ao colocar-se na linha de fogo sem ponderar o perigo? Claro, mas Francisca reagira naturalmente, tirava fotografias quando a bomba a atirou pelos ares e, com ela, a esperança e o futuro. Afonso sabia perfeitamente que ambos corriam riscos sempre que aceitavam fazer reportagens em zonas de conflito. Não era justo criticá-la por ter sido vítima de uma louca carregada com explosivos. Mas uma coisa era a verdade e a justiça, e outra eram os demónios que atormentavam Afonso e que ele não conseguia expulsar.

Durante meses, Afonso viveu preso num inferno, transtornado pelas recordações recorrentes, como se continuasse em Israel, naquele fim de tarde funesto na rua Ben Yehuda. Francisca tinha sido assistida logo ali com uma rapidez extraordinária. A equipa de socorro demorou segundos a chegar junto dela, a verificar que não respirava e a reanimá-la. Depois de estabilizada transportaram-na de ambulância para o hospital, o Hadassah Medical Center, em Jerusalém. Sofrera diversas lesões internas, um hematoma grave na cabeça e tinha uma perna partida. Foi submetida a uma intervenção cirúrgica de emergência.

Despertou do coma uma semana mais tarde. Durante esse período, Afonso permaneceu ao seu lado dia e noite. Despejava o seu desespero em cima dos médicos, perseguindo-os com perguntas insistentes, suplicando-lhes que lhe dessem respostas que eles não podiam dar. Os médicos eram excelentes e o hospital dos melhores que havia no mundo, mas não podiam fazer mais do que já haviam feito. Francisca saíra do coma quando tivesse de sair. Explicaram-lhe que não se tratava de um coma profundo, de uma situação irreversível, de modo que confiavam que, mais dia menos dia, mais hora menos hora, ela haveria de emergir daquele estado de inconsciência.

Afonso dormiu noite após noite ao lado cama de Francisca, meio sentado, meio deitado, numa cadeira sem posição. Acordava sobressaltado no silêncio tranquilo da madrugada e pegava-lhe na mão inerte só para confirmar que ela ainda não era deste mundo. Mas finalmente, na terça-feira seguinte, Francisca acordou de manhã como se tivesse apenas passado a noite a dormir. Abriu os olhos confusos e descobriu Afonso quase a resvalar da cadeira, adormecido, com um cobertor castanho aos quadrados puxado até ao queixo. Foi a primeira imagem que reteve e que guardaria sempre na memória com ternura. A presença de Afonso sossegou-a, apesar de não saber o que fazia ali deitada naquela cama de hospital, pois não se recordava dos segundos fatais que tinham precedido a explosão, nem tão pouco de ter sido atirada pelo ar vários metros.

Afonso acordou pouco depois, incomodado pelo sol a entrar pela janela e foi surpreendido por ela, de olhos abertos, a observá-lo em silêncio. Ele sorriu-lhe e endireitou-se na cadeira, pondo o cobertor de lado e chegando-se à frente para lhe agarrar na mão.

— Bem-vinda ao mundo dos vivos — disse-lhe, com uma voz pastosa de ensonado.

— Olá — sorriu Francisca. Sentia-se enfraquecida e a sua voz não era mais do que um sussurro.

— Olá. Como é que te sentes?

— Fraca — respondeu. — Há quanto tempo é que estou aqui?

— Uma semana.

— Uma semana?!

— Hum-hum — confirmou com a cabeça.

— O que é que aconteceu?

— Estavas a fotografar uma suicida. Ela tinha uma bomba e a bomba explodiu.

— Não me lembro de nada — disse Francisca, pensativa. Recordava-se de estar sentada na esplanada, da mulher da mochila, do agente com uma pistola na mão; lembrava-se de uma desordem qualquer na rua, que testemunhara ao longe, mas de mais nada. Nem do tiroteio, nem da explosão. — Fiquei muito partida?

— Um bocadinho — concordou ele, sem querer dramatizar.

— Tenho a perna partida? — perguntou, sentindo o gesso debaixo dos lençóis.

— Tens — confirmou.

— Mais alguma coisa grave?

— Bateste com a cabeça e tiveste algumas lesões internas. Mas depois falamos disso, agora, o importante é que descanses muito e que recuperes — aconselhou Afonso, para evitar entrar em grandes explicações, para não a perturbar. Teriam muito tempo para falar do resto.

Mas ela queria saber tudo e não desistiu.

— E o bebé, Afonso? Disseste-lhes que estou grávida?

— Disse — anuiu ele, sem conseguir disfarçar o seu próprio desgosto.

— E como é que está o bebé? Sofreu alguma lesão? Afonso, diz-me!

— Depois falamos disso. Agora descansa.

— Afonso — apertou-lhe a mão com uma força desesperada —, perdi a criança?

— Olha, Francisca, tu ficaste bastante maltratada. A explosão foi muito violenta e os médicos tiveram de te operar...

— Afonso — interrompeu-o, angustiada —, deixa-te de rodeios. Eu perdi a criança?

Ele olhou para ela, com os olhos marejados, sem conseguir falar, incapaz de lhe responder. Mas a sua expressão dizia tudo.

— Oh, não!... — Francisca fechou os olhos e chorou, desesperada. Sentiu uma dor tão grande, uma dor de alma como nunca havia sentido, uma perda imensa e sem remédio. Nada nem ninguém poderia alguma vez reconfortá-la do sofrimento atroz de lhe morrer um filho antes de nascer. É que não era um filho vulgar, um aborto, como acontecia a dezenas de mulheres todos os dias,

ainda que igualmente doloroso. Era uma derrota depois da vitória, uma decepção, não tinha forma de explicar aquela tragédia pessoal, não havia palavras suficientes para exprimir o desgosto que a invadiu. Meu Deus! Depois de tantos sacrifícios, uma luta tão dura, a esperança, a persistência, um desejo de engravidar maior do que todos os obstáculos do mundo, o calvário dos tratamentos, dos exames médicos, dos fracassos, um a seguir ao outro e outro e outro, até que um dia a boa-nova de que afinal os milagres eram possíveis, de que ia ser mãe, porque a natureza podia ser contrariada com uma vontade de ferro. E agora isto... não era justo.

Apertou a mão de Francisca entre as suas e consolou-a como pôde. Ele próprio recebera a má notícia uma semana antes e, apesar de ter tido sete dias para digerir o choque, ainda não sabia como lidar com aquilo, não se sentia capaz de aceitar tamanha perda sem falar primeiro com alguém que o percebesse, com Francisca. Tinha sido uma semana terrível, sozinho, desorientado com o estado clínico de Francisca e a falta de apoio, meio perdido no ambiente estranho do hospital, num país desconhecido, onde ninguém falava a sua língua. Afonso já visitara Israel algumas vezes, mas, no fundo, nunca deixara de ver o país como um teatro de guerra, um daqueles lugares do mundo onde ia fazer reportagem, onde se mexia à vontade enquanto se tratasse de trabalho. Conhecia os hotéis, conhecia o terreno, a política, os dramas, as tensões religiosas, enfim, sabia tudo sobre a região. Mas agora estava a descobrir da pior maneira que, para si, Israel nunca deixara de ser um lugar estranho, na medida em que nunca fizera amigos e, sem amigos todos os lugares eram estranhos. Não havia ninguém a quem pudesse recorrer numa situação de desespero. Era um estrangeiro num hospital enorme, mais um entre muitos, naquele mundo imaculado e impessoal, a aprender a andar pelo labirinto dos corredores, a contar as portas todas iguais dos quartos, a decorar os nomes dos médicos e das enfermeiras, o andar dos Cuidados Intensivos da Neurologia, o andar da TAC, a sala do raio-X, o andar do refeitório...

Afonso tocou à campainha da cama para chamar a enfermeira e esta chamou o médico. Francisca foi cuidadosamente examinada. Tiraram-lhe a febre e fizeram-lhe uma tomografia axial computadorizada. Foram muitas horas, cansativas, mas chegaram ao fim do dia com a certeza de que ela estava a recuperar bem e de que poderia ter alta em breve. Afonso pôde respirar um pouco de alívio, mas restava-lhe ainda a angústia de que faltava dar a Francisca a pior notícia.

O avião-ambulância aterrou no aeroporto Ben Gurion em Telavive às dezanove e trinta de quinta-feira, quarenta e oito horas após Francisca ter despertado do coma. Era um *Cessna Citation*, um jacto de dois motores, fretado pelo estado português depois de algumas negociações entre o jornal e o governo. A partida para Lisboa fora marcada para dali a meia hora. Era o tempo de reabastecer e embarcar os dois passageiros. Francisca recebera alta e ia a caminho de Telavive numa ambulância. Afonso seguia atrás, num táxi, com as malas.

As formalidades no aeroporto foram acompanhadas pelo embaixador português e resolveram-se rapidamente. Embarcaram às vinte horas, tal como previsto, e quinze minutos depois já se encontravam no ar, a caminho de Lisboa. Acabava assim a aventura em Israel.

Francisca sentia-se bem, fisicamente, apesar de tudo, sem dores, mas quase não falou durante a viagem. As mazelas psicológicas, essas perdurariam. Ela estava emocionalmente fragilizada e, depois de levantarem voo, Afonso surpreendeu-a a chorar baixinho, uma tristeza íntima que Francisca não conseguia evitar. Tinham sido assim os últimos dois dias, o choro constante, entrecortado com várias horas de sono. Os médicos explicaram a Afonso que era uma reacção natural, tendo em conta a violência do trauma. Em todo o caso, Francisca havia sido medicada e viajava sob o efeito de uma boa dose de sedativos. Sonolenta, confusa, sem conseguir arrumar as ideias, ela chorava mesmo sem saber porquê. Não obstante, assim que o *Cessna* completou a subida e estabilizou a altitude, Francisca adormeceu.

O aparelho aterrou em Figo Maduro, o aeroporto militar AT-1, em Lisboa, onde Francisca foi transferida para uma ambulância e transportada para o Hospital de Santa Maria. Os repórteres das televisões tiveram de se contentar com umas imagens captadas de longe. Francisca não sabia, mas a notícia do atentado em Jerusalém ganhara um relevo especial em Portugal assim que as redacções tomaram conhecimento de que havia uma jornalista portuguesa gravemente ferida pela explosão. De qualquer modo, Afonso tratou de os manter à distância, para não perturbarem mais Francisca. Ele próprio não se sentia com disposição para dar entrevistas e seguiu com ela na ambulância, directamente para o hospital.

Ficou internada durante dez dias na unidade de neurologia. Foi um período de recuperação imposto pelos médicos para que descansasse e para que fosse acompanhada de perto. Voltou a ser submetida a todos os testes que havia realizado em Jerusalém: o raio-X e a TAC, para detectar lesões internas mal resolvidas; e o termómetro, para confirmar que não tinha febre e que não estava a desenvolver nenhuma infecção. Fizeram-lhe várias perguntas simples para verem como se orientava no tempo e no espaço, e a todas Francisca respondeu correctamente. Tinha um penso na parte de trás da cabeça, onde levava alguns pontos, mas o hematoma desapareceu em poucos dias e a ferida

não apresentava problemas de maior. A parte chata era terem-lhe rapado um bocado do cabelo, mas, como ela disse, mostrando que havia recuperado o bom humor — o que os médicos interpretaram como um sinal positivo —, «também, não tenciono ir a lado nenhum nos próximos dias.» A perna partida era outra história, pois teria de aguentar o incómodo do gesso durante, pelo menos, dois meses.

Mais traumatizante para Francisca foram os danos definitivos. Afonso acabou por só lhe dar a notícia em Lisboa, com a ajuda do médico que a acompanhava e que lhe explicou pormenorizadamente o que se passara com ela. Francisca havia sofrido um aborto espontâneo traumático, decorrente da violência da explosão que a atingira.

Ela tinha sido levada para o bloco operatório de urgência, depois de lhe terem sido detectadas hemorragias graves no útero, e os médicos israelitas viram-se obrigados a fazer-lhe uma histerectomia, «ou, para ser mais simples», disse o médico, «o que eles fizeram foi a extracção cirúrgica do útero. É por isso que não vai poder voltar a engravidar.»

Francisca não queria acreditar no que ouvia. Já era bastante mau ter perdido o bebé, mas isto... isto... era um golpe demasiado injusto.

Nos primeiros dias no hospital, em Lisboa, Francisca continuou a ser medicada e permaneceu bastante tempo deitada, para garantir uma total recuperação do cérebro, sem sequelas. No início, era acometida de tonturas quando se levantava, mas, lentamente, foi-lhe sendo reduzida a medicação e, ao fim de alguns dias, já se sentava num cadeirão ao lado da cama, já ia sozinha à casa de banho e tomava um duche matinal sem precisar de ajuda. Até que, finalmente, recebeu alta e foi para casa.

Os dois meses de inactividade, as visitas frequentes ao hospital e o gesso na perna direita, constituíram uma dura provação para Francisca. Ao fim de uma semana fechada em casa, já não sabia o que fazer para ocupar o tempo e a cabeça. Irrequieta como só ela, sentia-se prisioneira no seu próprio espaço. A família e os amigos vinham e iam, sempre animadores, sempre positivos, vendo o lado bom da coisa, do descanso, da oportunidade para se recompor e se reconciliar com a vida, depois da partida que esta lhe pregara em Israel, aproveitando a tranquilidade dos dias em casa e mais os passeios de fim-de-semana com Afonso, aqui e ali, só para não rebentar de tédio. Mas a família e os amigos não sabiam o castigo que era para Francisca passar tantas horas seguidas sem nada para fazer. «Experimentem, para ver se gostam», respondia-lhes, exasperada. Já lera todos os livros e já vira televisão para o resto da vida. Afonso mostrava-se paciente com ela, compreensivo, cheio de complacência mesmo nos momentos mais difíceis, quando ela explodia por uma coisinha de nada e iniciava uma discussão qualquer para despejar nele a frustração acumulada em silêncio, sozinha, durante todo o dia, enquanto Afonso estava no jornal e ela se arrastava pela casa com uma perna de elefante, engessada, trapalhona, implicando com as portas e as mesas, tropeçando na mobília, sem jeito para se equilibrar nas muletas.

Acabou por regressar ao jornal mais cedo do que o previsto.

— Tens a certeza de que queres voltar já? — preocupou-se Afonso.

— É só para mudar de ares, para ver pessoas e conversar um pouco — respondeu. — Não aguento mais esta casa.

Não tinha horários a cumprir nem reportagens possíveis, mas havia algum trabalho de secretária que podia fazer e sempre se distraía. Depois tirou o gesso e descobriu que precisava de aprender a andar outra vez, e havia ainda as intermináveis sessões de fisioterapia para recuperar os músculos da perna.

Com o passar dos meses a vida foi voltando ao normal. Mas, sob a aparência da normalidade, manteve-se intacto um sentimento destrutivo, persistente que, a pouco e pouco, se foi insinuando e crescendo, interpondo-se na relação deles, minando-a como um vírus maligno. Afonso não convivia bem com o fracasso. Sempre conseguira alcançar todas as metas para onde corra, era um corredor de fundo, um vencedor nato, pela simples razão de que nunca desistia dos seus objectivos, por mais tempo que levassem a alcançar. Mas essa virtude não lhe servia de nada neste caso, porque não se tratava de uma questão de tempo ou de perseverança. Francisca não

conseguiria engravidar nunca e ponto final. Já não dependia dela, nem dele, concretizar o seu sonho de ter filhos. Constituir a família que Afonso sempre desejara estava para além das suas possibilidades.

Francisca, que sofrera na carne e na alma a perda do bebé que trazia no ventre e de todos os outros que não poderia ter; ela, que estivera por um fio, ressuscitada nos últimos segundos de vida por um médico caridoso, inanimada no passeio da Ben Yehuda, entre os destroços da bomba e os bocados de carne e osso da suicida infeliz; ela, que passara meses a recuperar-se fisicamente, era também, dos dois, quem melhor recuperava psicologicamente. Francisca tinha bem acentuada aquela notável qualidade das mulheres de conseguirem ultrapassar as adversidades com uma coragem enorme e uma capacidade de sacrifício ainda maior. Agora que ela já terminara a fisioterapia, já voltara ao ginásio com a perna quase a cem por cento e já podia fazer o seu trabalho normal de repórter fotográfica, era Afonso quem se afundava numa depressão cozinhada à base de uma mistura de impotência e de revolta. Era algo latente, que se sentia, mas que não chegava a ser verbalizado, pois Afonso nunca falava do assunto. Contudo, havia um mal-estar inequívoco, ele não sabia como lidar com a angústia, que mantinha calada, mas expressava-a doutras formas. Perdera a tolerância dos primeiros tempos e andava com um perpétuo humor de cão, explodia à primeira contrariedade e atacava Francisca com acessos de mau génio, criticando-a por tudo e por nada, lançando sementes de discussões por coisinhas que só davam para rir. Francisca, preocupada, tentou falar com ele.

— O que é que se passa contigo, Afonso? — perguntou-lhe um dia, aproveitando uma aberta azul entre as nuvens escuras habituais. Estavam deitados nas espreguiçadeiras, no espaçoso jardim relvado, ao qual se acedia através das portas de vidro de correr da sala de estar. Ele de olhos fechados, ela de óculos escuros, a gozarem o sol misericordioso de um domingo primaveril.

Afonso olhou-a de lado e esboçou um sorriso fraco, surpreendido, sem saber se entendera bem a pergunta.

— O que se passa comigo?

— O que se tem passado contigo? Tens andado muito irritadiço, intolerante, explodes à mínima contrariedade. Antes, não eras assim.

— Impressão tua — disse ele, tentando evitar o assunto.

— Ah! — exclamou, irónica. — Impressão minha? Estás a brincar?

— Pronto, está bem, tenho andado um bocado irritado, é verdade. Mas, não achas que tenho motivos para isso? Não achas que tivemos uma vida muito complicada nos últimos meses?

— Isso é verdade — admitiu Francisca —, mas isso aplica-se especialmente a mim.

— Estou cansado, sabes?

— Estás?

— Estou. Acho que preciso de umas férias.

Francisca voltou a cabeça, pela primeira vez desde o início da conversa, levou o indicador direito aos óculos, na cana do nariz, e empurrou-os para baixo para espreitar por cima e ver bem a expressão de Afonso.

— O que é que foi? — reclamou ele, sentindo-se observado.

— Nada, nada...

— Não posso estar cansado?

— Podes, claro... deves estar mesmo *muito* cansado.

— Por que dizes isso?

— Porque já te conheço há tanto tempo e nunca te ouvi falar de férias. Aliás, nós *nunca* fazemos férias.

— Pois não, mas agora faziam-me bem.

— Podemos fazer — disse ela, com naturalidade. — Basta pedirmos uns dias. Com as férias que temos em atraso...

— Apetecia-te?

— Apetecia.

— Então, vamos pensar nisso.

Foram de férias, uma semana na Madeira, hotel de cinco estrelas, sol, piscina, boa comida, muitas horas de sono. Não havia nada mais reparador. Afonso aproveitou esses dias como uma bênção e revelou-se atencioso e simpático, bem-disposto, como se lhe tivessem tirado um peso de cima. Foi um bom período, desligado do mundo, sem pensar em nada, longe das preocupações. Mas depois regressaram ao trabalho e, em breve, Afonso voltou ao mesmo, sentindo-se encurralado, e o seu feitio intratável veio outra vez ao de cima.

As férias ajudaram um bocadinho, mas não o suficiente, não foram a solução para aquilo que não tinha solução, ou que, pelo menos, não se resolveria por si, se Afonso não fizesse nada por isso. O que se passava é que ele vivia obcecado com um problema, um problema só, mas que persistiria como um veneno de acção lenta, caso Afonso não fosse capaz de aceitar de uma vez por todas a fatalidade de não poderem ter filhos.

Mas ele não aceitou, e isso levou-o a sentir-se mais e mais encurralado, desconstruído com Francisca, ou, por outras palavras, o casamento deles chegou ao ponto de ruptura. Afonso sentia-se dividido entre o seu amor por Francisca e um ressentimento que não conseguia reprimir. Atormentava-se com a perspectiva de que seriam sempre só os dois, de que não haveria crianças em casa. Pensava, *porquê?*, *por que é que não te afastaste daquela suicida, por que é que sacrificaste tanto por tão pouco?* Uma fotografia, uma merda de uma fotografia, um instante que era visto por todos e esquecido no dia seguinte, porque no dia seguinte havia outro instante, outra fotografia mais para ser esquecida. Ponderava a possibilidade de se separar dela, mas não tinha coragem de abordar o assunto, não se sentia preparado para o fazer, porque continuava a amá-la, apesar de tudo, e porque sabia que, no fundo, ela não merecia que ele a acusasse de nada. Em contrapartida, o que ele não dizia, exprimia com o comportamento desagradável, com as ausências, com o

trabalho que inventava para ficar até tarde no jornal e chegar a casa depois de ela se ter deitado e adormecido. Ele não a queria deixar, mas ficar com ela impedia-o de ter o filho com que sempre sonhara, e isso era insuportável e acabou por levá-los a uma situação insustentável.

— Vais chegar tarde a casa? — perguntou Francisca, de casaco vestido, carteira ao ombro e braços cruzados, ao lado da secretária dele, no jornal.

Afonso levantou os olhos do computador.

— Não — respondeu-lhe. — Estou só a acabar este artigo.

— Ótimo — disse ela —, porque preciso de falar contigo.

— Sobre o quê? — intrigou-se Afonso, recostando-se na cadeira para a ver melhor.

— De um assunto que já devíamos ter falado há mais tempo. Mas não aqui. Falamos mais logo. Até logo — despediu-se dele com um beijo na testa.

— Não chegues muito tarde. Preciso mesmo de falar contigo.

— Não, tudo bem, já vou.

Ela sabia, ambos sabiam, que, apesar de dizer que não, Afonso iria arranjar algum pretexto para se atrasar. Antigamente, costumavam sair do jornal juntos, até porque ele não tinha carro e, assim, evitava gastar dinheiro em táxis. De resto, faziam tudo juntos. Iam para o trabalho de manhã, ocupavam-se das mesmas reportagens e regressavam a casa. Eram inseparáveis. Hoje em dia, Afonso não saía em reportagem, era editor, dirigia a secção de política, escrevia artigos e rejeitava todas as propostas de trabalho que envolvessem viagens ao estrangeiro. E ela passava a maior parte do dia fora da redacção.

Francisca foi-se embora e Afonso ficou a olhar durante muito tempo para a porta por onde ela acabara de sair, pensativo, como que hipnotizado, com os olhos focados no infinito, preocupado, a antecipar o assunto da conversa. Sabia perfeitamente o que o esperava. E não teve pressa nenhuma de chegar a casa.

O partido entrara no século XXI em crise e, ao chegar a 2005, não se podia dizer que estivesse muito melhor. Afonso apressou-se a subir a escadaria exterior do Pavilhão Atlântico, no Parque das Nações, atravessou o átrio em passadas largas e emergiu na arena central, como que catapultado pela urgência. Era aquilo o fim de uma tarde de sexta-feira e Afonso acabara de entrar no cenário do congresso do partido, que teria início nessa noite.

— O que se passa agora? — perguntou ao seu adjunto, que foi ao encontro dele, mal o viu entrar.

— É a porcaria do som de palco — lamentou-se o funcionário.

— O que é que tem o som do palco?

— Não funciona — disse o outro, como que resignado.

— Não funciona?! Estás doido?!

— Não, não sou eu que...

— O congresso começa daqui a três horas. Vamos ter o pavilhão cheio, o presidente, os congressistas, os jornalistas, as televisões em directo e o som não funciona?! Ah, que engraçado.

É claro que o som funcionou. Havia sempre problemas de última hora, crises de nervos, berros, mas as coisas acabavam por correr na perfeição. A reunião magna do partido havia sido convocada para Lisboa por uma questão simbólica. O país teria eleições legislativas muito em breve, ainda naquele ano, e o líder queria aproveitar o congresso para apelar à mobilização dos militantes, dinamizar o partido e entusiasmar a população com o seu projecto político.

Pelo que lhe tocava, Afonso considerava o presidente do partido um falabato arrogante com poucas ou nenhuma possibilidade de ganhar as eleições. Este não era o *seu* líder. Afonso como que o tinha herdado desde a sua eleição no congresso anterior. Este era um daqueles políticos profissionais de hoje em dia, pouco consistentes, que faziam carreira sob os focos das televisões, que falavam bem mas não percebiam nada de nada. Para dizer a verdade, Afonso estava farto dele até à raiz dos cabelos e só não se demitira ainda porque não queria que o tomassem por um dos primeiros ratos a abandonar o barco quando a água começasse a entrar.

Contudo, ele sentia-se a chegar ao limite da paciência. O homem confiava demasiado nas suas capacidades oratórias e ignorava sistematicamente os conselhos de Afonso. *As eleições ganham-se na televisão, e o resto é conversa*, dizia-lhe. *É verdade*, pensava Afonso, *mas convém estudares os assuntos e não dizeres disparates perante milhares de espectadores*. O líder não tinha pachorra para estudar os assuntos e não perdia muito tempo com estratégias políticas. Em contrapartida, parecia vocacionado para se envolver em querelas fraticidas com os *barões* do partido e transmitir uma imagem pública de fragilidade, como se a sua direcção andasse à deriva, sem um rumo preciso, o que, em boa verdade, não seria inteiramente mentira. Ora, se ele próprio não sabia para onde ia, como é que queria que o povo confiasse no seu

projecto? Aliás, que projecto era esse, se ninguém o conhecia? Essa parte talvez se resolvesse com o congresso. Afonso bem se esforçara para que o presidente seguisse algumas das suas linhas de orientação no discurso de abertura, mas, sinceramente, não se sentia muito optimista.

Algumas horas depois, sentado num gabinete nos bastidores, acompanhado pelo seu adjunto, Pedro Martins, um jovem de raciocínio rápido, especializado em *marketing* político, Afonso assistiu, incrédulo, ao discurso do presidente do partido, através de uma televisão de circuito interno. O líder estava há trinta minutos a discorrer sobre o seu consulado e o trabalho político dos últimos meses. Mas o tom geral do discurso lembrava o muro das lamentações, uma pieguice completa, onde entravam muitas expressões negativas, como «falta de apoio», «fachadas nas costas», «traições» e «boicotes à liderança».

Afonso apontou para a televisão, boquiaberto.

— O homem passou-se! — Abanou a cabeça, desanimado, e olhou para o adjunto. — Sabes o que é que eu lhe disse, sabes?

O adjunto esticou as pernas em cima de uma segunda cadeira e recitou:

— Um discurso positivo, com algumas ideias fortes, sem se dispersar demasiado, para mostrar para onde é o caminho e transmitir confiança ao eleitor.

— Exacto. E o que é que ele faz?

— Um discurso negativo, cheio de queixas, que ninguém o ajuda, que ninguém gosta dele, ronhonhó, ronhonhó, dispersa-se em comentários fracos, faz-se de vítima e não transmite confiança ao eleitor.

— Mas será que ele acredita que alguém vota num tipo que se queixa perante as câmaras de televisão de que ninguém o apoia, que tem de carregar a cruz sozinho e que tem uma liderança frágil?! — exclamou Afonso, indignado. — Isto é um desastre.

Em seguida regressou à sala do congresso, mesmo a tempo de assistir à ovação de fim do discurso. Os congressistas aplaudiam sempre entusiasticamente o líder do momento, fosse ele qual fosse. Com outra perspectiva, Afonso juntou-se ao coro de palmas, não por se sentir arrebatado, mas porque fazia parte do seu trabalho levar o congresso a bom porto. Após uns cinco minutos de palmas e de *slogans* repetidos pela assistência eufórica, o presidente ocupou o seu lugar no palco e o ambiente esmoreceu, reduzindo-se ao ruído de fundo normal. Seguir-se-ia uma pausa para o jantar e o regresso à arena para uma maratona interminável de discursos pela madrugada dentro.

O presidente da mesa do congresso deu os trabalhos por interrompidos e o pavilhão começou a esvaziar-se. Os jornalistas rodearam o líder no momento em que ele se levantou para abandonar a sala e Afonso subiu logo ao palco para o resgatar dos empurrões das máquinas de filmar e do embaraço dos fios dos microfones. Foi então que reparou em Francisca. E ela nele. Os seus olhos encontraram-se no meio da confusão e, por um instante mágico, ficaram ligados, hipnotizados um pelo o outro, até que a multidão os empurrou e

quebrou o feitiço. Afonso deixou de a ver. Francisca procurou-o pelo meio das cabeças interpostas, mas foi afastada pela turba e, quando voltou a localizá-lo, já ele ia ao lado do líder, abrindo-lhe caminho para chegar à porta. E não olhou para trás.

Ergueu o copo e fez uma saúde carregadinha de ironia ébria.

— Ao nosso querido presidente — disse Afonso — que está a fazer todos os possíveis para nos lixar as eleições.

O adjunto abanou a cabeça, fez um esgar parecido com um sorriso e ergueu ligeiramente o seu copo de uísque.

— Era difícil fazer pior — admitiu.

Tinham acabado por descobrir um bar barulhento, cheio de rapazes e raparigas pouco mais do que adolescentes, depois de uma caminhada exploratória pela noite animada do Parque das Nações. Eram três da manhã e a música estava para durar. Afonso e Pedro conseguiram encaixar-se em dois bancos altos num canto do balcão e já iam na segunda rodada. Cansados e desanimados com o rumo político do congresso, restava-lhes a consolação de que, em termos operacionais, o primeiro dia correria na perfeição. E isso, em última instância, era o que mais lhes importava.

De resto, a Afonso, o que verdadeiramente lhe assombrava a tranquilidade merecida de fim de noite era a nítida visão de Francisca no meio dos jornalistas, que lhe ficara colada à alma como a imagem paralisada de um filme, desde antes do jantar. O encontro fortuito perturbara-o ao ponto de perder a fome e não comer literalmente nada, de modo que o uísque já começava a fazer estragos. Afonso acendeu mais um cigarro e pousou a cabeça na palma de mão, com o cotovelo bem chegado à frente, quase deitado em cima do balcão. A voz tartamuda do álcool não lhe dava muita dignidade mas, felizmente, a música abafava qualquer tentativa de falar e tornava-se impossível manter uma conversa razoável naquele ambiente.

Pedro entretinha-se a observar as raparigas perfeitas que dançavam na pista, com as suas calças de ganga de cintura descaída e as blusas cingidas ao corpo e subidas, revelando o umbigo, enquanto Afonso enfiava negligentemente um dedo no seu balão de uísque e fazia rodar o gelo. Voltar a ver Francisca ao fim de tantos anos afectara-o mais do que alguma vez pensara que pudesse acontecer. Afonso ainda se sentia culpado pela forma como se tinham separado. Aquela última conversa que ditara a separação continuava a atormentá-lo nove anos depois. Abanou a cabeça, espantado, parecia mentira que tivessem passado nove anos, ou quase, já não sabia. O que sabia é que nunca deixara de se envergonhar das coisas injustas que dissera a Francisca. Chegara a casa bastante tarde, o que motivou logo uma censura.

— Não disseste que vinhas cedo? — atacou logo Francisca, irritada. Enquanto esperava por ele, estivera a remoer as aflições todas de que lhe queria falar e, o facto de lhe parecer que ele andava a evitá-la, não contribuiu nada para a serenar.

— Pois disse, mas a página da política ficou pendurada e tive de escrever mais umas notícias para preencher o espaço em branco.

Ah, pois — *acredito mesmo*, pensou. — Ao menos, podias ter-me telefonado a avisar.

— Estava a trabalhar, Francisca, não estava a brincar. — Despiu o casaco e foi para a cozinha. Ela seguiu-o e encostou-se ao frigorífico, de braços cruzados, enquanto ele explorava o interior, tirava os restos frios do jantar, se servia para um prato e o colocava no microondas.

— O que é que querias falar comigo com tanta urgência? — acabou por lhe perguntar Afonso, num tom ligeiro que pretendia disfarçar a preocupação, ao mesmo tempo que colocava o prato na mesa de madeira sólida que havia no centro da cozinha.

— Olha, é muito simples — começou Francisca, sentando-se à frente dele, num banco, no outro lado da mesa. — Quero saber, de uma vez por todas, o que é que vai acontecer ao nosso casamento.

— Nós não somos casados — corrigiu-a ele, numa tentativa falhada para fazer humor àquela hora da noite. — Piada fraca, desculpa. — acrescentou imediatamente, ao ver a expressão de fúria dela.

— Pois não somos e, por este andar, nunca seremos.

Afonso pousou os talheres no prato e encarou-a, muito sério.

— O que é que queres dizer com isso?

— Quero dizer que tu tens feito tudo para nos separarmos. É isso que tu queres?

— Não, é claro que não!

— Então, o que se passa? Diz de uma vez por todas. Achas que eu sou a culpada por ter perdido a criança, é isso? Se achas, diz. Não adianta continuares a evitar o assunto.

Ele afastou ligeiramente o prato, sem fome.

— Temos de falar nisto agora?

— E por que é que não há-de ser agora?

— Nem agora nem nunca — insurgiu-se Afonso. — Eu não quero falar mais disso!

— E vais continuar a censurar-me em silêncio?

— Eu nunca te censurei!

— Não, directamente. Mas vai dar ao mesmo. Sou eu a culpada, não sou?

— Somos os dois. Nunca devíamos ter ido a Israel.

— Mas fomos e agora vamos ter de viver com isso.

— Se ao menos... — Afonso calou-se antes de terminar a frase. Aquilo saiu-lhe sem querer, foi mais forte do que ele, mas arrependeu-se logo.

Francisca franziu um sobrolho.

— Se ao menos?...

— Nada, esquece.

— Não esqueço nada, porra! — explodiu. — Diz o que tens a dizer, fala comigo!

— Se ao menos tivesses tido mais cuidado. Pronto, já disse. É isto que queres ouvir?

— Mais cuidado?! Afonso, por favor. Eu não tive culpa que aquela mulher tivesse decidido matar-se com uma bomba no meio da rua. — Apontou para trás, como se apontasse para o passado.

— Não percebeste que era perigoso? Não achaste que devias proteger-te? Não te lembraste de que estavas grávida? Francisca, a merda das fotografias eram mais importantes do que a criança?!!

Francisca levou uma mão à boca, muda, espantada com a dimensão das palavras dele, percebendo finalmente o que Afonso andava a acumular há meses. E o pior foi a forma como ele despejou tudo, furioso, acusador, sem um bocado de compreensão pelo tormento que ela sofrera. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos.

— Aquela criança — continuou Afonso, num tom mais sereno, mas ressentido — era a coisa que eu mais queria na vida.

— Também eu — murmurou Francisca, a chorar baixinho.

— Mas não fizeste o suficiente para a proteger — rematou, sem piedade — e agora não vais poder ter mais nenhuma.

Francisca ficou desfeita. Ergueu-se do banco em silêncio, um silêncio pesado, sentido e saiu da cozinha sem atender às súplicas de Afonso para que não terminassem assim a conversa. Mas não havia outra maneira, visto que, de momento, ela não conseguiria conter o pranto que lhe afogava as palavras. Foi dormir de olhos abertos, a reviver o crime que acabara com a sua felicidade, incapaz de reprimir a recordação traumatizante, passando-a em revista mentalmente, foto a foto, pois, embora não se lembrasse de nada, resgatara a memória dos segundos mais trágicos daquele fim de tarde em Jerusalém da máquina fotográfica, onde ficara tudo registado até ao último instante. As fotografias tinham ido directas para o seu arquivo pessoal. Que ela soubesse, nunca um atentado suicida em Israel havia sido fotografado de tão perto e com tanto pormenor, mas não fora capaz de as entregar para publicação. Afinal, contrariamente às acusações de Afonso, a *merda* das fotografias não justificavam o sofrimento de perder um bebé. Francisca sentiu que publicá-las seria algo profundamente errado, uma traição, um prémio nojento e insuportável, para os terroristas, sempre sedentos da publicidade involuntária da imprensa, que, ao dar a notícia, potenciava os maus efeitos psicológicos dos seus atentados mortíferos.

De manhã, Francisca levantou-se antes de o despertador tocar. Foi tomar banho com a cabeça a estalar e os olhos inchados. Passara a noite em branco, a rebolar na cama, a chorar baixinho horas seguidas, penosas, remoendo as palavras de Afonso e ponderando o estado de espírito dele e as consequências inevitáveis do ressentimento que o dominava e que não conseguia ultrapassar. Não sabia se havia de o censurar ou dar-lhe razão. Ela própria, quantas vezes lamentara não ter fugido daquele lugar enquanto podia? Afonso acusava-a, mas ela também se sentia culpada e precisara de meses para recuperar a auto-

estima. Nunca se perdoaria por aquele erro, mas teria de viver com ele e a última coisa que precisava era que lhe apontassem mais dedos acusadores.

Finalmente, ao despontar da aurora, chegou à única conclusão possível, à saída que lhe permitiria seguir em frente com a sua vida. Sentia-se mal como numa ressaca de festa. O duche quente ajudou-a a recuperar algum ânimo e reconfortou-lhe o corpo sofrido. Depois secou-se e vestiu-se na casa de banho, e foi para a cozinha fazer um café forte, para ver se ganhava energia.

Estava encostada à bancada a tomar o café quando Afonso apareceu, já vestido, deu-lhe um beijo de bom-dia e perguntou-lhe se se sentia bem.

— Nem por isso — respondeu, desconsolada com ele, com a vida e consigo própria.

— Francisca — disse, conciliador. — Vamos esquecer tudo. Não vale a pena continuarmos a martirizarmo-nos com coisas que não podemos mudar.

Mas ela já decidira acabar tudo entre eles e não voltaria atrás. Como poderia?, se antes viviam um para o outro e agora viviam de costas voltadas, se teriam sempre aquela pedra no sapato e andariam coxos até não se conseguirem tolerar nem mais um minuto. Antes separarem-se agora do que acabarem por se odiar. Seria estúpido, romântico, o que lhe quisessem chamar, mas seria uma separação por amor.

Apesar de ele lhe ter pedido desculpa, de ter admitido que se excedera no calor da discussão e de ter insistido em que continuava a amá-la, Francisca manteve-se irredutível e anunciou-lhe que ia fazer as malas e sair de casa.

— Não — discordou Afonso —, sendo assim, tu ficas e eu saio. — E Francisca poderia jurar que lhe detectou um certo alívio na voz, como se ele se sentisse melhor por terem chegado ao fim da linha, e por ela lhe oferecer uma solução que lhe evitava o desconsolo de ser obrigado a rejeitá-la.

Afonso não se cruzou mais com Francisca durante os três dias do congresso. Embora a natureza do trabalho de ambos os obrigasse a frequentar os mesmos lugares em determinadas ocasiões, como era o caso da sede do partido, Afonso sempre tivera o cuidado de se refugiar nos bastidores quando sabia que Francisca entrara pela porta principal. Não que não gostasse de a ver ou lhe guardasse algum rancor pelo passado mal resolvido, mas tinha tanto receio de se apaixonar outra vez que preferia manter-se à distância. A determinada altura chegou-lhe um zunzum aos ouvidos de que Francisca estaria a viver com um tipo novo no jornal, que não era do seu tempo. A notícia apanhou-o desprevenido e, pela primeira vez naqueles anos todos, Afonso não foi ao partido durante três dias seguidos, até que Pedro decidiu ir ver o que se passava e o encontrou no seu quarto do hotel a meio de uma bebedeira bíblica, sentado na cama, em pijama e roupão, desgrenhado, um copo de uísque com gelo na mão esquerda, o comando da televisão na direita, fazendo *zapping*, hipnotizado pelo monitor, cercado de garrafas vazias, perigosamente espalhadas pelo chão.

Até então, Afonso ainda não interiorizara que a relação deles tinha, de facto, acabado. Quer dizer, já não se viam há anos e nenhum deles fizera nada para alterar isso, mas Afonso não tinha ninguém, Francisca não tinha ninguém e, no seu subconsciente era como se ela ainda lhe pertencesse, como se, no fundo, não houvesse nada neste mundo que os pudesse separar. Ele pensava nela todos os dias e só não lhe telefonava porque conseguia contrariar o impulso com alguma desculpa de trabalho, inventada de urgência para adiar o telefonema. Durante anos, Afonso chegou ao seu gabinete, olhou para o telefone, decidiu ligar para Francisca e acabou por adiar a chamada até voltar no dia seguinte, olhar para o telefone e pensar, *hoje é que é*. E um dia soube que outro homem fora viver com ela na antiga casa deles e a partir daí nunca mais olhou para o telefone.

De certa forma, Afonso sentiu-se traído. Mas, por outro lado, dizia a si mesmo que a culpa era sua. O que é que ele estava à espera? Que ela ficasse sozinha o resto da vida?

A verdade é que Afonso não tentava a reaproximação por achar que ela não o desejava e preferia mantê-lo longe da sua vida; e Francisca nem lhe passava pela cabeça voltar atrás, pela mesma razão que a tinha levado a separar-se dele. O mais estúpido é que Afonso a deixara porque ela já não podia dar-lhe o filho que tanto queria e agora, que ficara livre, não havia nenhuma mulher no mundo de quem ele quisesse ter um filho. Parecia-lhe quase uma aberração inimaginável; repugnava-lhe a ideia de constituir uma família com uma estranha.

Nem uma semana passara desde o congresso quando Afonso foi contactado pelo director do seu antigo jornal.

— Afonso, como vai o meu amigo? — inquiriu, alegre. — Ainda é vivo?!

— Oh, caro director — respondeu Afonso, com a mesma graça gentil —,

há quanto tempo.

Já se conheciam há uma eternidade e poderiam tratar-se por tu sem qualquer desconforto de parte a parte, não fosse o hábito de sempre.

— Pois é — disse o outro —, você eclipsou-se, homem!

— Muito trabalho, director, muito trabalho.

— Pois, está bem, olhe, eu preciso muito de falar consigo. Vamos almoçar esta semana?

— Claro — respondeu Afonso, sem imaginar na altura até onde aquele almoço o levaria.

O partido perdeu as eleições, tal como Afonso vaticinara, mas por muito mais votos do que ele previra, na medida em que o resultado ficou bastante aquém do aceitável. Afundado no desastre eleitoral e com a popularidade abaixo da linha de água, o presidente serviu a sua própria cabeça numa bandeja dourada, apresentando a demissão ao fim da noite, após a contagem dos votos, para gáudio dos adversários, que festejaram a vitória nas ruas com caravanas de carros engalanados de bandeiras e buzinas que ecoaram pela cidade até de madrugada. Na sede do partido, Afonso fechou-se no seu gabinete com Pedro, tirou dois copos de um armário, abriu uma garrafa de *Dimple 15 Anos*, e serviu-o puro. Sentou-se na sua cadeira de trabalho e esticou os pés em cima da secretária. Ergueu o copo numa saúde a ninguém e bebeu um gole do uísque.

— Não foi nada que não tivéssemos previsto — encolheu os ombros.

— Pois não — concordou o adjunto, quase deitado no sofá de couro encostado à parede do fundo, com as pernas confortavelmente estendidas e cruzadas.

— Hum — interrompeu-se Afonso, acendendo um cigarro. — Tenho uma notícia para ti.

Pedro franziu o sobrolho e parou, expectante, entre o desapertar do botão de cima da camisa e o alargar da gravata. Afonso inspirou o fumo até aos pulmões e expulsou-o antes de deixar cair a bomba:

— Vou-me embora. Estou farto disto. Despedi-me. Amanhã é o meu último dia.

E pronto, estava decidido, voltava ao jornalismo. Meses atrás, almoçara com o seu antigo director e este convidara-o a regressar. Afonso rejeitara a oferta com o argumento ético de que não lhe parecia adequado demitir-se do partido tão perto das eleições. Na realidade, no que ele pensava era em Francisca e na perspectiva de trabalhar no mesmo lugar que ela, vê-la todos os dias, cruzarem-se permanentemente no mesmo espaço, relacionarem-se nem que fosse por razões profissionais. Tinha de admitir que, apesar de tudo, os motivos da separação se haviam diluído no fio dos anos. Agora que pensava nisso, os dramas antigos perdiam força com o tempo, uma pessoa conseguia ultrapassar as piores mágoas. Afonso atravessara a famosa barreira dos quarenta e ia fazer quarenta e um em breve.

Sentia-se mais maduro, senhor de uma serenidade adquirida com a experiência da vida. Há muito que deixara de correr ao ritmo das reportagens de risco, viciado na adrenalina e no perigo. Fizera uma longa travessia pela política, onde o *stress* tinha mais a ver com os números das sondagens, a estratégia, as conferências de imprensa e a incomensurável logística dos congressos e das campanhas eleitorais. Mas não só. Era um outro mundo, de águas profundas, de almoços e jantares, jogos de influências, acordos secretos, promessas quebradas, equívocos dramáticos, alianças e traições. Afonso aprendera as regras desse jogo de poucas regras, aprendera muito e,

especialmente, aprendera que não precisava de viver como se tivesse uma arma apontada à cabeça, o que, no passado, não fora uma simples figura de estilo mas uma realidade demasiado concreta, e perigosa.

Afonso mudara tanto que até já morava numa casa a sério. Por alturas do Natal, caíra na melancolia da época, numa noite em que regressava ao hotel, no banco detrás de um táxi, apreciando as iluminações que desfilavam pela janela ao longo da avenida. Reparou no trânsito e nas pessoas na rua, encasacadas, com pressa de chegarem a casa e de se juntarem às suas famílias, e pensou, *eu, parece que estou cada vez mais longe de ter uma família*. Chegado ao hotel, cumprimentou o porteiro de sempre, atravessou a porta giratória, despontou no átrio, olhou em redor, desanimado, e disse de si para si *bem-vindo a casa*. Nessa mesma semana, por um golpe de sorte, surgiu-lhe a oferta de um apartamento espaçoso na Avenida da República, ao chegar ao Saldanha, remodelado, com soalho de madeira e uma lareira acolhedora. Nem pensou duas vezes. Teve tanta pressa em deixar o hotel, que se mudou só com um colchão sem cama e uma poltrona de couro, que colocou à frente da lareira.

De modo que, tudo pesado, achou por bem não fechar a porta que se abria e pediu ao director para lhe dar quatro meses. Queria ponderar o convite até às eleições, altura em que poderia demitir-se do partido sem problemas de consciência. E nesse período de reflexão foi-se afeiçoando à ideia de regressar ao jornal, retomar a sua profissão preferida e voltar a escrever, como tanto gostava. Quanto a trabalhar com Francisca, por que não? Afinal, eles nunca tinham deixado de ser amigos. Mesmo sabendo, pela experiência do recente encontro no congresso, que ela ainda mexia consigo, Afonso foi mudando de opinião sobre a sua quase obsessiva determinação em manter-se longe dela. Vendo bem, era uma estupidez, não tinha sentido fugir de Francisca, especialmente porque gostava dela e apreciava a sua companhia. Talvez lhe custasse um bocado, quem sabia?, tê-la tão perto e não a ter de todo; talvez se apaixonasse de novo, se é que alguma vez deixara de estar apaixonado por ela, talvez, pensou, mas sentia que devia enfrentar a situação e descobrir onde isso o levaria. Não queria que Francisca continuasse a ser um caso pendente na sua vida. Afonso tivera sempre a estranha impressão de que ficara enalhado na separação, algo assim como um intervalo e nada mais do que isso. Mas o intervalo fora longo, quem sabia se não irremediavelmente longo, e, agora, Afonso estava determinado a clarificar as coisas com Francisca. O que ele não sabia é que havia sido ela quem incentivara o director a aliciá-lo com a proposta de emprego.

Francisca deitou-se na espreguiçadeira com um copo de vinho tinto na mão. Esticou as pernas, apertou o botão do CD portátil, segurou nas pontas do casaco de lã grossa, cruzando os braços para se agasalhar melhor, e fechou os olhos. «Mary's in India», da Dido, invadiu-lhe os ouvidos e encheu-lhe a alma. Adorava aquela música, a melancolia descia sobre uma pessoa como uma coisa boa, agradável, *tretas românticas das mulheres*, pensou, sem se importar nem um bocadinho. A música falava de uma pessoa que se sentia só porque alguém partira para a Índia. Francisca também se sentia só. Fazia trinta e nove anos e sentia-se só. Dezasseis de Novembro de 2005. Trinta e nove anos. Porra! Nem marido, nem filhos, nem nada. Cabrão do Afonso, que a tinha ali, apaixonada por ele e por mais ninguém e não mexia uma palha. Quantos homens a haviam cercado com insinuações mais ou menos claras, convites para jantar, telefonemas, mensagens para o telemóvel, insistentes, uns bonitos outros nem por isso, mas sempre solícitos, prometedores, quantos? E ela, estúpida, dizia que não, descartava-os com poucas palavras, mas definitivas. Eram homens, viam-na solteira e livre, queriam-na. E ela encolhia os ombros e sorria-lhes, um sorriso misterioso, estou aqui mas não estou, sou livre mas não sou. Não era, de facto.

Quatro meses antes, pedira especificamente ao director que lhe atribuisse a reportagem do congresso. A ideia era encontrar Afonso, provocar o acaso, falar com ele, olha, sou eu, ainda existo! Lembras-te de mim?! E depois encontrou-o e ele não reagiu, ficou só ali a olhar para ela, paralisado, nem um adeus ao longe, nem olá, estás boa?, nem um sorriso, nada. Voltou nos dois dias seguintes mas não houve mais encontros. Ele não a procurou, não perguntou a ninguém por ela, desapareceu nos bastidores e só reapareceu nos momentos importantes, que exigiam a sua presença, no palco e noutras zonas inacessíveis aos jornalistas. Ela via-o, mas ele não a via. Era como se fosse uma estranha para Afonso e não percebia porquê. E nem sequer tinham ficado zangados. Que ela soubesse, fora uma separação amigável.

Francisca já passara por todas as fases: o desgosto dos primeiros meses, a fase de viver no passado e a fase de aceitar que o passado já era, a fase da solidão e a euforia de um novo amor, outro homem, outra decepção. Chegara a viver com uma pessoa, um colega do jornal, durante dois meses e meio, mas estragara tudo porque não o amava tanto como amara Afonso. Podia ter sido uma comparação injusta, mas ela não conseguira evitá-la. E por isso regressara à estaca zero.

Ela não tinha consciência disso, mas, em muitos aspectos, vivia no mesmo equívoco de Afonso. Ele afastara-se definitivamente devido à determinação de Francisca para que se separassem. Compreendia os motivos dela. Sentia remorsos por a ter acusado tão duramente, por a ter responsabilizado pela perda do bebé e, depois disso, após a conversa e a separação, convencera-se de que ela desistira dele e de que preferia não o ver nunca mais. Mas afinal, entendera tudo ao contrário. Ela amava-o e só acabara com tudo por achar que

essa era a melhor forma de salvaguardar o amor e o carinho que ainda sentiam um pelo o outro. Por seu lado, Francisca pensava que Afonso quisera terminar a relação por ela não ter sabido proteger a vida que tinha no ventre, que era dos dois, e convencera-se que ele não lhe perdoava essa falha e, pelo menos nessa época, não suportaria continuar a viver com ela.

Mas Afonso pensava nela todos os dias e Francisca pensava nele a toda a hora. Afonso mantinha-se ao largo para não sofrer uma decepção e Francisca interpretava esse distanciamento como uma atitude de indiferença.

A reportagem do congresso e a sugestão ao director para que contratasse Afonso foram as derradeiras tentativas para se aproximar dele. Mas, pelos vistos, tinham falhado. Ele nem sequer tentou falar com ela, virou-lhe as costas e desapareceu pela porta do fundo, ao lado do líder. E, tanto quanto ela sabia, não aceitara a proposta de emprego. De forma que foi uma surpresa encontrá-lo no jornal quatro meses mais tarde.

Francisca desligou o CD, sentou-se na espreguiçadeira, acabou o resto de vinho tinto que tinha no copo e suspirou, *homens*, pensou, *vá lá a gente entendê-los*. Hoje não trabalhava, hoje fazia trinta e nove anos e, mais logo, teria a família toda a jantar lá em casa. Levantou-se e foi para a cozinha.

O caso tornara-se célebre há cerca de um ano e apaixonara o país através das televisões e dos jornais. Uma criança foi dada como desaparecida pela própria mãe. A menina vivia com os pais no Algarve, numa aldeia no interior do concelho de Faro. Inicialmente, a mãe levantou a hipótese de a menina se ter perdido numa área florestada quando brincava no exterior da casa. Mas a criança só tinha dois anos e a versão da mãe não pareceu lá muito credível aos agentes da Polícia Judiciária que a interrogaram. O caso complicou-se quando o pai da menina acusou a mãe de ter matado a filha. Ele, no dia do desaparecimento, encontrava-se a bordo de um pesqueiro, a várias milhas da costa, ao largo de Sagres, e muitas testemunhas corroboraram o seu álibi. Ao fim de dois meses de interrogatórios diários, a mulher continuava a negar que tivesse matado a filha, mas já contara tantas versões diferentes dos acontecimentos desse dia estranho, e já dera tantas pistas falsas, que a polícia se enredava num novelo impossível e não sabia por que ponta havia de puxar para dar um sentido lógico ao drama.

Presa preventivamente, a mulher foi massacrada com interrogatórios policiais até chegar a um ponto de esgotamento em que já não sabia se o dia era noite ou se a noite era dia. À beira da loucura, dava respostas sem nexo e contava histórias inverosímeis. Impotente para deslindar o mistério, sem corpo e sem provas, a polícia manteve-a presa por mais alguns meses mas não pôde fazer muito mais para dar um final aceitável ao caso da menina desaparecida.

— Lembra-se do caso? — perguntou o director.

— Claro — respondeu Afonso. Acabara de ser contratado na categoria de Grande Repórter e discutiam a sua primeira reportagem, no gabinete do director. — A mulher foi libertada há dias, não foi?

— Foi — confirmou o director. — Mas a notícia não é essa. A notícia é que, agora, foi ela que desapareceu. A mãe eclipsou-se, ninguém sabe dela. Aquilo que eu sei é que a polícia libertou-a para lhe seguir o rasto, mas perdeu-a.

— Ah, a sério?! — exclamou Afonso, espantado, batendo com a palma da mão na perna cruzada.

— Exactamente.

— Mais uma trapalhada policial.

— Pois. E o que eu quero é que você a descubra.

— Ena! Missão impossível?

— Missão impossível.

— Quando é que começo?

— Amanhã. Pegue num carro, vá até ao Algarve e descubra-me essa mulher.

— Okay — sorriu, como se fosse uma tarefa fácil. — Levo um fotógrafo?

O director observou-o, espreitando por cima dos óculos equilibrados na ponta do nariz. Depois fez que sim com a cabeça, um gesto lento e bem

marcado, para produzir o efeito pretendido. A sua expressão malévola revelou todo o gozo que lhe dava pregar uma partida a Afonso logo no primeiro dia.

— Nããão... — gemeu Afonso.

— Siiim... — disse o director, divertido com a situação.

— Director... — Levantou as mãos, como que a pedir compaixão.

Sem dizer mais nada, o director levou a mão aos óculos, atirou-os para cima da mesa, penteou os fiapos da careca, levantou-se da cadeira num repente, atravessou o gabinete, perdido de riso, abriu a porta e gritou para a redacção.

— Francisca, podes chegar aqui?

— Temos algumas caras novas por aqui — comentou Afonso, olhando em redor. Tinham-lhe destinado a mesma secretária de antigamente, uma amabilidade, para que se sentisse como se estivesse em casa.

— Vão e vêm — informou Francisca — mas os veteranos continuam cá. São sempre os mesmos.

— Ouvi dizer que estavas a viver com um dos novos.

— Caramba, Afonso, para quem não me fala há tantos anos, não perdes tempo, vais directo ao assunto! — exclamou Francisca, fazendo-se indignada, mas em tom de brincadeira, sem se ofender.

— Eh... — contraiu os lábios, embaraçado. Não era propriamente o que ele planeava, fazer-lhe assim a pergunta, à queima-roupa, mas às vezes uma pessoa não conseguia calar a boca e agora já era tarde de mais para voltar atrás. Afonso mal dormira na noite anterior, a pensar como correria o reencontro com Francisca, como é que ela reagiria, se seria simpática ou se seria fria com ele, distante talvez, ou mesmo desagradável. Afonso receava que Francisca sentisse algum ressentimento por ele não a ter contactado durante aqueles anos todos. Mas depois pensava, *bem, ela também não me telefonou uma única vez, portanto não é assim muito diferente, pois não? Quer dizer, vai acusar-me de quê, se eu posso queixar-me do mesmo?*

Francisca riu-se. Levantou a cabeça e olhou para o tecto com ar pensativo, deixando prolongar o pequeno suspense, divertida, com um sorrisinho malicioso nos lábios.

— Então? Vais-me responder ainda hoje?

Ela olhou-o de lado.

— Hum... não sei. O que é que isso te interessa?

— Estou curioso — admitiu Afonso, sem esconder a sua ansiedade.

— Nããã... — respondeu ela. — Isso já lá vai.

— Mas viveste com alguém, certo?

— Afonso! — protestou Francisca, de boca aberta. — Que indiscreto.

— Não é segredo, ou é?

— Não, é claro que não.

— Então?

— Então — disse — foi uma experiência curta. Só durou dois meses e meio.

— E depois?

— Depois, nada. Olha, queres acabar com o interrogatório?

— Está bem. Desculpa.

Ela olhou para ele com os olhos meio cerrados, inquiridora.

— O que foi? — perguntou Afonso.

— Então e tu?

— Eu o quê?

— Não tens nenhuma namorada?

— O que é que isso te interessa? — provocou-a.

— Ha-ha! — advertiu-o, de indicador em riste, divertida.

De certo modo, foi como se não se vissem apenas há uma semana. Francisca recebeu-o com uma naturalidade incrível, notou ele, espantado. Achou-a mais velha, não envelhecida mas mais velha, mais madura, perdera aquele aspecto de menina que ele tanto invocava nas noites nostálgicas. Cortara o cabelo e já não usava o eterno rabo-de-cavalo de antigamente, e isso dava-lhe um aspecto mais... pensou na palavra certa... mais adulta, era isso. Mas continuava tão bonita como dantes, *lá isso...* abanou a cabeça, involuntariamente.

— O que estás a pensar? — perguntou-lhe, ao notar a sua expressão apreciativa.

— Estava a pensar que continuas muito bonita.

— Ah, obrigada.

— Nada — ofereceu-lhe uma vénia solene, cavalheiresca. — É verdade, parabéns pelo teu aniversário. Trinta e nove, não foi?

— Foi, obrigada. Lembraste-te?

— É claro que me lembrei. Lembro-me sempre.

— Podias ter-me telefonado.

— Hum... — fez uma careta de dúvida. — Achei melhor não.

— Por que não?

— Não sabia se não me ias desligar o telefone na cara.

— Tens razão — concordou. — Era muito capaz disso.

Francisca ainda não caíra em si. O regresso de Afonso fora uma surpresa total, um segredo bem guardado pelo director para a surpreender. Uma agradável surpresa, tinha de admitir. Sentiu-se comovida, com vontade de chorar de felicidade. *Meu Deus*, pensou, *quantas vezes é que eu imaginei este momento?* Francisca sentiu-se lisonjeada pela urgência dele em saber se ela vivia com alguém. Mesmo sem o dizer directamente, Afonso encontrou uma forma de lhe mostrar que se interessava por ela, que não lhe era indiferente se continuava com outro ou se estava sozinha, se refizera a vida e se tornara inacessível ou se ainda havia uma possibilidade para eles. E isto com uma ansiedade e uma pressa de saber, que nem sequer foi capaz de esperar por um momento mais oportuno.

Mal tinham trocado algumas palavras, um *olá* simpático no gabinete do director e as orientações para a reportagem, nada de intimidades, e, quando voltaram à redacção e se sentaram para combinar os pormenores da viagem ao Algarve, ele saiu-se logo com aquela, *o sacaninha*, pensou, desconcertada com a lata dele. Como é que alguém podia ter tamanha desfaçatez?! Mas desculpou-o instantaneamente, desculpou-lhe a indelicadeza e a indiscrição, por vê-lo nervoso como um menino à frente de um gelado a derreter-se. Perdoou-lhe isso e muito mais, perdoou-lhe todos os anos de silêncio e o modo desajeitado como lidou com a situação no congresso, fitando-a com aqueles olhos perdidos, sem uma palavra ou um aceno que fosse. Desculpou-o de tudo porque preferia não se atormentar mais com os erros do passado,

porque não queria deitar a cabeça na almofada à noite e, em vez de ler um livro, pôr-se a tentar adivinhar pela milionésima vez o que é que fizera de mal para ele nem sequer lhe falar. Afonso regressara, era ele, ali sentado, em carne e osso, e isso é que era importante. No fundo, Francisca adorou as suas perguntas, o seu interesse por ela aqueceu-lhe o coração e encheu-a de esperança.

— Namorada, eu? — inquiriu Afonso, voltando à questão dela e apontado com o indicador para o seu próprio peito. — Eu tenho lá tempo para namoradas.

— Oh, andas muito ocupado? — ironizou.

— Ando, não, andei. Nem imaginas como a política pode ser absorvente.

Francisca riu-se.

— Imagino, imagino...

— Não gozes, é verdade.

— Tudo bem. — Pigarreou para disfarçar a vontade de rir e passou às coisas sérias: — Então, vamos lá falar da nossa próxima aventura.

Acabaram a manhã a planear a viagem ao Algarve, foram almoçar ali perto, num restaurante onde costumavam ir antigamente, continuaram pela tarde fora à conversa na redacção e chegaram ao fim do dia ainda com aquela sensação estranha de que não se tinham passado nove anos, como se não tivesse acontecido nada de especial, como se a separação tivesse sido apenas, um pequeno hiato nas suas vidas. Contudo, era só o primeiro dia e, embora se sentissem felizes e agradecidos por descobrirem que podiam dar-se bem outra vez, é claro que o passado deixara as suas marcas e o futuro seria um caminho incerto.

De manhã, partiriam cedo. E nessa noite, antes de adormecer, Francisca pensou que talvez não voltassem a ser um casal, mas, pelo menos, poderiam ser amigos e apreciarem a companhia um do outro e teriam a paz de espírito que precisavam, pois não haveria mais equívocos. Poderiam prosseguir tranquilamente sem sentirem o incómodo latente que se perpetuava com as meias palavras, quando ficavam coisas por esclarecer. Depois adormeceu em paz, dormiu oito horas seguidas, sem sobressaltos, e acordou antes do toque do despertador, ansiosa por iniciar a jornada que a esperava, excitada com a perspectiva de partir novamente em reportagem com Afonso. Juntos, formavam uma equipa perfeita. Sempre que se faziam à estrada, a vida ganhava outra dimensão e era, definitivamente, imprevisível. Francisca estava convencida de que, desse lá por onde desse, não voltariam à redacção sem deslindarem o mistério da mãe e filha desaparecidas.

A viagem demorou duas horas; chegar à aldeia da mulher desaparecida foi mais uma. Ao final da manhã, estacionaram frente ao café local e, é claro, todos os olhos se viraram para eles assim que entraram. Olhos hostis, por sinal. Agora já não era assim, mas há uns meses, nas primeiras semanas, enquanto a PJ virava a aldeia ao contrário e a abanava bem, à procura da menina desaparecida, depois dada como morta e, depois ainda, novamente apenas desaparecida — à falta de corpo —, nessa época de má memória e de maus fígados, aquela terrinha de nada vira-se transformada num circo pela polícia e pela imprensa. Os habitantes assistiram incrédulos à chegada das brigadas da PJ, que percorriam as ruas em caravanas de carros a alta velocidade; e à chegada das televisões, com as suas carrinhas dos directos, de onde despontavam antenas que subiam a uma altura inimaginável, ligavam-se aos satélites e, com uma simplicidade assombrosa, colocavam a pequena aldeia no mapa, servida por repórteres eloquentes ao país inteiro, à hora do jantar.

Nessa altura os habitantes fecharam-se na sua dignidade e recusaram-se a responder às perguntas dos jornalistas. Mas depois as coisas pioraram com as romarias de fim-de-semana. Centenas de forasteiros vindos de todo os cantos do Algarve, movidos por uma curiosidade mórbida, engarrafavam as estradas e inventavam as coisas mais estranhas. Sem respeito nenhum pelos locais, grupos de voluntários espontâneos organizavam buscas de improviso para ajudar a polícia e, contra a vontade das autoridades, faziam batidas ao mato e até as tampas dos esgotos levantavam, para vasculharem debaixo da terra.

Esses tempos absurdos já lá iam, a aldeia voltara a ser só dos seus, votada de novo ao esquecimento de antigamente, um ano após os acontecimentos históricos do Inverno de 2004. Mas as pessoas sabiam identificar um jornalista quando o viam, até porque ainda apareciam, um ou outro, esporadicamente, à procura de qualquer coisa, sabia-se lá o quê. Contudo, como já se respirava um ambiente pacífico, havia mais tolerância com eles, não muita, mas enfim...

Pediram uma bica de pé, ao balcão.

— E uma água fresca, por favor — acrescentou Afonso, só para fazer conversa. — Faz um calor dos diabos, aqui.

A mulher que os atendeu, entrada nos seus sessentas, obviamente dona do estabelecimento, barricada no interior do balcão e com cara de poucas conversas, encolheu os ombros.

— Estamos no Inverno — contrapôs, querendo com isso arrasar o comentário de Afonso.

— Mesmo assim... — respondeu ele, passando por cima da desconsideração. — Olhe que, realmente, o Algarve tem um clima fantástico. Até no Inverno parece que é Verão.

A mulher voltou costas, sem engrenar na conversa, e demorou o seu tempo a tirar os cafés. Francisca olhou em redor. O café não era mais do que um corredor entre o balcão de vidro e as mesas encostadas a uma grande

janela panorâmica, suja. Havia quatro mesas, de uma ponta à outra, todas ocupadas e seis clientes, sem contar com eles os dois, os quais, ao fim de um bocado começaram a descontrair e a retomar as suas conversas pacatas.

— Os senhores são jornalistas? — perguntou a mulher do balcão, traída pela curiosidade, deixando cair um pouco da crispação inicial.

Afonso olhou para ela, fazendo uma cara de espanto, e depois iluminou-se com um sorriso muito aberto.

— Ah! — exclamou. — Como é que adivinhou?

— Ora, já vimos tantos por cá — respondeu ela, sentindo-se bem com a sua própria perspicácia.

Francisca não se meteu na conversa. Deixou-se estar em silêncio, a ver Afonso atirar charme a rodos para cima da mulher, a qual, aliás, também a ignorou. E dali a pouco já falavam do caso da menina desaparecida, da sua mãe igualmente desaparecida e do pai, que, a propósito, disse Afonso, gostávamos de falar com ele.

A mulher olhou para o lado, desconfiada, a ver se alguém ouvia a conversa, dirigiu o olhar para Afonso, debruçou-se ligeiramente sobre o balcão, chegando-se à frente, e sussurrou-lhe.

— Esse — avisou — não é boa rês. — Acenou com a cabeça, de lábios crispados numa cara séria e chegou-se de novo à frente. — Ele costuma aparecer por aí ao fim da tarde.

Deram uma volta de carro pela aldeia, só para lhe conhecerem os cantos, e puseram-se a caminho de Faro. Já que não podiam fazer nada até à tarde, aproveitariam para ir procurar um hotel.

— É um quarto de casal? — perguntou a recepcionista.

— Não, dois quartos — respondeu Afonso. Virou-se para Francisca e riu-se. Ela também.

Deixaram as malas nos quartos e voltaram a sair. O hotel ficava junto à marina de Faro, uma das zonas mais agradáveis da cidade, tão agradável que decidiram procurar um restaurante ali mesmo, a pé. Escolheram uma varanda solarenga, com vista sobre a marina. Encomendaram uma sapateira e duas imperiais, recostaram-se nas cadeiras de plástico com braços e deixaram-se estar a fumar um cigarro em silêncio enquanto esperavam pela comida. O sol aquecia-lhes o rosto, com os olhos protegidos por óculos escuros e a alma deliciosamente em branco, na letargia das duas da tarde.

— Já tinha saudades disto — comentou Afonso, quebrando o feitiço.

— Já? — disse ela, sem perceber ao que ele se referia exactamente.

— Hum-hum...

— Estás a falar de quê?

— Das reportagens, das nossas viagens, da tua companhia. E não necessariamente por esta ordem.

Francisca sorriu. Observou a água da marina, lisa como se fosse um imenso vidro azul-escuro, e os reflexos dos raios solares nas superfícies lacadas dos barcos de recreio. Ao fundo, do outro lado da marina, via-se a

agitação da cidade.

— Eu também — concordou, por fim.

— Estava tão cansado da política.

— Ninguém diria. Ouvi dizer que vivias enfiado no partido.

— Sabes como eu sou, obcecado pelo trabalho.

— Pois és.

Afonso virou-se subitamente para ela, de sobrelance arqueada.

— Sabes uma coisa?

— O quê?

— Andava tão obcecado com o trabalho, que só agora é que tenho a verdadeira noção de como estava farto daquilo.

— E tens um apartamento novo...

— Como é que sabes?

— Eu ando sempre bem informada sobre as pessoas de quem gosto.

Afonso adorou o elogio.

— Andas?

— Ando.

— Já não estás zangada comigo?

— Eu nunca estive zangada contigo. Tu é que te afastaste de mim.

— Sim, mas tu... — deteve-se, a pensar como dizer aquilo.

Francisca desinteressou-se do sol. Virou-se na cadeira, apoiou os cotovelos na mesa e encarou-o.

— Eu, o quê? — inquiriu.

— Tu quiseste a separação.

— Sabes bem porquê.

Ele abanou a cabeça, pesaroso.

— Sei — anuiu. — Porque fui injusto contigo e fiz-te acusações estúpidas.

— Hum, bem, isso é verdade — aproveitou o momento de fraqueza. — Mas não foi por isso. Foi porque tu não conseguias ultrapassar o facto de eu ter perdido o bebé.

— Tens razão — admitiu Afonso —, eu não me portei lá muito bem. Desculpa.

— Estás desculpado.

— De qualquer forma — continuou ele —, tu quiseste a separação.

— Mas não foi por nove anos, Afonso! — protestou Francisca. — Tu desapareceste, não me querias ver, afastavas-te sempre que eu me aproximava de ti. Quase uma década! — Marcou bem a palavra *década*, para lhe dar todo o peso que ela tinha.

— Eu pensava que... — não acabou a frase. A explicação que lhe servira durante os últimos anos parecia-lhe agora demasiado estúpida para ser dita em voz alta.

— Pensavas o quê?

— Pensava que era o que tu querias. Pensava que me querias bem longe.

— Pois, pensavas mal. E podias ter-me perguntado.

Afonso coçou a cabeça, embaraçado. *Realmente...* pensou.

— Afinal — disse — sempre estás zangada comigo.

— Não estou zangada. Estou sentida, indignada. Nem acredito que tenhas deixado de me falar por causa disso.

— Não, é claro que não foi só por causa disso. Eu precisava de me afastar, de pôr as ideias no lugar, de ultrapassar o problema do bebé. Aquilo não me saía da cabeça, sabes?

Francisca assentiu em silêncio.

— Depois — continuou Afonso — reorganizei a vida e, quando pensei em telefonar-te, já tinha passado tanto tempo que me parecia um bocado... sei lá, parecia despropositado.

— Despropositado?!

— Sim, Francisca, dito assim parece estúpido, mas na altura foi o que eu achei. E depois soube que tu andavas com o outro e desisti de vez.

Ela levantou os braços, incrédula.

— Não estavas à espera que eu ficasse sozinha eternamente, ou estavas?

— Não, é claro que não. Não estou a acusar-te de nada. Só estou a dizer o que aconteceu. Não te irrites.

— Eu não estou irritada! — exclamou Francisca, ríspida.

— Não?!

— Não! — explodiu, antes de se aperceber de que gritava, e deixar cair a máscara da crispação, e suavizar as linhas do rosto com um sorriso de miúda apanhada em flagrante. — Não, entusiasmei-me. Desculpa.

— Não faz mal — riu-se Afonso, mais aliviado. Pronto, já tinham tido *a* conversa e até nem correria muito mal, pelo menos, não tão mal como ele receara.

Voltaram à aldeia ao final da tarde. Entraram no café. As cabeças viraram-se para eles. Afonso cumprimentou a dona e ela desfez-se em simpatias.

— Dois cafezinhos? — perguntou, atenciosa.

— Pode ser — anuiu ele, apreciando a diferença relativamente à recepção matinal. Francisca olhou em redor e reconheceu o tipo da mesa do fundo, o único que parecia mais interessado na bica e no bagaço que tinha à sua frente do que neles os dois. Atrás do balcão, a mulher apontou-o a Afonso com um aceno de cabeça quase imperceptível. Depois voltou-se de costas para tirar os cafés.

— Boa noite — cumprimentou-o Afonso. — Importa-se que lhe dê uma palavrinha?

O homem levantou os olhos escuros, impenetráveis como a sua alma toldada por pensamentos negros. Vestia uma camisola azul-marinho, de lã grossa e áspera, de marinho. Usava o cabelo, farto e pastoso, todo penteado para trás e a barba por fazer. O seu rosto duro, que certamente não sorria há muito, era quase ameaçador.

— Diga — foi só o que respondeu.

— Posso sentar-me?

O outro disse que sim sem dizer nada. Um leve encolher de ombros, como quem diz, *estou-me nas tintas se te sentas ou se ficas de pé*. Afonso sentou-se.

— Sou jornalista — informou-o.

— Já tinha percebido.

— E gostava de lhe fazer umas perguntas.

— Não tenho nada para lhe dizer.

— Hum, eu queria falar-lhe da sua mulher.

— Você é surdo, ou quê? Eu disse que não tinha nada para lhe dizer.

— Não faz ideia onde é que ela possa estar?

— Estou-me a cagar. Por mim, até pode estar na China. Pode ir para a puta que a pariu.

Afonso recostou-se na cadeira e cruzou os braços, vendo o homem virar o copinho de bagaço de um só trago, colocá-lo em cima da mesa com uma pancada seca, levantar-se e passar por ele em direcção à porta sem mais uma palavra. Suspirou, desanimado, e voltou para junto de Francisca, em pé ao balcão.

— Não é um tipo muito conversador — elucidou-a, resignado. Francisca levantou os ombros, oferecendo-lhe uma cara cómica.

— Parece que não.

— O homem não fala com ninguém — explicou a dona do café, metendo-se na conversa. — Aquele? Pfff... é pior que sei lá o quê.

— Uma besta — acrescentou um dos clientes, sentado numa mesa.

— Batia na mulher — disse outro de outra mesa. — Não admira que ela tenha fugido.

Os comentários cáusticos contagiaram o café inteiro com a rapidez de uma epidemia mortal e não houve ninguém que não contribuisse para a fama de bandalho do marinho da terra. Ao fim de uma hora, Afonso e Francisca saíram do café com o retrato completo do homem, salvo os devidos descontos, evidentemente, porque a má-língua à solta era sempre dada a excessos. De qualquer modo, pareceu-lhes seguro que o tipo costumava embebedar-se até cair, tinha um currículo de zaragatas bastante razoável, batia na mulher a torto e a direito e, claro, não teria sido propriamente um pai exemplar. Mas a informação mais preciosa que retiveram de tudo o que ouviram foi o nome da terra natal da mulher do pescador, uma aldeia qualquer no interior norte do país.

Quando se separaram à porta dos quartos, no corredor do hotel, já tinham decidido visitar essa aldeia desconhecida no dia seguinte. Despediram-se, até amanhã, dorme bem, e foi cada um para a sua cama sem se atreverem a dar um passo maior do que as pernas. Afonso queria dormir com Francisca, mas, se tivesse avançado, ela ter-lhe-ia dito que não, a pensar que sim. Continuavam apaixonados um pelo o outro, mas o bom senso dizia a Francisca que precisavam de ir devagar. Ela não o encorajou e ele entendeu a mensagem. Ela queria ser reconquistada.

Os campos amarelos do Alentejo deserto desfilaram à velocidade de cruzeiro pela janela de Francisca. Como sempre, Afonso guiava e ela deixava-se guiar. Havia coisas que nunca mudavam. Tinham saído bastante cedo de Faro, entusiasmados com a perspectiva de partirem em busca da mulher do pescador. Não havia nada para um repórter de gema como a adrenalina da estrada, perseguir a notícia, seguir-lhe o rasto, ler os sinais e eliminar as pistas falsas e, finalmente, o triunfo da descoberta, escrever os factos e surpreender tudo e todos com revelações incríveis. Era isto que alimentava a alma faminta de um jornalista ambicioso, o que o fazia correr, mover montanhas de perigos, desafiar a sorte nos campos minados de uma guerra qualquer, esquivando-se das balas fortuitas, ou contrariar as manobras de diversão de mãos invisíveis para evitar as armadilhas fatais da intolerância política, do crime oculto, da corrupção do poder.

Passaram por Lisboa sem se deterem e prosseguiram pela auto-estrada em direcção ao Norte. O seu destino era uma aldeia de casinhas esquecida nos confins de Portugal, algures perto de Chaves, em Trás-os-Montes, junto à fronteira com Espanha. Tinham-na localizada no mapa, mas não imaginavam que iriam encontrar uma terra quase vazia.

Atravessaram os cento e quarenta metros da majestosa ponte romana por cima do rio Tâmega, com os seus doze arcos de pedra, e penetraram na cidade medieval de uma beleza assombrosa. O dia chegava ao fim e com a noite a cair já não lhes restava ideia melhor do que procurarem um quarto e um restaurante decente.

Cansados da viagem, foram dar a uma pensão razoável e fazia tanto frio que não lhes apeteceu voltar a sair. Desceram à sala de jantar e pediram bifes com batatas fritas e salada.

— Amanhã veremos se fizemos estes quilómetros todos para nada — disse Afonso, pensativo. Nada lhes garantia, de facto, que a mulher tivesse regressado à sua terra natal. A vantagem dos jornalistas nestes casos é que, frequentemente, as pessoas abriam-se com eles e contavam-lhes coisas que não diziam à polícia. Por isso, as investigações jornalísticas que corriam paralelas aos inquéritos policiais tinham, por vezes, melhores resultados. Um repórter com boas fontes conseguia manter-se a par dos progressos da polícia num determinado caso e, ainda, acrescentar-lhe os dados recolhidos junto de outras fontes envolvidas no processo.

— Se encontrarmos a mulher — sugeriu Francisca —, achas que a convencemos a deitar tudo cá para fora?

— Estás à espera de uma confissão? Ela vê-nos, comove-se connosco e diz-nos porque matou a filha e o que fez ao corpo da miúda?

— Hum... — abanou a cabeça. — Não me parece.

— Hum... — imitou-a. — A mim também não.

— O que é que leva uma mãe a matar a sua própria filha? — reflectiu Francisca, quase a pensar em voz alta.

— A loucura, só pode ser.

Francisca suspirou.

— Que gaita — disse. — O director podia ter-nos dado um caso mais agradável.

— Realmente, foi pontaria.

— Acho que ele nem pensou nisso.

— Pois não — concordou Afonso. Mas eles sim, eles tinham pensado os dois, e continuavam a pensar, no *seu* filho, que hoje teria dez anos, se tivesse nascido.

Fumaram um cigarro ao café.

— Tenho de deixar esta merda, queres?

— Eu também. Não, deixa estar, prefiro dos meus.

A sala de jantar estava por conta deles. Era pequena e abafada, sem janelas, mas como não havia mais ninguém, não se importaram com o fumo.

Caíram num silêncio de fim do dia, sem embaraços. Depois de tantas horas juntos, tinham esgotado a conversa.

— Em que estás a pensar? — perguntou Francisca.

Ele respondeu-lhe com um sorriso enigmático.

— Anda lá, diz lá — insistiu ela, a rir-se.

— Hum... Estava a pensar que me sinto muito bem contigo.

— E mais?... — continuou a puxar por ele.

— E que, para mim, estes dois dias foram os melhores de há muitos anos. Nove, para ser mais preciso. Também sentiste o mesmo?

— Também — admitiu Francisca. — Mas foram só dois dias.

— Porquê, vais fartar-te de mim?

— Estás a falar como se nós fôssemos um casal, e não somos.

— Pois não, mas...

— Mas, o quê? — perguntou, com um sorriso pendente, *o que é que vai sair daquela boca?*

— Mas, há sempre uma esperança, não é?

— Tu tens uma grande lata, lá isso tens — censurou-o, desconcertada com a facilidade com que ele passava por cima de nove anos incertos; a pensar que aquilo era típico dos homens, que rejeitavam o passado e o futuro sem que isso lhes pesasse na consciência ou lhes atrapalhasse o presente. Os homens eram práticos, viviam o agora, pelo menos em matéria de amor, e o que lá vai, lá vai, quanto ao futuro, depois se verá. Um homem não fazia planos românticos nem nada que se parecesse. Ali estava ela à frente dele e no que é que Afonso pensava?

— Queres dormir comigo esta noite? — perguntou-lhe, imediatamente a seguir a Francisca lhe ter apontado dois dedos fumegantes, com o cigarro entalado, e lhe ter feito notar a lata dele.

Ela abriu a boca de espanto. Afonso ergueu as mãos, apaziguador.

— Pronto, está bem, deixa lá — disse. — Não foi boa ideia.

— Estás a ver se me irritas?

— Não, não era essa a ideia.

A ideia dele era dormir com ela e ponto final. Não é que não quisesse ficar com Francisca, pois até já lhe passara pela cabeça voltar a viver com ela, mas não se sentia com disposição para ter essa conversa agora. Em contrapartida, Francisca teria preferido que ele não tivesse vistas tão curtas e lhe dissesse o que pensava fazer a seguir, quais eram as suas ideias a longo prazo e, o mais importante de tudo, se a incluía nos seus planos. Gostaria muito de dormir com ele, mas preocupava-se sobretudo com o que aconteceria a seguir. Já não se tratava de romantismo, já não era uma miúda entusiasmada com o casamento, era uma mulher madura, que andara demasiados anos a marcar passo e não queria, não seria capaz, de suportar outra desilusão. Se ele a quisesse, não seria por uma noite, não, se ele gostava realmente dela tinha de lhe dar mais do que uma noite.

Francisca bateu à porta do quarto de Afonso meia hora depois de se terem separado com um beijo de boa-noite.

— Afonso — disse-lhe —, preciso de falar contigo.

— Entra.

Ela entrou e foi sentar-se na cama. Era um quarto simples, pequeno, cama, mesinha-de-cabeceira, armário e mais nada. Normalmente, teriam procurado um hotel melhor, mas o cansaço ditara a escolha.

— O que é que se passa? — perguntou Afonso.

— Passa-se que eu quero saber o que vai na tua cabeça.

— Sobre?...

— Sobre nós.

Afonso olhou para ela, pensativo, cruzou os braços, descruzou-os, sentou-se ao seu lado na cama e ficaram ali os dois a olhar para o horroroso papel de parede azul-bebé, a um metro da cara deles. Até Afonso quebrar o silêncio.

— Este quarto é mesmo uma merda, não é?

Francisca riu-se.

— Pois é — concordou. — E o meu é igual.

— Achas que tem água quente?

— Hum-hum. Tem, já experimentei. Afonso?

— Sim?

— Por que é que me perguntaste se queria dormir contigo?

— Porque eu quero.

— E depois?

— Depois, não sei, depois, se nós quisermos, voltamos a dormir juntos na noite seguinte e na outra a seguir e na outra e por aí fora.

— É isso que tu queres?

— É.

— Queres casar comigo?

— Eh, calma! — riu-se. — Para já, quem pergunta essas coisas sou eu.

— Eu sei — afirmou ela, sem se rir. — Mas eu não quero dormir contigo sem saber como vai ser o nosso futuro. Sabes, custou-me muito deixar-te da última vez.

— Eu sei. A mim também.

— Então, como é que vai ser? Afonso, por que é que decidiste voltar agora?

— Por que é que achas que eu voltei?

— Porque querias voltar ao jornalismo?

— Ah, que engraçada.

— Não estou a brincar, tu querias voltar ao jornalismo, não querias?

— Queria, mas podia ter ido trabalhar para outro lado. Não, eu voltei porque tu me enviaste um sinal.

— Enviei?

— Sabes muito bem que sim.

Ela não disse nada.

— Convenceste o director a contratar-me, lembrás-te?

Francisca virou-se para ele, espantada.

— Sabias isso?!

— É claro que sabia.

— Sacana do director. Não me avisou de que te disse.

— Sabes como ele é. Gosta de fazer estas partidas.

Francisca sorriu, a olhar para os seus ténis. Estendeu as pernas e cruzou-as, apoiando as mãos na cama, ao lado do corpo.

— Então — disse — voltaste por minha causa?

— Hum-hum...

— Já podias ter dito — refilou, satisfeita. — Tinhas-me poupado muita ansiedade.

— E que graça é que isso tinha?

— Ah, ah, tens muita piada.

— Não, a sério, eu... eu sei lá. — Encolheu os ombros, passou o braço direito pelas costas dela e puxou-a para si. — Anda cá.

Beijaram-se com nove anos de saudade. Afonso envolveu-lhe o rosto com as duas mãos e procurou os lábios dela com os seus, exactamente como o primeiro beijo que lhe dera, há uma eternidade, também num quarto de hotel, em Jerusalém. Sentiu o calor molhado da boca dela a envolver a sua língua e pensou que o tempo tinha passado mas não tinha, porque ela continuava a mesma, e era tal e qual como ele se lembrava. E como ansiava por tê-la de volta, queria abraçá-la e dizer-lhe ao ouvido amo-te, amo-te, amo-te, mil vezes, como agora, enquanto lhe descompunha a roupa, lhe levantava a camisa e afastava o sutiã sem se preocupar em desapertá-lo, para lhe beijar os seios ao mesmo tempo que ela caía de costas na cama e as suas mãos se afundavam no cabelo dele e o despenteavam, cheia de prazer ao sentir-lhe a língua e os lábios à volta dos seus mamilos hirtos e a mão dele mais abaixo, a desapertar-lhe o cinto, o botão e a correr-lhe o fecho das calças para se afundar entre as suas pernas e fazê-la sentir como só ele a fazia sentir-se naqueles momentos urgentes.

Despiram-se entre beijos e abraços, numa confusão feliz, excitados de corpo e alma, e juntaram-se sem poderem esperar mais, ele em cima dela e ela com as pernas a apertá-lo com toda a força do mundo. Francisca sentiu-o dentro de si e gemeu para não gritar de felicidade, a pensar *queria tanto isto!*, tê-lo ali e reconhecer o cheiro dele, a textura da pele, a barba crescida de um dia inteiro, percorrer-lhe o corpo com as mãos à medida que ele entrava nela e a possuía com um poder, uma força e um calor apaixonantes que a subjugavam pelo amor até ela não aguentar mais e deixar-se arrebatado por aquele momento glorioso em que perdia o controlo de si e não havia mais nada em lugar nenhum do que aquele prazer supremo. E depois ele continuava e voltava a acontecer tudo, uma e outra vez, os corpos suados, a respiração acelerada, o coração a correr, como se fosse uma tortura deliciosa que os ia

deixando cansados, satisfeitos e felizes.

Mais tarde, deitados lado a lado, prostrados num vazio reconfortante, deram as mãos e adormeceram sem preocupações, confiantes e em paz consigo próprios.

A aldeia era um lugar perdido no campo. Chegava-se por uma estrada secundária a serpentear por entre os montes e depois de se percorrer uns bons dez quilómetros sempre a subir. O casario de pedra, bonito e triste como só as aldeias pobres e imutáveis, parecia uma terra fantasma às primeiras horas da manhã, submersa num nevoeiro carregado, cinzento, sinistro. Não havia vivalma. Os mais novos, certamente, já tinham partido há muito, em busca de uma vida melhor, e uma boa parte das casas, se não quase todas, deveria estar desabitada. Não se avistava uma única pessoa, assim como não se escutava o bulício de crianças na rua. Ouviam-se sim os galos a cantar fora de horas, talvez confundidos pela névoa densa, que não deixava entrar o Sol. Fazia um frio de gelar as mãos, os pés e o rosto. O termómetro do carro marcava cinco graus positivos. Afonso estacionou a uma distância considerável das casas e desligou a ignição. Olhou para o pulso, nove e meia da manhã.

— Não há ninguém — espantou-se Francisca. A aldeia, duas fileiras de casas com uma rua empedrada de permeio, estendia-se, vazia, à frente deles. — O que fazemos?

— Podemos ir bater às portas, mas eu acho melhor esperarmos a ver se aparece alguém. Francisca inclinou-se para a frente com a máquina fotográfica levantada e investigou portas e janelas, espreitando pela teleobjectiva.

— Não se vê mesmo ninguém — constatou num murmúrio, continuando a espreitar pelo visor da máquina, entusiasmando-se com a beleza dos enquadramentos. Tirou algumas fotografias, registando em imagens o silêncio misterioso da rua vazia e enevoada.

Afonso cruzou os braços e afundou-se no seu lugar. Fechou os olhos, confortável, preparado para uma longa espera. Dali a pouco já dormia.

Francisca tirou mais algumas fotografias, até se dar por satisfeita. Pousou a máquina no colo, procurou o maço de tabaco no bolso do colete e acendeu um cigarro. Abriu um pouco o vidro para deixar escapar o fumo e renovar o ar abafado dentro do carro. O frio cortante do exterior bateu-lhe no rosto. Afonso começou a ressonar e ela riu-se sozinha, observando-o com carinho. Sentia-se feliz e capaz de recordar todos os momentos da noite anterior. Tinham saltado da cama muito cedo, a uma hora absurda, apesar de ela protestar e exigir mais algum sono. Mas Afonso, pelos vistos, não perdera aquele hábito antigo de acordar assim que despontava a claridade. Agora, ele dormia e Francisca esperava, porque não havia nada que a fizesse pregar o olho depois de sair da cama.

Três ovelhas solitárias surgiram no alto da rua e vieram por ali abaixo num passeio pacato, sem pastor para as guiar, passando pelo carro a caminho de um lado qualquer. Francisca pegou na máquina e fotografou-as.

Por volta das dez Afonso estremeceu, abriu os olhos e descobriu uma aldeia diferente. O nevoeiro tinha levantado e o Sol pintara tudo com cores alegres. Francisca, desaparecera. Ele endireitou-se no banco e procurou-a sem

a ver. Abriu a janela. Lá fora a temperatura amenizara consideravelmente. Já não faziam cinco graus, nem nada que se parecesse. Afonso acendeu um cigarro e pôs-se a fumar, ainda ensonado, sentindo-se preguiçoso.

Francisca saiu de uma porta, a uns trinta metros, desceu a rua e entrou no carro.

— Onde é que te meteste? — inquiriu ele.

— Fui ali acima, à mercearia da terra. Toma — ofereceu-lhe uma sanduíche embrulhada num papel branco. — Pão com fiambre. Muito bom.

— Ah, obrigado. Estou esfomeado. Falaste com alguém?

— Falei, mas não fiz muitas perguntas, para não espantar a caça.

— O que é que soubeste?

— Nada de especial. Só confirmei o óbvio: a aldeia está praticamente deserta. Só ficaram os velhos.

— Isso quer dizer que ela não está cá.

— Ou então — contrapôs Francisca — o velhinho da mercearia não me quis dizer que ela está cá escondida.

— Ou isso — concordou Afonso, entre duas dentadas. — Hum, o pão é bom.

— Eu não te disse?

Ele acabou de comer a sanduíche e já se preparava para sair e começar a bater às portas quando a viram, ao longe, no topo da rua.

— Olha — apontou com um gesto de cabeça. — Quem é aquela?

Francisca pegou na máquina e espreitou pelo visor.

— É ela! — exclamou, excitada. — É ela... meu Deus...

— O que foi?

— Não acredito... — disse ela, sentido um nó na garganta e os olhos toldados por lágrimas emocionadas.

— Francisca, o que foi?!

Se houve momentos na carreira de Afonso em que se vira obrigado a tomar opções difíceis, esta era uma delas.

— E agora? — perguntou Francisca. Estavam sentados numa esplanada em Chaves, a tomar um café, às voltas com o seu dilema.

— Agora — respondeu, com um esgar de dúvida — temos de pensar muito bem no que vamos fazer.

— Afonso, nós não podemos publicar isto!

— Calma, Francisca. Vamos pensar. Em primeiro lugar, não podemos publicar, porquê?

— Porquê?! Ainda perguntas? É óbvio que vamos estragar a vida à mulher.

— Sim, mas ela podia recorrer às autoridades, pedir protecção policial, sei lá, há uma série de coisas que ela podia fazer em vez de se esconder. E não faz.

— Afonso, aquela mulher mal sabe ler, quanto mais... ela sabe lá a quem recorrer.

— Tudo bem, mas pode ser orientada.

— Ela está em pânico, tem um medo de morte do marido, nunca ninguém a ajudou. O que te faz pensar que ela vai confiar em alguém agora?

— Imagina que a notícia é publicada e se sabe a verdade. Não seria melhor para ela? As autoridades não seriam obrigadas a dar-lhe protecção? Provavelmente, até prendiam o marido.

— Não acredito — contrapôs Francisca, nada convencida. — Não, é claro que não o prendem. Com que provas?

— Pois, isso é verdade. Provas não têm. — Afonso colocou as mãos atrás da cabeça e puxou o seu próprio cabelo, num gesto de impotência. — Eu não acredito nisto! Tenho a maior cacha do ano e não a posso publicar.

Francisca soltou um longo suspiro, desanimada.

— Ainda por cima — adiantou —, de certo modo, até é uma boa notícia.

Era Afonso a quem cabia a decisão. Francisca tinha a sua opinião, mas apoiá-lo-ia sempre, quer ele se decidisse por publicar quer não. Afonso debatia-se entre o instinto profissional e a ética pessoal. O instinto dizia-lhe que tudo era publicável e que o jornalista não devia ser responsabilizado pelas consequências de uma notícia. Afinal, a missão dele era dar a conhecer a verdade, doesse a quem doesse. Mas a ética não era assim tão simplista e, definitivamente, não lhe permitiria que se pusesse a salvo dos problemas de consciência se, mais tarde, a história desse para o torto. E se ele publicasse a notícia e as autoridades não fossem suficientemente expeditas a tratar do caso? Afonso não precisou de se esforçar muito para se recordar de alguns exemplos recentes, relatados na imprensa até à exaustão, de falhas da polícia e da Assistência Social que haviam terminado em tragédias. E, bem, apesar de tudo, ele preferia viver de consciência tranquila a dar a notícia do ano.

— Por isto é que eu não estava à espera — desabafou.

— Não tens de tomar a decisão sozinho — sugeriu Francisca.

— Em última instância, a direcção que decida.

— Pois, está bem — rolou os olhos nas órbitas. — Está-se mesmo a ver que a direcção vai deixar de publicar uma notícia destas por uma questão de ética.

— Afonso — censurou-o —, eles também têm consciência.

— É claro que têm, mas não foram eles que falaram com a mulher, eles não estiveram cá, não a ouviram, não viram o pânico na cara dela. Para eles, trata-se de mais uma notícia, uma notícia sensível, mas, mesmo assim, uma notícia e ponto final.

— Certo — concordou Francisca. — Então, o que tu estás a dizer é que vamos ter de guardar segredo.

— Exactamente.

— E que, se um dia destes se souber que nós sabíamos de tudo e escondemos, estamos fritos.

— Exactamente.

— Exactamente — repetiu ela, como se fosse uma fatalidade. — É tão bom trabalhar contigo.

— Tens alguma sugestão melhor?

— Hum... nem por isso.

— Então... — Afonso abriu as mãos, como quem diz *é a vida*.

A reportagem terminara, não havia mais nada a fazer ali. Em breve, ainda nesse dia, regressariam a Lisboa. No fundo, Afonso já tomara a decisão de não dar a notícia, embora lhe custasse tanto que não fosse capaz de o dizer em voz alta. Dizê-lo seria o mesmo que torná-la irreversível, seria assumir um compromisso pessoal com a sua consciência, muito mais difícil de quebrar do que se deixasse uma porta aberta, uma possibilidade de negar, por menor que fosse. Mas, sem querer, Francisca obrigou-o a fechar essa porta.

— Está decidido, então — concluiu —, não damos a notícia. É assim? Tens a certeza?

Afonso esfregou o cabelo, confuso, irritado, sentindo-se encurralado, tudo ao mesmo tempo.

— Que porra — resmungou entredentes —, puta que pariu. Não damos a notícia, pronto, está decidido.

— Deixa lá — apaziguou-o —, tomaste a decisão correcta.

— Nem imaginas o que isto me custa.

— Imagino, porque a mim também me custa.

A notícia que eles não chegaram a dar ficou enterrada no segredo daquela aldeia perdida entre os montes, escondida no nevoeiro espesso das manhãs de Inverno, entre o silêncio insuspeito do conjunto de casebres pobres e ignorados pelo país moderno. Todos os dias, por volta das dez, quando o Sol rompia as nuvens e iluminava as casas toscas de pedra e a ladeira irregular que cortava a aldeia ao meio, a mulher do pescador saía de casa sem medo e descia a rua. Com ela, vinha uma miúda pequena, feliz e irrequieta, de faces coradas do frio e olhos vivos, que corria de um lado para o outro em liberdade, à volta das pernas da mãe.

O que Afonso e Francisca viram nessa manhã, foi a mulher do pescador sair de casa, seguida pela filha, a criança que era acusada de ter matado e enterrado algures num buraco qualquer, a sua menina maltratada pelo próprio pai quando tinha apenas dois anos e pouco, e levava pancada de cinto e murros na cara.

A mulher deteve-se a dez metros do carro, desconfiada, pegou na filha ao colo e apressou o passo. Mas já era tarde para a esconder. Francisca acabara de disparar uma rajada de fotografias e capturara com vida a menina que todos acreditavam estar morta, que já não existia oficialmente embora fosse ali a correr em liberdade e cheia de alegria, ao lado da mãe.

Afonso saltou do carro e interceptou a mulher do pescador. Chamou-a pelo nome e avisou-a de que eram jornalistas e não adiantava fugir-lhes, pois queriam falar com ela e tinham as fotografias. A mulher parou à frente de Afonso, aflita, paralisada, sem perceber. As pernas tremiam-lhe e ela agarrou a miúda com tanta força que a assustou e a fez chorar. Perguntou-lhe se vinham para lhe tirar filha. Não, respondeu-lhe Afonso, não vinham para isso, eram jornalistas e só queriam falar com ela, mais nada. Depois pediu-lhe que se acalmasse e sugeriu-lhe que pusesse a menina no chão e a deixasse à vontade. Francisca deixou a máquina fotográfica no carro e aproximou-se com um sorriso apaziguador e isso contribuiu para a sossegar um pouco.

Ficaram duas horas com ela. Perguntaram-lhe o que havia acontecido e ela acabou por lhes contar tudo. Falou-lhes das bebedeiras do *seu* homem, dos maus tratos e das noites de pânico. Descreveu as cenas de terror, como ele lhe batia até se cansar e a deixava prostrada no chão, ensanguentada, tolhida pelas dores, sem se poder levantar, e como, depois, começou a fazer o mesmo à filha. Falou-lhes do plano que engendrara. Durante semanas, ponderara todos os passos, para não dar nenhum em falso, sabendo ela pela natureza das coisas que só teria uma oportunidade para salvar a menina do próprio pai. Ou corria tudo bem e ele engolia a mentira, ou acabava tão mal que ela nem quis imaginar.

Falou-lhes da viagem furtiva que fizera ao Norte para esconder a filha naquela aldeia recôndita, em segurança, enquanto ele se encontrava no mar, ocupado na faina, a dois dias de distância. Explicou que nunca o denunciaria às autoridades porque tinha muito medo que lhe tirassem a filha. O que é que

ela poderia fazer? Se não fosse capaz de proteger a menina, eles tiravam-lha e nunca mais a veria. Se tentasse fugir, ele persegui-la-ia. Por isso inventou a história do desaparecimento da filha. O marido tinha a certeza de que ela nunca se separaria da filha e, felizmente, era suficientemente estúpido para não imaginar que ela a escondera.

Mas escondeu-a, e calou-se, calou-se até ser presa e interrogada até à loucura, até eles desistirem de lhe fazer perguntas, até a libertarem e poder desaparecer de vez. Agora vivia com a filha naquela aldeia e sentia-se em segurança, mas, por favor, por amor de Deus, não digam nada a ninguém, que ele vem aí e eles tiram-me a minha filha. Chorou, implorou por todos os santos para que não contassem nada, para que a esquecessem, a ela e à filha. «Aqui, estamos em segurança, sabem?»

Vinte e quatro de Dezembro de 2006. Na sala de estar, o moderno leitor de CD tocava a velhinha música dos Beatles, «The Long and Winding Road». Sozinho no sofá, Afonso sentiu-se inspirado pela voz de Paul McCartney e pousou no colo o livro que lia, a pensar na volta que a sua vida dera no último ano. Parecia mentira que já tivesse passado um ano. Francisca estava na cozinha às voltas com os tachos. Este ano a consoada era lá em casa. Pela primeira vez, iriam juntar as duas famílias. Ela andava numa excitação, imparável, como sempre.

A porta da sala abriu-se com estrondo e o pequeno Bruno entrou a correr direito a Afonso, com a boca toda suja de creme de chocolate. «Pai, pai, pai!», gritou de felicidade. Afonso fez uma cara de horror e foi só o tempo de atirar o livro para o lado, antes de Bruno afundar a cabeça no seu colo, numa manifestação de carinho bastante... achocolatada. Afonso fechou os olhos, sem querer acreditar no que acabara de lhe acontecer. «Pai, pai, a mãe está a fazer bolo de chocolate!» exclamou o miúdo, com os olhos muito abertos. «Ai, está?» disse Afonso, derretido com o filho, agarrando-o ao colo e levantando-o tão depressa que ele desatou às gargalhadas.

Levou-o para a cozinha e limpou-lhe a boca com um guardanapo de papel. Depois colocou-o no chão e gritou para se fazer ouvir por cima do som da batedeira.

— Olha o que este pilantra me fez! — queixou-se, apontando, a rir-se, para as calças sujas de chocolate.

— O quê?! — gritou Francisca, sem perceber nada.

— Olha o que ele fez às minhas calças!

Ah, ah, ela riu-se. Encolheu os ombros e fez aquela cara cómica que ele tanto gostava de lhe ver. *Paciência*, queria dizer. E voltou a dar atenção à batedeira. Afonso abanou a cabeça resignado e saiu da cozinha a esfregar as calças com o guardanapo de papel. Continuavam naquela fase tonta de acharem graça a tudo o que o filho fazia. Tinham-no levado para casa há quatro meses, mas era como se ele fizesse parte das suas vidas há séculos. Seria impossível esquecerem-se da visita ao Algarve para o conhecerem, no refúgio para crianças órfãs onde havia sido acolhido. Foi amor à primeira vista. O pequeno correu na direcção deles, agarrou-se às pernas de Francisca e perguntou-lhe se o levava com ela. Ela sentiu uma emoção indescritível. Vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Colocou-se de cócoras e perguntou-lhe como se chamava, Bruno, respondeu, e quantos anos tinha, três, disse, com um desembaraço e uma expressão muito viva, uns olhos escuros e brilhantes que lhe iluminavam o rosto bonito, irresistível. «Levas-me contigo?» repetiu o miúdo. Francisca sorriu-lhe, a pensar, *nem que seja a última coisa que faça na vida*.

E depois disso, enquanto não cumpriu a promessa silenciosa, não descansou um momento, não se distraiu com nada nem se desviou um centímetro da sua determinação. Moveu mundos e fundos, mexeu cordelinhos,

influências, usou todos os conhecimentos que tinha e que não tinha, falou do seu caso a toda a gente que devia falar, telefonou, incomodou, massacrou os responsáveis com uma firmeza obsessiva, como Afonso nunca lhe vira, embora ele soubesse que ela haveria de continuar a surpreendê-lo até ao fim dos seus dias. E o certo é que, graças a Francisca, conseguiram adoptar a criança em tempo recorde. Ele desfizera-se do seu novo apartamento e agora viviam novamente na casa que haviam comprado um dia, há dez anos, a pensar nos filhos que desejavam mais do que tudo no mundo.

Afonso regressou à sala, enlevado por uma felicidade total, e enfiou as mãos nos bolsos das calças enquanto contemplava, através da porta de vidro, a chuva a cair lá fora no jardim. Reparou no pequenino escorrega de plástico amarelo, todo molhado em cima da relva, e sorriu. «É do *meu* filho», disse, só para si, a pensar como lhe fazia bem dizer aquelas palavras em voz alta.

A quinze de Janeiro de 1991 viajei para Amã, capital da Jordânia, a bordo do último avião comercial que aterrou no país antes de o governo decretar o encerramento do seu espaço aéreo. O voo, proveniente do Cairo, no Egito, vinha praticamente vazio. Os ventos de guerra aproximavam-se, o ultimato da ONU para que o Iraque retirasse do Kuwait expirava à meia-noite e o ataque da coligação liderada pelos Estados Unidos era inevitável. A operação Tempestade no Deserto teve início nessa mesma noite com um bombardeamento aéreo a Bagdad, e duraria quarenta dias, até a Guarda Republicana de Saddam Hussein ser expulsa do Kuwait e desbaratada sem piedade enquanto fugia por uma auto-estrada através do deserto, que ficou conhecida pela Estrada da Morte.

Ainda durante o conflito, atravessei a fronteira terrestre com Israel e fui acabar a guerra em Jerusalém, onde centenas de jornalistas internacionais faziam a cobertura dos ataques iraquianos ao país com mísseis *Scud*. Nessa época, eu era um jovem repórter da Rádio Renascença e aquele foi o acontecimento mais importante que eu tive oportunidade de cobrir nos cinco anos que levava de carreira.

Poucos anos depois, já ao serviço da TVI, cheguei a Sarajevo a bordo de um avião britânico das Nações Unidas. A capital da Bósnia-Herzegovina estava cercada pelas tropas sérvias da Bósnia e o país vivia uma das piores guerras civis na Europa de que havia memória no século vinte. Para mim e para o meu companheiro de reportagem, era a segunda tentativa para entrarmos na cidade. A primeira havia-se gorado dois dias antes, quando o piloto do *C-130* decidira regressar a Itália, porque os sérvios bósnios estavam a disparar sobre os aparelhos da ONU que estabeleciam uma ponte aérea benemérita com o país devastado pela guerra. De modo que a aterragem foi a primeira prova de nervos de uma reportagem que já se adivinhava a mais difícil e mais perigosa que alguma vez me havia sido oferecida.

Durante a década de noventa, tive a oportunidade de regressar a Israel para fazer a cobertura de uma visita oficial do então primeiro-ministro, Cavaco Silva. A viagem foi encerrada com um encontro entre os chefes de governo dos dois países e os jornalistas portugueses, no hotel King David, em Jerusalém. Enquanto decorria o encontro, uma manifestação de colonos enfurecidos era contida pela polícia junto à porta principal do hotel. Protestavam contra as negociações de paz conduzidas pelo primeiro-ministro Yitzhak Rabin que implicariam a retirada dos colonos judeus dos territórios árabes ocupados. A política da troca de terra por paz, no âmbito do acordo de paz negociado em Oslo com os palestinianos, acabaria por não se concretizar porque, tempos depois, um judeu radical assassinou Rabin a tiro de pistola no final de uma manifestação a favor da paz, em Telavive.

Nessa época, visitei também a Faixa de Gaza, onde permaneci alguns dias, graças a uma combinação prévia com a OLP e à hospitalidade de um guia designado pela organização, que me deu guarida em sua casa.

Para reconstituir estes grandes conflitos, que me serviram de cenário para a história de *Encontro em Jerusalém*, recorri à memória desses dias de pólvora. E para reviver todos os locais por onde passei, e por onde passam as personagens da história, fui desenterrar do pó das gavetas as centenas de fotografias que então tirei. Outras fotografias, mapas, análises políticas, cronologias dos factos e, principalmente, os relatos dolorosos daqueles que viveram e sofreram com a guerra, encontrei-os através de longas e pacientes pesquisas na Internet. *Sites* governamentais, *sites* palestinianos e de organizações independentes, páginas de cidadãos anónimos bósnios e notícias de jornais, o visionamento de reportagens televisivas da época, de filmes, e a preciosa consulta de livros escritos por repórteres que acompanharam os acontecimentos no terreno e por jornalistas que seguiram a política na retaguarda, todas estas fontes me ajudaram a reunir a informação necessária para escrever a história.

Embora sendo uma história de ficção, as cenas aqui relatadas baseiam-se nos verdadeiros acontecimentos das guerras que descrevem. Além disso, os factos históricos e a descrição dos lugares procuram ser tão rigorosos quanto a minha memória e a minha pesquisa permitiram.

Tiago Rebelo

UM HOMEM ESCANDALOSO

Quando os três filhos se foram embora, ao fim de quinze dias a viverem com ele, João Pedro fechou a porta e foi sentar-se no sofá da sala a olhar para a parede e a fumar. Estava esgotado. Em redor, no chão, havia roupa de criança, peças de jogos e brinquedos largados ao acaso. Havia um copo de leite com chocolate derramado sobre a alcatifa e muitas, muitas bolachas que tinham sido usadas como munições numa guerra fratricida. Algumas dessas bolachas haviam sido esmagadas pelos pezinhos dos gémeos e pelas mãozinhas papudas do bebé. Tinham passado a manhã naquilo, os dois mais velhos, de seis anos, a guerrear-se, o bebé a gatinhar de uma bolacha para a outra, a sentar-se, a agarrá-la, a esmagá-la com a mão, apanhando depois as migalhas do chão para as enfiar na boca. João Pedro não os repreendeu porque já lhe faltava o alento para os contrariar. Adorava os filhos, mas nessa manhã sentia-se demasiado cansado e profundamente aliviado por saber que Clara os viria buscar às onze.

Ela foi pontual. Bateu à porta, recusou o convite para entrar, como de costume — a cerimónia fria de Clara afigurava-se-lhe sempre estranha, tendo em conta que tinham uma história de dez anos de intimidade. Mas, enfim, supunha que era o seu modo de dizer *és uma besta quadrada*, sem o verbalizar. O ressentimento ainda persistia e João Pedro desconfiava que não desapareceria tão cedo, se é que alguma vez desapareceria.

Ele compreendia-a, ela deixara-o porque a desiludira. Não fora, de modo algum, propositado, mas ainda assim não deixava de parecer uma perfídia. Era, claro, uma traição ao projecto comum e a toda a dedicação dela ao casamento. Até ele era capaz de perceber que Clara pensasse assim. João Pedro decidira logo que não diria nunca a frase «não há nada de errado contigo, o problema sou eu» — embora fosse claramente o caso —, pois soava-lhe muito parecida com «isto não é o que parece», e só iria sublinhar o sentimento de traição que a consumia.

O facto de Clara ter voltado a casar com o patrão seis meses depois de se terem divorciado e depois de o outro ter deixado a mulher e os filhos, parecia não ter diluído nem um bocadinho a raiva que sentia por ele. Clara acabara de chegar da lua-de-mel nas ilhas Maurícias com o patrão e, a ajuizar pela atitude irrevogavelmente distante, nada tinha mudado em relação a ele.

João Pedro contemplou a sala com um misto de desalento e de alívio. Parecia ter passado por ali um furacão, porém, decidiu não arrumar nada e aproveitar as primeiras horas de liberdade de qualquer maneira, não interessava como, desde que saísse dali e fosse dar uma volta.

Era domingo, faltavam três semanas para o Natal e havia uma árvore gigante no Terreiro do Paço, iluminações ao longo da Avenida da Liberdade, em volta do Marquês de Pombal e um pouco por todos os bairros de Lisboa. A capital fervilhava com as festas da época: concertos, animações de rua, fogo-de-artifício, feiras e acções com o comércio local. João Pedro passava ao lado da maior parte destes eventos, mas apreciava o espírito de Natal e sentia-se

animado ao ver a cidade decorada.

Conduzia ao acaso e em velocidade de passeio o seu velho *Volvo* a precisar de reforma, do qual não se desfazia por ser avesso a mudanças e porque, bem, porque se estava simplesmente nas tintas para o carro. De qualquer modo, quase nunca o usava. Foi do Restelo até ao Cais do Sodré, seguindo ao lado do rio. Uma bela manhã invernosa faiscava num Tejo arreliado. As primeiras horas do dia cobriram-se de pesadas nuvens de má catadura, mas o sol agora já rompia, brilhando alegremente.

Passou enfim o Terreiro do Paço, o Rossio, subiu ao Marquês e acabou por se decidir pelas Amoreiras. Imergiu pela rampa do parque de estacionamento do centro comercial com a ideia feliz de visitar a livraria, comprar um jornal, uma revista de arte, sentar-se algures a tomar um café e deixar-se ficar o tempo que lhe apetecesse, sem horas, sem obrigações, em suma, sem responsabilidades.

Ia a pensar em Clara e na sua expressão de rancor, que mudara de imediato, abrindo-se num amplo sorriso ao ver os filhos. Clara abraçara e beijara muito os filhos, com alegria genuína, e levara-os para casa bem apertadinhos a si. Tinham partido sem dizer adeus, embrenhados numa algazarra alegre, distraídos pela urgência de matarem as saudades. Clara não lhes chamara à atenção para que se despedissem do pai, aliás, também ela se fora embora sem uma palavra, nem sequer se preocupara com a passagem de testemunho normal destas ocasiões: a que horas o bebé tomara o último biberão, o anti-histamínico do irmão, a bomba para a asma do outro, enfim, essas coisas. Mas ela era Clara, a supermãe, e lá se arranjaría sem a sua ajuda.

João Pedro calculou que ela viera das Maurícias carregada de presentes para os filhos e que haveria um Natal antecipado lá em casa. Clara não se poupava para satisfazer todos os caprichos dos gémeos, mimava-os demais, no entender de João Pedro. Já tentara abordar o assunto, na esperança de a levar a ser mais razoável nesse particular, mas a reacção fora desanimadora e até um pouco agressiva. Clara encrespara-se, fizera-lhe uma longa prelecção sobre os seus predicados de mãe, acusara-o de se sentir despeitado por ela gastar dinheiro com os gémeos porque o poder de compra dela aumentara consideravelmente com a sua nova e muito feliz relação.

Em suma, disse:

— João Pedro, vai-te foder com os teus falsos moralismos só porque eu posso oferecer uma boa vida aos nossos filhos, coisa que antes não acontecia com a mesma facilidade, porque tínhamos o dinheiro todo contado, graças a ti.

E era bem verdade, antes, tinham o dinheiro contado e, nos derradeiros tempos, praticamente já só viviam do ordenado dela porque os quadros de João Pedro deixaram de se vender à medida que a crise avançava e esmagava a economia e as pessoas. Porém, no momento em que ela lhe atirou à cara o fracasso dele e sugeriu que tinha mais poder de compra do que ele, já não era exactamente assim, pois a sorte de João Pedro mudara. Bem, talvez não

tivesse mudado pelas melhores razões — daí mais uma justificação para o ressentimento de Clara —, mas mudara e não fora pouco.

Clara costumava ser uma mulher comedida que levava a vida sem se queixar. Tratava das contas da casa com um rigor espartano e o dinheiro, ou a falta dele, jamais constituía um problema. Viviam com relativamente pouco, mas sem lhes faltar o essencial, e isso nunca fora uma questão nem um entrave à felicidade deles, porque João Pedro não era homem de grandes gastos e Clara não ambicionava vestidos de marca, jóias caríssimas ou viagens a lugares exóticos. Clara, porém, desejava muito mais do que a marca da roupa ou o brilho do diamante, ou não se teria casado com ele a imaginar que, um dia, os seus quadros lhe trariam o reconhecimento público, as honrarias das condecorações presidenciais, o prestígio dos leilões da Christie's com preços de vendas a baterem recordes.

Justamente, o falhanço de João Pedro era o fracasso de Clara que, vendo os seus sonhos defraudados, se livrara dele insensivelmente, deitando-lhe todas as culpas, e, à falta das honrarias, contentara-se com um segundo casamento endinheirado e tornara-se uma mulher sofisticada. Estava rejuvenescida: vestia mais caro, fazia luas-de-mel em *resorts* de luxo nas ilhas Maurícias, dizia ao ex-marido que se fosse foder! O dinheiro tinha destas coisas.

João Pedro sentou-se a uma mesa no café com um sorriso nos lábios, rodeado de jornais e revistas, pois entusiasmara-se e acabara por comprar um festim de literatura com que tencionava banquetear-se na próxima hora.

Mais tarde, satisfeito com a leitura, enfiou tudo num saco, pagou a conta e, como não tinha grande vontade de voltar para casa, pôs-se a deambular pelos corredores do centro comercial. A certa altura, deteve-se perante a montra de uma loja de animais a admirar um cãozinho que atraiu a sua atenção. O bicho dormitava no interior de um cubículo de acrílico transparente. Era um boxer, reconheceu logo a raça, ainda que estivesse meio camuflado por um montinho de palha que lhe servia de cama e no qual se afundava.

Quando era miúdo, João Pedro odiava aqueles cães. Não porque tivesse tido algum episódio infeliz com um deles ou que se assustasse particularmente com os boxers, mas porque, bem, como dizer isto?, digamos que a sua fisionomia fazia lembrar a dos boxers um pouco mais do que ele desejaria. João Pedro tinha prognatismo e, tal como nos boxers, a mandíbula inferior proeminente era a sua característica mais evidente. Na realidade, essa característica condicionara decisivamente a sua forma de se relacionar com o mundo, definira o seu carácter até aos dias de hoje.

Para compreender verdadeiramente uma pessoa é preciso regressar à sua infância, à época das cavernas do seu *eu* incerto. As crianças conseguem ser incomensuravelmente mais cruéis do que os adultos, pois não medem a dimensão da sua crueldade nem têm a noção da perenidade dos efeitos psicológicos que provocam. João Pedro foi trucidado pela maldade numa altura em que ainda estava a formar a sua personalidade, aos onze anos. Era então um rapazinho tranquilo, ensimesmado, de uma simpatia correcta. Ninguém daria por ele, não fosse a estatura invulgarmente alta e a fealdade caricata das feições. Uma fatalidade. A natureza fora ingrata com ele ao dar-lhe um rosto que não passava despercebido pelos piores motivos. Mas também lhe dera um corpo alto e forte e umas mãos enormes, porventura, só por esta razão: para que pudesse esmurrar impiedosamente quem se atrevesse a gozá-lo. E João Pedro haveria de aproveitar essa sua vantagem uma vez por outra ao longo da vida, mas não seria suficiente, havia demasiada bondade naquela alma pacata que preferia a solidão de um casulo a enfrentar o desconchavo do torpe insulto.

Mas nada disto atrapalhava ainda a felicidade de João Pedro, que só agora iria começar a sofrer as consequências de ser diferente.

A aversão que uma criança tem por outra pode surgir pelas mais variadas razões. Neste caso, nem chegava a ser exactamente aversão mas o puro e simples instinto de sobrevivência a impor-se na mais tenra idade sem que o próprio perpetrador tivesse a noção exacta disso, ou se apercebesse das implicações psicológicas que estavam na origem da sua conduta infame. A criança em questão chamava-se Joca, colega de escola de João Pedro. Joca

seria a abreviatura de José Carlos ou João Carlos, algo assim, não interessa, o que interessa é que ele ser tratado pelo diminutivo já sugeria que fosse uma criança mimada, com uma educação excessivamente condescendente e com tendência para a rebeldia e para a insolência. Em contraponto, João Pedro era tratado correctamente pelo seu nome completo. João Pedro dificilmente seria chamado por um diminutivo, não lhe caía bem, porque era um rapaz sossegado, muito certinho, cumpridor, bom aluno, incapaz de sair da linha.

Dir-se-á que é uma especulação disparatada ajuizar o carácter pelo nome, será, mas era preciso conhecer o miúdo para se entender que não é exagero. Joca era, realmente, um miúdo com uma educação deficiente, pouco respeitador e caprichoso, quase uma criança no seu estado selvagem.

O instinto de sobrevivência de Joca começou a manifestar-se bem cedo, em consequência de ser muito pequeno. Era, de facto, o mais baixo da turma, mas também o mais reguila. Insidioso e matreiro, Joca apontou baterias a João Pedro, o bom gigante que ele quis subjugar para mostrar a todos quem é que mandava. Pressentiu fraqueza no carácter apagado de João Pedro e começou a implicar com ele com uma persistência obsessiva. Deu-lhe a alcunha de boxer e punha a turma a rir ao imitar a cara de prognata de João Pedro. Fazia-se seu compincha para logo lhe estender o braço à frente da cara e dizer «morde aqui, morde», provocando a risada geral.

Joca arrastava os outros miúdos que, perante a passividade de João Pedro, se sentiam livres para o massacrar sem piedade. E ele, intimidado, não retaliava, ficava-se com um sorriso embaraçado. Até o badocha da turma, que era gozado a torto e a direito, sabia que se se risse das piadas parvas dos colegas o deixavam em paz. Mas João Pedro quando se ria fazia uns barulhinhos estranhos, como se estivesse engasgado, e, pior do que isso, acentuava o seu prognatismo de tal modo que só conseguia que o gozassem ainda mais.

Na aula, João Pedro tinha um comportamento exemplar, concentrava-se muito nas palavras da professora e, enquanto os outros brincavam, ele aprendia, mas como conseguia as melhores notas da turma, aumentava os ressentimentos contra si. João Pedro não provocava ninguém e não merecia que o tratassem mal, mas também não facilitava, não era um rapaz descontraído e aquela tendência para ser mole e calado mexia com os nervos dos colegas. Os miúdos não sabiam lidar com a diferença e sentiam-se compelidos a implicar com ele. Os próprios professores, conscientes de que João Pedro tinha dificuldade em integrar-se, comentavam nos gabinetes que o rapaz não era normal.

Uma sala de aula pode ser a microrepresentação da realidade adulta com tudo o que há de melhor e de pior nesta. É possível fazer tantas analogias quanto a imaginação nos permitir. A turma forma uma espécie de grupo social. O que une os seus membros é a origem cultural, o objectivo do conhecimento, a obtenção de ferramentas para ganhar a vida. Esta pequena sociedade é governada pela professora, que estabelece as regras e as aplica.

Os alunos são avaliados conforme o seu desempenho e, entre eles, surgem rivalidades que podem ter que ver com a concorrência laboral, com antipatias pessoais, ou com ambas. Formam-se no grupo pequenos subgrupos onde despontam líderes que se propõem humilhar os rivais, quando não mesmo a chefe de estado — a professora. Se esta for demasiado branda e não tiver mão nos pequenos cidadãos, os maiores agitadores de entre eles não hesitam em liderar revoluções e as aulas transformam-se em terríveis campos de batalha, espalhando o caos e a iniquidade. A sociedade entra em declínio, o conflito favorece a ignorância e no final do ano os alunos são reprovados, uns porque não estudaram e estragaram as aulas, os outros porque não conseguiram ter boas notas por falta de condições para aprender.

Agora, imaginemos que o terrível Joca é um desses líderes revolucionários, um perito em *agitprop*, e João Pedro um resistente passivo, um alvo a abater porque não colabora na revolução. Joca quer humilhá-lo para que sirva de exemplo e para reforçar a sua popularidade com a desgraça de João Pedro. Joca, sendo um especialista na luta subversiva, prepara uma acção terrorista para atingir João Pedro.

Na aula de matemática, Joca vai sentar-se na carteira imediatamente em frente da de João Pedro. A professora está de costas a escrever equações no quadro. Reina a tranquilidade e nada faz prever um incidente grave. Nessa altura, Joca dá um salto intempestivo na cadeira e começa a uivar agarrado à cabeça. Está o caldo entornado. A professora volta-se, pára a aula, pergunta o que se passa. Joca aponta para João Pedro e acusa-o:

- Ele bateu-me!
- Eu?! — exclama o colega estupefacto.
- Sim, tu, porque é que me bateste?!
- Mas eu não te bati... — contesta João Pedro, desorientado.
- Bateste, bateste, uiiii, porque é que me bateste?
- Mas, eu juro que não fiz nada!
- Bateste-me.
- Não bati!
- Bateste. Stôra, ele bateu-me.
- Não bati!
- Bateste!
- Não bati!
- Bateste sim!
- Chega!! — grita a professora, já enervada.

Cai um silêncio tenso na sala. A professora inicia uma breve investigação, procura testemunhas que a ajudem a apurar a verdade, mas, como é comum nestas situações, ninguém denuncia ninguém. A professora sente-se pressionada, tem de continuar a aula mas não pode deixar de exercer a autoridade que lhe assiste, de modo a não perder a face. Toma, portanto, a decisão mais expedita, injusta e incompetente, que consiste em, na dúvida, penalizar os dois.

— Os dois para a rua, já! — ordena, apontado para a porta da sala.

As pessoas mais caladas são as mais perigosas, já se sabe. Vão acumulando em silêncio as ofensas de todos os dias até chegarem a um ponto em que explodem. Quer dizer, há limites para tudo e até um miúdo inocente e passivo como João Pedro tinha um limite para a sua capacidade de tolerância e, desta vez, Joca excedera-se e acordara o gigante adormecido.

Depois de expulsos da aula, chegando os dois ao corredor deserto, Joca fez aquele seu sorriso de tratante e deu uma palmadinha nas costas de João Pedro, nada de ressentimentos, foi só uma partida, certo? Mas, nessa altura, João Pedro já não estava pelos ajustes, deixou de ver, saltou-lhe a tampa, passou-se, bateu-lhe. Num momento, Joca estava de pé a rir-se, no momento seguinte estava estatelado no chão com uma máscara de sangue no rosto.

A cena em câmara lenta: o punho cerrado de João Pedro salta para a frente como uma mola e atinge com um baque seco e poderoso o sorriso aberto de Joca. Podemos ver com formidável clareza vários dentes a saltarem-lhe da boca, ao mesmo tempo que a cabeça de Joca é atirada para trás como se tivesse levado em cheio com uma bola de demolição pendente de um guindaste. Joca levanta os pés do chão e o corpo, incapaz de contrariar o impulso, segue a cabeça. Joca cai, está no chão atordoad, depois, lentamente, senta-se em estado de choque e a expressão no seu rosto ensanguentado é a imagem de alguém a tentar perceber o que lhe aconteceu. Está desdentado, aturdido, desorientado. Tem vários rasgões internos na boca e sangra abundantemente. Em seguida, começa a chorar como um menino desamparado e desejoso do colo da mãe.

Agora sim, Joca tem razão para se queixar de que João Pedro lhe bateu.

Os pais de Joca entraram pela escola adentro em passo marcial, beligerantes, irromperam pela sala da direcção, fizeram um escândalo. Pediram satisfações, ameaçaram com processos judiciais, exigiram um castigo exemplar e, sobretudo, definitivo! Não aceitavam que João Pedro fosse só suspenso, queriam-no expulso da escola, exterminado, atirado para a valeta, impedido de estudar naquela escola, pelo menos enquanto Joca lá andasse. Caso contrário, haveria sangue, queixas-crime, batalhas judiciais! Iam até às últimas consequências para esmagar o vermezinho, instruíam os seus advogados para pedirem uma indemnização tão avultada que ainda seria recordada muitos e muitos anos depois. Ou seja, usaram a artilharia toda: os processos, os *nossos* advogados, o dinheiro, a intimidação. Enfim, uma brutalidade. O rebento era o espelho dos pais, bem entendido.

Felizmente para João Pedro, o director não se deixou atemorizar. Esperou que os pais de Joca baixassem o tom e perdessem o balanço, para depois os chamar à razão. Qual razão, qual quê, eles queriam era acção! Mas o director, calmo e inflexível, teve só um argumento: o filho deles tinha um longo historial de indisciplina, e João Pedro era um rapaz exemplar que nunca dera problemas. Dito isto, ficar-se-iam por uma suspensão de alguns dias, ou então não seria só um, mas os dois suspensos. A mãe olhou o marido chocada, ele

encolheu os ombros conformado. «Seja», disse.

João Pedro permaneceu duas semanas em casa, o que não foi tão mau como isso. Até se sentiu um pouco confuso com o castigo, que lhe pareceu um prémio, como se lhe tivessem dito: «Bateste no miúdo mais odioso da escola, tens direito a duas semanas de férias.» Mas o ambiente em casa ficou pesado. O pai deu-lhe uma tremenda descompostura, a mãe teve um ataque de nervos, muito triste, com uma lágrima no olho, sempre a dizer que a tinha desiludido profundamente. E de nada lhe valeu explicar-lhes que não tinha culpa nenhuma, que Joca é que começara.

— Ele é um mentiroso, disse que eu lhe tinha batido e, por causa disso, fui expulso da aula.

— Ah, e, por causa disso, partiste-lhe os dentes — retorquiu o pai, exasperado.

De facto, visto assim, a frio, até parecia que não tinha razão. A parte dos dentes foi difícil de justificar, talvez se tivesse excedido um bocadinho.

— Mas ele é que começou! Eu não lhe fiz nada e ele acusou-me de lhe ter batido.

— Bateste e não foi pouco — disse a mãe.

— Mas isso foi depois.

— Mandaste-o para o hospital — recordou o pai.

— Foi sem querer. Não queria bater-lhe com tanta força.

Até este episódio ocorrer, João Pedro não tinha a noção de que era tão forte. Nunca se envolvera numa luta com ninguém. Se tivesse irmãos, seria natural que andasse à pancada com eles de vez em quando, mas, sendo filho único, não desenvolvera a agressividade.

Teve duas semanas de reclusão em casa a estudar para não se atrasar nas matérias. Em compensação, Joca também não se ficou a rir. Rir era mesmo o que ele não poderia fazer enquanto não fosse ao hospital tirar os pontos da boca e não lhe dessem uns dentes novos para não parecer um velhinho. Feitas as contas, Joca ficou igualmente duas semanas em casa, só que a comer por uma palhinha.

Quando voltaram a encontrar-se na escola, Joca mostrou-se carrancudo. A parte boa é que nunca mais falou com João Pedro e, sobretudo, nunca mais o gozou. De resto, ninguém voltou a importuná-lo e a vida dele ficou muito mais facilitada. Sabia que continuavam a gozá-lo pelas costas, porque havia sempre um amigo da onça que vinha contar-lhe qualquer coisa, mas fazia-se de desentendido. Por um lado, não podia bater em todos os colegas e, por outro, não se sentia muito incomodado com isso. Desde que não o chateassem directamente, podia viver com isso.

Poder-se-ia supor que, depois deste episódio, João Pedro se tivesse tornado um rapaz confiante e exuberante, mas essa não era, definitivamente, a sua natureza. João Pedro continuou o mesmo miúdo tímido, tranquilo e cumpridor. Quem o conhecesse, diria sem hesitar que não iria longe, nunca sobressairia, mas o mundo estava cheio de pessoas assim: ninguém dava nada

por elas e afinal surpreendiam. Portanto, nunca se sabia.